

ORGANIZADORA

NEIVA MARIA MACHADO SOARES

**MULTIMODALIDADE,
GÊNEROS**

E PRÁTICAS DISCURSIVAS

UMA PERSPECTIVA ANALÍTICA

ORGANIZADORA

NEIVA MARIA MACHADO SOARES

MULTIMODALIDADE, **GÊNEROS**

E PRÁTICAS DISCURSIVAS

UMA PERSPECTIVA ANALÍTICA

| SÃO PAULO | 2024 |



DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M961

Multimodalidade, gêneros e práticas discursivas: uma perspectiva analítica / Organização Neiva Maria Machado Soares. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2024

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-105-5

DOI 10.31560/pimentacultural/2024.11055

1. Multimodalidade. 2. Gêneros discursivos. 3. Análise de Discurso Crítica. 4. Multiletramento. 5. Análises discursivas. I. Soares, Neiva Maria Machado (Org.). II. Título.

CDD: 418

Índice para catálogo sistemático:

I. Linguística - Análises discursivas

Simone Sales • Bibliotecária • CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2024 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2024 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

[<https://creativecommons.org/licenses/>](https://creativecommons.org/licenses/).

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Edição eletrônica	Andressa Karina Voltolini Mílana Pereira Mota
Imagens da capa	Freepik - Freepik.com, Annie Spratt - Unsplash.com
Tipografias	Acumin, Acumin Variable Concept
Revisão	Os autores
Organizadora	Neiva Maria Machado Soares

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosangela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadéte Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa de Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva.
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrcia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handerson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
*Instituto Nacional de Estudos
e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil*

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willering
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del México, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

DEDICATÓRIA

*Dedicamos esse livro à querida
professora Josenia Antunes
Vieira com quem aprendemos
e continuamos aprendendo,
principalmente, a nos desafiar em
busca do novo e do desconhecido!*

APRESENTAÇÃO DO LIVRO

MULTIMODALIDADE, GÊNEROS E PRÁTICAS DISCURSIVAS: UMA PERSPECTIVA ANALÍTICA

Por: Gorete Marques

Foi com enorme prazer que aceitei o convite da Professora Doutora Neiva Soares para apresentar esta obra. E fi-lo com um propósito egoísta: o de me obrigar a tirar tempo para mim, para poder ler artigos que permeiam as minhas áreas de interesse. É assim que, para além de agradecer o convite para estar convosco, quero, igualmente, transmitir, desde já, um especial agradecimento aos autores dos diferentes artigos que me proporcionaram umas horas de aprendizagens.

A grande riqueza desta publicação passa por revisitarmos enquadramentos teóricos como a Sistémico-Funcional, a Semiótica Social e a Análise Crítica do Discurso, mas não só. Passa por vermos, na prática, e em diferentes contextos, como podem ser articulados esses enquadramentos bem como diferentes instrumentos de análise. Possibilitam, pois, fazer ciência através de análises rigorosas, complementadas por autores, como Lakoff e Johnson, ou teorias que, triangulados, vêm enriquecer os estudos. Numa primeira tentativa, tentei fazer uma sùmula das ideias mais importantes de cada artigo, porém, depressa compreendi que esta tentativa seria infrutífera, considerando a riqueza de cada um. Assim, perdoem-me os autores desta publicação, mas apenas poderei voar por cima de algumas das vossas ideias.

Começando com o artigo “Globalização e tecnologias: uma perspectiva multimodal da linguagem”, a minha querida amiga Josenia Vieira leva-nos ao universo da reconfiguração ou da recontextualização do discurso, realizada por meio das práticas discursivas multimodais do mundo digital e globalizado. A professora Josenia começa por nos apresentar todo um caminho já feito, para compreendermos o que tínhamos com a Linguística tradicional e o que precisamos para representar experiências, isto é, um caminho do tempo das regras de correção para o mais além, para a representação de experiências em diferentes sistemas semióticos. É assim que os princípios da Sistémico-Funcional e os da Teoria Multimodal do Discurso são associados à Análise Crítica do Discurso ou Análise do Discurso Crítica. E como explica a autora, o discurso molda e é moldado pelo social, estando sujeito às influências das múltiplas semioses. Assim o é com a globalização, que fomenta a recontextualização do discurso, como assim a denomina Fairclough (2006), ou, nos termos de Porter, reconfiguração, cada autor com o seu entendimento, que a professora Josenia descreve com extrema clareza e simplicidade, passando depois para a hibridização do discurso. Explicações e análises feitas, esta nossa autora termina com um apelo às instituições e aos cidadãos: as mudanças não podem ser ignoradas e, por esse motivo, cabe-nos procurar alternativas à literacia para capacitar os cidadãos na literacia informacional e digital que completem o pleno exercício da cidadania.

O artigo “Multimodalidade, novos letramentos e multiletramento no Brasil- o percurso da linguagem em estudo”, da cara amiga Neiva Soares, oferece-nos, num primeiro momento, um percurso sério de estudos em literacia, multimodalidade e multiliteracias, em diversos contextos, e uma clara explicitação da Gramática do Design Visual e das suas categorias analíticas. Neste percurso, salienta-se a importância destes conceitos nos diferentes contextos, incluindo o escolar, e, tal como no primeiro artigo, somos alertados para a emergência da literacia e, como refere a autora, “ter um olhar curioso

permite estarmos abertos a novas perspectivas no âmbito do ensino e da linguagem, lembrando que os percursos trilhados precisam avançar continuamente.”

Mergulhamos no contexto do ensino com as professoras Vanúbia Moncayo, Vivian Souza e Elisabeth da Costa e o seu artigo “Textos multimodais para o desenvolvimento de consciência intercultural na composição de material didático para o ensino de português brasileiro como língua adicional”. As autoras mostram como se podem pôr em prática conceitos e instrumentos de análise na criação e aplicação de materiais didáticos multimodais no ensino do português como língua adicional. Salientam ainda o potencial destes materiais no fomento da consciência intercultural de seus usuários, não sem antes sintetizar o enquadramento teórico que a sustenta, tendo igualmente em vista o que, no futuro poderá ser objeto de desenvolvimento.

O artigo “Texto, discurso e multimodalidade em anúncio publicitário: a representação e comercialização do negro no mercado de escravos brasileiro”, do professor *Adelson Florêncio de Barros*, é um recorte de uma pesquisa que conjuga a Análise Crítica do Discurso com a Semiótica Social que nos permite encontrar respostas na análise de papéis sociais, em particular dos escravos e senhores na obra *Casa-Grande & Senzala*. *É um estudo multimodal que permite compreender representações ideológicas, em particular no que respeita à discriminação social do negro escravizado.*

Avançando para o universo das redes sociais, “Um estudo de imagens e de interação em uma campanha publicitária na rede social *facebook*”, da professora *Vivian Souza*, traz-nos mais um exemplo de análise multimodal. Neste caso, trata-se de uma campanha publicitária virtual, numa rede social, e da transdisciplinaridade onde se cruzam a Análise Crítica do Discurso Crítica, o Sistema de Avaliatividade, a Teoria da Multimodalidade e a Publicidade comercial, mais concretamente, pela metafunção interacional e pela

dimensão da gradação. Com este enquadramento e instrumentos de análise, foi possível à autora chegar, nomeadamente, à conclusão que a comunicação publicitária visa estabelecer um contato direto e amigável com o leitor, que deve refletir criticamente sobre o que consomem das propagandas.

Na continuidade dos estudos que englobam a ACD, a Linguística Sistémico Funcional e a Semiótica Social, somos conduzidos para a "Análise crítica multimodal de discursos sobre AIDS e HIV em capas de revistas", da autoria do professor *Rafael Seixas de Amoêdo*. É um trabalho que nos ajuda na compreensão do enquadramento teórico e das categorias de análise, pelas suas sínteses, fundamentais para a análise discursiva crítica e multimodal, mas igualmente das diferentes fases das construções discursivas sobre o assunto, em particular sobre os atores sociais. A análise permite concluir sobre as mudanças semiótico-discursivas do discurso no campo semântico negativo para um mais positivo, sendo o discurso elemento integrador das mudanças sociais.

Um outro caminho sustentado nas mesmas raízes teóricas é o das "Representações linguístico-discursivas em textos midiáticos", da autoria das professoras Eni Abadia Batista e Juliana Ferreira Vassolér. O artigo, que reveste uma análise multimodal de textos do jornal do jornal "ACapa", traz-nos um olhar sobre o modo como atores sociais são incluídos, colocados em evidência ou excluídos e sobre o papel da metáfora nas representações semiótico-discursivas, nas palavras das autoras, metáforas advindas de ideologias as quais contribuem para a construção e para a identificação de identidades sociais a eles relacionados.

O discurso é uma ferramenta de poder. Enquanto recurso de dominação política e ideológica, mostra-se fortemente reiterado pelos meios de comunicação em massa. Estas afirmações são da autoria das professoras Isabelle de Souza e Vanúbia Araújo Laulate Moncayo, no artigo "Projeções do governo Bolsonaro em textos

jornalísticos internacionais: uma análise discursiva” que analisam discursos e posicionamentos ideológicos na imprensa brasileira e internacional. As autoras fazem-nos refletir sobre o papel desempenhado pelos jornais nas construções ideológicas e mostram-nos, nomeadamente, pelo sistema da transitividade e pelo sistema da avaliatividade, o papel dos jornais, dos jornalistas enquanto agentes que viabilizam a organização dos discursos jornalísticos e o diferente envolvimento ideológico dos atores, no caso sobre Bolsonaro e o seu governo.

E chegamos ao artigo “Na’kau: chocolate amazônico: análise da representação dos atores sociais nas embalagens dos chocolates da marca”, da Jackeline de Souza. Tenho de partilhar que este é um recorte de uma dissertação muito interessante que acompanhei de perto. Até agora vimos aplicações no ensino, nos textos jornalísticos, publicitários e agora temos um estudo que utiliza o enquadramento teórico e as ferramentas para o discurso multimodal da marca. A análise permite concluir que a marca surge como agente ativo na conservação da Amazônia, no desenvolvimento de produtos e valorização dos produtores regionais. Os que, em regra, são excluídos, como os agricultores, são aqui incluídos verbal e visualmente como parte do processo de produção.

Os presentes devem estar ansiosos para que termine esta minha apresentação, mas entendo que não desempenharia de forma adequada o meu papel se não tentasse ainda realçar o que de em comum têm todos os artigos desta publicação:

Em primeiro lugar, a consciência dos autores de que existem enquadramentos teóricos e instrumentos de análise que nos permitem analisar o modo como os discursos são permanentemente construídos e reconstruídos, as suas intenções e implicações, como a informação é organizada, como os atores sociais são representados, que relações de poder são estabelecidas. Enfim, que ideologias são veiculadas e naturalizadas.

Em segundo lugar, a compreensão de que os estudos inter e transdisciplinares são enriquecidos, pela triangulação de teorias, autores, instrumentos e metodologias.

Em terceiro lugar, a urgência da literacia multimodal. A urgência de nos munirmos de um olhar crítico e de não aceitarmos toda a informação como sendo natural, mas como uma construção social e cultural.

Apenas com o desenvolvimento da nossa literacia multimodal poderemos participar de forma ativa na permanente (re)construção da nossa sociedade. Descurando as mudanças, hipotecamos irremediavelmente a construção de sociedade mais positiva e saudável.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

Dra. Josenia Antunes Vieira - UnB

Globalização e tecnologias:

uma perspectiva multimodal da linguagem17

CAPÍTULO 2

Dra. Neiva Maria Machado Soares - UEA

Multimodalidade, novos letramentos e multiletramento no Brasil:

o percurso da linguagem em estudo.....43

CAPÍTULO 3

Dra. Vanúbia Araújo Laulate Moncayo- UEA

Ma. Vivian Gomes Monteiro Souza- Unicamp

Ma. Elisabeth Britto da Costa - UEA

**Textos multimodais
para o desenvolvimento de consciência
intercultural na composição de material
didático para o ensino de português
brasileiro como língua adicional.....75**

CAPÍTULO 4

Dr. Adelson Florêncio de Barros - UFAM

Texto, discurso e multimodalidade em anúncio publicitário:

a representação e comercialização do negro
no mercado de escravos brasileiro 105

CAPÍTULO 5

Ma. Vivian Gomes Monteiro Souza - UNICAMP

**Um estudo de imagens e de interação
em uma campanha publicitária
na rede social *facebook*..... 117**

CAPÍTULO 6

Me. Rafael Seixas de Amoêdo - UNINORTE

**Análise crítica multimodal de discursos
sobre Aids e HIV em capas de revistas:
um ensejo por mudanças na arquitetura
das práticas sociais contemporâneas 147**

CAPÍTULO 7

Dra. Eni Abadia Batista - UnB

Dra. Juliana Ferreira Vassolér - UnB

**Representações linguístico-discursivas
em textos midiáticos 179**

CAPÍTULO 8

Isabelle de Souza - UEA

Dra. Vanúbia Araújo Laulate Moncayo - UEA

**Projeções do governo Bolsonaro
em textos jornalísticos internacionais:
uma análise discursiva 206**

CAPÍTULO 9

Ma. Jackeline Andrade Duarte de Souza- UEA-SEMED-AM

***Na'kau: chocolate amazônico:*
análise da representação dos atores sociais
nas embalagens dos chocolates da marca 237**

Sobre os autores e as autoras 262

Índice remissivo 264

1

Dra. Josenia Antunes Vieira - UnB

GLOBALIZAÇÃO E TECNOLOGIAS:

**UMA PERSPECTIVA MULTIMODAL
DA LINGUAGEM¹**

1

Texto de Josenia Antunes Vieira extraído, com breves ajustes, inclusive ABNT, 2023, do livro das autoras Josenia Antunes Vieira e Carminda Silvestre. *Introdução à multimodalidade. Contribuições da Gramática Sistêmico-Funcional, Análise de Discurso Crítica, Semiótica Social*, 2015.

DOI: 10.31560/pimentacultural/2024.11055.1

Este capítulo, sob o título “Globalização e tecnologias: uma perspectiva multimodal da linguagem”, tem como principal intuito discutir a linguagem no universo da globalização sob a influência das novas tecnologias, cuja interferência é diretamente visível na reorganização das práticas sociais e dos gêneros discursivos. Tal fato enseja relevantes mudanças, assinaladas pelo surgimento de textos multimodais, marcados pela presença de múltiplas semioses em sua composição. A mudança da linguagem frente às tecnologias e à globalização é tratada como reconfiguração em Vieira (2004, p. 7) e em Ormundo (2007, p. 116) e como multissemióticos em Vieira (2007, p. 3). Mas foi Poster (1995, 1996, 2000) quem inicialmente percebeu características no discurso capazes de provocar a reconfiguração da linguagem. Para isso, centrou sua discussão no modo de organizar a informação. Poster (2000) defende que os sistemas de comunicação eletrônica sejam tratados como linguagens que determinam a vida social de todos os indivíduos nos eventos sociais, econômicos, políticos e culturais. A sua tese geral concentra-se na forma como a informação circula e a ela atribui a responsabilidade pela reconfiguração da linguagem. Atualmente, os sistemas de comunicação eletrônica são considerados linguagens determinantes na vida dos sujeitos e dos grupos sociais e, segundo Poster, os meios e as formas de comunicação determinam as relações de poder e de dominação nas sociedades contemporâneas. Daí a tese de Poster (1996) recair sobre o modo de informação como sendo o principal responsável pelas mudanças e pela reconfiguração da linguagem, fato que estabelece estreita ligação entre linguagem e globalização, ambas sujeitas a profundas alterações motivadas pelas tecnologias da comunicação. Em face disso, o propósito deste artigo é examinar como a globalização, juntamente com o advento da sociedade da informação e da sociedade em rede, usuárias de ferramentas tecnológicas, reconfiguram a linguagem, agregando-lhe múltiplas formas multimodais para a representação do significado no discurso.

1.1 A QUESTÃO DA REPRESENTAÇÃO DO SIGNIFICADO

A discussão da representação do significado ancora-se em alguns princípios teóricos da Análise de Discurso Crítica (ADC) (Fairclough, 1989, 1992, 2003^a, 2006; Chouliaraki e Fairclough, 1999) e pela Teoria Multimodal do Discurso, (TMD) (Kress e van Leeuwen, 2001, 2006 [1996]) e (van Leeuwen, 2005). Para a abordagem do tema “Globalização e tecnologias: uma perspectiva multimodal da linguagem”, colocamos em destaque a questão da representação no discurso. Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 42) atribuem a mudança de significado à interação midiática, motivada pela natureza textualmente mediada da vida social contemporânea. Nessa perspectiva, esses linguistas consideram o discurso escrito como um discurso mediado porque, segundo eles, contribui para aumentar o distanciamento espaço-temporal entre os agentes do discurso. Acresce dizer ainda que um evento discursivo que migra de um domínio social para outro carrega o caráter simbólico da primeira representação e, ao ser reutilizado em outro contexto social, em outro espaço, terá a seu dispor um leque de possibilidades para a nova simbolização agora mediatizada. Por essa razão, o evento discursivo escrito já não representa exatamente o fato, pois já se tornou uma representação de outro discurso anteriormente representado, tornando-se assim uma segunda ordem de representação mais complexa do que a primeira. Então, cada vez que certo evento discursivo é mediado por diferentes tecnologias é, do mesmo modo, objeto de nova representação, ao que denominamos reconfiguração ou recontextualização do discurso, fato que agrega cada vez mais complexidade a essas representações. Caso semelhante repete-se com o discurso multimodal, pois acreditamos que as múltiplas semioses desempenham relevante papel na construção dessas camadas de reconfiguração

da linguagem, tendo em vista que as representações realizadas por meio das imagens e das cores, por exemplo, aproximam mais o discurso representado da realidade. Particularmente Fairclough (2003^a), para explicar como é construída a representação do significado, emprega a palavra mediação com o propósito de marcar o movimento do significado de uma prática social a outra, assim como de um evento a outro ou de um texto a outro, o que forma um processo discursivo complexo. Esses processos, por sua vez, ocorrem em redes de textos, sujeitas a transformações em seus contextos sociais e culturais, podendo também se tornarem agentes de mudanças nas diferentes redes ou domínios sociais da linguagem. Já a respeito da representação multimodal do significado no discurso, Kress e van Leeuwen (2006 [1996], p. 2) afirmam que a representação sígnica é sempre múltipla, negando-lhe, por esse princípio, a existência fixa e unívoca do signo. Acreditam que os significados são construídos por agentes do discurso de modo intencional e não arbitrário e por meio de multissignos, que enfeixam uma gama variada de semioses. Desse modo, a defesa da Linguística tradicional (que primeiramente se identificou com Saussure no século passado, defensor de uma Linguística como parte da Semiologia (a ciência geral dos signos) seria impossível segundo a proposta de Kress e van Leeuwen, pois esses teóricos se alinham com os princípios da Sistemática Funcional de Halliday, marco inspirador da Teoria Multimodal. Vejamos no original o que Kress e van Leeuwen (2006 [1996]) declaram a respeito da Gramática Sistemática-Funcional, desenvolvida por Michael Halliday. Assim dizem: É o caso em que nosso ponto de partida tem sido a gramática sistemática-funcional do Inglês, desenvolvida por Michael Halliday, embora atentássemos para o uso dos aspectos semióticos gerais em vez de suas especificidades linguísticas como a base para a nossa gramática. Como Ferdinand de Saussure havia feito no início do século passado, vemos a linguística como parte da semiótica, mas não vemos a linguística como a disciplina que pode fornecer um modelo pré-fabricado para a descrição dos modos semióticos além da linguagem. (Kress e van Leeuwen, 2006 [1996],

p. 1)² (tradução nossa). Logo, com as revolucionárias transformações nos gêneros discursivos, provocadas pelas tecnologias e pela multimodalidade, as práticas discursivas multiplicaram-se e passaram a cooperar também para a feição reconfigurada desse novo discurso, que se apoiou em muitos aspectos na Sistêmica Funcional. Nesse sentido, vale ainda mencionar a incorporação aos estudos do discurso do conceito de gramática, capturado da Teoria Sistêmico-Funcional em substituição aos conceitos tradicionais. A esse respeito, assim se posiciona Halliday: A gramática vai além de regras de correção. É um meio de representar padrões de experiência. Possibilita aos seres humanos construir uma imagem mental da realidade para dar sentido a sua experiência sobre o que está acontecendo ao seu redor e dentro deles (Halliday, 1985, p. 101)³ (tradução nossa). Concordamos plenamente com Halliday, quando defende a gramática de uma língua como sendo mais do que regras de correção, devendo ser o meio de representar os padrões culturais de experiência, possibilitando ao sujeito do discurso retratar a realidade e, sobretudo, atribuir sentido às experiências que ocorrem ao seu redor e também em seu interior. De posse dessa posição teórica, agregamos ainda a proposta de Kress e van Leeuwen, a Teoria Multimodal do Discurso, cujo principal alicerce se fundamenta na gramática do design visual, apresentada na obra *Reading images* (Kress e van Leeuwen, 2006 [1996]). Desse modo, acreditamos que a Teoria Multimodal do Discurso é capaz de incorporar e de dar conta das mudanças na linguagem, provocadas pela globalização e pelas

2 It is the case that our starting point has been the systemic functional grammar of English developed by Michael Halliday, though we had and have attempted to use its general semiotic aspects rather than its specific linguistically focused features as the grounding for our grammar. As Ferdinand de Saussure had done at the beginning of the last century, we see linguistics as a part of semiotics; but we do not see linguistic as the discipline that can furnish a ready-made model for the description of semiotic modes other than language (Kress e van Leeuwen, 2006 [1996], p. 1). (Kress e van Leeuwen, 2006 [1996], p. 1).

3 Grammar goes beyond formal rules of correctness. It is a means of representing patterns of experience... It enables human beings to build a mental picture of reality to make sense of their experience of what goes on around them and inside them (Halliday, 1985, p. 101).

novas tecnologias, permitindo-nos tratar do discurso por essa perspectiva, conforme as palavras de seus mentores: O mesmo ocorre com a gramática do design visual. Como as estruturas linguísticas, as estruturas visuais apontam para interpretações particulares das formas de experiência de interação social. Até certo ponto, estas também podem ser expressas linguisticamente. Os significados pertencem à cultura, em vez de pertencerem a modos semióticos específicos. (Kress e van Leeuwen, 2006 [1996], p.2)³ (tradução nossa). Entendemos que os discursos nas diferentes línguas são constituídos em culturas particulares. Logo, só uma abrangente imersão cultural permitirá a leitura significativa desses discursos. Assim, quando Kress e van Leeuwen dizem que os significados pertencem à cultura e não a um modo semiótico específico, concordamos plenamente, pois, se no discurso verbal já acontece isso, quanto mais quando tratamos de significados construídos visualmente. Desse modo, só será possível realizar uma leitura produtiva em diferentes modos semióticos se conseguirmos⁴, efetivamente, realizar uma leitura multimodal completa por meio de uma abordagem que contemple tanto a cultura local quanto a global. Desse ângulo, a Análise de Discurso Crítica, defendida principalmente por Fairclough (1992, 2003^a, 2006), para quem a linguagem é resultado da prática social de um contexto globalizado, e pela Teoria Multimodal do Discurso de Kress e van Leeuwen (2006 [1996]) e de van Leeuwen (2005), que acreditam ser o significado da linguagem representado por outras semioses de cunho multimodal, recebemos as condições teóricas e práticas para lidar adequadamente com os textos multimodais da atualidade, fruto das mudanças provocadas pelas tecnologias e pela globalização. Para o exame do discurso em uma perspectiva semiótica, discutida inicialmente em Fairclough (1992, 2003^a, 2003^b) e em Chouliaraki e Fairclough (1999), encontramos a defesa de que o discurso é o reflexo

4 The same is true for the grammar of visual design. Like linguistic structures, visual structures point to particular interpretations of experience forms of social interaction. To some degree these can also be expressed linguistically. Meanings belong to culture, rather than to specific semiotic modes (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006 [1996], p. 2).

contínuo de práticas sociais e discursivas, sujeito permanentemente às mudanças sociais, desempenhando o papel de agente duplo de mudança, porque, ao mesmo tempo em que é mudado pelo social, também age como agente modificador desse mesmo social e, além disso, o discurso está simultaneamente sujeito às influências das múltiplas semioses, presentes nos demais discursos multimodais que nos circundam. Portanto, ao examinarmos o discurso por meio dessa vertente crítica, temos acesso aos princípios teóricos e às categorias que nos permitem analisar o discurso representado nesses múltiplos processos e também nas relações estabelecidas com outras redes discursivas. Desse modo, o conceito de prática discursiva introduzido por Fairclough (1992, 1995, 1996, 2006) permite-nos vincular a análise diretamente às formas de produção, de distribuição e de consumo de textos e, no caso da globalização e dos modernos produtos tecnológicos, podemos ligá-los às novas práticas discursivas, que culminam nos discursos multimodais (Kress e van Leeuwen, 2001, 2006 [1996]), cujos aspectos devem também, em última instância, ser considerados na Análise de Discurso Crítica.

1.2 DISCURSO E GLOBALIZAÇÃO

Para dar conta de discutir “Discurso e globalização”, temos de apreciar ainda a posição de Fairclough (2000, 2002, 2006) com relação a discurso e à globalização. Para ele, discurso é um dos componentes da globalização, mais do que isso, considera-o como parte dela, pois Fairclough considera a globalização um processo discursivo extremamente objetivo para tratar do mundo real, o qual é descrito nas ciências sociais por meio de um discurso com retórica específica, altamente representativo da globalização, que costuma ser amplamente usado para legitimar as ações e as políticas dos poderes hegemônicos e, para isso, emprega argumentos carregados de ideologia que contribuem para marcar os limites do domínio e os contornos do mapa do poder, sustentados por práticas discursivas

específicas, compartilhadas por membros das comunidades discursivas. Consideramos também que Fairclough (2006), ao trazer a globalização para o centro da discussão, defende a ideia de que o discurso representa a globalização porquanto contribui com informações para a sua melhor compreensão. Chama-nos atenção também para o fato de que o discurso pode, muitas vezes, ser enganoso e mascarar a globalização, o que pode confundir e criar errôneas impressões sobre ela. Ademais, a retórica do discurso empregada pela globalização pode construir uma visão que pode justificar e também legitimar ações particulares tanto de agências sociais como de seus agentes. Então, com o advento da globalização, cada vez mais se fortalece uma inovadora prática discursiva a recontextualização do discurso, denominação atribuída por Fairclough (2006) ao processo discursivo pelo qual textos específicos incorporam outros textos ou agregam seletivamente práticas sociais, discursos, gêneros e estilos que com eles se relacionam por meio da (de)locação e da (re)locação. Com suas pesquisas, Fairclough (2006) concluiu que as mudanças nas práticas discursivas ocorrem principalmente por meio da recontextualização, que se expressa por intermédio de um hibridismo intertextual e interdiscursivo, presente em elementos recontextualizados que estabelecem novas articulações discursivas, às quais adjungem outros elementos de discursos já existentes. Esses, por sua vez, transformam-se em novos modos discursivos, agregados aos novos gêneros e estilos do discurso. Após esse recorte sobre discurso e globalização, retomamos novamente ao ponto de vista de Poster (1996), que defende que a linguagem, para se reconfigurar em quaisquer práticas discursivas, deve refletir as mudanças decorrentes dos usos dos media na comunicação, os quais contribuem para estabelecer, divulgar e reproduzir ideologias, capazes de sustentar ou de manter desigualdades e injustiças sociais, além de revelar as relações de poder presentes no discurso, aspecto também defendido por Fairclough (1989). Por esse motivo, enquanto Fairclough (2006) acredita que a recontextualização ou a delocação do discurso constitui a principal fonte de mudança da linguagem,

Poster defende que a linguagem está sujeita à reconfiguração no momento que determinado evento discursivo é mediado por outro meio, como por exemplo, quando um discurso é proferido diante das câmeras da TV e depois esse mesmo discurso é colocado na internet ou publicado nos jornais do país, ou é caricaturado. A esses casos, Poster denomina reconfiguração, mudança a que o discurso está sujeito por trocar de mídia para ser distribuído (nessas situações, entram em ação outros gêneros discursivos, incluindo-se a participação da multimodalidade por meio de múltiplas semioses) e Fairclough, por seu turno, trata esse mesmo processo como delocação ou recontextualização do discurso. Decerto qualquer mudança dos media para difundir certo evento discursivo pode ser considerada um agente de reconfiguração da linguagem, segundo a perspectiva de Poster e, ao falarmos em globalização e em mudanças provocadas por esse discurso, entramos em sintonia com o proposto por Fairclough (2006), que nomeia esses mesmos processos como delocação ou recontextualização. Além dessas duas posições, vale mencionar o ponto de vista de Ledema (2003), que considera esses mesmos fatores de mudança da linguagem como uma ressemiotização do discurso, responsável, em última instância, pelas combinações híbridas dos textos contemporâneos. Esse conceito será examinado mais adiante na 5ª parte do presente volume. Logo, com as mudanças proporcionadas pela globalização, pelas mídias impressas e pela publicidade, juntamente com o advento das novas tecnologias para mediar a produção do discurso on-line, abriram-se novas possibilidades, como a variação e o tamanho dos tipos gráficos, os modernos programas para desenho, sem falar dos potentes computadores que revolucionaram a escrita não só nos meios eletrônicos, mas também na adesão às novas semioses para a produção do sentido. Todo esse sofisticado aparato tecnológico motivou a construção de arrojados designs gráficos, e de fotocomposições cada vez mais comuns nos e-books e nos fotolivros, que, com o elevado número de usuários, tornaram-se cada vez mais acessíveis às grandes massas. Por tudo isso, as novas tecnologias, associadas aos avanços da

sociedade da informação, à sociedade em rede (Castells, 2003) provocam mudanças aceleradas na recontextualização do discurso. E, embora muitos teóricos tratem dessas duas sociedades como apenas uma, Cardoso (2006) distingue a sociedade de informação da sociedade em rede. Vejamos: Sociedade de Informação e Sociedade em Rede são designações para realidades diferentes e mesmo a sua formulação trabalhada num contexto institucional e político com objetivos claros de mobilização estratégica das sociedades e cidadãos, procurando valorizar uma dimensão comum a diversas esferas da atividade social. Já a segunda tem por objetivo distinguir um modelo de organização social a partir da investigação e análise das nossas sociedades nas suas dimensões económicas, políticas e culturais (Cardoso, 2006, p. 53). Concordamos com Cardoso quando declara que essas duas sociedades têm raízes diferentes, sendo a sociedade de informação um produto institucional e a sociedade em rede resultado de um modelo social de organização, mas para o propósito para o qual estamos trazendo estes conceitos, cabe reforçar que ambas as sociedades desempenham relevante papel para a realização dos novos desenhos do discurso contemporâneo. Em face disso, o desenvolvimento dessas duas sociedades ensejou saudável discussão sobre o modo como a sociedade se adequou às novas práticas de discurso, principalmente após o advento da World Wide Web (www), pois o rápido avanço das tecnologias passaram a oferecer aos sujeitos e às instituições acesso imediato, em tempo real, a páginas on-line, aos softwares e a toda sorte de dados, motivando transformações no modo de viver das sociedades, cujas práticas e gêneros discursivos tiveram de passar por profunda revisão para acompanhar os novos tempos. Portanto, com a globalização, a revolução tecnológica acelerou-se, fazendo com que o mundo globalizado reconfigurasse, recontextualizasse não só as relações sociais, como também as práticas discursivas que, agora, têm de ser capazes de estabelecer comunicação em diferentes mundos com diferentes sujeitos, agora organizados em redes, e muitos com uma espécie de *second life* (segunda vida) extremamente ativa em mundos digitais.

Todas essas mudanças estabeleceram novas perspectivas discursivas que já estão em uso em diferentes instâncias da linguagem. Ademais, devemos mencionar as práticas discursivas alimentadas pela internet, considerada uma ferramenta contemporânea poderosa tanto para o trabalho, como para o lazer e para o estímulo às relações sociais, embora haja muitos críticos à internet que a consideram a responsável pelo enfraquecimento dos laços afetivos nos relacionamentos humanos, uma vez que sujeitos raramente constroem relações pessoais duradouras. Conforme Castells (2003, p. 108), os sujeitos ligam-se e desligam-se da rede, podendo mudar rapidamente de interesses, além de poder esconder ou omitir sua verdadeira identidade, todavia, mesmo com esse caráter efêmero da comunicação digital, Castells (2003) defende o ciberespaço como um espaço fortalecedor dos laços familiares a distância. Particularmente, chamamos a atenção para o fortalecimento dos laços familiares, que, graças às conversas virtuais, aos e-mails e às inúmeras possibilidades de falar gratuitamente via computador, membros de uma mesma família podem compartilhar alegrias e pesares de seu dia a dia em todos os espaços globais. Tem sido prática frequente famílias inteiras iniciarem-se nas práticas digitais e reformularem as suas práticas discursivas e, então, serem incluídas no mundo da informação e da tecnologia. Às novas práticas discursivas, portanto, deve-se imputar o fortalecimento das relações familiares, as quais gradativamente tornam-se mais comuns graças ao uso diário de ferramentas digitais, fazendo com que vasta gama de sujeitos iletrados digitalmente, agora, possam usá-las. Sendo, em consequência, grande fator de fortalecimento dos laços a distância quer pela prática do uso de e-mails, quer pelo uso das redes sociais, com “presença” marcante, apesar da separação geográfica. Também Castells (2003), ao analisar um dos efeitos da interatividade virtual, chama-nos a atenção para o surgimento de novos suportes tecnológicos voltados à sociabilidade, traduzido como comunidades virtuais, as quais Castells (2003) define como redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, informação, senso de

integração e identidade social. Ao fim e ao cabo, todas essas vertiginosas mudanças, favoreceram a estabilização dessa linguagem híbrida, construída por combinação de palavras, de imagens, de cores, de sons e até de movimentos, tudo isso sob a batuta de uma nova geração de designers gráficos, cuja mobilidade e facilidade criadora para lidar com essas múltiplas semioses multiplicaram cada vez mais 28 Introdução à Multimodalidade o uso dessa linguagem multimodal, que tende a se tornar dominante (Kress e van Leeuwen, 2006 [1996]). Esses novos fazedores de signos, ou melhor, esses agentes ativos da construção de significados, tornaram-se os novos responsáveis pelo sentido e, como bem declaram Halliday e Hasan (1989), um texto não é construído de palavras e de sentenças, mas de significados, pois se não fosse pelo abundante uso da escrita e da imagem, a fala estaria ainda restrita aos contextos interacionais face a face. Semelhante hibridismo ao que ocorre nas relações entre texto escrito e imagem encontramos na linguagem do cinema e da televisão e, conseqüentemente, podemos dizer que a linguagem hegemônica deste século não reside apenas no uso da imagem, nem apenas da palavra, mas na ocorrência de ambas, na sua hibridização, combinadas ainda com outras semioses, gerando textos multimodais, conforme passaremos a explicar mais adiante. Para a análise dessas mudanças, diante da impossibilidade de examinar toda a gama de tecnologias envolvidas na produção dos novos discursos, optamos por analisar um anúncio publicitário, cuja atenção se centrou principalmente no exame da reconfiguração da linguagem publicitária e midiática. Os resultados sinalizam para a necessidade de avançarmos na investigação da linguagem vinculada às inovadoras práticas sociais, à multimodalidade e aos aspectos da globalização, pois, ao darmos ênfase à linguagem verbal ao longo da tradição dos estudos linguísticos, as pesquisas concentraram-se apenas em dois modos de linguagem: a fala e a escrita. Então, essa visão reducionista para a linguagem retrata somente a percepção linguística e leva-nos a negar as múltiplas mudanças do discurso contemporâneo, que tende a uma visão muito mais semiótica, que passa a incorporar ao discurso

outras semioses que não a fala e a escrita. No intuito de explicitarmos mais o que estamos defendendo, analisaremos uma peça publicitária na qual aplicaremos os princípios dessa proposta, tendo em vista que a ADC, ao lado da Teoria Multimodal do Discurso, são os principais enfoques teóricos utilizados para esta análise, pois essas teorias oferecem categorias possíveis para analisar certos aspectos relacionados aos processos de produção, de distribuição e de consumo dos textos, resultantes da construção de uma rede complexa de significados sociais, responsáveis pelo significado dos discursos contemporâneos, organizados em cadeias de gêneros, cuja descrição aprofundada está em Fairclough (2003a, p. 31), que descreve como os diferentes gêneros se ligam com certa regularidade, ao mesmo tempo que envolvem transformações sistemáticas, formadoras de cadeias de gêneros que contribuem para as ações que exceedem quaisquer diferenças provocadas pelo espaço e pelo tempo, pois assim ligam diferentes eventos e práticas sociais, em diferentes espaços geográficos e em diferentes tempos, sendo esse o traço essencial para definir a globalização contemporânea. De igual modo, Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 6,) propõem uma visão dialética do processo social, em que o discurso é um “momento”, entre discurso/linguagem; poder; relações sociais; práticas materiais; instituições/rituais e crenças/valores/desejos. Cada momento internaliza todos os outros — para que assim o discurso seja uma forma de poder, uma modalidade de formação de crenças/de valores/de desejos de uma instituição, de um modo social de relacionamento, uma prática material. Inversamente, o poder, as relações sociais, as práticas materiais, as instituições, as crenças etc. são, em parte, discurso. A heterogeneidade dentro de cada momento - incluindo o discurso - reflete a sua determinação simultânea (*overdetermination*) por parte de todos os outros momentos. Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 6,) a esse respeito declaram:

Uma visão dialética do processo social em que o discurso é um “momento” entre seis: o discurso/linguagem, o poder, as relações sociais, práticas materiais, instituições/

rituais e crenças/valores/desejos. Cada momento internaliza todos os outros - assim o discurso é uma forma de poder, um modo de formação das crenças/valores/desejos, uma instituição, um modo de relacionamento social, uma matéria prática. Por outro lado, o poder, as relações sociais, as práticas materiais, instituições, crenças, etc., são parte do discurso. A heterogeneidade dentro de cada momento - incluindo o discurso - reflete sua determinação simultânea ("sobredeterminação") por todos os outros momentos. (Chouliaraki e Fairclough, 1999, p. 6)⁵ (tradução nossa).

1.3 A CONSTRUÇÃO HÍBRIDA DO DISCURSO

É comum o uso dessa linguagem híbrida no discurso publicitário, sendo usadas frequentemente obras de artistas famosos na construção de apelos publicitários. Neste estudo, em que desejamos visualizar o papel da globalização e das tecnologias nas novas perspectivas multimodais para a linguagem, o foco não é o estudo do anúncio publicitário em si, mas as mudanças que ocorreram no âmbito da linguagem e do discurso, motivadas pela globalização, pelas tecnologias e pela multimodalidade. Então, é com este intuito que passamos a examinar o uso da Mona Lisa de Da Vinci em uma propaganda veiculada na internet. Queríamos inicialmente uma obra de arte famosa utilizada em anúncios e, ao buscarmos no Google, apareceram mais de vinte Mona Lisas, todas utilizadas na

5 A dialectical view of the social process in which discourse is one 'moment' among six: discourse/ language; power; social relations; material practices; institutions/rituals; and beliefs/values/desires. Each moment internalises all of the others - so that discourse is a form of power, a mode of formation of beliefs/values/desires, a institution, a mode of social relating, a material practice. Conversely, power, social relations, material practices, institutions, beliefs, etc. are in part discourse. The heterogeneity within each moment - including discourse - reflects its simultaneous determination ('overdetermination') by all of the other moments. (Chouliaraki e Fairclough, 1999, p. 6).

composição de significados discursivos de textos publicitários presentes em anúncios de dentífrícos, de xampus, até em anúncios de joias e de outros luxuosos adereços. Ainda que todos os exemplos fossem pertinentes para o propósito, examinaremos aqui, a título de ilustração, apenas um caso:

Figura 1: A Mona Lisa americana



Fonte: <http://www.universohq.com/quadrinhos/images/b-mona.jpg>

Ao examinarmos as duas Mona Lisas: a do *before* e a do *after* uma semana nos Estados Unidos, percebemos uma nova sintaxe verbal, provocada pelo deslocamento da obra de arte de seu espaço local, o museu do Louvre de Paris, ao ser colocada lado a lado da Mona Lisa em versão americana, usada em espaço global. Esse fato estabelece forte contraste entre as duas Mona Lisas, pois a oposição entre os dois quadros acentua de modo marcante as diferenças entre ambas. Mas, o que nos chama atenção não é apenas o fato de a

Mona Lisa italiana, hóspede do Louvre, ter se americanizado, tornando-se loira, mais branca, com avantajados silcones nos seios, mostrados com naturalidade. Também percebemos o preenchimento de seus lábios, o nariz mais afilado e o queixo modificado, produto de cirurgias plásticas, entretanto o que mais nos chama a atenção se liga aos ícones culturais e ideológicos, reveladores da cultura americana. Logo, qualquer texto visual pode se transformar em fenômeno semiótico complexo, com implicações ideológicas que não podem ser ignoradas, considerando-se que há a construção de várias camadas de sentido até a realização completa do significado. Identificamos nas imagens da Mona Lisa, na versão *before*, o cultivo da beleza e da arte da cultura italiana, representadas pela obra prima de Leonardo Da Vinci, usada para acelerar a venda de certos produtos ou ideias. No caso, a ideologia contemporânea, valoriza a beleza líquida, como diria Bauman (2003), ou a extrema importância dada ao corpo, nas palavras de Giddens (2000). A beleza líquida da mulher da modernidade tardia só permanece igual aqui e agora, pois amanhã pode estar diferente, o cabelo pode transformar-se em platinado, com luzes, alongado, entrelaçado, raspado; a face com novo contorno, com botox, implantes e pode até mesmo ter sido submetida a plásticas reparadoras e transformadoras, anunciadas agressivamente na mídia televisiva e impressa. A mulher de hoje vive uma vida para consumo (Bauman, 2009). Mas, o que mais nos chama a atenção é a maneira caricata como a mulher americana foi representada aqui, reveladora dos estereótipos a que as diferentes culturas estão sujeitas. Conforme Dyer (1995), o papel dos estereótipos é hoje comparável ao termo abuso, pois nunca é neutro. Para reforçar seu pensamento, Dyer reporta, em seu livro *The matter of images* (1995), ideias de Lippmann (1956, p. 96) das quais nos apropriamos neste momento para dizer que um padrão de estereótipo, além de não ser neutro, não é apenas uma forma de substituição da realidade, nem apenas um atalho. É tudo isso e algo mais. É a garantia da nossa autoestima, sendo a projeção sobre o mundo do nosso próprio sentido do nosso próprio valor, a nossa própria posição e os nossos próprios direitos.

Considera Lippmann ainda que os estereótipos são altamente cobrados juntamente com os sentimentos que a eles estão ligados, pois eles são a fortaleza de nossa tradição, e atrás de suas defesas, podemos continuar seguros da posição que ocupamos. Na verdade, no caso da Mona Lisa americana, o modo como um grupo social, ou parte dele, é representado não revela exatamente a realidade em si mesma, mas apenas outras formas de representações entre tantas outras possibilidades. Dyer (1995, p. 3) assim textualmente se posiciona sobre a representação: Este território é difícil, eu aceito que um só apreende a realidade através de representações da realidade, através de textos, discursos, imagens, não há tal coisa como o acesso sem mediações com a realidade. Mas porque se pode ver a realidade apenas através de representações, não se segue que não se vê a realidade de todo- parcial seletiva, incompleta, de um ponto de vista - visão de algo que não é nenhuma visão do que por qualquer motivo (Dyer, 1995, p. 3)⁶ (tradução nossa) Dyer enfatiza que a apreensão da realidade é realizada somente por meio de outras representações da realidade, as quais podem estar representadas por um texto, um discurso ou uma imagem, tomando-se diferentes caminhos para capturar a realidade, diferentes atalhos para construir a representação dessa mesma realidade, mas essas outras representações não conseguem nunca representá-la de maneira completa, total, mas somente de um dado ponto de vista. Em face disso, nunca realizamos uma representação que já não tenha sido representada, daí porque os estereótipos, além de frequentes, são também denunciadores da ideologia, das crenças e também dos preconceitos construídos por meio das representações, sempre realizadas com base em outras representações, o que faz com que a realidade seja falseada ideologicamente, como no caso dos estereótipos. Chama-nos também a

6 his is difficult territory, I accept that one apprehends reality only through representations of reality, through texts, discourse, images; there is no such thing as unmediated access to reality. But because one can see reality only through representations, it does not follow that one does not see reality at all. Partial selective, incomplete, from a point of view vision of something is not no vision of it whatsoever (DYER, 1995, p. 3).

atenção a ideologia contemporânea, veiculada na mídia escrita e falada por meio de mega anúncios de cirurgias plásticas e de outras modalidades de serviços estéticos com valores módicos a serem pagos em até 48 meses. Efetivamente, o fato, ideologicamente, nos revela que não estamos passando apenas pela comodificação da linguagem, no sentido dado por Fairclough (1991) ou pela reconfiguração da linguagem, como defendem Vieira (2004) e Ormundo (2007), mas também pela comodificação da beleza, sendo a estética apenas mais um produto de venda às gerações contemporâneas tanto femininas quanto masculinas. De semelhante modo, o culto à nova estética é um dos marcos culturais e ideológicos de nossos tempos líquidos, como bem caracteriza Bauman em sua extensa obra. O mundo está cada vez menos sólido em seus valores, os quais se tornam mais líquidos a cada instante. Assim, a linguagem, reconfigurada pela sociedade líquida, com valores voláteis e igualmente líquidos, constitui as grandes metáforas de nosso tempo. Bauman (2003, p. 69) sobre a fragilidade e a liquidez dos compromissos nos relacionamentos humanos assim declara: A líquida racionalidade moderna recomenda mantos leve e condena as caixas de aço. Nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna vê opressão; na união permanente percebe uma dependência incapacitante. Esta razão nega direitos aos vínculos e liames, espaciais ou temporais (Bauman, 2003, p. 69). Afora a questão ideológica visível na análise da Mona Lisa americana, é relevante, para o nosso estudo das transformações da linguagem, focalizar a composição textual híbrida formada pelas duas imagens contrapostas para que possamos então realizar uma leitura mais profunda deste texto multimodal, reconfigurado. Desse modo, temos necessidade de conhecer a Teoria da Multimodalidade, para que a construção de significados dos anúncios atinja os seus objetivos: vender o produto. Com esse intuito, a obra *Reading images: the grammar of visual design*, de Kress e van Leeuwen (1996), com segunda edição revisada em 2006, estabelece uma gramática visual, que oferece categorias para a análise e a leitura de imagens. Essa obra permite que aprofundemos muito mais a

leitura de textos multimodais, compostos com imagens e outros elementos multimodais. Desse modo, algumas categorias, como a informação nova, colocada à direita, e a conhecida, à esquerda; saliente e não saliente; acima e abaixo, estabelecem valores significativos no ato de leitura de imagens em uma perspectiva multimodal. Voltando ao anúncio da figura, a categoria trazida como nova aqui está diluída, pois como ambas estão justapostas, temos de nos guiar exatamente pela imagem que está colocada à direita, lugar da informação nova, lugar aqui ocupado pela Mona Lisa americana, que é trazida como o elemento novo. Este é o produto que o anúncio deseja vender: a beleza americana. Um tipo de mulher com traços estereotipados ao feitio da mulher americana. Não é nosso intento aprofundar aqui a Teoria Multimodal do Discurso (TMD), que participa da construção do texto contemporâneo, multimodal por excelência, desenvolvido especialmente na década passada ao abrigo da Análise de Discurso Crítica (ADC) e da Linguística Sistêmico-Funcional- (LSF). Contudo, ressaltamos que os princípios da Teoria Multimodal do Discurso podem ser usados pelos alunos com o intuito de torná-los conscientes da enorme importância dessas novas práticas de produção do texto multimodal. Apesar da relevância das pesquisas voltadas para multimodalidade, tem havido um descompasso entre as teorias que envolvem esses sistemas semióticos e as que estudam como eles operam, pois tais estudos não têm se desenvolvido na velocidade que a área necessita. O motivo é que a maioria dos linguistas comumente só se interessa por textos verbais, entretanto o tipo de sociedade visual que estamos construindo e que vivemos, não apenas está mudando rapidamente, como também nos cobra um conhecimento mais consciente e determinado sobre essas mudanças, porque o visual, acredita Cardoso (2006, p. 117), tem ganho predominância sobre o textual, sendo que o único campo em que o texto aparentemente ainda predomina é a internet. Fora desse contexto, o que predomina é a retórica baseada na cultura visual, uma cultura assente na multiplicidade de recursos semióticos utilizados e na rapidez da conexão visual. E, embora o interesse pela semiótica não seja algo

novo, haja vista a duradoura aplicação da semiótica peirceana à pesquisa em linguagem não verbal, só recentemente tem sido usada na aplicação e na sistematização das potencialidades descritivas da Linguística Sistêmica. As pesquisas mais significativas nessa perspectiva têm sido as investigações de Kress e van Leeuwen (2001, 2006 [1996]) entre outros. Os modelos de análise semiótica elaborada por eles têm sido usados com sucesso em contextos, como em estudos de museus e de galerias de arte. A boa notícia é que os interesses da Gramática Sistêmico-Funcional finalmente se expandiram para outras linguagens semióticas. Assim, temos hoje uma análise de produção de sentido que considera como essa simbiose materializa ideologias nas comunidades discursivas, encarando não só a linguagem verbal escrita, mas também as demais linguagens. Kress e van Leeuwen (2006 [1996]) discutem a função ideacional nas imagens e como os processos apresentacionais e transacionais e como os atores e as circunstâncias relevantes se realizam na função interpessoal em termos da “interpelação” por meio do olhar, do ângulo etc., e a função composicional em termos de enquadres, linhas paralelas, verticais, horizontais, diagonais, e assim por diante (para mais detalhes, ver Kress e van Leeuwen 2006 [1996]). No livro, *Multimodal discourse*, Kress e van Leeuwen (2001) expandem sua visão teórica para as seguintes áreas: design, produção e distribuição do discurso. Isso cobre a análise do discurso de como textos e imagens são planejados para cooperarem entre si, como os discursos são produzidos e como eles são colocados à disposição dos consumidores em diferentes contextos sociais e culturais.

CONSIDERAÇÕES

Por fim, este artigo, que tratou da “Globalização e tecnologias: uma perspectiva multimodal da linguagem”, coloca em tela o surgimento, a existência de inúmeras práticas discursivas, fruto da globalização e das tecnologias digitais, as quais são fortemente representadas nos novos gêneros discursivos. A prova concreta de sua existência é a reconfiguração, ou a recontextualização do discurso, realizada por meio das práticas discursivas multimodais mediadas, tanto pelas mídias digitais quanto pelas impressas no espaço discursivo globalizado. À parte as mudanças globais, que exerceram marcante influência sobre a linguagem, pertencemos a uma sociedade da imagem; somos cidadãos multimodais a ponto de descansarmos quando vemos imagens em frente à TV. Somos fruto de uma sociedade digital, uma sociedade multimodal. Foi nesse favorável contexto que o discurso monomodal encontrou terreno fértil para se ressemiotizar e compor os atuais discursos multimodais. Por essas razões, as mudanças tecnológicas e midiáticas, que estão ocorrendo no mundo, não podem passar despercebidas. É relevante que, na qualidade de pesquisadores da linguagem, não ignoremos as impactantes mudanças pelas quais passa a linguagem. Ignorar essas mudanças é impossível. A sociedade necessita com urgência de instituições de ensino que não se coloquem à margem do mundo globalizado, necessitamos de alternativas de letramento, do letramento informacional e digital, que possam permitir o pleno exercício da cidadania, mas, para isso, devemos oferecer instrumentos que permitam o pleno domínio de todas essas tecnologias. Por pertinente, registro a opinião de Cardoso: (...) a cidadania na sociedade em rede depende também do domínio dos instrumentos que nos permitem lidar com os *medias* como mais uma linguagem natural, e do desenvolvimento de uma literacia que vá para além de sua definição mais tradicional. (Cardoso, 2006, p. 401) Por tudo isso, defendemos que o cidadão deve ser capaz de manejar bem as tecnolo-

gias, assim como deve saber lidar criticamente com os *media*, pois eles são o primeiro elo entre a vida real e o mundo representado e para que esse mesmo cidadão alcance o desejável nível crítico deve, como entende Giddens (2000), ser altamente reflexivo também no trato dos *media*, os quais desempenham papel extremamente relevante na vida moderna atual e no exercício da cidadania. Assim, por meio da reflexividade, os sujeitos do discurso têm de tomar decisões, de fazer escolhas, e para isso usam as sociedades em redes e as sociedades de informação para garantir apoio e suporte para essa crítica tomada de decisões. E, como consequência, não só o surgimento dos *media* e das tecnologias e das avançadas redes de informação moldam novas reconfigurações nas relações de poder da sociedade, mas também o próprio discurso reconfigura-se por meio da multimodalidade e pelas modernas formas de distribuição digital da linguagem, pois essas inovadoras práticas discursivas on-line e off-line têm contribuído para essa reconfiguração neste contexto globalizado, ao lado de um mundo colorido que deixou em segundo plano o preto e o branco para incorporar cores, imagens, sons e movimentos aos discursos multimodais. Ademais, o uso pela sociedade contemporânea de avançados instrumentos tecnológicos e informatizados fez mais pela linguagem do que acelerar a sua velocidade transformadora, marcou de modo irreversível os seus contornos, reconfigurando-a, desenhando outros gêneros e diferentes padrões discursivos, dando-lhe nova feição e novas práticas. Por essa razão, o sujeito atual, um sujeito dividido, multifacetado, necessita de teorias da linguagem que o ensinem a lidar com as diferentes formas do discurso contemporâneo, para que, então, o sujeito dessa sociedade visual esteja habilitado para o pleno exercício discursivo crítico que os diferentes domínios da vida pública e privada exigem de todos nós, os legítimos agentes de mudanças sociais.

REFERÊNCIAS

- BALDRY, A. (ed.) *Multimodality and multimediality in the distance learning age*. Campobasso, Italy: Palladino Editore, 2000.
- BALDRY, A.; THIBAUT, P. J. *Multimodal transcription and text analysis*. London: Equinox, 2006.
- BARTHES, R. A mensagem fotográfica, In: *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- BAUMAN, Z. *Amor líquido*. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2003. BAUMAN, Z. *Vidas para consumo*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2009.
- BHATIA, V. K. *Worlds of written discourse*. London: Continuum, 2004.
- BORDWELL, D.; THOMPSON, K. *Film art: an introduction*. New York: McGraw Hill, 2001.
- CASTELLS, M. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- CARDOSO, G. *Os media na sociedade em rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. London: Edinburgh University Press, 1999. DYER, R. The matter of images. London: Routledge, 1995.
- EGGINS, S.; MARTIN, J. R. Genres and registers of discourse. In van Dijk, T. A. (ed.), *Discourse as Structure and Process. Introdução à Multimodalidade Discourse Studies: of Multidisciplinary Introduction*, Vol. 1. London: Sage, 1997, p. 230-256.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. New York: Longman, 1989.
- FAIRCLOUGH, N. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press, 1992.
- FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis*. New York: Longman, 1995.
- FAIRCLOUGH, N. Critical discourse analysis in the 1990s: challenges and responses. In: PEDRO, Emília Ribeiro (Org.). *Proceedings of first international conference on discourse analysis*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1996.

- FAIRCLOUGH, N. *New labour, new language?* London; New York: Routledge, 2000.
- FAIRCLOUGH, N. Linguistic and intertextual analysis within discourse analysis. In: JAWORSKI, Adam; NIKOLAS, Coupland (eds.). *The discourse reader*. London; New York: Routledge, 2002.
- FAIRCLOUGH, N. *Analyzing discourse: Textual analysis for social research*. London, New York: Routledge, 2003a.
- FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis in researching language in the new capitalism: overdetermination, transdisciplinarity and textual analysis*. Lancaster, 2003b. Disponível em: <http://www.cddc.vt.edu/host/Inc/Incarchive.html>. Acesso em: outubro, 2008.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and globalization*. London; New York: Routledge, 2006.
- GIDDENS, A. *Sociologia*. 2. ed. Lisboa: F. Calouste Gulbenkian, 2000.
- HALLIDAY, M. A. K. *Language as social semiotic*. London: Arnold, 1978.
- HALLIDAY, M. A. K. Systemic background. In Benson, James e Greaves, William, eds. *Systemic perspectives on discourse*. Vol. 1. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1985.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2nd ed. London: Arnold, 1994.
- HALLIDAY, M. A. K. Literacy and linguistics: a functional perspective. In Ruqaiya Hasan & Geoff Williams Eds. *Literacy in Society*. London: Longman, 1996, p. 339-376.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, H. *Language, context and text: Aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University, 1989.
- HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C. (2006 [1999]): *Construing experience through meaning: a language-based approach to cognition*. London: Continuum.
- HARTSHORNE, P. WEISS e A. BURKS (eds.). Cambridge, Mass.: Harvard University Press. Manuscritos não publicados de Peirce (s/d).
- HASAN, R. Literacy, everyday talk and society. In Ruqaiya Hasan & Geoff Williams Eds. *Literacy in Society*. London: Longman, 1996, p. 377-424.
- HASAN, R. Analysing discursive variation. In Lynne Young and Claire Harrison (eds.) *Systemic Functional Linguistics and Critical Discourse Analysis*. London: Continuum, 2004, p 15-52.

HODGE, R.; KRESS G. *Social Semiotics*. Cambridge: Polity Press, 2006 [1988].

IEDEMA, R. *Multimodality, resemiotization: extending the analysis of discourse as a multi-semiotic practice*. *Visual Communication* 2(1), 2003, 29-57.

KRESS, G. Multimodal texts and critical discourse analysis. In: *Discourse Analysis Proceedings of the 1st International Conference on Discourse Analysis*. Edited by E. R. Pedro. Lisboa: Colibri, 1996.

KRESS, G. *Before writing - Rethinking the paths to literacy*. London: Routledge, 1997.

KRESS, G. *Literacy in the New Media Age*. London: Routledge, 2003.

KRESS, G.; LEITE-GARCIA, R; VAN LEEUWEN, T. Semiótica discursiva. In: *El discurso como estructura y proceso: estudios sobre el discurso. Una introducción multidisciplinaria*. Compilado por Teun van Dijk. España: Gedisa. 2000.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2001.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London and New York: Routledge, 2. ed., 2006 [1996].

LUKE, C.: Cyber-schooling and technological change: multiliteracies for new times. In Cope, Bill & Kalantzis Eds., 2000, p. 69-91.

MARTIN, J. Language, register and genre. In F. Christie (ed.). *Children writing: reader. Geelong*: Deakin University Press, 1984.

MARTIN, J. *English text - systems and structure*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992.

ORMUNDO, J. S. *A reconfiguração da linguagem na globalização: investigação da linguagem on-line*. Programa de PósGraduação em Língua, UnB, Brasília, Tese de Doutorado, 2007.

O'HALLORAN, K. (ed.) *Multimodal discourse analysis: systemic functional perspectives*. London: Continuum, 2004.

POSTER, M. Cyberdemocracy: the internet and the public sphere. In: PORTER, David (Ed.). *Internet Cultura*. New York; London: Routledge, 1995, p. 201-218.

- POSTER, M. *The mode of information*. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.
- POSTER, M. *A segunda era dos media*. Tradução Maria J. Taborda e Alexandra Figueiredo. *The Second Media Age*. Celta: Oeiras, 2000.
- STREET, B. V. *Social literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education*. London: Longman, 1995.
- STREET, B. V. (ed). *Cross-cultural approaches to literacy*. Cambridge: University Press, 1996.
- SANZ, Maria J. P. Decoding meaning in political cartoons. In Carys Jones e Eija Ventola (eds.). *From Language to Multimodality*. London: Equinox, 2008, p. 313-334.
- UNSWORTH, L. *Image/Text relations and intersemiosis: Towards multimodal text description for multiliteracies education*. 33rd International Systemic Functional Congress Proceedings. São Paulo: PUC, 2006.
- VAN LEEUWEN, T. *Introducing social semiotics*. London: New York: Routledge, 2005.
- VIEIRA, J. A. *O papel das práticas de letramento mediadas na reconfiguração da linguagem e na constituição do sujeito*. Brasília, 2004. (inédito).
- VIEIRA, J. A. Texto multissemiótico. In: Vieira, J. A.; Rocha, H.; Aquino, J; Bom Marou, C. *Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal*. Porto Alegre: Editora Vozes, 2007, p. 1-30.
- VIEIRA, J. A.; KLEIMAN, A. O impacto identitário das novas tecnologias da informação e comunicação (Internet). In: CORACINI, M. J.; MAGALHÃES, I.; GRIGOLETTO, M. (Orgs.) *Práticas identitárias: língua e discurso*. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 117-131.
- VIEIRA, J. A.; SILVA, D. E. S. (Orgs.) *Análise do discurso: percursos teóricos e metodológicos*. Brasília: Plano, 2002.



2

Dra. Neiva Maria Machado Soares - UEA

**MULTIMODALIDADE,
NOVOS LETRAMENTOS
E MULTILETRAMENTO
NO BRASIL:**

**O PERCURSO DA LINGUAGEM
EM ESTUDO**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2024.11055.2

PRIMEIROS DIÁLOGOS E CONTEXTUALIZANDO A TEMÁTICA

As inovações tecnológicas sempre surpreenderam e desafiaram a imaginação humana. Isso ocorreu com a criação da televisão e sua popularização nos lares brasileiros a partir dos anos 70. Educadores evidenciavam que a partir de então o equipamento passaria a desempenhar um papel significativo na vida das pessoas impactando inclusive na educação. De fato, mais horas passadas à frente desse aparelho poderiam retirar dos indivíduos o contato com outros meios de comunicação e até mesmo com os livros. Anos depois, a chegada do computador, com suas grandes máquinas, que ocupavam uma mesa de trabalho, novamente despertou o interesse e especulou-se sobre o que seria o fim de do trabalho de muitos, bem como sobre as consequências no processo educacional, haja vista a presença da nova e interessante 'caixa mágica.' Igualmente, o ser humano se viu desafiado a reescrever sua trajetória, rever a sua forma de trabalho, de se comunicar e de aprender. Nesse cenário, o contexto de ensino até então amparado em materiais analógicos, se deparava com conteúdos que podiam ser buscados em grandes bancos de dados, ainda disponíveis para poucos e com dificuldade de conexão.

A virada do século XX a XXI representou uma mudança de vez nesse paradigma com a chegada do telefone celular, objeto com pouco design comparado ao que se tem hoje, mas que viria para revolucionar de vez a vida das pessoas em todo o mundo. No Brasil, adentrou um pouco tarde e, obviamente, isso tem a ver com o acesso, mas hoje somos uma das populações mais conectadas no mundo, 'graças' a esses 'parceiros virtuais'.

Diante de todas essas fases tecnológicas, é inegável o impacto que exercem não apenas na vida dos usuários, mas também no cenário educacional e nas relações humanas de modo geral. O ensino, que anteriormente se fundamentava em extensos manuais e gramáticas que abordavam praticamente todos os conhecimentos necessários para os estudantes, atualmente, não consegue mais acompanhar a rapidez com que novidades surgem.

Como consequência ou não de parte desse processo, desde o ano de 1996, o ensino no Brasil começou a mudar com o advento dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacional). Esse documento oficial buscava direcionar o ensino para uma visão mais holística do campo da linguagem, englobando também questões da linguística textual, das práticas textuais, dos gêneros textuais e discursivos. Tais transformações vêm na esteira de outras que já ocorriam pelo mundo, no campo da Linguística Textual, entre os quais cita-se Halliday com o livro *Cohesion in English*, o qual foi traduzido para o português por Ingedore Koch como *Coesão Textual*. Tornou-se um dos livros mais estudados na virada do século, adicionado à *Coerência textual* de Charolles e traduzido por Travaglia.

No campo do discurso, as incursões via perspectiva crítica e semiótica social também começavam a captar os primeiros seguidores no Brasil. Depois de anos de estudo e difusão na Europa com Halliday, Fowler e Kress, van Dijk e Fairclough (1992), suas teorias começam a ser discutidas e propagadas no país. No âmbito dos gêneros textuais ou discursivos, pode-se citar Michael Bakhtin, Hasan e Swales. Entre os estudiosos brasileiros, inicialmente, Marcuschi foi um dos autores mais visitados no país com a temática dos gêneros discursivos.

Com base nesses saberes, na virada do século XXI, pesquisadores de diversas universidades brasileiras, estudiosos da linguagem, contribuíram com a criação dos PCN, que conduziram uma mudança no paradigma de ensino até então sustentado por bases tradicionais, pela gramática e por uma configuração monomodal de linguagem acima de tudo.

Um ponto-chave do documento foi o ensino voltado para o âmbito das práticas sociais e nisso os gêneros textuais adquirem força, visto que a comunicação se efetiva por meio dos inúmeros gêneros que circulam socialmente dia a dia. Embora o propósito convergisse com as práticas sociais cotidianas, não houve formação nesse sentido e muitos professores passaram a ensinar o gênero mais no aspecto formal do que no funcional, esquecendo-se de que, além de um formato, o gênero cumpria uma função social. É possível inclusive fazer uma analogia ao ensino da gramática que sempre foi descontextualizado, voltado ao ensino de regras e de sentenças perfeitas. Algumas pesquisas apontam que se usava o texto, materialização do gênero, para trabalhar de fato a gramática, que era vista ainda como função precípua da disciplina língua portuguesa. Após longos anos e muitos cursos de formação, hoje pode-se considerar que os professores de sul a norte ouviram falar de gêneros textuais em cursos de graduação ou pós e trataram do tema em sala de aula.

Ademais, é possível mencionar que os livros didáticos cumpriram um papel de propagador das propostas, pois o escopo do documento era criar um parâmetro e equivalência de ensino. As editoras passaram a inserir diferentes gêneros em suas produções do livro didático. No princípio, muito incipiente e pouco contextualizada, mas evidenciavam os primeiros passos, embora sujeitas a críticas de pais e professores que desejavam o retorno da gramática. Inclusive até hoje muitos ainda desejam, mesmo que percebam que os alunos têm dificuldade de entender características e funções de gêneros simples como uma charge, um meme ou até mesmo uma manchete de jornal on-line. Gêneros esses que dominam os espaços digitais e aos quais os alunos têm acesso, ainda que, na maioria das vezes, haja pouca noção de como ler e analisá-los. Nesse mesmo viés, aponta-se mais um tema que passou a ser discutido - o evento do letramento.

Após essa breve contextualização, ressalta-se que este artigo tem o objetivo de discutir questões relacionadas ao ensino de linguagem no Brasil, percorrendo temas como letramento (s), adicionando,

em diálogo, multimodalidade e multiletramentos, de forma a traçar um percurso dos estudos realizados, avanços, desafios, contribuições e relevância nos âmbitos de todas as práticas sociais, inclusive, do contexto escolar.

1. EVENTO DO LETRAMENTO

Ensinar a ler e escrever (alfabetização), como se propagou nos anos 60 e 70, não seria suficiente, urge letrar. Letramento se refere ao uso competente da leitura e da escrita nas práticas sociais, ou seja, saber usar, entender e comunicar por meio dos inúmeros gêneros que circulam socialmente, desde as situações mais simples, como entender um bilhete, até as mais complexas, como uma bula de remédio, uma entrevista de emprego, a elaboração de um currículo, a leitura de um poema ou artigo científico. Esse tema ainda é muito discutido nos cursos de formação de professores. Entre as estudiosas do assunto no Brasil há Magda Soares⁷ (1998) e Ângela Kleiman (2016)⁸, seus livros tiveram e têm um grande papel no sentido de reforçar muito além de um conceito, mas de uma necessidade de as políticas educacionais atentarem para a questão da leitura e da escrita como propulsoras de cidadania, tendo em vista pesquisas internacionais e nacionais em exames como o PISA⁹ evidenciarem o ínfimo desempenho dos estudantes. O tema foi originariamente

- 7 SOARES, Magda. B. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- 8 Kleiman, Ângela. B. ASSIS, Juliana Alves Assis, (organizadoras). *Significados e ressignificações do letramento: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita*. Campinas, SP : Mercado de Letras, 2016.
- 9 Em 2018, a disciplina escolhida foi Leitura, na qual o *Brasil ficou na 54ª colocação do ranking*, com nota 413 (seis pontos a mais do que o resultado brasileiro em 2015, quando o país teve nota 407). A média da OCDE nesse quesito foi 487. Fonte: Resultados do PISA: Como mudar a realidade do Brasil? (educacional.com.br)

discutido por Brian Street¹⁰, nos anos 90, para se referir aos inúmeros eventos de letramento que podem ocorrer em contextos sociais e culturais. Longe de ter resolvido as questões de escrita e leitura, em meados dos anos 90, adicionou-se mais um elemento ao evento discursivo, ao contexto de ensino e alfabetização - o multiletramento.

Na visão de Lemke (2010, p. 458), letramentos são sempre sociais: nós os aprendemos pela participação em relações sociais; suas formas convencionais desenvolveram-se historicamente em sociedades particulares; os significados que construímos com eles sempre nos liga a uma rede de significados elaborada por outros. O autor, ademais, considera que todo letramento é letramento multimidiático, pois os inúmeros gêneros que acessamos combinam imagens visuais e textos impressos. Na sua visão, nenhuma tecnologia é uma 'ilha', ela caminha junto com redes de outras tecnologias e com as práticas culturais. Logo, compreender o funcionamento da linguagem e dos textos é entender que tudo perpassa por uma teia de significados construídos por inúmeros e distintos fios que se entrelaçam.

2. O EVENTO DO MULTILETRAMENTO

Multiletramento (*multiliteracy*), originariamente, difundido pelo Grupo da Nova Londres (GNL) (*New London Group*), nos anos 1990 a 1996, traz ao debate pontos relativos ao ensino, sua relação com questões sociais e culturais, bem como as transformações dos textos devido às novas mídias. Esse grupo se constituiu por dez pesquisadores de campos linguísticos e discursivos-críticos, como Norman Fairclough, Paul Gee, Bill Cope, Mari Kalantzis, Gunter Kress, entre outros.

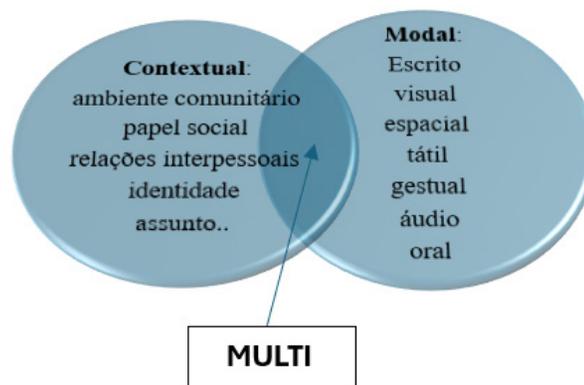
10

STREET, Brian. *Social Literacies: critical approaches to literacy in development, ethnography and education*. Londres: Longman, 1995.

No livro *Letramentos, 2020*, Kalantzis, Cope e Pinheiro definem multiletramento correlacionando a dois eixos do significado. O primeiro seria o da diversidade social ou da variabilidade das convenções de significado em diferentes situações culturais, sociais ou de domínio específico. Para os autores, esses aspectos variam enormemente dependendo do contexto social - experiência de vida, assunto, domínio disciplinar, ramo de trabalho, conhecimento especializado, ambiente cultural ou identidade de gênero. Ressaltam que tais fatores implicam na constituição do significado, bem como para efetiva construção da cidadania que se faz por meio da interação com o uso das múltiplas linguagens. O segundo elemento da construção do significado que se relaciona à ideia do multiletramento é o da multimodalidade. Os autores afirmam que cada vez mais os significados são construídos de forma multimodal, devido à crescente integração dos inúmeros modos de comunicação em ambientes como mídia de massa, hipermídia e multimídia.

Os estudiosos trazem a imagem a seguir, como forma de demonstrar a relação entre os dois eixos de significados apontados - contextual e multimodal:

Figura 1: Os dois “multis” do multiletramento



Fonte: Baseada em Kalantzis, Cope e Pinheiro, 2020.

Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020) ressaltam que a abordagem grafocêntrica sempre dominou o ambiente de ensino, inclusive a escrita e os registros dela advindos imperaram como forma de prestígio. Kalantzis, Cope e Pinheiro (2020) ressaltam que a abordagem grafocêntrica sempre dominou o contexto educacional, onde a escrita e seus registros associados foram reconhecidos como símbolos de prestígio. No entanto, no contexto atual, não há como deixar de registrar as inúmeras formas de comunicação existentes, as várias semioses em conjunto com a escrita que convergem na constituição do significado. A escola, por sua vez, não pode se furtar do seu papel de “alfabetizar” o indivíduo nessas inúmeras facetas que os novos espaços de comunicação apontam no dia a dia. A pedagogia do ensino da leitura e da escrita precisa ir além do alfabeto, além do letramento, incorporando habilidades do conjunto multimodal. Como a imagem acima sinaliza, os diferentes modos, como visual, espacial, o tátil, o sonoro, o aural, o gestual têm muito a dizer sobre os espaços, a cultura e a vida das pessoas como um todo. No contexto das mídias digitais, é inegável o papel que todos esses modos alviam. Dessa forma, expandir a visão tradicional da leitura e da escrita, voltada para o aspecto grafocêntrico apenas, precisa ser superada se desejarmos que os nossos estudantes atinjam, de fato, graus de letramento e multiletramento satisfatórios, que os permitam ser de fato partícipe em seus contextos de vida.

Nessa mesma linha, dialoga-se com Josenia A. Vieira, autora do primeiro artigo desta obra, ao afirmar (2015, p.17) que o evento discursivo escrito já não representa exatamente o fato, pois já se tornou uma representação de outro discurso anteriormente representado, tornando-se assim uma segunda ordem de representação mais complexa do que a primeira. Então, cada vez que certo evento discursivo é mediado por diferentes tecnologias é, do mesmo modo, objeto de nova representação, ao que se denomina reconfiguração ou recontextualização do discurso, fato que agrega cada vez mais complexidade a essas representações.

Caso semelhante repete-se com o discurso multimodal, pois acreditamos que as múltiplas semioses desempenham relevante papel na construção dessas camadas de reconfiguração da linguagem, tendo em vista que as representações realizadas por meio das imagens e das cores, por exemplo, aproximam mais o discurso representado da realidade (Vieira, 2015). Logo, se pensar em termos de linguagem, sua complexidade e significação implica um olhar mais holístico sobre várias manifestações que coadunam discursivamente.

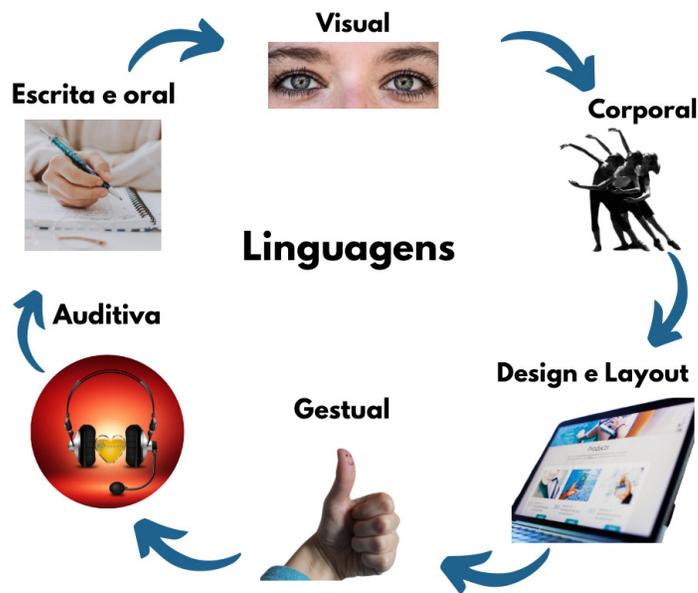
Ao enfatizar as questões multimodais, em um dos livros do GNL, Gunter Kress (1996) lembra da importância dos modos de fazer sentido. Ademais traz à tona que as teorias das semioses atuais não dão conta da complexidade da linguagem ao se direcionarem apenas para o modo escrito. O autor sugere como saída para um projeto de multiletramento a gramática multimodal. A seguir, abrimos um espaço para a questão da multimodalidade, teoria e base analítica que vem se consolidando em inúmeros estudos fora do país e no Brasil também. inúmeros estudos tanto internacionalmente como no âmbito brasileiro.

3. MULTIMODALIDADE

Aqui retomo uma passagem de minha tese intitulada, *Discurso verde: reposicionamento discursivo das marcas*, 2013, na qual menciono que a Multimodalidade captura cada vez mais espaço nos estudos da linguagem, pois é possível pensar a ótica visual da seguinte maneira: “o que é expresso na linguagem através da escolha entre diferentes classes de palavras e estruturas semânticas, na comunicação visual é explicado pela escolha entre diferentes usos de cores e de estruturas composicionais” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 2). Os semióticos afirmam que há certas coisas que necessitam da língua para serem explicadas; outras, o visual pode ser suficiente.

Devemos compreender que a multimodalidade sempre existiu e que não está relacionada apenas à questão tecnológica como podemos supor. Todo texto, qual seja o gênero textual, é multimodal, quer seja pelo tipo de letra escolhida, pelo grifo, pela cor adotada, pela disposição na página, pelo adentramento do parágrafo, pela configuração das letras em caixa alta ou não. Seria possível ainda adicionar outros modos como as imagens, os sons, os gestos, o movimento, a postura de quem fala ou lê um texto. Pensar em multimodalidade é considerar todos esses e outros modos que 'orquestram'¹¹ nossa comunicação de forma unívoca (ver Figura 2).

Figura 2: Principais modos multimodais. Produção da autora



Fonte das Imagens: Pixabay

11

Orquestração multimodal termo cunhado por Kress, 2010, no livro *Multimodality*. Artigo: *Multimodal orchestrations and ensembles of meaning*. (Orquestrações multimodais e conjuntos de significado).

Como se observa acima, um modo está em diálogo com o outro e juntos vão tecendo o percurso comunicativo de uma forma harmoniosa, paulatina e criativa. É necessário incorporar às práticas de leitura um olhar treinado e atento para que se atribua a todos igual importância na configuração discursiva e constituição interpretativa.

Corroborando ao exposto, para Jewitt (2009), a multimodalidade está associada aos múltiplos modos comunicativos representacionais, gestos, postura, olhar, indo além da linguagem escrita e falada. Nessa corrente de estudos, há inúmeros e frutíferos trabalhos de Vieira (2007; 2009; 2015) que exploram a temática e propagam a teoria no Brasil e fora dele (em Língua Portuguesa).

A perspectiva multifuncional é adotada na Gramática do Design Visual – GDV (2006 [1996]) e por van Leeuwen (2004; 2008). A abordagem multifuncional da linguagem advém, principalmente, dos estudos de M. Halliday, na Gramática Sistêmico-Funcional (1994). Considera-se funcional porque explica estruturas gramaticais em relação ao significado, às funções que a linguagem desempenha no texto. Para o autor, a linguagem ocorre em contexto de uso, que possuem variáveis como o *modo* (a linguagem, o meio, o canal), o *campo* (a atividade) e as *relações* (os participantes). Essas variáveis se associam às metafunções: o campo à metafunção ideacional, a relação à interpessoal e modo à textual. Cada uma das metafunções relaciona-se a aspectos da teoria multimodal.

Na GDV, a função ideacional-experiencial está representada via estruturas narrativas e conceptuais, denominada metafunção representacional; a função interpessoal, pelo modo, modalidade, distância dos participantes, denominada metafunção interacional e a função textual, pelo dado e novo, real e ideal, enquadre, tema, denominada metafunção composicional (para mais detalhes, ver Quadro 1).

A multimodalidade também contribui para leitura e análise dos atores sociais por meio do livro de Van Leeuwen, *Discourse and*

practice: new tools for critical discourse analysis, de 2008, que apresenta inúmeras e produtivas categorias para a análise da representação discursiva de atores sociais no texto visual e no escrito. Há uma farta literatura que poderá apoiar estudos que avançam em todo o mundo e no Brasil, considerando a atividade multimodal como partícipe do mundo da linguagem e do significado.

A análise imagética não deve ser pensada de forma furtiva e descompromissada. Inclusive, há uma 'brincadeira' entre os fotógrafos, ao afirmarem que as imagens não mentem, ainda que os fotógrafos possam mentir. Assim, a visão de que uma imagem vale mais que mil palavras precisa ser revista com atenção porque, como afirmam Kress e van Leeuwen (2006), as imagens são ideológicas e revelam visões de mundo de seus produtores. Fato esse percebido em redes sociais onde cada indivíduo, internauta ou grupo tenta passar sua visão sobre dado assunto, tendo as imagens como ponto de partida para constituir narrativas sobre os mais diversos assuntos, principalmente, aqueles direcionados a celebridades, crimes, política e guerras também, como temos visto no ano de 2023.

As mudanças propiciadas pela globalização, pelas mídias impressas e pela publicidade, juntamente com o advento das novas tecnologias para mediar a produção do discurso on-line, abriram novas possibilidades, como a variação e o tamanho dos tipos gráficos, os modernos programas para desenho, sem falar dos potentes computadores que revolucionaram a escrita não só nos meios eletrônicos, mas também na adesão às novas semioses para a produção do sentido. Esse sofisticado aparato tecnológico motivou a construção de arrojados designs gráficos, e de fotocomposições cada vez mais comuns nos *e-books* e nos fotolivros, que, com o elevado número de usuários, tornaram-se cada vez mais acessíveis às grandes massas (Vieira, 2015, p.24). Com o advento dos novos gêneros, a leitura, a produção e a utilização deles no contexto de ensino requer o aprimoramento de quadros de análise, inclusive de design.

Em que pese a relevância das pesquisas voltadas para multimodalidade, tem havido um descompasso entre as teorias que envolvem esses sistemas semióticos e as que estudam como eles operam, pois tais estudos não têm se desenvolvido na velocidade que a área necessita. O motivo é que a maioria dos linguistas comumente só se interessa por textos verbais, entretanto o tipo de sociedade visual que estamos construindo passa por transformações evidentes, o que nos leva a afirmar que hoje vivemos a “Era da Cultura da Imagem” tanto em contextos internos de nossos lares quantos nas ruas, nos parques, nos metrô e nos grandes centros de compras (Soares e Vieira, 2017). Os modelos de análise semiótica elaborada por Kress e van Leeuwen (2006 [1996]) têm sido inclusive utilizados com sucesso em contextos, como em estudos de museus e de galerias de arte, respaldando a importância da teoria para análise de inúmeras formas de representação semióticas existentes (Soares e Vieira, 2017).

A leitura de imagens, conforme ressaltam Kress e van Leeuwen na GDV (2006[1996]), requer que inúmeras categorias analíticas sejam alçadas para que a análise aponte os significados que se constituem e que estão representados no texto visual. De tal forma, quando lemos um texto escrito e precisamos tirar dele impressões, igualmente, se dá com o texto visual. Assim, o letramento se alia ao multiletramento para que possamos dar conta de tantas informações a que temos acesso e em uma velocidade vertiginosa.

3.1 QUADRO ANALÍTICO DA GDV

Carol Jewitt (2001) alerta que apesar da riqueza dos dados multimodais e das possibilidades que eles oferecem para a expansão e compreensão da atividade de produção de sentido humana, é importante ter em mente a necessidade de uma terminologia comum e o rigor da descrição referida por Kress e Van Leeuwen (2006). O Quadro 1, abaixo, dialoga nesse sentido, porque muito além de

apresentar uma gama de possibilidades analíticas, fornece um suporte consistente para produção, interpretação e análise de como diferentes modos podem ser orquestrados para compor significados visuais.

Quadro 1: Conceitos-chave da GDV e categorias analíticas

Participante Representado – PR	Cada elemento que aparece representado na imagem	
Participantes Interativos (PI)	Participantes da interação mediada pela imagem: produtor e observador (leitor)	
Vetor	Linha oblíqua que une os participantes representados, indicando que um age sobre o outro (olhos, mãos e linhas indicativas)	
SIGNIFICADO REPRESENTACIONAL-como diálogo - sintaxe e semântica visual		
PROCESSO NARRATIVO (participantes ligados a vetores – olhar, setas, linhas condutoras, mãos sinalizando e indicando)	Processo de ação	Ator: participante do qual emana o vetor, que pratica a ação. Meta: participante para o qual se direciona o vetor, o que sofre a ação.
	Processo de reação – Ação de olhar	Reator: participante que pratica a ação de olhar Fenômeno: participante (ou processo) para o qual se direciona o olhar do Reator
PROCESSO CONCEITUAL (Não há vetores entre participantes)	Processo analítico (relação Parte-todo)	Portador: o todo, participante que contém os Atributos Possessivos Atributos Possessivos: as partes que constituem o portador Processo classificacional (rel. ordem estática Superordenado)
	Processo classificacional (rel. ordem estática)	Superordenado: categoria mais geral (o tronco) Subordinados: subcategorias (os ramos)
	P. simbólico	Portador: participante ao qual se atribui valores simbólicos Atributos Simbólicos: atribuem valores ao Portador

Circunstâncias	<p>Locativas: servem de cenário onde se localizam os participantes e suas ações</p> <p>Acompanhamento: acompanham os participantes principais</p> <p>Meio: servem de ferramenta ou instrumento para a realização da ação dos participantes principais.</p>
SIGNIFICADO INTERATIVO – com quem se dialoga	
Modalidade das imagens	<p>Codifica o valor de verdade atribuído à imagem, através do uso de certos marcadores de modalidade</p> <p>Naturalista- subjetiva</p> <p>Abstrata - Não naturalista (diagramas, figuras)- objetiva Cores (saturação ou modulação)</p> <p>Tecnológica</p>
Contato	<p>Demanda: quando os participantes representados olham para o observador. Demandam algo. Requer informação.</p> <p>Oferta: quando os participantes representados não olham para o observador (posição lateral, de costas)</p>
Distância social	<p>Próxima: uso do plano fechado; relação de intimidade entre PR e PI- Intimidade – pessoal</p> <p>Média: uso de plano intermediário; PR e PI se conhecem, mas não são íntimos – social</p> <p>Longa: uso de plano aberto; PR são totalmente estranhos em relação aos PI – impessoal</p>
Perspectiva - Atitude	<p>Ângulo Horizontal Frontal: relação de envolvimento entre PR e PI Oblíquo: relação de estranhamento entre PR e PI</p> <p>Ângulo Vertical Alto: PI têm poder sobre a imagem</p> <p>Baixo: A imagem tem poder sobre PI</p> <p>Ao nível do olhar do observador: igualdade de poder</p>

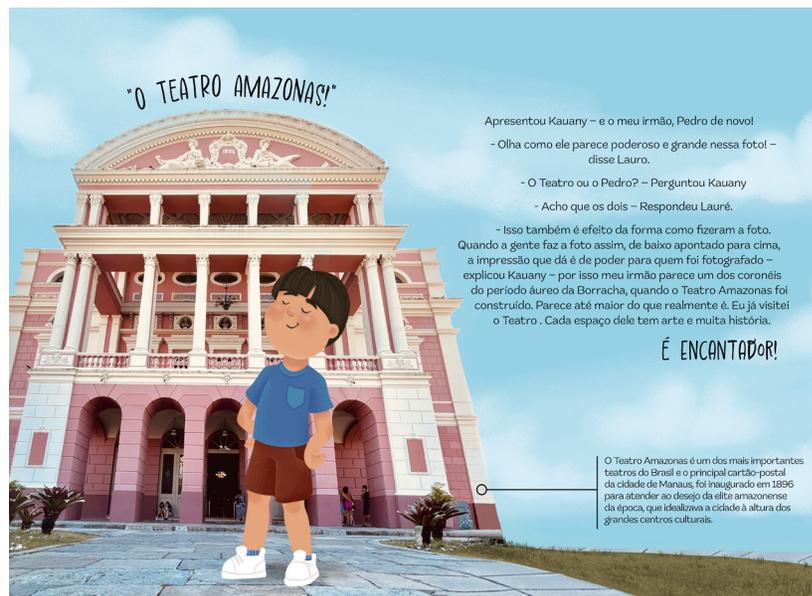
SIGNIFICADO COMPOSICIONAL – a forma como se organiza a informação	
Valor informativo); zona central/ bordas Centro/Margens	<p>Polarizado: Refere-se ao valor específico assumido pelos elementos visuais de acordo com sua localização na página: direita/esquerda/centro Dado/ Novo; zona superior/zona inferior Ideal/Real</p> <p>Centralizado: circular ou tríplica</p>
Saliência	<p>Relaciona-se ao modo como os participantes representados se tão dispostos para criar uma hierarquia de importância entre eles: Mais saliente; Menos saliente; Foco; Cores predominantes.</p>
Estruturação (conexão – desconexão)	<p>Presença de elementos que conectam ou separam os participantes representados; Coesão visual; Forte- máxima conexão; Fraca- mínima conexão.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2024), adaptado de Santos e Mendes, 2020; com base em Kress e van Leeuwen (2006).

As categorias analíticas acima estão relacionadas a cada uma das metafunções representacional, interativa e composicional. Assim, na análise multimodal, o significado se constrói a partir de múltiplos modos de representação semiótica. Os autores propõem tais categorias, que foram aperfeiçoadas, para que possamos chegar ao mais próximo da representação do discurso visual.

A Imagem 1, extraída do *Livro ilustrado sobre multimodalidade*¹², no prelo, foi colocada na sequência para que algumas questões relacionadas aos significados representacional, interativo e composicional, apresentados no quadro acima, pudessem ser apresentadas e ilustradas.

Imagem 1: Representação imagética - interação



Fonte: Livro ilustrado sobre multimodalidade, no prelo. Ilustradora: Helena Julia Silva Pimentel

Antes de realizar a análise, é preciso contextualizar o livro de onde a imagem foi retirada. A produção de um livro ilustrado de multimodalidade tem o intuito de apresentar a teoria e análise multimodal de forma lúdica e ilustrada, principalmente para o público infantil. Para isso, foi criada uma narrativa em que os personagens principais, Kauany, Pedro, Lauro, Lauré (casal de araras) 'posam' em pontos turísticos de Manaus, coletando fotografias. Por meio dessas imagens, ora foto reais, ora desenhos dos personagens, ou ambos, podemos conhecer um pouco mais sobre a cidade de Manaus e região, ter uma compreensão de como as imagens são criadas e as relações que constroem com o observador, inclusive nos contextos sociais culturais distintos. Na visão de Kress e van Leeuwen (2006), todos somos 'fazedores de signos' que conduzem visões de mundo dos seus produtores. A teoria semiótica social está interessada no significado em todas as suas formas. O significado surge no meio e nas interações sociais, o social é a origem e o gerador de significado (Kress, 2010, p.54).

Iniciando a análise pelo significado representacional, na Imagem 1, temos uma abordagem conceitual, pois o participante, Pedro, não utiliza vetores que demonstrem qualquer ação de sua parte, não há olhar sendo trocado ou movimento de braços e mãos. O participante possui alguns atributos possessivos, característicos dos moradores da região norte, como cabelo liso e pele morena. Há uma tendência de representar os habitantes de cada região por meio de traços físicos que os assemelham, isso não se constitui em um estereótipo. Outro participante evidenciado ao fundo é o Teatro Amazonas, que se analisarmos do ponto de vista conceitual, também conduz uma gama de atributos característicos, como sua arquitetura de época, seu design, as cores escolhidas, as imagens que traduzem símbolos pensados para decorar o monumento. Da mesma forma, também é conceitual o valor que o prédio tem para a história do Amazonas e da região como um todo. Se remetermos às circunstâncias de tempo de sua criação, *Belle Époque*, uma gama de elementos, pessoas, poderiam ser evidenciados. O cenário do Teatro remonta o tempo e época que, se por um lado encantaram muitos moradores locais; por outro, deixa um rastro de questionamentos da forma como foram obtidos tantos recursos nos seringais amazônidas.

Quanto ao significado interativo, traz o participante Pedro em primeiro plano, em uma posição levemente oblíqua, olhos fechados e está retratado de baixo para cima. Como sinalizado no texto que acompanha a imagem, neste ângulo, o participante, ganha destaque e sua imagem se expande. Por isso, é um dos ângulos mais requisitados quando se deseja colocar algo ou alguém em evidência. Quanto à categoria modalidade, a imagem, apesar de representar um ser humano, é abstrata, as cores em evidência são os tons de rosa do teatro e o azul claro do céu. Quanto ao contato, o participante humano Pedro está no nível da oferta, pois não olha para o observador, sua posição é levemente oblíqua também. Quanto à distância social, ela está entre média e longa, pois é possível saber que se trata de Pedro, embora, alguns detalhes de seu rosto, não possam ser percebidos, entre outros aspectos. Quanto à perspectiva e atitude,

o ângulo é baixo o que fornece poder ao participante retratado em relação a quem observa. Não é em vão ser essa a posição mais utilizada em material publicitário de políticos em campanha.

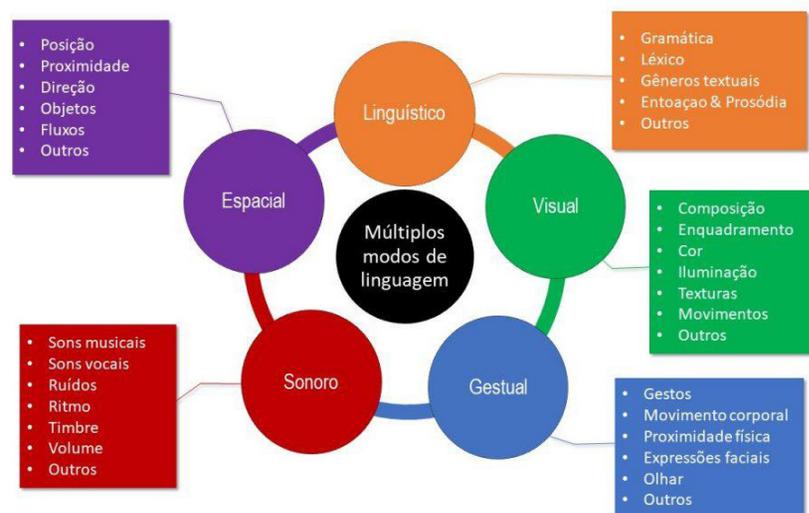
No que sugere o significado composicional, como a imagem se organiza, pode-se conceber o valor informativo: zona central/bordas; centro/margens. Tomando-se apenas a imagem retratada, Pedro está entre o centro e à direita, o que na análise visual, sugere ser o elemento mais importante, aquele que se deseja ressaltar, nesse caso o personagem Pedro. Acima está o Teatro que, mesmo que esteja em segundo plano, é por causa dele que o personagem produziu a fotografia, logo ele é um elemento relevante, fornece representatividade, está no plano ideal e na zona superior, imponente, acima do participante representado. No plano real, estão as pedras que circundam o monumento e os pés do participante. Outra categoria da composição imagética é a saliência, há dois participantes da foto como salientes, em primeiro plano Pedro e sua 'pose' na frente do Teatro, e o próprio Teatro.

Amazonas, um participante rico imageticamente, considerando-se inclusive a arquitetura e as cores em tons de rosa antigo. Quanto à estruturação, percebe-se uma conexão entre os dois participantes, tendo em vista ser um local turístico, é natural as pessoas se posicionarem à frente para capturar fotografias. Como o desenho do participante Pedro foi produzido por uma ilustradora, sua posição foi concebida também para criar um efeito e contribuir para as análises. Assim, ressalta-se que as imagens e suas configurações não são ingênuas ou descompromissadas.

As análises revelam que os diferentes sistemas semióticos conduzem uma ampla gama de possibilidades que os indivíduos lançam mão ao se comunicarem. Muitas vezes esses modos são desprestigiados ou não são nem percebidos como formas de significados, ainda que sem eles a nossa comunicação não surtiria o mesmo resultado nos diferentes contextos interativos.

Com intuito de lançar mais uma luz ao conceito, dialoga-se com Buzzatto (2021) que apresenta uma imagem significativa para ilustrar os diferentes modos de linguagem: linguístico, espacial, visual, sonoro e gestual.¹³

Figura 3: Modos de linguagem



Fonte: Buzzatto, 2021.

Essa imagem é bastante produtiva e até mesmo didática para o entendimento de todos os modos de linguagem desde o linguístico, sonoro, visual, espacial ao gestual, abordados inclusive na análise da imagem anterior. A gama de elementos que perfaz cada modo direciona o olhar para a linguagem em toda sua complexidade, assim como contribui para entender seu funcionamento como prática social. Por sua vez, requer que estejamos aptos a tecer essas relações e construir representações de significado.

13

Fonte: Multiletramentos e informática na escola – Informática na Educação (ceie-br.org). Acesso em: agosto de 2023.

Cabe ressaltar que alçar as teorias do campo imagético amplia a discussão em torno da importância do diálogo dos diferentes modos na “orquestração multimodal” (Kress, 2010). O que os autores e as análises do campo semiótico sugerem vêm ao encontro do que está sendo sinalizado na Base Nacional Comum Curricular do Brasil, na área da linguagem, apresentado na sequência.

4. MULTIMODALIDADE E O MULTILETRAMENTO NO CONTEXTO DA BNCC

De acordo com a Linguística Sistêmico-Funcional, as estruturas da linguagem evoluíram (e continuam a evoluir) como resultado das funções de construção de significado que servem dentro dos sistemas sociais ou culturais em que são usadas. A linguagem é considerada um sistema de construção de significados. As opções disponíveis para os indivíduos atingirem seus objetivos comunicativos são influenciadas pela natureza do contexto social e como os indivíduos estão posicionados em relação a ele (Unsworth, 2006). Nesse sentido, o ensino não pode continuar alheio às transformações, bem como ao trato disponibilizado às questões verbais em detrimento de outros modos semióticos que convergem cada vez mais com o advento do mundo digital e tecnológico. Apesar de não ser nítida a distinção entre um e outro, podemos pensar: o mundo digital é aquele que envolve a comunicação, a informação e o entretenimento por meio de dispositivos eletrônicos e redes de internet¹⁴. O mundo tecnológico abrange todos os artefatos culturais, produtos das necessidades culturais, que facilitam ou modificam a vida humana¹⁵.

14 O mundo digital: tendências e vantagens - Sebrae

15 Revista Educação Pública - As tecnologias e o mundo globalizado: reflexões sobre o cotidiano contemporâneo (cecierj.edu.br).

Assim, o mundo digital é uma parte do mundo tecnológico, mas não o todo. O mundo tecnológico também inclui outras áreas como a medicina, a engenharia, a agricultura, a educação, entre outras.

Retomando outros semioticistas, Len Unsworth (2006) afirma que a formulação de uma metalinguagem para multiletramentos precisa envolver tanto a descrição das características específicas de cada modo semiótico participativo quanto às características semióticas mais abrangentes que permitem que ele seja relacionado às contribuições de construção de significado de outros modos em textos multimodais. Isso envolveria o que denomina de significado intermodal, que se refere a dois ou mais modos que co-ocorrem na constituição discursiva, mas um não anula o outro, porque podem atuar em quatro níveis a saber: *exposição*, *redundância*, *instanciação* e *homoespacialidade*. O primeiro: *exposição* - refere-se à identificação de uma imagem, por meio de uma legenda; o segundo: *redundância* - quando o texto verbal e visual se repetem em informações; a *instanciação*, quando não há concomitância de informações entre verbal e visual, sim, um acréscimo de informações e a *homoespacialidade* que se dá na presença de dois modos semióticos diferentes que co-ocorrem em uma entidade homogênea espacialmente ligada. Cita-se, como exemplo, uma publicidade ou uma poesia visual sobre café em que uma xícara exala fumaça com as palavras sendo levadas, remetendo ao cheiro e sabor, nesse caso, há o modo visual e verbal em homoespacialidade. Os quatro níveis apresentados conduzem o papel da imagem em inúmeros contextos. Em algumas situações, ela pode meramente complementar informações, enquanto em outras assume o papel de informação principal. Há casos em que sua presença é dispensável e até redundante. Por fim, a imagem pode estabelecer um diálogo harmonioso com o conteúdo escrito.

Foi também esse olhar mais atento às questões da linguagem e das multisssemioses que a BNCC, apresentada no ano de 2018, trouxe para o cenário educacional as temáticas do ambiente digital que ainda não possuíam o devido espaço, inclusive nos livros didáticos. Esse documento mais uma vez normatizou o ensino de norte a sul.

A área do conhecimento *Linguagens*, por exemplo, engloba mais de um componente curricular além de língua portuguesa, há artes, educação física e língua inglesa. Adentrando em todos os níveis escolares, o documento desafiou os professores que se viram com mais uma demanda a cumprir para adaptar a realidade das escolas ao que é preconizado em termos de ensino e as implicações tecnológicas. Da mesma forma que nos documentos anteriores, aos poucos, os livros didáticos foram produzidos com tais orientações, muitos cursos de formação ofertados, livros publicados, para que talvez hoje possamos pensar em um caminho mais multissemiótico e multidigital no cenário educacional.

Nesse sentido, elencamos uma passagem do documento em que esclarece uma das competências da educação básica no campo das linguagens:

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo (Brasil, 2018, p.11).

Ainda no mesmo documento com relação às tecnologias digitais e à computação aponta:

A contemporaneidade é fortemente marcada pelo desenvolvimento tecnológico. Tanto a computação quanto as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) estão cada vez mais presentes na vida de todos, não somente nos escritórios ou nas escolas, mas nos nossos bolsos, nas cozinhas, nos automóveis, nas roupas etc. Além disso, grande parte das informações produzidas pela humanidade está armazenada digitalmente [...]

Quanto às competências e habilidades ressalta: apropriar-se das linguagens da cultura digital, dos novos letramentos e dos multiletramentos para explorar e produzir

conteúdos em diversas mídias, ampliando as possibilidades de acesso à ciência, à tecnologia, à cultura e ao trabalho (Brasil, 2018, p. 474-475).

Em outra passagem ressalta o papel do signo visual no contexto também digital:

Considerando que uma semiose é um sistema de signos em sua organização própria, é importante que os jovens, ao explorarem as possibilidades expressivas das diversas linguagens, possam realizar reflexões que envolvam o exercício de análise de elementos discursivos, composicionais e formais de enunciados nas diferentes semioses – visuais (imagens estáticas e em movimento), sonoras (música, ruídos, sonoridades), verbais (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita) e corporais (gestuais, cênicas, dança). Afinal, muito por efeito das novas tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDIC), os textos e discursos atuais organizam-se de maneira híbrida e multissemiótica¹⁶, incorporando diferentes sistemas de signos em sua constituição (Brasil, 2018, p. 475-476).

Todos esses excertos extraídos do documento consubstanciam nossa prática em sala de aula, quando ainda é possível encontrar resistência de colegas e alunos que não se deram conta do advento multimodal e multidigital do mundo contemporâneo e como isso reverbera no contexto educacional, queiramos ou não. O mundo é cada vez mais multimodal em todas as suas dimensões e práticas.

Podemos retomar, ainda, a perspectiva de Kress (2010) sobre multiletramento, onde ele aborda a orquestração multimodal de um texto. Isso se refere à maneira como todos os modos semióticos se combinam e se organizam na interação para representar significados. Talvez essa abordagem possa lançar luz sobre a dificuldade que as pessoas enfrentam ao lerem textos, mesmo os mais simples, também explicar o fenômeno de compartilhamento de textos falsos.

16

Explica que alguns autores usam o conceito de multimodalidade em vez de multissemioses.

Na acepção de Dias e Oliveira (2016), os textos se adaptam às necessidades sociocomunicativas diferenciadas à medida que também refletem as ferramentas utilizadas em sua construção e não somente elas. A identidade cultural também se deixa transparecer em textos de diferentes recortes temporais. Isso ocorre porque as demandas culturais, interpessoais e profissionais vão desenhando as interações sociais e os meios pelos quais os textos impressos ou digitais são realizados. Ademais, na era digital o conceito de design é fundamental para uma prática reflexiva e produtiva. É preciso que os estudantes percebam as várias informações, valores e ideologias que podem ser transmitidas pelas imagens e pelos demais modos presentes nos textos para poder agir criticamente sobre eles (Cani; Coscareli, 2016).

5. FORMAS DE LETRAMENTO E MULTILETRAMENTOS

Esse tópico constitui-se em um espaço para dialogar com o que foi anteriormente apresentado, a fim de tratar das formas de letramento a que a maioria dos indivíduos tem acesso, mas que, por vezes, não se dá de forma satisfatória, pois carece de conhecimento em dada área, falta de instrução e baixo nível educacional. Logo, essas dificuldades impactam a vida das pessoas em todas as atividades e contextos de atuação, além do educacional. Trazê-las aqui, embora brevemente, possibilitará uma continuação em futuros trabalhos.

5.1 LETRAMENTO DIGITAL E 'LETRAMENTOS DIGITAIS'

Letramento digital se refere a um conjunto de saberes e capacidades cognitivas necessários para o uso social do computador.

Quando queremos nos referir aos usos sociais da informática em diferentes contextos, aos valores, métodos, perspectivas, formas de pensar e relações de poder implicados nesses usos, falamos em “letramentos digitais”, no plural, já que, mesmo tendo uma base comum de conhecimentos necessários, as habilidades, pressupostos e efeitos advindos da participação em um desses contextos de uso, não são iguais aos de outros contextos (Buzato, 2021).

Para o autor, pedagogos e linguistas aplicados consideram “letramento digital” como um letramento vinculado à informática, mas também como práticas situadas, logo, podemos falar em “letramentos digitais escolares” para designar usos da informática específicos do contexto escolar.

5.2 LETRAMENTO MULTIMODAL

Além de criar contextos comunicativos para o estudo, as novas tecnologias têm transformado as ferramentas que estão disponíveis para a coleta de dados, tais como fotografia digital, vídeo, desenhos e aparelhos de registro de áudios (Jewitt, 2009). Isso cria, por sua vez, novos tipos de textos de pesquisa que forçam a reconsideração de métodos, tidos como únicos, de categorização, ordenação, mostra e divulgação dos resultados da pesquisa social. Banks (2007) considera que as imagens estão onipresentes na sociedade e, por isso, algum exame da representação visual pode ser incluído em todos os estudos da sociedade (p 17-18). Assim, propõe que as imagens visuais podem revelar descobertas sociológicas que não estão acessíveis por outros meios.

Como apontado no tópico sobre a multimodalidade, Kress e van Leeuwen (2006) ressaltam a importância da multimodalidade para o letramento visual. A proposta teórica e metodológica que apresentam na GDV é de suma relevância para leitura de textos verbais e visuais em todos os níveis de ensino, porque temos vivenciado leituras sem embasamento relativas ao âmbito multimodal,

justamente por haver uma prevalência de questões de ordem linguística e gramatical que recebem mais atenção na leitura de textos. Naturalmente, não se pode deixar de ressaltar que os indivíduos, de forma geral, têm dificuldade de interpretar textos, mas, como demonstrado, essa interpretação não se dará de forma satisfatória se dado modo for privilegiado. Ressaltamos que também os professores precisam estar munidos de ferramentas que lhes permitam oferecer esse apoio ao estudante. Se isso não ocorrer, vamos continuar com tentativas falhas de leituras multimodais.

5.3 LETRAMENTO CIENTÍFICO

Consideramos como letramento científico todas as ferramentas, estratégias, campos de ação que permitem e dão ao indivíduo suporte para discernir questões relacionadas à ciência, à pesquisa, ao domínio de um campo do saber dos mais simples aos mais complexos. Nesse viés, podemos lançar mão desde questões mais simples ao reconhecer que dado produto é seguro para o consumo porque possui o respaldo de um universo de pesquisadores que, após longos e árduos estudos, chegaram a dado medicamento, substância, alimento, equipamento, entre outros. Se aplica inclusive ao campo linguístico e discursivo a fim de considerar se dado texto é ou não falso, se dada informação é ou não verdadeira. No contexto pandêmico, muitas pessoas divulgaram falsos remédios e terapias que não seriam propagadas se as pessoas entendessem o mínimo do campo científico e do que é necessário para que um produto possa ser considerado como medicamento de fato.

5.4 LETRAMENTO MÉDICO

No contexto médico, há dois atores sociais. De um lado está o profissional, cujo ofício é receitar medicamentos, solicitar e avaliar exames, realizar procedimentos simples aos mais complexos;

de outro, o paciente ou cliente, geralmente é aquele em situação de poder até mesmo inferior que demanda do profissional médico alguma ação como, no caso de uma patologia, o uso de ferramentas apropriadas. Dessa forma, é do ofício médico solicitar exames e posteriormente prescrever medicamentos. Há gêneros específicos dessa prática social como receita médica, guia de solicitação de exames, resultados de exames, remédios e bulas, laudos de especialistas, prontuários entre uma gama de outros gêneros. Tanto o paciente quanto o profissional têm quase que um acordo tácito, pois já se sabe de antemão que essas são práticas regulares em casos de consultas e afins da área e dificilmente se questiona o motivo de se realizar uma ultrassonografia em caso de dor, por exemplo.

Entendemos que o gênero consulta engloba uma série de prerrogativas que podem ou não ser lançadas mão. No entanto, em alguns casos o ritual não segue a mesma ordenação, ocorre em caso de abuso médico, de mal atendimento, remédios inadequados, entre outros. Para que se identifique alguns desses casos, um certo grau de letramento é exigido do paciente interlocutor.

Vivemos em um país carente e com pessoas com pouca escolaridade, por terem um letramento baixo na área, podem ser vítimas de diferentes formas no seu acesso ao ambiente médico e hospitalar. Ser o sujeito, ator do processo, demanda do interlocutor uma atitude responsiva ativa que, por sua vez, se relaciona ao seu nível de conhecimento e formação escolar também.

Gostaria ainda de destacar a importância desse letramento para as pessoas maduras. Há práticas associadas à idade do indivíduo, por exemplo, com frases estereotipadas como: "para sua idade é normal essas taxas, vou prescrever uma medicação"; "seus exames estão bons para a idade", quando poderiam estar melhores. Estudos hoje comprovam que a maturidade não é igual para todos. Por isso, já passou do tempo de os indivíduos e os profissionais da saúde atentarem para certos discursos que incutem aos idosos, principalmente. Entendemos que se

os indivíduos tiverem ciência de seu corpo e como ele funciona, das práticas mais saudáveis que poderiam adotar, entenderiam que muitas vezes “um simples remédio” poderia ser substituído por uma alimentação mais equilibrada e outras práticas saudáveis. Isso pode se dar em um diálogo entre médicos e pacientes, mas por meio do acesso de conhecimento buscado e ofertado a esse público também.

Alçamos brevemente alguns tipos de letramentos para ressaltar que a temática está inserida em todas as nossas práticas e que, para exercermos certas atividades ou interagirmos socialmente, seria necessário possuímos um grau mínimo de letramento em algumas dessas áreas. Se não formos do âmbito jurídico, por exemplo, podemos não ter o domínio específico de como aplicar dado princípio, lei ou norma, mas podemos saber com base na experiência quando nossa liberdade está sendo cerceada ou dado direito não está sendo aplicado. Dessa forma, há graus de letramento, algumas pessoas são exímias letradas em dadas áreas; outros, relativamente letrados em outras, alguns até desconhecem de fato certas práticas. Segundo estudiosos, é possível ser mais ou menos letrado, mas não há indivíduo que não seja letrado de fato, pois, embora possam desconhecer como se fabrica um medicamento, as pessoas consomem medicamentos e acreditam em sua eficácia.

CONSIDERAÇÕES DO DIÁLOGO PROPOSTO

À guisa de conclusão, ainda que o apresentado não se esgote neste artigo, resgatamos vivências, experiências, práticas, teorias, possíveis olhares para a linguagem que permeiam diferentes e congruentes caminhos que nos levam a uma direção trilhada por longos anos de estudo e de criticidade frente ao que se ensina e se aprende. Ter um olhar curioso permite estarmos abertos a novas perspectivas

no âmbito do ensino e da linguagem, lembrando que os percursos trilhados precisam avançar continuamente.

O estudo crítico e multissemiótico no âmbito da linguagem amplia o escopo analítico, ao mesmo tempo em que permite rever as teorias nas quais nos apoiamos por longos anos nos bancos escolares. Tratar de multimodalidade e do multiletramento é ter uma visão crítica de como a linguagem vai se arquitetando, amalgamando para se constituir no que temos hoje, representada na gama infinita de possibilidades do universo digital, nas misturas de imagens, no mundo dos *bites*, nos *pixes* e tantos outros recursos que a IA oferece.

Convergimos com a ideia de que o contexto atual multimodal e multissemiótico nos dá margem para tratar das escolhas que as pessoas fazem ao usar a linguagem, mas, acima de tudo, como essas opções são determinadas pelo contexto, pela cultura e não são arbitrárias como nos fizeram acreditar ao longo da tradição estruturalista dos estudos da língua. A Gramática do Design Visual (Kress e van Leeuwen, 2006) vem se tornando um guia de orientação de como as escolhas motivadas pelo falante implicam em significação, que todas as partes do texto em conjunto significam, não só as verbais. Ademais, o papel do design muito me interessa, pois tem a ver com as ideias de Steve Jobs, para quem o design se relaciona não somente com a aparência das coisas, mas com o funcionamento delas. Embora as pessoas não se deem conta, o design está em tudo, desde a casa, vestimenta, arte, decoração, moda, marcas, sites, projetos, alimentação, entre tantos outros. Enfim, somos movidos pelo design, e isso faz com que tudo a nossa volta seja mais funcional e aprazível. Logo, a o design na GDV também remonta ao fato de como nossas escolhas são desenhadas por meio dos modos semióticos que escolhemos consciente ou inconscientemente. Que possamos sempre avançar, pois a linguagem fluirá como um grande e caudaloso rio!!!

REFERÊNCIAS

- BANKS, M. *Dados visuais para a pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#introducao>. Acesso em: julho de 2023.
- BUZATO, M.K. Multiletramentos e informática na escola. In. Santos, E.O.; PIMENTEL; M. SAMPAIO, F. (Orgs.) *Informática na educação: autoria, linguagens, multiletramentos e inclusão*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. Disponível em: Disponível em : Multiletramentos e informática na escola – Informática na Educação (ceie-br.org). Acesso em: jun. 2023.
- BUZATO, M.K. *Multimodalidade e práticas digitais: o papel dos objetos fronteiriços*. Available from:
https://www.researchgate.net/publication/239585756_multimodalidade_e_praticas_digitais_o_papel_dos_objetos_frenteiricos . Acesso: ago. 2023.
- COSCARELLI, C. V.; CANI, J. B. Textos multimodais como objetos de ensino: reflexões em propostas didáticas. In: KERSCH, Dorotea Frank; COSCARELLI, C. V; CANI, J. B. (org.). *Multiletramentos e multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. pp. 15-48.
- JEWITT, C. *The routledge handbook of multimodal analysis*. An Introduction to multimodality. Routledge: London, 2009. pp-14-28.
- KALANTZIS, M.; COPE, B; PINHEIRO, P. *Letramentos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.
- KALANTZIS, M. (Orgs.). *Multiliteracies: literacy learning and the design of social futures*. New York/London: Routledge, 2000.
- KRESS, G. *Multimodality. A social semiotic approach to Contemporary Communication*. New York, Routledge, 2010.
- KRESS, G. *Literacy in the new media age*. London: Routledge, 2003.
- KRESS, G.; van LEEUWEN, T. *Reading images: The grammar of visual design*. London: Routledge. 2006 (1996).

- LEMKE, J. L. *Letramento metamidiático: transformando significados e mídias*. Tradução de: "Metamedia Literacy: Transforming Meanings and Media" disponível em <http://www-personal.umich.edu/~jaylemke/jll-new.htm>. Trab. Ling. Aplic., Campinas, 49(2): 455-479, Jul./Dez. 2010.
- NEW LONDON GROUP. *A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures*. Harvard Educational Review, 66 (1), 1996. pp-60-92.
- NEW LONDON GROUP. *A pedagogy of multiliteracies*. In COPE, B; KALANTZIS, M. (eds.), *Multiliteracies*. London, Routledge. 2000. pp. 19-37.
- OLIVEIRA, T.L.M. de; DIAS, R. Multimodalidade ontem e hoje nas homepages do Yahoo: trilhando uma análise diacrônica de textos multimodais. In: KERSCH, D. F.; COSCARELLI, C. V.; CANI, J. B. (org.). *Multiletramentos e multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à linguagem*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2016. pp. 50-79.
- SANTOS, F. R. da S.; MENDES, W. V. Multimodalidade e leitura crítica de imagens: análise de livros didáticos de línguas estrangeiras. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 10. pp. 29-49, ago. 2020.
- SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 23, n. 81, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?%20=sci_arttext&pid=S0101-73302002008100008%20&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: ago. 2023.
- SOARES, N. M.M. *Discurso verde: Reconfiguração discursivas das marcas*. UnB: Brasília, 2013. Tese de Doutorado.
- SOARES, N. M. M.; VIEIRA, J. A. In: SOARES, N. M. M. *Análise em discurso: semiótica e multimodalidade*. Editora UEA: Manaus, 2017.
- UNSWORTH, L. *Teaching multiliteracies across the curriculum*. Changing contexts of text and image in classroom practice. Buckingham/Philadelphia: Open University Press, 2001.
- VIEIRA, J; SILVESTRE, C. *Introdução à Multimodalidade: Contribuições da Gramática Sistemico-Funcional, Análise de Discurso Crítica, Semiótica Social*. – Brasília, DF: J. Antunes Vieira, 2015.
- VIEIRA, J.A.; ROCHA, H.; MAROUN, C.R.G.B; FERRAZ, J. A. *Reflexões sobre a Língua Portuguesa – uma abordagem multimodal*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.
- VIEIRA, J.A. *Olhares em Análise de Discurso Crítica*. 2009. Disponível: www.cepadic.com

3

Dra. Vanúbia Araújo Laulate Moncayo- UEA

Ma. Vivian Gomes Monteiro Souza- Unicamp

Ma. Elisabeth Britto da Costa - UEA

TEXTOS MULTIMODAIS PARA O DESENVOLVIMENTO DE CONSCIÊNCIA INTERCULTURAL NA COMPOSIÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO LÍNGUA ADICIONAL

INTRODUÇÃO

A migração no Brasil é um movimento humano que exige mobilização social, cultural e política. Neste contexto, entende-se que para conduzir uma educação inclusiva e eficaz é necessário adotar uma abordagem pedagógica que valorize heterogeneidade identitária e linguística, assim como possibilite que saberes diversos sejam trazidos à luz (Monte Mor, 2021; Ribeiro, 2020). Tal iniciativa parte do reconhecimento, também, de novos modos de agir e de aprender no contexto de globalização, estes que englobam “participação; conhecimento distribuído; compartilhamento de conteúdo; experimentação; troca; quebra de regras criativas; e hibridismo” (Buzato, 2021, p. 3).

Para que tais propostas sejam alcançadas em sala de aula, opta-se por reconhecer diferentes formas de produzir significados, irrestritos ao modo verbal, tendo em vista que a comunicação social se desenvolve mediante articulação de modos, consumo de discursos em circulação, relações identitárias e políticas, recursos econômicos, desenvolvimento cultural e tecnológico (Kress, 2010). Esta abordagem teórica, cunhada por Kress e van Leeuwen (2006), denominada como multimodal, fundamentação central deste estudo, possui base social e contempla, através das construções de significados, padrões sociais, intencionalidade de um falante e representações de uso linguístico (Kress; van Leeuwen, 2006; Kress, 2010). Os recursos comunicativos são, portanto, variáveis e acionados conforme objetivo pessoal. Na sala de aula, o engajamento com os textos multimodais é uma estratégia significativa para que estudantes desenvolvessem suas vozes em uma nova língua e mobilizem diferentes recursos comunicativos. Além disso, oferece a possibilidade que diferentes olhares sociais repousem sobre o objeto estudado, o que colabora para desenvolvimento da criticidade e da prática de colaboração entre estudantes (Bizon; Diniz, 2019). Este apoio teórico é uma forma de valorizar habilidades desenvolvidas também na língua materna, motivar o exercício subjetivo e respeitar identidades e culturas.

Assim, o objetivo deste estudo é demonstrar de que forma os textos multimodais na composição de material didático para o ensino de português como língua adicional contribuem para fomentar a consciência intercultural de seus usuários. Para tanto, a discussão será baseada nas experiências profissionais das autoras, especificamente em referência a um curso de extensão de ensino de língua portuguesa para fins específicos, delineado e ministrado para migrantes matriculados na pós-graduação, enquanto intercambistas, em uma universidade pública do Amazonas. O material didático foi produzido mediante as necessidades dos estudantes, o contexto em que estavam inseridos e o período destinado para o curso, quatro meses de duração. No que tange ao conteúdo do material, este possuía sete unidades, com exercícios que mobilizassem as quatro experiências, leitura, escrita, interpretação e oralidade. O curso ocorreu de forma remota e síncrona, com encontros semanais de duas horas.

Este capítulo é organizado por discussões teóricas acerca do ensino e aprendizagem e produção de material de Língua Portuguesa como língua adicional; em seguida, são exploradas questões específicas do uso de textos multimodais em sala de aula e da consciência intercultural a ser motivada; após, são apresentados os materiais e métodos; depois, são discutidas as análises e resultados; e, por fim, são delineados as considerações finais e os possíveis encaminhamentos.

PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO NO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL: DESAFIOS DE UMA NOVA ERA

Antes de explicitarmos nosso entendimento sobre construção de material didático (MD) para o ensino de Português Língua Adicional (PLA), nos convém situar o que precede tal produção. Entendemos que qualquer ação na aula de línguas pressupõe uma abordagem norteadora que refletirá em, pelo menos, quatro etapas do ensino de línguas. Estas fases estão contidas da proposta que Almeida Filho (1993) chamou de *Operação Global do Ensino de Línguas*, a saber: o Planejamento, a *Produção de materiais didáticos*, os Procedimentos para a experimentar a Língua Alvo (L-Alvo) e, a Avaliação do rendimento dos alunos. Assim, antes de pensarmos no desenho das unidades, coleta de imagens e criação de tarefas, temos que colocar em suspenso a abordagem pretendida (se gramatical ou comunicativa), em especial às competências linguísticas a serem trabalhadas através do MD.

Entendemos com Almeida Filho (*Id.* 1993) que uma abordagem de ensino de línguas reflete a filosofia, as crenças, os pressupostos teóricos e práticos que nortearão as ações pedagógicas em sala de aula. Mesmo que velada, não explícita, a abordagem de ensino deixa suas impressões na metodologia do professor, no ambiente escolar, no sistema de ensino e suas exigências, na cultura de aprender dos alunos e na cultura de ensinar do professor, entre outros. Assim, analisando o movimento dos métodos de ensino de línguas nos nossos dias, percebemos duas grandes forças que norteam os fazeres didáticos no ensino de línguas: de um lado vemos o estruturalismo refletido na abordagem gramatical que privilegia o ensino formal, os exercícios repetitivos; a contemplação da forma.

De outro, vemos o comunicativismo contido da abordagem comunicativa que adota funções reais da língua em uso e por isso, as atividades de sala de aula refletem ensaios de uso da L-Alvo. Ora, se o objetivo de um aprendiz de língua é se fazer compreendido e compreender o outro (em uma ou mais habilidades), requer-se para isso MDs que simulem situações de uso real daquela L-Alvo. Faz-se necessário, não somente saber sobre a língua pela língua aplicando as leis gramaticais, mas saber utilizar a língua para o cumprimento de um propósito comunicativo, ou seja, forma e *uso*¹⁷ devem caminhar juntas; neste sentido, concordamos com Larsen-Freeman (1986) que, "ser comunicativo significa ser capaz de usar a linguagem apropriada nos contextos sociais."

Após três décadas dessa constatação, na condição de professoras em exercício, notamos que o livro didático ainda dirige as aulas de línguas; talvez não mais como peça central empoderada em si, mas como guia de ações didáticas, guardador de uma trilha que alcance os objetivos propostos num dado período de ensino. Construir MDs que reúnam necessidades do aluno em um determinado contexto, ainda é uma das condições para que os objetivos didáticos sejam alcançados.

No entanto, com a popularização do uso das plataformas de interação virtuais, - mormente a partir da Era Covid até hoje - conteúdos, imagens, esquemas, resumos e outros parecem estar mais frequentes nas atividades de extensão dos MDs, inserindo o mundo virtual nas atividades propostas pelo material adotado. Assim, a dinâmica interacional em sala de aula parece ganhar novos ares. O que antes norteava e centralizava comandos e atividades didáticas, agora parece ser o disparador, o pontapé inicial de interações multiformes e, muitas vezes, inéditas em contexto didático.

Em termos de autoria, pensamos que nos tempos atuais, a produção autoral local ganhou força e com isso, surgiram compilações, apostilamentos, bem como materiais inéditos desenhados para um contexto com demandas específicas. Embora – por um lado - tem acontecido a desburocratização da publicação de um livro devido o surgimento de editoras online que publicam livros sob medida, por outro lado o desafio de criar materiais específicos tem se tornado muito maior, a nosso ver. Isto porquê criar materiais específicos requer do autor um olhar mais abrangente que reúna análise de necessidades, reflexos na caracterização da abordagem de ensino/aprendizagem pretendida ou requerida por aqueles atores, formas de avaliação compatíveis com aquele processo didático etc. Parece aí haver necessidade de um professor-autor mais experiente, mais consciente, com maior desenvoltura e/ou competência teórica e aplicada para construir materiais ajustados ao contexto pretendido.

Anteriormente, décadas atrás, apesar de termos olhares globalizados¹⁸, por muitas vezes o sistema nos obrigava a seguir parâmetros estabelecidos por autores *estrangeiros* que desconheciam nossos contextos de ensino, ou se conheciam, por vezes desprezavam peculiaridades locais importantes para inserir o aprendiz como autor no processo de ensino/aprendizagem. O sistema educacional também contribuía para a adoção de materiais que unificassem o ensino e a aprendizagem preocupando-se com o cumprimento de sequências conteudísticas a fim de dar conta de requisitos dele mesmo. Daí, surgiram engessamentos no ensino e conseqüente comprometimento na aquisição de novos saberes pelos aprendizes.

Em se tratando de perfis estruturais de materiais didáticos, vemos que a abordagem gramatical de essência estruturalista tem perdido força com frequente adoção de materiais com propostas comunicativas, de abordagem discursiva que promovem não só a

18

O termo 'glocal' e seus derivados é de autoria de Anthony Giddens (1995) e referem-se à necessidade da leitura cuidadosa da relação local-global.

inserção do conhecimento prévio do aprendiz, mas contempla – em alguma medida – seu lugar de fala, sua posição discursiva. Os exercícios mecânicos repetitivos, as *drills*, as perguntas subjetivas na forma mais rasas no resgate de saberes e no alcance da criatividade dos aprendizes estão menos frequentes nos materiais de autoria.

Nossa experiência em âmbitos educacionais variados aponta para o surgimento de materiais comunicativos glocalizados, desenhados para o ensino de línguas que parecem apresentar ausência de rotinas didáticas em suas unidades. Talvez isso tem acontecido pela vontade de manter o nível de surpresa para o aprendiz (cada aula se torna única) e para contribuir na manutenção do nível motivacional no processo educacional.

Nesta última década, muitos materiais para o ensino de PLA (ou PLE¹⁹) tem surgido. Estas propostas didáticas apresentam variações de foco, umas com mais ênfase na estrutura gramatical da língua portuguesa e outras que reúnem tarefas que apresentam aspectos culturais brasileiros além de foco numa linguagem mais coloquial, de uso frequente. A questão que pensamos ser primordial neste sentido é que antes de mais nada, o autor proceda a um levantamento detalhado das necessidades dos aprendizes que utilizarão o suposto MD, na tentativa – embora muitas vezes idealística – de harmonizar forças intervenientes no contexto de uso daquele material e com isso atingir os objetivos propostos.

USO DE TEXTOS MULTIMODAIS EM PLA

O uso de textos multimodais no ensino de português como língua adicional (doravante PLA) é motivado por duas razões.

A primeira condiz a uma necessidade nacional de revisitar o ensino de línguas no Brasil, a fim de priorizar uma perspectiva ampla de linguagem que contemple a multimodalidade e suas especificidades para criação de sentidos, como cores, sons, imagens, tipografias, entre outros (Monte Mor, 2021; Ribeiro, 2020). Tendo em vista o modo em que o estudante globalizado “lê o mundo”, através de diversas mídias e modalidades, em distintas localizações no tempo e no espaço, deve-se avaliar e propor uma forma de ensino que preze por diferentes estímulos e recursos, para além de letras e números (Buzato, 2021, p. 12).

A segunda diz respeito à adoção de uma abordagem de ensino que vise o desenvolvimento de línguas mediante atenuação de diferenças linguísticas e culturais, além de oportunizar que o estudante tenha voz, legitimando sua identidade social (Monte Mor, 2021). Cabe destacar que estas orientações são reforçadas no contexto de comunidades migrantes, como neste estudo, uma vez que perpassam por experiências de desigualdades sociais e são excluídos de diversas políticas de integração, inclusive educacionais (Moreira; Baeninger, 2010).

Para tanto, o trânsito entre uma perspectiva normativa, com ênfase unicamente no componente linguístico, para uma perspectiva semiótica e multimodal resulta no reconhecimento de que significados são criados e estabelecidos por meio de interação social em uma comunidade de uso (Kress, 2020). Este uso é organizado a fim de cumprir três funcionalidades comunicativas simultaneamente, conforme a Gramática do Design Visual (doravante GDV): no domínio representacional, representar eventos sociais, internos e externos; no domínio interacional, estabelecer e manter relações entre participantes e com o contexto; no domínio composicional, organizar o fluxo informacional (Kress, 2020; Kress; van Leeuwen, 2006). Tal noção pressupõe que os recursos multimodais exercem funções significativas para composição de uma mensagem, de modo independente, para além de uma função ilustrativa e complementar atribuída aos textos por perspectivas teóricas anteriores a esta (Kress, 2020; Kress; van Leeuwen, 2006).

A perspectiva multimodal advoga que os significados e as possíveis interpretações decorrentes do uso são específicos daqueles que comunicam, ao passo que são acionados conforme interesse, criatividade e objetivo comunicativo (Kress, 2020). Os recursos semióticos, estáticos ou não, que compõem o sistema de escolhas de um falante ou produtor discursivo, são variáveis e suas normas de uso são passíveis de mudanças em uma trajetória histórica e social (Kress, 2020; Kress; van Leeuwen, 2006), o que possibilita investigações com finalidades distintas, sujeitas a julgamentos. Cabe destacar que cada recurso possui potencial de significação, isto é, a depender da maneira de aplicação e do posicionamento subjetivo dos leitores, diferentes interpretações e relações são estabelecidas, por vezes mais eficazes no modo visual, uma vez que o potencial comunicativo é intercambiável entre modos, como o verbal ou o visual (Kress; van Leeuwen, 2006). A escolha de uma modalidade para comunicação implica em variabilidade de pontos positivos e negativos intrínsecos a cada, o que reafirma a relevância do uso de textos multimodais, tanto para expressão individual, quanto para o ensino (Kress, 2010; Buzato, 2021).

No contexto educacional, especificamente no ensino de PLA, vê-se no uso de textos multimodais um caminho para exploração de temáticas diversas e para acolhimento da heterogeneidade dos estudantes, ao passo que suas interpretações são desvinculadas de categorias dicotômicas, cabíveis de questionamentos múltiplos, podendo vir a ser explorados por uma lógica descentralizada de produção de conhecimento, na qual estudantes colaboram ativamente para construções de significados juntamente com o professor (Bizon; Diniz, 2019). Ademais, desenvolver o ensino por meio de práticas situadas, isto é, experiências já conhecidas dos estudantes, propicia aproximação do assunto estudado e integração ao contexto, para que, assim, o professor possa explorar conteúdos inacessíveis fora do ambiente de ensino (Buzato, 2021). A partilha de saberes a partir da leitura de imagens em sala de aula, por exemplo, estimula que os estudantes

selecionem recursos comunicativos, socializem com os colegas, conheçam pontos de vista alheios ou similares e reflitam sobre os conteúdos abordados (Bizon; Diniz, 2019). Conforme estes autores, pautar o diálogo a partir das vozes estudantis legitima posicionamentos silenciados, favorece a construção de um ambiente intercultural e fortalece o caráter político do ensino do PLA.

Estes processos, em diálogo com a teoria multimodal, contribuem para trazer à luz problemáticas ocultas e para promover diferentes formas de trabalhar com a linguagem (Kress et al, 2005). Ribeiro (2020) ressalta que os textos multimodais podem servir de estímulos para que questões não aleatórias, contribuintes para interpretação textual, sejam levantadas, uma vez que os textos são vinculados aos contextos motivadores de criação, aos circuitos de circulação e aos processos de identificação de um grupo. Cabe destacar que o trabalho com o componente multimodal considera percepções e necessidades sociais do cotidiano dos estudantes, a fim de que o contexto educacional seja integrado às suas realidades individuais para aprofundamento de leituras de mundo e para aperfeiçoamento de uma formação crítica e linguística. Esta abordagem propicia investigações para além do componente verbal, tendo em vista que é uma forma de mobilizar, também, conhecimentos irrestritos aos conteúdos propostos, isto é, embora o foco seja o ensino de língua, é possível promover o conhecimento acerca de diferentes tópicos sem que haja desvalorização do componente linguístico (Ribeiro, 2020).

Kress et al (2005) ressaltam, também, que o professor exerce função agentiva nesta metodologia de ensino. Cabem aos professores eleger assuntos potencialmente relevantes; selecionar os materiais multimodais; mobilizar identidades e contextos diversos e factuais a fim de gerar identificação; mediar discussões dos alunos, considerando a assemblagem de recursos contribuintes para compreensão, como gestos, entonação, olhares, postura em sala de aula; adotar uma postura não-assimilacionista; e favorecer a educação dos entornos (Kress et al, 2005; Bizon; Diniz, 2019). O processo

de ensino e aprendizagem, neste viés, compreende um saber “construído de baixo para cima, na base da experientiação de algo não totalmente conhecido, que leva à prática transformada, da paciência para compatibilizar o familiar e o diferente por meio de um esforço de compreensão mútua” (Buzato, 2021, p. 16).

Esta abordagem adota, assim, um caráter inclusivo, caro ao ensino do PLA, ao passo que a aprendizagem do português para os migrantes, no caso desta pesquisa, integra uma das medidas urgentes de inclusão na comunidade brasileira, a nível acadêmico e social. Faz-se necessário motivar o uso do português sem que a identidade e a língua materna dos estudantes sejam subtraídas, em contramão à unicidade de sentidos e de saberes e à igualdade entre aprendizes migrantes e brasileiros, visto que os obstáculos daqueles que migram são distintos daqueles nativos do País (Pavan; Souza, 2020). Para além do fomento do português, cabe fomentar o viés humano, tendo em vista que o desenvolvimento da comunicação visa não apenas aquisição de um título formal, mas também expressão individual e a possibilidade de estabelecimento de relações dentro e fora da sala de aula.

CONSCIÊNCIA E INTERCULTURALIDADE

No mundo da ciência, a definição de consciência é insuficientemente científica (Searle, 2010). Talvez isso se justifique pelo fato de consciência não possuir um objeto de estudo, e tampouco ser possível sua observação em contexto de investigação, como explica o autor. No senso comum, Searle (2010) define consciência como “estados de *senciência* ou *consciência* que normalmente começamos quando acordamos de um sono sem sonhos e continuamos o dia até adormecermos novamente, morrermos, entrarmos em coma ou de outra forma nos tornarmos “inconsciente”. (p. 21, tradução nossa).

Em estudo lexicográfico, o termo carrega interpretações ora convergentes, ora complementares. O dicionário *Etymology Online Dictionary*, por exemplo, explica que a base etimológica da palavra consciência deriva do latim *conscientia* que significa “conhecimento partilhado de algo, um saber de algo juntamente com outra pessoa”, “conhecimento que emana de dentro de si”, “sentido de certo e errado, um sentido moral”.

Apesar da inexatidão científica da definição de consciência, o século XXI experienciou a disseminação do termo por cientistas, filósofos, teólogos e poetas (Pereira Jr., 2021). Em uma perspectiva filosófica, o sentido de consciência relaciona-se com o “produto experiencial verídico” resultante de experiências externas e experiência internas (Costa, 2010). A primeira tem a ver com realidades observáveis do ambiente de percepção do sujeito enquanto que a última refere-se à vivência a partir de um estado de espírito (raiva, ansiedade...), da leitura de alguma situação e de mundo, e da leitura subjetiva do “eu”.

Não muito distante da perspectiva filosófica reside uma concepção, entre centenas de interpretações, da consciência linguística. Segundo Donmall (1985), consciência linguística tem a ver com o sentir de uma pessoa e o entender a natureza da linguagem para vida social em níveis cognitivo, afetivo e social.

Essas elucubrações permitem não somente afirmar que consciência difere de pensamento, de atenção, como também concordar com Pereira Jr. (2021) na alegação de que consciência é um processo revestido de distintos níveis de abstração: percepção, cognição, visão, emoção, entre outros, para apreensão de uma dada realidade ou vivência, contexto ou fenômeno.

Esses níveis de abstração e outros como empatia, respeito e acolhimento característicos da consciência promovem o encontro desta com os protocolos da interculturalidade. De acordo com Dietz

(2018), interculturalidade compreende um conjunto de inter-relações humanas embebidas em etnia, cultura, língua, denominação religiosa, e/ou nacionalidade sobre as quais a estrutura de uma sociedade é arquitetada. De forma objetiva, o autor retrata a interculturalidade como “um conjunto de inter-relações que é notada através da articulação de diferentes grupos “nós” *versus* “eles” que interagem frequentemente na mudança das constelações maioria–minoría.” (Dietz, 2018, p. 2, tradução nossa).

É na convergência de níveis de abstração (percepção, cognição, emoção, empatia, respeito, acolhimento) a serviço das inter-relações globais que consciência e interculturalidade se unificam - “*consciência intercultural*”, tornando concreta aquela mudança nas constelações, sem apagamento de identidades e culturas.

CONSCIÊNCIA INTERCULTURAL A PARTIR DOS TEXTOS MULTIMODAIS

Língua e cultura são interdependentes a despeito de possuírem distintas dimensões. É a língua que realiza a cultura, fazendo com que a primeira se torne produto da última. De duas concepções básicas de cultura tecida por Santos (2006), destacamos aquela que se relaciona intimamente com o cenário do ensino e aprendizagem de línguas, a saber: cultura compreende sobretudo conhecimento, crenças e ideias, bem como as formas de existência desses elementos na vida social.

Nas sociedades contemporâneas, é axiomática a demanda da compreensão de outras línguas e, conseqüentemente, culturas, em especial no período pós pandêmico e no notório acréscimo de fluxos migratórios. Como advoga Kramtsch (1993), o caráter multilíngue e multicultural tem ganhado visibilidade e preponderância. Em

atendimento à nova realidade, impõe-se a tomada de consciência do universo do “eu” / “nosso” e do “outro” / “outros”, no mais amplo sentido do termo -níveis de conhecimentos linguísticos e socioculturais, crenças, ideias, modos de viver e sentir, habilidades, atitudes, entre outros. Em termos práticos, o desenvolvimento de uma consciência intercultural, mais ainda transcultural, é reivindicada a fim de atender as exigências da contemporaneidade. Dada a proposta da pesquisa, restringimo-nos à consciência intercultural.

De acordo com Zhu (2010), consciência intercultural

[...] pode ser considerada como o fundamento da comunicação. Envolve duas qualidades: uma é a consciente da própria cultura; a outra é a consciência de outra cultura. Em outras palavras, refere-se à capacidade de nos distanciarmos do nosso próprio ponto de vista e de nos tornarmos conscientes não só dos nossos próprios valores, crenças e percepções culturais, mas também as de outras culturas. A consciência Cultural torna-se essencial quando as pessoas se comunicam com pessoas de outras culturas. Como as pessoas veem, interpretam e avaliam as coisas de maneiras diferentes, o que é considerado apropriado em uma cultura provavelmente será inadequado em outra e, portanto, surgem mal-entendidos quando as pessoas se comunicam[...] (p. 116, tradução nossa).

De forma interpretativista, consciência intercultural, em linhas gerais, representa uma via de mão dupla; isto é, na compreensão do “eu-cultural” e do outro-cultural. Baker (2022) endossa esse direcionamente. Em parafraseando o autor, consciência intercultural é um processo desenvolvido em uma escala de três níveis:

- I. Nível I - “Consciência intercultural elementar” - refere-se à “nossa” / “outra” cultura e comunicação entendidas de forma superficial pelo viés do essencialismo. Dentro de um nível nacional, comparações entre a “nossa” / “outra” cultura são realizadas de forma generalista. Nesta fase, já há um pouco de entendimento de comunicação intercultural. Também, a nossa ver, algum grau de consciência intercultural é materializado.

- II. Nível II - "Consciência intercultural avançada" – tem a ver com a "nossa" / "outra" cultura e comunicação concebidas de forma mais complexa e apurada. A essa altura, a diversidade cultural com seus distintos agrupamentos e vozes múltiplas já podem ser percebidas. Igualmente, pode-se experienciar particularidades de conhecimentos da cultura do "outro" ao ponto de entender práticas comunicativas diferentes, bem como a natureza das normas culturais que envolvem essas práticas.
- III. Nível III - "Consciência intercultural/transcultural" - vai além de uma linha intercultural dicotômica "nossa" / "outra". Nesta fase, a consciência de culturas, línguas e comunicação não são consideradas de forma correlata ou atrelada à uma dada comunidade de língua nativa (Baker, 2015a, p. 166 *apud* Baker, 2022, p. 44), mas, sim, pela habilidade do aprendiz de lidar com escalas culturais múltiplas ao mesmo tempo; isto é, podendo transitar nessas escalas do local para o nacional e global. Daí se entende a preferência do uso do termo *transcultural* em estudos mais recentes. Aqui, de acordo com a linha de pensamento das autoras, consciência intercultural cumpre seu propósito na garantia de competência intercultural.

Como se vê, consciência intercultural, até por ser um processo, é gradativamente adquirida. Como tal, deve ser estimulada e incrementada através de estratégias que promovam condições favoráveis ao ensino e aprendizagem de línguas. Os recursos ou modos semióticos inerentes ao tecido multimodal podem constituir uma estratégia para o desenvolvimento da consciência intercultural. Kress (2010) denomina modo um recurso semiótico a serviço da construção de sentidos em comunicação. Alguns exemplos de modo semiótico: imagens, áudio, cores. Em síntese, modos semióticos referem-se às várias formas que esses recursos são sistematicamente combinados na significação de mundo.

A maneira exitosa e estratégica de manipular tais recursos semióticos na linha da GDV em favor da interpretação de textos multimodais para o desenvolvimento de consciência intercultural recai sobre a relação de intimidade do profissional de línguas com essa estrutura teórico-metodológica. Para ilustrar, selecionamos o modo cor, que por si só é multimodal (Kress, 2010), para demonstrar a importância do domínio da GDV para tal desenvolvimento. Ao considerar que, na representação social – metafunção ideacional, o uso de cores significa pessoas, lugares e ambientes específicos (Kress & Van Leeuwen, 2002), a fruição e manipulação desse conhecimento pelo professor de línguas sobre os modos semióticos utilizados nas aulas de línguas estrangeiras/adicionais favorecem a exploração de sentidos variados voltados às questões comunicacionais, em que língua alvo e culturas estão em voga. Concordamos com Yan (2001) ao asseverar que, quando o assunto é o ensino de línguas, o professor é peça fundamental no desenvolvimento da consciência intercultural, visto que possui a incumbência de motivar as interações entre sua própria cultura e a cultura do outro, o que expande, a nosso ver, os caminhos para a consolidação de competência intercultural²⁰.

CAMINHOS DA PESQUISA

A pesquisa possui abordagem qualitativa. De frequente uso na área da Linguística Aplicada, em especial no campo de pesquisa em ensino e aprendizagem de línguas (Lew, Yang, Harklau, 2018), a pesquisa qualitativa, assim como qualquer outro método de pesquisa, dá conta de visões realistas ontológicas e epistemológicas; isto é, sobre o que trata e a compreensão pelo estudioso sobre o

20

Spitzberg e Changnon (2009) concebem competência intercultural "a gestão adequada e eficaz da interação entre as pessoas que, em algum grau ou outro, manifestam orientações comportamentais afetivas, cognitivas, diferentes ou divergentes em relação ao mundo." (p.07, tradução nossa)

que é tratado (Crotty, 2009). De forma singular, os métodos qualitativos inclinam para um viés de investigação acadêmica, seus dados encontram respaldo em textos e imagens (Creswell & Creswell, 2021). Tais dados buscam compreender os eventos e processos ocorridos em um contexto específico de investigação a partir do diálogo entre pressupostos teóricos, dados e análises sobre os quais reflexões, argumentações e interpretações são engendradas.

Nessa linha de raciocínio, as teorias centrais utilizadas neste estudo, multimodalidade, produção de material didático, consciência intercultural e ensino e aprendizagem de línguas adicionais, serviram de base para a evocação de inferências e interpretações de eventos e processos facilitadores na elaboração de um material didático que instigasse o desenvolvimento da consciência intercultural entre os migrantes pós graduandos do Programa de Alianças e Capacitação para a Educação (PAEC), resultante das parcerias entre a Organização dos Estados Americanos (OEA), a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS/OMS) e o Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras (GCUB), em que a UEA é parceira.

DO CONTEXTO DE INVESTIGAÇÃO

O MD proposto abarcou sete unidades contemplativas às necessidades linguístico-discursivas e socioculturais dos pós-graduandos estrangeiros vinculados aos programas de mestrado e doutorado da Universidade do Estado do Amazonas (doravante UEA). A elaboração das unidades foi orientada a partir da discussão do arcabouço teórico relacionado com o ensino e aprendizagem de línguas, produção de material didático e multimodalidade, incluindo as categorias de análise da GDV. Tais discussões ocorriam duas vezes na semana durante o período de vigência do primeiro módulo do Curso, entre os meses de outubro e dezembro. Participavam dessas discus-

sões membros do nosso Grupo de Pesquisa “Núcleo de Educação Bilíngue e Pesquisa em Literatura e Linguística Aplicada da Região Norte” - Neplan, reconhecido pela UEA e credenciado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento científico e Tecnológico (CNPq).

Especificamente sobre a elaboração das unidades, ocorreu durante os dias úteis da semana e sua ministração no sábado subsequente, o que facilitou os ajustes na produção de unidades vindouras. Sobre a regência das aulas, a Professora Me. Vivian Gomes ministrou o Módulo I: Descobertas e aventuras; Profa. Dra. Vanúbia Moncayo, o Módulo II: Avança!, entre os períodos de outubro e dezembro/2021 e março a maio/2022, respectivamente. Os módulos atenderam uma média de vinte alunos, que tinham como objetivo aprender a língua portuguesa para a aprovação na prova de proficiência em língua portuguesa para estrangeiro, requisito obrigatório para defesa de suas dissertações e teses na pós-graduação *stricto sensu* UEA.

Para demonstrar as maneiras como o proposto MD estimula a consciência intercultural, objeto deste estudo, selecionamos a unidade II entre as sete elaboradas. A escolha dessa unidade deu-se em função dos componentes nela incluídos explicitamente abrangerem diferentes gêneros discursivos de onde partem modos semióticos sugestivos às discussões em foco na sociedade global contemporânea; além de colocar as quatro habilidades linguística (fala, compreensão auditiva, leitura e escrita), com especificidades fonética-fonológicas, linguagem coloquial e questões culturais em voga.

DO TRATAMENTO DOS DADOS PARA ANÁLISE E DISCUSSÃO

Os caminhos percorridos pelas professora-pesquisadoras durante a regência das aulas no que se refere à manipulação dos

elementos constituintes do MD foram tecnicamente descritos e argumentados no item “Análise e discussão”, bem como os impactos dessa manipulação sobre os pós-graduandos partícipes dos módulos ofertados no Curso de Português Brasileiro como Língua Adicional, momento em que se atesta níveis de consciência intercultural.

Norteadas pelo arcabouço teórico explorado neste estudo – postulados sobre MD, consciência intercultural e multimodalidade, incluindo as categorias de análise da GDV (Kress e van Leeuwen, 2006) – especificamente a categoria representacional - que nos brinda com direcionamentos sobre análise e interpretação de variados modos semióticos contidos em textos multimodais, tecemos uma rede intersemiótica de sentidos, que partilhados entre culturas distintas: peruana, haitiana, colombiana, venezuelana, hondurenho e nicaraguense, promoveram não só a prática de habilidades linguísticas, como também a valorização identitária e cultural em distintos níveis de consciência.

UM BREVE PANORAMA DO MATERIAL DIDÁTICO “PORTUGUÊS BRASILEIRO COMO LÍNGUA ADICIONAL”

O Material Didático (doravante MD) “Português Brasileiro como língua adicional” apresenta-se como MD desenvolvido na Era pós-Covid voltado para atender as necessidades linguísticas de Português como Língua Adicional (PLA) de acadêmicos estrangeiros, estudantes de várias áreas do saber, em diferentes níveis de qualificação acadêmica, em uma Instituição Pública de Ensino Superior, no norte do Brasil.

Desenvolvido por duas autoras com trajetória acadêmica sólida, o MD tem por objetivo propiciar momentos de interação destes acadêmicos estrangeiros com a língua portuguesa, através de atividades práticas que combinam variadas tarefas comunicativas que tangenciam as habilidades de compreensão e prática oral, leitura e escrita.

A intenção das autoras explícita no prefácio do MD ressalta a necessidade dos falantes de línguas distintas se encontrarem numa língua de interface que promova a aproximação e o reconhecimento desses falantes como próximos semelhantes. Reconhecer que a L-Alvo pode aproximar culturas, necessidades, seres e fazeres contribui para a diminuição do filtro afetivo²¹ permitindo que a aquisição da L-Alvo se torne mais fluida e eficaz.

Do ponto de vista estrutural, o MD possui 49 páginas divididas entre a Apresentação do Material e 07 (sete) unidades com temas variados, a saber: (1) Profissões; (2) A Profissão Cientista; (3) Manchetes em Uso; (4) Feminismo; (5) Linguagem na Prática; (6) Curiosidades do Português; e, (7) Revisão Módulo I.

As unidades propostas possuem estruturas diferenciadas umas das outras, mas assemelham-se no que diz respeito à presença de textos provocadores que abrem cada unidade levantando conhecimento prévio, problematizações, reflexões e explorações de temáticas de interesse acadêmico. A linguagem não-verbal evidenciada pelas imagens apelativas propiciam ao aprendiz-leitor possibilidades de ir para além texto e alcançar sentidos limitados pelo texto escrito. Os espaçamentos permitem leitura fluida e espaços suficientes para anotações complementares. Há espaço previsto para o registro de respostas coletivas e individuais.

21

De acordo com Krashan (1985, p. 3 *apud* Paiva, 2014, p. 32), “filtro afetivo é um bloqueio mental que impede os aprendizes de utilizar plenamente o *input* compreensível que recebem para a aquisição da língua.

Em se tratando dos enunciados das tarefas propostas, não há regularidade na presença desses, o que pode contribuir para a elevação do grau de dedução de cada aprendiz e a improvisação de ajuste por parte do professor para adequar a proposta (da tarefa) a níveis variados de competência linguística daqueles aprendizes. A sequência dos conteúdos é gradativa, cíclica e moderada em termos do grau de dificuldade dos tópicos apresentados. Ao final do MD há uma unidade dedicada à revisão dos conteúdos tratados anteriormente.

O contato com a L-Alvo é frequente e intenso e apresenta-se através de vocabulário e estruturas simples, semi-complexas e complexas que pertencem a registros coloquiais, informais e formais da língua portuguesa. Chama atenção quadros de prática fonético-fonológicos que apresentam sons peculiares da L-alvo. A gramática é apresentada de forma contextual ligada ao tema da unidade, evidenciando – com frequência – questões de uso e não somente de forma.

Além das imagens, o MD apresenta *links* que apontam para *sites* e vídeos disponíveis na *internet* que complementam os textos geradores. Apresenta, ainda, tarefas que combinam variedades diversas das habilidades linguísticas.

MOSTRA DE UMA UNIDADE COM BASE EM TEXTOS MULTIMODAIS NO DESENVOLVIMENTO DE CONSCIÊNCIA INTERCULTURAL

Uma das unidades tinha como objetivo discutir a profissão cientista. Tal temática foi relevante para este contexto, pois todos os estudantes estavam vinculados a um curso de pós-graduação, o que propiciaria uma conexão com os assuntos abordados.

Estes estudantes, enquanto intercambistas, experienciavam a produção de ciência tanto nos seus países de origem, quanto no Brasil. Em razão desta particularidade e o interesse das professoras no desenvolvimento intercultural, buscou-se explorar, tendo em vista ambas as localidades, como os migrantes avaliavam a carreira cientista e seus desdobramentos, isto é, financiamento da pesquisa, tempo de estudo e de dedicação, prospecção de carreira, entre outros.

Para promover o contato com a temática, optou-se, como ponto de partida, apresentar um vídeo de cientistas brasileiras para colaborar com os conhecimentos acerca deste universo no País. O vídeo se constitui por uma conversa entre três colegas acadêmicas, está disponível gratuitamente no *YouTube* e é intitulado “Como é a vida do pesquisador no Brasil?”. O vídeo possui cerca de quinze minutos. A linguagem utilizada é informal e o conteúdo é informativo, pautado tanto nas carreiras individuais, quanto nas informações legais e nacionais sobre a carreira científica no Brasil, contemplando desde a Iniciação científica (IC) até o Pós-Doutorado.

Através da função representacional da GDV, esta que tem como objetivo representar experiência social, participante e ações (Kress; van Leeuwen, 2006), identifica-se que as imagens do vídeo se compõem por construções narrativas, o que significa que os participantes representados realizam ações, sozinhos ou acompanhados, ou estão envolvidos em um acontecimento. As ações são identificadas por meio de vetores que exprimem ação ou reação e direcionam o olhar do participante interativo, o observador, ao acontecimento em curso. Os vetores podem ser ilustrativos, elaborados eletronicamente, ou naturais dos participantes, como postura, gesto corporal, linha do olhar, etc. No vídeo selecionado, os participantes representados são três cientistas; os vetores indicativos de ação são as linhas dos olhares, direcionadas ora para a câmera e, por conseguinte, para o observador, ora moventes entre as participantes; o plano de fundo é composto por uma parede branca e por uma cama em que as participantes se apoiam (Imagem 1).

Imagem 1: Imagens do vídeo "Como é a vida do pesquisador no Brasil?"



Fonte: *Finanças Femininas* (2019). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r1YM6lu3Wow>. Acesso em 01 set. 2023.

Nota-se que o ambiente se assemelha a um quarto, um cômodo acolhedor da casa. A opção por esse ambiente colabora para promover uma conexão mais próxima com os participantes interativos, conjuntamente com a linguagem utilizada. A conexão, mediada por esse texto multimodal, é composta por um ambiente reconhecível, pertencente à vida cotidiana; uma linguagem comum às relações entre colegas e estudantes; um tema que integra um interesse compartilhado por todos. A busca por uma conexão mais próxima em sala de aula visa tornar os estudantes confortáveis para dialogar, pois discussões significativas podem vir a ser desenvolvidas por meio da identificação.

A partir da leitura deste texto multimodal, algumas questões foram suscitadas em sala de aula pela professora, como a interpretação do conteúdo abordado; as vantagens e desvantagens de fazer pesquisa no Brasil; os pontos positivos e negativos entre os modos de fazer pesquisa em seus países de origem e no Brasil; os principais impactos sofridos sendo cientista no Brasil. Para tanto, os estudantes precisaram se posicionar discursivamente, acionando conhecimentos diversos, referências do vídeo e experiências discutidas em sala, e precisaram interpretar os discursos dos colegas, estabelecendo possíveis relações. Tal exercício se ampara em Baker (2022) ao reconhecer os aprendizes como indivíduos capazes de atuar com culturas locais, nacionais e globais, a fim de transitar para além de conceitos genéricos e estáveis, possibilitando o desenvolvimento da competência comunicativa de maneira crítica e dinâmica.

O vídeo utilizado também permitiu que discussões específicas sobre a língua portuguesa fossem abordadas. Tendo em vista que o objetivo do curso em que o vídeo foi utilizado era o ensino formal da língua, era importante que os alunos reconhecessem o uso do modo informal e soubessem quando e como utilizá-lo. Buscou-se, assim, discutir sobre quais elementos linguísticos utilizados no vídeo sugeririam o uso informal do idioma. Para além das informações exploradas pelos estudantes, algumas expressões idiomáticas foram destacadas pela professora, como “estar no limbo”. No contexto em foco, esta expressão foi utilizada para definir um momento incerto da vida acadêmica. Quando expressões como essa foram destaques no vídeo, as imagens se tornavam conceituais, um recurso para enfatizar uma identidade, característica, ou um traço, o que resulta em uma ação contemplativa por parte do participante interativo (Kress; van Leeuwen, 2006).

Imagem 2: Excerto “limbo” do vídeo “Como é a vida do pesquisador no Brasil?”



Fonte: *Finanças Femininas* (2019). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r1YM6lu3Wow>. Acesso em 01 set. 2023.

A Imagem 2 é um excerto do vídeo que exprime um processo analítico de representação. Nota-se que ainda é possível identificar as participantes representadas, conforme configuração idêntica ao excerto anterior, entretanto, a palavra “limbo” é destacada no centro, em cor vermelha, sobreposta a uma das participantes. A palavra é exposta por apenas alguns segundos, ao passo que é pronunciada pelas participantes. Em sala de aula, este excerto propiciou o conhecimento da grafia e da pronúncia, assim como o contexto de uso.

Essa exploração linguística e social é significativa para o desenvolvimento dos estudantes em questão, pois em razão da posição como migrantes vinculados à Pós-Graduação com pouca vivência no Brasil e, por conseguinte, maior contato formal com o idioma, expressões idiomáticas tendem a ser menos conhecidas, embora corriqueiras na comunicação entre brasileiros. Entende-se que o ensino de expressões em sala, exploradas em grupos, pode propiciar envolvimento intercultural, tendo em vista que o potencial da consciência intercultural é alcançado mediante interação social (Pereira Jr., 2021). Ademais, ao interpretar expressões, é possível que os estudantes busquem conexões em suas línguas maternas, tanto referências linguísticas, quanto referências culturais. Para tanto, buscou-se aprofundar o debate sobre o uso de “estar no limbo” a partir de mais uma imagem (Imagem 3).

Imagem 3: Representação da expressão “estar no limbo”



Fonte: Arquivo pessoal (2021)

A Imagem 3, conforme a função representacional (Kress; van Leeuwen, 2006), é uma representação narrativa. Identifica-se uma figura humana no centro de uma avenida, em uma direção oposto àquela sinalizada no chão. Há, portanto, dois vetores, as setas desenhadas no chão

e o movimento da figura humana para uma saída lateral, como se atravessasse um caminho. As cores sombrias e o ambiente pouco iluminado sugerem uma situação incômoda, um possível conflito interno. A associação desta imagem com o “limbo” é subjetiva, principalmente, em razão do contexto em discussão, a vida acadêmica. Por vezes, “estar no limbo” em outro contexto pode ser associada com uma imagem mais colorida e sentimento mais saudável, por exemplo.

O uso da imagem para discussão acerca da expressão colabora, portanto, para que diferentes reflexões sobre o uso linguístico e possíveis realidades evocadas por meio da leitura. Também, possibilita explorar as práticas comunicativas e normas culturais que subjazem as relações sógnicas e sociais passíveis de estabelecimento entre estudantes (Baker, 2022). Dessa forma, percepções e sentimentos foram trazidos à tona, expressos por meio da linguagem verbal e visual, em conhecimento que a consciência intercultural está relacionada, para além da cognição, ao sentimento, à emoção e ao querer (Pereira Jr., 2021).

CONSIDERAÇÕES

As vicissitudes são imensuráveis no período Pós-covid. Quebras de paradigmas nas esferas sociais da vida impuseram a designação de novos caminhos. No cenário do ensino de línguas/ línguas adicionais, o formato presencial das aulas sempre privilegiado deu lugar ao formato virtual, outrora jamais intencionado. Competências no campo das tecnologias educacionais e habilidades no uso de uma comunicação multimodal constituíram exigências *sine qua non* para manutenção e constância do fluxo de saberes e conhecimentos diversos. Hodiernamente, materiais didáticos surgem na tentativa de ecoar essas questões, retratar e atender as exigências didático-pedagógicas contemporâneas.

Sobre tais questões, o presente estudo, de proposição de três linguistas aplicadas, foi realizado e atingiu o objetivo a que se propôs: demonstrar de que forma os textos multimodais na composição de material didático para o ensino de português como língua adicional contribuem para fomentar a consciência intercultural de seus usuários. Amparadas nos postulados teóricos referentes à produção de material didático, multimodalidade, consciência intercultural, bem como nos dados de pesquisa gerados a partir da regência das aulas em um período de seis meses, atestou-se que a estratégia multimodal mostrou-se eficaz na fomentação da consciência intercultural por duas razões fundamentais: 1) a combinação sistêmica de modos semióticos produz sentidos e constroem representações sociais em que as inter-relações em níveis intercultural e transcultural cumprem seu propósito; 2) a competência teórico-metodológica no tocante à manipulação de modos semióticos em uma linha GDV (Kress & Van Leeuwen, 2006), em consonância com aqueles níveis de abstração da consciência intercultural (cognição, percepção, visão, emoção ...) (Pereira Jr., 2021) por parte do profissional contribui para o despertar da maturidade linguístico-discursiva e sociocultural do aprendiz, em níveis local, nacional e global.

Em revisitando Baker (2022), à medida em que essa tríade – local, nacional e global é atingida nos atos comunicacionais subentende-se a existência de consciência intercultural em nível III. Índícios desse nível foram evidenciados na unidade-mostra deste estudo, no item “Análise e Discussão”. Voltando à constatação em questão: a partir da manipulação dos recursos semióticos (disposição de imagens, cores ...) pelo docente, questões sobre a pesquisa no Brasil e nos países de origem dos migrantes pós-graduandos dos programas de mestrado e doutorado da UEA foram formuladas, motivando, desta forma, um debate dinâmico e crítico naquela tríade. Neste sentido, a nossa hipótese de que a forma como os recursos semióticos são manipulados na construção de representações sociais contribuem para fomentar consciência intercultural encontrou respaldo.

Essa hipótese foi corroborada no módulo II: Avança! do Curso de Português como língua adicional, ministrado entre os meses de março e maio de 2022. As provas de proficiência de português

brasileiro como língua adicional, requisito obrigatório para defesa de dissertações e teses de migrantes nos programas de pós-graduação stricto sensu, aplicadas pelo Núcleo de Educação Bilíngue da UEA (NEB-UEA), obteve aprovados nos exames em níveis intermediário e avançado, o que certifica não somente domínio linguístico, como também algum grau de consciência intercultural.

Considerando que a elaboração de um material didático com enfoque em estratégia multimodal, em especial na estrutura teórico-metodológico da GDV, para o desenvolvimento de competência intercultural, é um diferencial no ensino de línguas estrangeiras/adicionais por conta de competências e habilidades sobrepostas aos professores de línguas, apontamos a necessidade da exploração da temática – estratégia multimodal e princípios nela envolvidos (recursos semióticos, categorias de análise da GDV) em forma de conferências, *workshops*, minicursos, cursos para qualificação de professores, assim como produções de materiais didáticos que venham dialogar com esta pesquisa ou evocar desdobramentos outros inexplorados neste estudo.

Em se tratando de futuros estudos, explorar as metafunções interacional e composicional da GDV configura um possível desdobramento. Concernente à pesquisa “Textos multimodais para o desenvolvimento de consciência intercultural na composição de material didático para o ensino de língua portuguesa brasileira como língua adicional”, o enfoque foi na metafunção representacional.

Em síntese, é inegável que a elaboração de materiais didáticos para o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras/adicionais busquem adequar-se às demandas de uma sociedade cada vez mais imbricada em multilinguagem e translanguagem²² decorrente da acentuação de fluxos migratórios nos últimos anos e das transformações de toda sorte impostas pela pandemia da Covid 19. No contexto do ensino de línguas, a reivindicação pela elaboração de materiais didáticos com enfoque intercultural e transcultural começa a ganhar notoriedade.

22

“Trata-se de um processo de linguagem no qual duas ou mais pessoas são capazes de usar uma ou mais línguas em uma situação comunicativa, por meio de uma mistura de idiomas, sem desconsiderar nenhuma língua presente no grupo.” (KLAUSE-LEMKE, 2020, p.2075)

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA FILHO, J. C. P. *Dimensões comunicativas no ensino de línguas*. Campinas: Pontes, 1993.
- BAKER, W. *Intercultural and Transcultural Awareness in Language Teaching*. Cambridge University Press, 2022.
- BIZON, A. C.; DINIZ, L. *Uma proposta pós-colonial para a produção de materiais didáticos de português como língua adicional*. *Línguas e instrumentos linguísticos*, n. 43, 2019.
- BUZATO, M. K. Multiletramentos e informática na escola. In: SANTOS, E. O.; PIMENTEL, M.; SAMPAIO, F. F. (Org.). *Informática na Educação: autoria, linguagens, multiletramentos e inclusão*. Porto Alegre: Sociedade Brasileira de Computação, 2021. Disponível em: <https://ieducacao.ceie-br.org/multiletramentos>. Acesso em 20 ago. 2023.
- COSTA, C. F. Definindo consciência. *Princípios: Revista de Filosofia (UFRN)*, [S. l.], v. 13, n. 19-20, p. 81-101, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/51>. Acessado em: 18 de setembro, 2023.
- CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativo e misto*. Tradução: Maria Mamann da Rosa; revisão técnica: Dirceu da Silva. 5º ed. Porto Alegre: Penso, 2021
- CROTTY, M. *The foundations of social research: Meaning and perspective in the research process*. Thousand Oaks, CA: SAGE, 2009.
- DIETZ, G. *Interculturality*. The Encyclopedia of Anthropology, 2018.
- DONMALL, G. *Language awareness*, London: CILT, 1985.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. Oeiras, Celta Editora, 1995.
- KLAUSE-LEMKE, C. *Translinguagem: uma abordagem de estudos em contexto estrangeiro e brasileiro*. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, n(59.3): 2071-2101, set./dez. 2020
- KRAMSCH, C. *Context and culture in language teaching*. Oxford, UK: Oxford University Press, 1993.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Colour as a semiotic mode: notes for a grammar of colour*. *Visual Communication*, v.1, n.3, p. 343-369, 2002.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading Images*. The Grammar of Visual Design. London: Routledge, 2006.
- KRESS, G. *Multimodality: A social semiotic approach to contemporary communication*. New York: Routledge, 2010.

KRESS, G. Transposing meaning: translation in a multimodal semiotic landscape. In: BORJA et al (orgs.). *Translation and multimodality: Beyond Words*. New York: Routledge, 2020.

LARSEN-FREEMAN, D. *Techniques and principles in language teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

LEW, S; YANG, A. H.; HARKLAU, L. *Qualitative Method*. In: The palgrave Handbook of Applied Linguistics Research Methodology. Palgrave Macmillan, 2018.

MONTE MOR, W. *Os estudos de Kress em foco: gramática visual, construção de sentidos e design*. Cadernos de Linguagem e Sociedade, v. 22, n. 1, 2021.

MOREIRA, J.; BAENINGER, R. A integração local dos refugiados. *Forced Migration Review*, v. 35, 2010.

PAIVA, V. L. M. de O. e. *Aquisição de segunda língua*. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. 200 p.

PAVAN, L.; SOUZA, L. In: BIZON, A. C.; ROCHA, C. (Org.). *Formação inicial e continuada de professores de português Língua Estrangeira/Segunda Língua no Brasil*. Araraquara, SP: Letraria, 2020.

PEREIRA JR. A. Introdução à Teoria da Consciência. *Revista Eletrônica de Educação, Filosofia e Nutrição*, v. 13, Nr. 19, 2021. ISSN 1983-3253. Disponível em <https://www.ibb.unesp.br/#!/ensino/departamentos/educacao/revista-simbio-logias/volum2-13---numero-19---2021>

RIBEIRO, A. E. *Textos multimodais na sala de aula: exercícios*. Revista Triângulo, v. 13, n. 3, 2020.

SANTOS, J. L. *O que é cultura?* Coleção Primeiros Passos. São Pulo: Brasiliense, 2006.

SEARLE, J. R. *Consciousness and Language*. Cambridge University Press, 2012.

SPITZBERG, B.; CHANGNON, G. Conceptualizing Intercultural Competence. In DEARDORFF, D. *The sage Handbook of Intercultural Competence*, Los Angeles, London, Nova Delhi, Singapore, Washington DC, Sage Publications, 2009. pp.2-52.

WIDDOWSON, H. G. *Teaching language as communication*. Oxford: Oxford University Press, 1978.

YAN, Y. *The Role of Teacher in Intercultural Language Teaching*. Journal of Higher Education Research. Volume 2. Issue 6, 2021.

ZHU, H. *From Intercultural Awareness to Intercultural Empathy*. Vol. 04, Nº 1, Março. Canadian Center of Science Education. Disponível em ccsnet.org/elt. Acesso em: 01/10/2023.

4

Dr. Adelson Florêncio de Barros - UFAM

TEXTO, DISCURSO E MULTIMODALIDADE EM ANÚNCIO PUBLICITÁRIO:

**A REPRESENTAÇÃO
E COMERCIALIZAÇÃO DO NEGRO
NO MERCADO DE ESCRAVOS BRASILEIRO**

INTRODUÇÃO

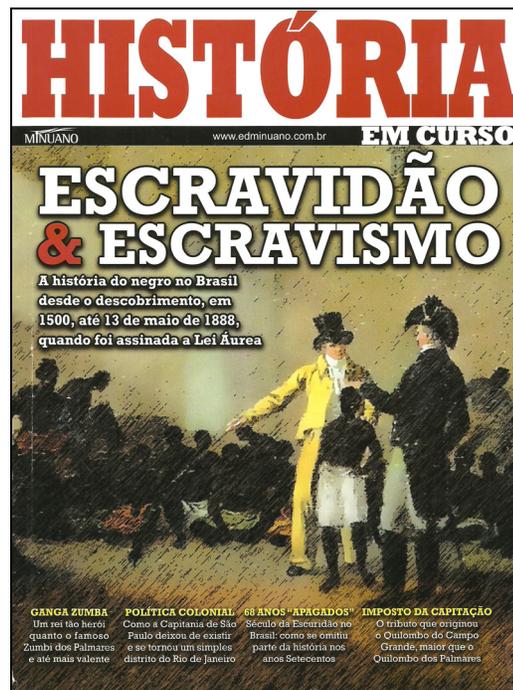
Este texto está situado na Análise do Discurso Crítica (ACD) e tem por tema as estratégias argumentativas utilizadas pelo produtor de textos multimodais para a representação do negro.

Objetiva-se: 1 resgatar as estratégias argumentativas na composição textual-discursiva e 2. Verificar a inter-relação entre imagens e o verbal. O texto multimodal apresenta dificuldades para a sua compreensão, por ter sido o letramento por muito tempo direcionado para o texto verbal, razão essa da necessidade em investigar a produção desses textos.

Kress e van Leeuwen (1996), preocupados com a multimodalidade, ao tratarem da mudança social ocorrida, durante a globalização, definem o texto multimodal como um produto do discurso, visto como uma ação, que combina o verbal com imagens e cores em uma semiose. Com a mudança social, os textos multimodais são colocados em uso por modos semióticos que se inter-relacionam de várias formas; assim, as representações verbais e visuais podem se equivaler, completar-se ou mesmo se contradizer. Frente ao exposto, justifica-se a pesquisa realizada. Além disso, as relações gramaticais funcionam ideologicamente, pois as representações contidas nelas são significativas e contribuem para a reprodução de relações de dominação, que a ADC objetiva denunciar.

O material analisado é constituído de capas de revista de história do Brasil, tematizadas pela escravatura no Brasil. O método é qualitativo com um procedimento teórico-analítico. Para exemplificação, apresenta-se a imagem de capa da revista impressa "História em Curso" ano II, número 9, também disponibilizada no site www.edminuano.com.br. Trata-se de divulgação científica: discursos científico, jornalístico e propagandístico. Os resultados apresentados participam de pesquisa mais ampla sobre as representações discursivas, ideológicas e culturais da escravidão.

Figura 1: Capa de Revista - História em curso



Fonte: www.edminuano.com.br. acessado em 12 de agosto de 2023.

1. CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA

A ADC analisa textos concretos, curtos e longos de interação social e caracteriza-se por uma visão crítica, própria e específica, para focalizar a relação existente entre a linguagem e a sociedade, além da relação existente entre a própria análise e as práticas sociais e discursivas analisadas. Dessa forma, a ADC focaliza, de modo multi

e transdisciplinar, as relações entre sociedade e discurso, tendo como ponto de partida a dialética entre o social e o uso individual e intencional da linguagem.

A visão crítica está centrada em problemas sociais e busca analisá-los tanto em relação aos elementos das práticas sociais quanto aos das práticas discursivas, responsáveis pela produção interacional de textos.

1.1 A VERTENTE SEMIÓTICA SOCIAL

A semiótica social, representada por Kress e van Leeuwen (1996, 2001), preocupa-se com a análise de textos multimodais, compostos com imagens e o verbal. Logo, escolha e localização de imagens e enunciados verbais obedecem a uma gramática, orientada pelas práticas discursivas responsáveis pela produção dos textos, gerando metáforas visuais.

Essa gramática tem sua origem no resultado de uma solicitação contínua por métodos de análise para se entender a linguagem visual como um modo semiótico para operacionalizar a descrição das possibilidades concretas e sistemáticas de todos os significados veiculados na peça discursiva, a fim de revelar as estratégias que constituem o texto. Todas são interdependentes e todas têm uma motivação social e ideológica.

A gramática visual, proposta por Kress e van Leeuwen (1996), é a descrição de como se organiza a sintaxe visual a partir da seleção, produção, organização e adaptação de uma série de recursos semióticos motivados socialmente.

Segundo Fairclough (2001, 2008), a prática discursiva se realiza como forma linguística, ou seja, como texto. Assim, a análise de um discurso como prática discursiva dá atenção aos processos de produção, de distribuição e de consumo do texto.

A multimodalidade decorre das mudanças que têm ocorrido no cenário interacional da comunicação onde se verifica uma mudança profunda no sistema de mídia e nos modos de representação e de comunicação, bem como no seu sistema de valorização.

Kress e Van Leeuwen (1996) afirmam que a modalidade visual baseia-se em padrões de realidade, determinados cultural e historicamente, e não na correspondência objetiva entre a imagem visual e a realidade, definida independentemente, pois uma determinada imagem contém muitas informações representacionais e significações interativas.

1.2 COGNIÇÃO, SOCIEDADE E DISCURSO SEGUNDO A VERTENTE SOCIOCOGNITIVA

Há uma inter-relação entre três categorias, para uma análise crítica do discurso: Sociedade, Cognição e Discurso, para van Dijk (1997), pois uma se define pela outra. Nesse sentido, todas as formas de cognição social e individual são construídas no e pelo discurso, em uma dialética, na medida em que o social guia o individual e este o modifica. A sociedade é constituída por grupos sociais que diferenciam-se entre si pelas suas cognições sociais.

Segundo Silveira (2009), a ideologia e a cultura são conjuntos de valores contidos nas crenças sociais. A diferença entre elas é que a cultura compreende um conjunto de crenças cujos valores são construídos socialmente pelo vivenciado e experienciado pelas pessoas; e ideologia é um conjunto de valores imposto pelo poder aos grupos sociais com o objetivo de marginalizar pessoas e grupos sociais para haver a manutenção do poder.

2. A ARGUMENTAÇÃO E A COMPOSIÇÃO ESPACIAL “EM CIMA E EM BAIXO”

No texto exemplificado, a composição espacial segue a distribuição das imagens e cores com o verbal. O texto multimodal selecionado é construído com o quadro, o comércio de negros no Brasil, que está disposto no centro da página; acima e abaixo da fotografia, nesse quadro está o texto verbal. Segundo Kress e van Leeuwen (1996), o que está em cima representa o “ideal”; em baixo, o concreto, o real. A página é construída com uma estratégia argumentativa de apresentar o sentido mais global que agrupa todos os textos publicados: “Escravidão e Escravismo”.

No alto, o produtor apresenta como manchete a diferença entre as lexias “Escravidão” X “Escravidão”, seguidas de linha fina com informações históricas da escravatura. Em baixo, segundo Kress e van Leeuwen, está situado o concreto, ou seja, fatos ocorridos e vivenciados socialmente:

- **Segmento 1.** “Gangazumba, um rei tão herói quanto Zumbi dos Palmares e até mais valente”. Gangazumba está representado por valor positivo atribuído pela explicitação de adjetivos “famoso e valente” do substantivo adjetivado “um rei herói”.
- **Segmento 2:** política colonial – “como a capitania de São Paulo deixou de existir e se tornou um simples distrito do Rio de Janeiro”. Este segmento explicita uma relação predicativa relativa à perda da existência da capitania de São Paulo que passa a se integrar ao distrito do Rio de Janeiro. Os substantivos selecionados, neste segmento, designam São Paulo em contextos históricos diferentes. Contexto 1 – tempo anterior: a capitania de São Paulo. Contexto 2 – tempo posterior: distrito do Rio de Janeiro composto com a inserção com a antiga capitania de São Paulo. A narrativa cronológica está ancorada

nas expressões “política colonial”. Argumentativamente, São Paulo é representado como “paciente” da ação política governamental não tendo possibilidades de reagir.

- **Segmento 3:** “68 anos apagados”; este segmento é construído por um substantivo, um adjetivo e um numeral. Estrategicamente, o produtor utiliza aspas na expressão “apagados”, para orientar o leitor a reconstruir as ações do poder político brasileiro que com o seu discurso retira da história do Brasil as ações dos senhores de escravos, dos traficantes e dos feitores. O texto síntese inicial “68 anos ‘apagados’” está expandido por uma estratégia argumentativa que orienta o leitor pela seleção de “como se omitiu parte da história...” a construir sentidos atribuindo ao poder político brasileiro a ação de omitir informações a respeito de seus objetivos, interesses e procedimentos.
- **Segmento 4** – Imposto da capitação: neste seguimento o texto reduzido “imposto da capitação” é relativo ao quinto do ouro, ou seja, o tributo de 20% de sua quantidade total paga à coroa portuguesa. O sistema de imposto por capitação substituiria os quintos permitindo a saída do ouro *in natura* para fora de Minas. Pela capitação pagariam semestralmente quatro oitavas e três quartos de ouro por cada escravo possuído. Os negros forros para não serem acusados de vadiagem trabalhavam com as próprias mãos e tinham de pagar o mesmo imposto de capitação, assim como os brancos pobres.

Abaixo do texto reduzido está o texto expandido “O tributo que originou o Quilombo do Campo Grande, maior que o Quilombo dos Palmares.

Todos os seguimentos que se encontram abaixo da página representam o concreto, ou seja, o acontecido, experienciado e vivido pelos brasileiros mineradores. O produtor do texto usa a estratégia

de redução e expansão de informações para construir para o seu público-alvo os sentidos mais globais que se pretende que o leitor construa. Trata-se, portanto, de uma estratégia persuasiva para levar o outro a aceitar a opinião do editor da revista. Tal revista é de divulgação científica que se caracteriza pela inter-relação do discurso da história, discurso jornalístico e discurso propagandístico. Cada um desses discursos é caracterizado por um macroato argumentativo:

- o discurso da História, científico, tem por macroato de fala <<fazer –saber>> as descobertas da pesquisa científica;
- o discurso jornalístico, tem por macroato de fala <<construir a opinião para o público>> a respeito da escravidão e escravismo no Brasil;
- o discurso propagandístico tem por macroato de fala <<fazer o interlocutor ser consumidor>> da opinião e comprar a revista.

A argumentação, no texto multimodal exemplificado, é orientada por esses três macroatos de fala inter-relacionados, de forma a obter o consumo da revista em circulação nacional ao mesmo tempo que se consome a opinião do editor e a descoberta realizada por historiógrafos.

No alto da imagem, há o título “Escravidão e Escravismo” que são, em síntese, os segmentos verbais que se encontram abaixo e acima na linha vertical tem uma unidade semântica que acaba ao final da imagem. Estrategicamente, ao se trazer para a página de rosto os segmentos analisados acima o produtor dessa multimodalidade argumenta para seduzir o outro a ler o conteúdo da revista, pois cada dos seguimentos apresenta um resumo dos capítulos que compõe o volume dessa revista.

Em outros termos, os segmentos que se encontram são organizados pelos moldes do texto jornalístico: manchete e linha fina. Para que haja a construção da opinião ele já encaminha o leitor pela

manchete e pela linha fina, de forma a construir argumentativamente a opinião para o leitor. Assim, a linha fina é um texto construído pelas pessoas do corpo da revista e, ao construí-lo, é transmitido algum valor opinativo. A opinião é uma forma de conhecimento que tem valor positivo ou negativo ao construir o texto para o leitor. A linha fina progride o texto da manchete de forma a persuadi-lo a ler no texto expandido aquilo que o editor quer.

3. A ARGUMENTAÇÃO E A DISPOSIÇÃO ESPACIAL “NO CENTRO”

No centro está situada em toda a dimensão da página o quadro de Debret. Este é expresso pela pintura através de imagens e cores. Distribuídas na linha horizontal de forma a expressar o “dado” e o “novo”. Segundo Kress e van Leeuwen (1996) à direita situa-se a informação nova e esta é construída argumentativamente por uma saliência em relação ao fundo. Localizado à esquerda, o “dado”, negros escravos brasileiros que se expande como fundo para a saliência projetada.

O visual expressa os negros sendo comercializados em mercado de escravos brasileiro. No fundo: os negros são representados sem fisionomia delineada estrategicamente utilizando-se de borrões. Nota-se que não se tem nenhum traço ou características físicas que os definam como seres humanos.

Há um negro em pé, ao contrário dos demais, esse negro é uma criança e possivelmente não poderia ser comercializado por ser resguardado pela Lei do Ventre Livre. Lei esta trazida pelos ingleses e imposta no Brasil. A criança é representada em pé, com as mãos na cintura olhando para o observador de forma a estabelecer com ele uma transitividade argumentativa. As figuras que cercam a criança são representadas como lordes da política inglesa que influenciaram

o Brasil. Os lordes, ao contrário dos negros, que assume a postura subserviente, apontam com autoridade. O olhar dos ingleses está fixo um no outro estabelecendo uma transitividade entre eles e não com o leitor. A fisionomia do inglês é uma fisionomia séria. A transitividade com o leitor é estabelecida pela criança negra.

As imagens salientes, à direita, são construídas de forma a representar como as ações são construídas por uma estratégia argumentativa da seleção de um momento histórico relativo à promulgação à Lei do Ventre Livre. Na saliência, as figuras são representadas como pessoas livres e com fisionomia bem delineada por movimentos. Ao contrário dos senhores bem trajados e representantes de uma classe detentora de um poder econômico e social e representado pelos traços físicos e postura ao se posicionar. Há uma criança negra em pé, com liberdade adquirida pelo Vente Livre. Essa figura da criança negra compõe mais um elemento do novo.

Os lordes, ao contrário dos negros, que assumem a postura subserviente, apontam com autoridade. O olhar deles está fixo estabelecendo entre eles uma relação de transitividade, uma ação que se passa entre eles, ou bitransitividade. Eles se comunicam também com o olhar.

CONSIDERAÇÕES

A representação do negro no comércio de escravos é uma relação de exploração, subserviência ficando evidente, por meio da composição do texto verbal com o visual, o seu papel social naquele período. Essas representações são ideológicas, na medida que discriminam socialmente a figura do negro escravizado e o torna coisificado: a. pela classe que manipula e legitima o poder econômico, político e ideológico; b. pelos papéis desempenhados pelos negros escravos ocupando um lugar de humilhação, servidão e obediência.

Os elementos selecionados pelo produtor participam de sistemas sociais de cognição (simbólico, interacional e enciclopédico), armazenados na memória de longo prazo dos sujeitos, após terem sido processados por elas. Todavia, é necessário considerar que a ativação do armazenado nem sempre é consciente, pois a ideologia do Poder, que tem acesso ao público, pelos discursos, passa a dominar a mente dos indivíduos, levando-as a sustentar essa ideologia por sua reprodução textual, no e pelo discurso, através de argumentos de persuasão. As estratégias resgatadas são de seleção, cancelamento, realce, construções e explicitações opinativas e de complementaridade de sentidos entre o imagético e o verbal.

Em síntese, na interação comunicativa entre os sujeitos todas as práticas sociais e os textos estão inter-relacionados, de algum modo, às formas de conhecimento, representações mentais sociais e individuais que são crenças originadas no social. Logo, são elas que guiam as ações dos indivíduos no mundo, tanto para manter quanto para modificar, dinamicamente, a memória social. Tais reflexões abrem novas perspectivas de pesquisa para se tratar de outros gêneros discursivos que utilizam textos multimodais para a sustentação do preconceito racial no Brasil.

REFERÊNCIAS

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. [Trad. Izabel Magalhães]. Brasília-DF: Editora: UnB, 2001.

HALLIDAY, M. *An introduction to functional Grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 1985.

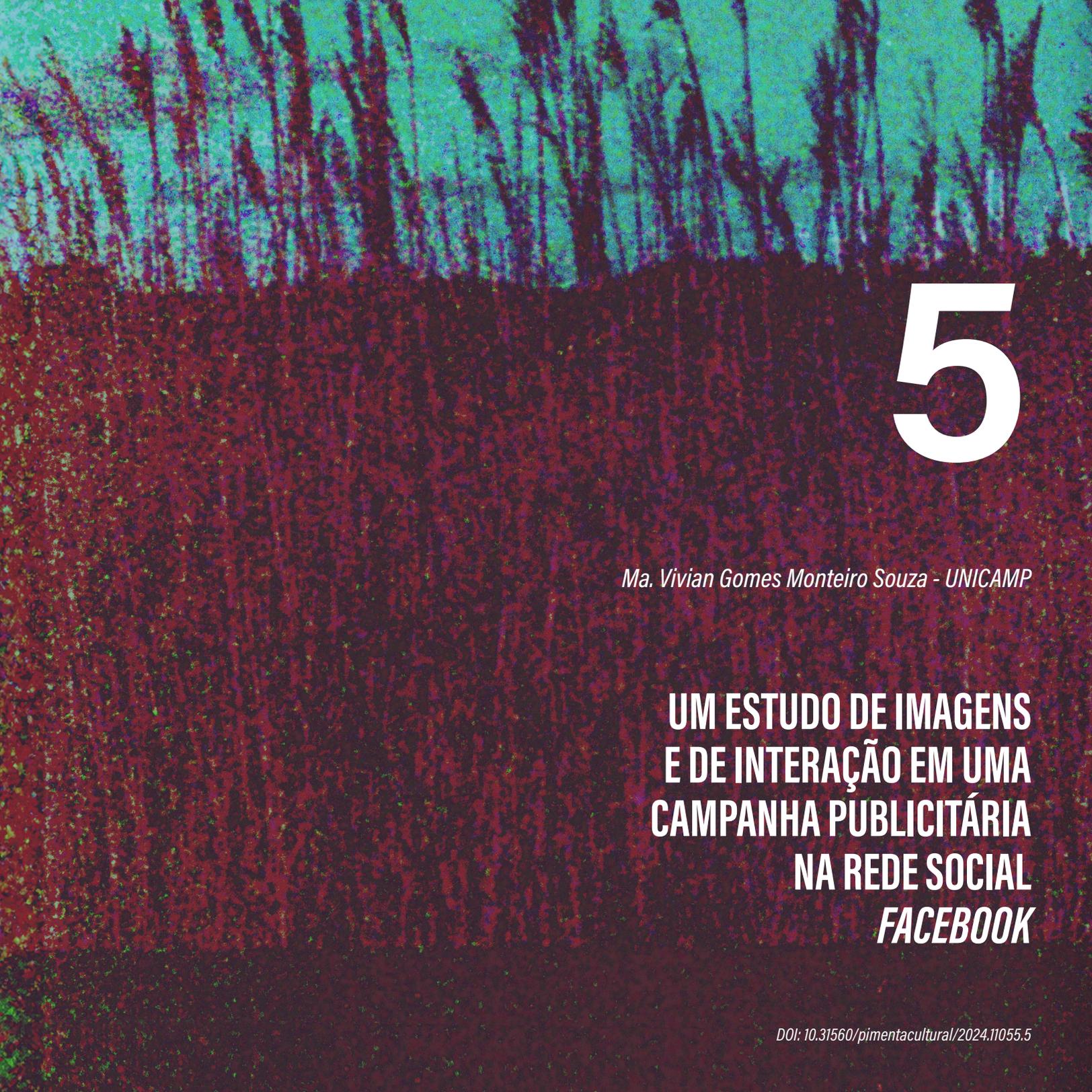
KINTSCH, W.; VAN DIJK, T. *Strategies discursive comprehension*. London: Academic Press, 1983.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnould, 2001.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 1996.

SILVEIRA, R. C. P. Um novo olhar para as narrativas de humor: os sentidos no cotidiano e na cultura. *O texto em perspectiva*. PIRES, L. C.; BEZERRA, A. ; CARDOSO, D. (Orgs), Aracaju-SE: UFA, 2009.

VAN DIJK, T. *Racismo y análisis crítico de los médios*. Madrid: Paidós, 1997.



5

Ma. Vivian Gomes Monteiro Souza - UNICAMP

**UM ESTUDO DE IMAGENS
E DE INTERAÇÃO EM UMA
CAMPANHA PUBLICITÁRIA
NA REDE SOCIAL
*FACEBOOK***

INTRODUÇÃO

O discurso crítico representa determinado evento social, mas, sobretudo, atua para a construção de uma realidade em correlação a um contexto de situação (Fairclough, 2019, p. 90). Tal concepção permite uma análise abrangente, para além do conteúdo verbal, acerca de como os elementos comunicativos se integram no processo de produção e circulação de textos. Na era da globalização, o discurso se adapta a diferentes mídias, como a televisão e a *internet*, e se correlata com diversas facetas sociais, viabilizando uma relação entre negócios, mídias e sociedade (Fairclough, 2006). A publicidade, nesse âmbito, é um exemplo dessa articulação, pois utiliza diferentes modos semióticos para elaborar um discurso, representar uma identidade e induzir a uma ação concreta, uma mudança social, seja simbólica, seja material. Com isso, exerce papel relevante para as marcas empresariais devido ao alcance que oferece, além de configurar, juntamente com as promoções, a “alma do sucesso”, conforme Sampaio (2013, p. 3).

Este estudo parte do ponto de vista do *Facebook Business*, plataforma virtual para negócios da rede social *Facebook* que comporta mais de 2,5 mil milhões de usuários, de acordo com os dados divulgados em seu *website*. Tal informação é posta, pois a rede define a campanha publicitária “Descubra esse sabor, descubra que é Vigor” como um “caso de sucesso”, uma história inspiradora de vendas e reconhecimento da marca através das ferramentas da página virtual da rede Facebook. A campanha tinha o objetivo de fortalecer a marca no país, apresentar variedade de produtos e gerar novos cadastros de clientes em seu banco de dados. Como resultado, a publicidade atingiu 65 milhões de pessoas e obteve 500 mil cadastros (Napoli, 2020).

Diante desses números expressivos e do posicionamento da rede social, essa pesquisa visa analisar 6 materiais publicitários desta campanha, três imagens e três excertos de vídeos, a fim de identificar, através do significado interacional (Kress; van Leeuwen, 2006),

de que forma o discurso multimodal é construído e divulgado na página comercial do *Facebook* para atrair, captar e interagir com novos clientes por meio da rede social, refletindo acerca dos elementos que garantem a continuidade do discurso e da identidade da *Vigor*. O significado interacional atua com as relações estabelecidas entre produtores e leitores dos textos, enquanto os demais significados integrantes da Gramática do Design Visual (GDV), representacional e composicional, atuam com os elementos que constroem determinada realidade e a organização textual, respectivamente.

Para realização do objetivo proposto, a fundamentação teórica se realiza em um diálogo entre a Análise do Discurso Crítica (ADC) (Fairclough, 2019; 2006), o Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005), Teoria da Multimodalidade (Kress; van Leeuwen, 2006), e Publicidade comercial (Sampaio, 2013). Com exceção desta, cabe destacar que as perspectivas teóricas a serem discutidas são ancoradas na Linguística Sistêmico-Funcional (Halliday; Matthiessen, 2014). Tal relação teórica possibilita o entendimento da linguagem como um sistema contextualmente orientado para representar, interagir e organizar informações, sendo estes mecanismos de criação de significados intitulados, respectivamente, como metafunções ideacional, interpessoal e textual (Halliday; Matthiessen, 2014). Neste estudo, o enfoque está na metafunção interpessoal e seus desdobramentos teórico-metodológicos, como mencionado anteriormente.

O diálogo entre teorias oferece subsídios para que ambos os modos sejam analisados, o visual e o verbal, ao passo que possibilita a investigação de significados de modo sistêmico conforme motivações sociais de uso. Assim, reflete-se criticamente como os textos da marca *Vigor*, especialmente no modo visual através de imagens estáticas, se desenvolveram para representar sua identidade, atender às exigências do mercado e da mídia. Para além da reunião de textos de divulgação, entende-se que a campanha virtual se compõe por negociação de sentidos e valores mediada por alcance e engajamento midiático.

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA E A CIRCULAÇÃO DE TEXTOS NO MEIO DIGITAL

A Análise do Discurso Crítica (ADC) compreende o discurso em relação aos eventos e práticas sociais (Fairclough, 2019). Entende-se que os indivíduos fazem uso da linguagem para representar determinado elemento significá-lo (Fairclough, 2019, p. 91). O termo discurso não se restringe à linguagem verbal, e sim, é compreendido em um amplo domínio, incluindo os “textos multimodais de televisão e da *internet*, onde a língua é usada em uma combinação de outras formas semióticas (imagens visuais incluindo filme e fotografias, efeitos sonoros, linguagem corporal, expressão facial, gestos e assim por diante)” (Fairclough, 2006, p. 25, tradução nossa)²³. Dessa forma, a construção de sentido ultrapassa os recursos gramaticais e considera os demais modos tão relevantes quanto para representar atitudes, valores e características de uma sociedade.

No que tange ao discurso na era da globalização, o surgimento de novas mídias expandiu as possibilidades para suprir distâncias na comunicação por um valor aquisitivo baixo (Fairclough, 2006). Estas mídias, mediadas por computadores e dispositivos móveis, tornaram-se elementos cruciais para as constantes transformações de sentidos e divulgações de discursos. Para além de veículos neutros de transmissão de informações e fontes de entretenimento, as mídias exercem função agentiva ao estruturar os meios de acesso, de produção e de consumo de conteúdos, sendo, portanto, reguladoras de como a comunicação moderna se desenvolve no meio digital, estabelecendo, inclusive, relações hierárquicas entre

23

Do original: “[...] The ‘multimodal’ texts of television and the internet, where language is used in combination with other semiotic forms (visual images including film and photographs, sound effects, ‘body language’ including facial expression and gestures and so forth)” (Fairclough, 2006, p. 25).

os sistemas tecnológicos, como a dominância das redes sociais em comparação aos materiais impressos (Wilkin, 2001; Irvine, 2016).

A arquitetura do ambiente digital sinaliza um sistema social, dotado de poder, autoridade e influência (Irvine, 2016). Através da análise de cliques e de ações de compartilhamento, por exemplo, padrões de comportamento humano são rastreáveis para finalidades distintas, desde envio de propagandas, até ações desconhecidas aos usuários (Irvine, 2016). Além disso, a interação entre produtores de conteúdos e visitantes virtuais, possibilita que a mídia se organize em torno de investigações sobre quais conteúdos e estratégias mobilizam reações, o que resulta em modificações de campanhas de *marketing* em curso e, progressivamente, do próprio ambiente midiático, como a sumarização dos “casos de sucesso” do Facebook e seus encaminhamentos sugestivos para aqueles que buscam divulgar conteúdos em suas plataformas.

Tais noções indicam o domínio das instituições midiáticas em relação aos consumidores dos textos, pois agem, principalmente, para direcionar ideias disseminadas nas redes tendo em vista a economia local e a representação de uma possível comunidade global. Conforme Fairclough (2006), os meios de comunicação de massa contribuem para a construção de eventos públicos e de um público global. As mídias se configuram, assim, como uma assemblagem de pesquisas históricas e científicas, recursos tecnológicos e multimodais, usos sociais e padronizações de comportamento (Irvine, 2016). À vista destas considerações, este estudo apresenta alguns pontos acerca da atividade publicitária, aborda os conceitos trazidos para análise do modo verbal e visual, contextualiza os procedimentos metodológicos e, por fim, analisa e discute os resultados das campanhas publicitárias.

2. BREVE PANORAMA ACERCA DA PUBLICIDADE

“Mudar hábitos, recuperar uma economia, criar imagem, garantir liderança, promover o consumo, vender produtos, informar o consumidor” (Sampaio, 2013, p. 3) são algumas funções da publicidade, ou propaganda. Dentre os diversos tipos, utilidade pública, política, editorial e comercial, esta será o foco deste estudo. O veículo da propaganda, assim como sua estrutura, se difere de acordo com a intenção do anunciante, quem produz o material publicitário e com o público almejado, quem receberá a mensagem, considerando os modos de menor até maior alcance. Com a expansão dos recursos oferecidos no âmbito digital, grandes e pequenas empresas constroem suas marcas e fidelizam clientes não somente pelo formato tradicional, a televisão, o rádio e o jornal, mas também por meios inovadores, *websites*, malas diretas em *e-mails* e redes sociais, ou ainda, uma combinação dessas mídias. As empresas seguidoras dos padrões anteriores de distribuição, de conceito de marca e de pesquisas técnicas de mercado, findam ultrapassadas e não atendem às inovações da publicidade (Gobé, 2007, p. 15).

A propaganda percorre processos até alcançar os consumidores, perpassando por definição de objetivos, quais resultados busca atingir; pesquisa, caracterização do produto e do público-alvo; planejamento, quais estratégias serão utilizadas em determinada campanha; produção do material publicitário, cartazes, vídeos, imagens, etc.; seleção e pagamento da mídia a ser utilizada; veiculação, a distribuição da campanha; aferição, os números obtidos, em vendas e alcance dos anúncios, ainda em curso de divulgação; e, por fim, correções, o que pode ser feito para obter melhores resultados, em caso de resposta já positiva, e o que pode ser modificado, em caso de resposta negativa (Sampaio, 2013, p. 25). Desse modo, compreende-se que esses processos são atrelados aos aspectos sociais

e para que sejam satisfatórios, segundo Sampaio (2013), a propaganda precisa, por um lado, captar atenção, interessar, persuadir e convencer, e por outro, provocar sensações, emocionar e conduzir ao seu objetivo lógico, a compra de produtos (Imagem 1). As consequências contrárias seriam a indiferença, o desinteresse e a resistência.

Imagem 1: Filtros a serem ultrapassados pela propaganda



Fonte: Sampaio (2013, p. 26)

O nível de ação acima representado remete à humanização, a publicidade “desenha um mapa de necessidades e razões ou escreve um roteiro de sentimentos que fixa conteúdo aos gêneros de produto, fazendo deles marcas específicas dotadas de nome, lugar e significado” (Rocha, 2006, p. 51). É através da propaganda que o discurso de determinada marca é consolidado. A marca se refere a valores simbólicos e rentáveis ao transmitir uma mensagem e comercializar produtos. Estes valores são impressos na representação visual, sendo uma combinação de nome, letras, logo, números, símbolos, formato, *slogan*, cor e tipografia, ainda que o real sucesso das marcas esteja no

cumprimento das expectativas dos compradores, em outras palavras, a marca representa uma promessa de qualidade (Backett, 2009, p. 21). Em razão da comunicação entre publicidade e sociedade, os significados explorados nesse estudo são interpessoais. A seguir, vê-se como esse significado se desenvolve no modo verbal.

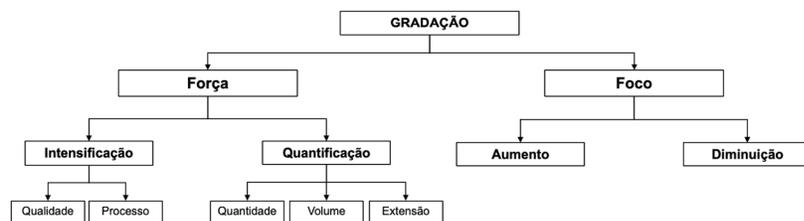
3. SISTEMA DE AVALIATIVIDADE

Emoções, julgamentos e apreciações são temáticas abordadas e negociadas por meio da linguagem, como bem colocam Martin e White (2005) com o estabelecimento do Sistema de Avaliatividade, doravante SA. Este, uma extensão da metafunção interpessoal (Halliday; Matthiessen, 2014), dispõe de três dimensões para análise do texto verbal, Atitude, sentimentos e avaliações sobre pessoas e coisas, Engajamento, as vozes do discurso, e Gradação, a intensidade das escolhas lexicais em uma escala positiva ou negativa. Devido ao recorte da pesquisa, somente este último será utilizado e explorado a seguir.

A intensidade de termos ou expressões se realiza por dois eixos, Força e Foco. Nesta, as intensidades variam conforme a prototipicidade, isto é, não há distinção em uma escala gradativa, mas em categorias que podem ser atenuadas ou acentuadas, por exemplo, um *verdadeiro* amigo, ou um *falso* amigo. Dessa forma, não é possível acrescentar um modalizador, os próprios termos, verdadeiro ou falso, atribuem a intensidade necessária. Já em Força, há uma linha de gradabilidade, pois compreende-se diferentes significados a partir de um mesmo campo semântico que varia em intensificação, como, amar, admirar, gostar, ou em quantificação, grande, pequeno, médio. Na categoria de intensificação, podem ser graduados qualidades e processos, estes são sinônimos dos verbos na gramática normativa; na categoria de quantificação, podem ser graduadas entidades concretas e abstratas, por recursos léxico-gramaticais diversos (Martin; White, 2005).

Os ajustes são aplicados por meio de infusão, o reforço de tal ideia é imbricado no termo; por isolamento, palavras atuam como suporte para alcançar a potencialidade esperada, como *relativamente* feliz, *extremamente* triste; ou por repetição, quanto mais reproduzido for um termo, mais intenso será o resultado, exemplo, está *frio*, *frio*, *frio* (Martin; White, 2005, p. 141 – 143). O sistema de Gradação pode ser sumarizado conforme a Imagem 2.

Imagem 2: A dimensão da Gradação



Fonte: Elaborada pelas autoras (2023), baseada em Martin e White (2005).

Refletir acerca desses aspectos adaptados nos discursos é relevante para compreender a atenção dada à informação apresentada, bem como para identificar o envolvimento do produtor do texto e sua intenção perante um possível leitor. Estes recursos também são utilizados no modo visual, mas expressos de maneiras distintas, como abordado na seção seguinte.

4. CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DA MULTIMODALIDADE

Baseada nas metafunções propostas por Halliday e Matthiessen (2014), a análise de imagens, conforme Kress e Van Leeuwen (1996, 2006), se realiza também por três significados que atuam conjuntamente,

sendo o representacional, a maneira como objetos e processos são representados, o interacional, as relações entre produtor e leitor, e o composicional, os arranjos dos textos. Para explorar o significado interacional e suas categorias analíticas, faz-se necessário discutir sobre as relações sociais. Este significado perpassa por três tipos de relações:

as relações entre participantes representados; as relações entre participantes interativos e participantes representados (as atitudes dos participantes interativos sob os participantes representados); as relações entre participantes interativos (as ações que participantes interativos fazem uns com os outros ou para outros através das imagens (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 114, tradução nossa)²⁴.

De acordo com Kress e Van Leeuwen (2006), os participantes interativos (PI) se referem aos produtores e leitores capazes de regular de que forma o sentido é expresso e interpretado nas imagens, enquanto os participantes representados (PR) dizem respeito ao que compõe as imagens, pessoas, objetos e lugares. Estas relações entre PI e PR são compreendidas através de diferentes estratégias visuais, sendo, o contato, a distância social, a atitude, o poder e a modalidade. Estas são mediadas por vetores que indicam movimento ou direção, compreendidos como setas explícitas ou não, orientação corporal e linha do olhar (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 59).

O estabelecimento do contato entre participantes se dá por meio de duas formas, demanda e oferta. As imagens de demanda proporcionam um vínculo pessoal, pois o participante representado interage diretamente com o leitor através do direcionamento do olhar a ele ou por algum vetor que exija sua participação. As imagens de oferta apresentam os participantes com finalidade de informar ou fornecer algo para que possam ser contemplados, sem olhar

24 Do original: "(...) (1) relations between represented participants; (2) relations between interactive and represented participants (the interactive participants' attitudes towards the represented participants); and (3) relations between interactive participants (the things interactive participants do to or for each other through images)" (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 114).

para o PI, configurando uma relação impessoal. Outro aspecto que modela esta relação como pessoal ou impessoal é a distância entre participantes, pois sugere diferentes níveis de intimidade. Quanto mais próximos os PR são apresentados para o leitor em determinado enquadramento, mais íntima é a relação, e o mesmo pode ser dito sobre a direção oposta, quanto mais distantes são postos os participantes representados e interativos, mais impessoal é o vínculo. Com isto, têm-se os diferentes enquadramentos, plano fechado, *close* do rosto, plano médio, joelho para cima, e plano aberto, figura completa (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 124).

Kress e Van Leeuwen (2006), ao tratar de atitudes sociais, afirmam que o ângulo em que a imagem é concebida indica os graus de envolvimento com o texto. O ângulo frontal representa a interação mais significativa, uma vez que os participantes interativos e representados dialogam face a face. Os ângulos oblíquos, de lado ou de costas, representam o distanciamento. Em síntese, “o ângulo frontal diz ‘o que você vê aqui é parte do nosso mundo, algo que estamos envolvidos.’ O ângulo oblíquo diz ‘o que você vê aqui não faz parte do nosso mundo; é o mundo deles, algo que não estamos envolvidos’” (Kress; van Leeuwen, 2006, p.136, tradução nossa)²⁵. Dessa forma, os ângulos também indicam relações de poder. Imagens vistas de cima, por um ângulo alto, oferecem o poder ao observador, aquelas vistas por um ângulo baixo garantem o poder aos participantes representados. O poder é somente igualizado quando as imagens são retratadas perante o mesmo nível do olhar de ambos os participantes, representados e interativos (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 148).

Outro aspecto relevante a ser abordado ao tratar de imagens diz respeito à estruturação, como visto acima, e à construção da realidade, isto é, a modalidade, ao grau de confiabilidade projetado no

25

Do original de: “The frontal angle says, as it were, ‘What you see here is part of our world, something we are involved with.’ The oblique angle says, ‘What you see here is not part of our world; it is their world, something we are not involved with’” (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 136).

modo visual. Este pode ser concebido como naturalista, não naturalista (3D ou 4D), ou abstrato, variando entre representações mais próximas do real até as mais distantes. Essas categorias podem ser percebidas por diferentes fatores que variam em uma escala de máximo ao mínimo uso, dentre eles a utilização da cor, em seu amplo domínio, saturação, alta potencialidade até o preto e branco; diferenciação, múltiplas cores ao monocromático; modulação, tonalidades de cores ao uso único de uma delas; contextualização, detalhamento à ausência de plano de fundo; representação, quantidade de detalhes; profundidade, diferenciações de perspectiva; iluminação, variações de intensidade da luz e sombra; e brilho, diferentes graus deste até o preto e branco, tonalidades de cinza, ou duas cores que se igualam em tonalidades de brilho (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 161-162).

Tal teoria é considerada para esta pesquisa, pois a publicidade, integrante do *corpus*, investe cada vez mais em abordagens interativas e multimodais, o que permite que diferentes semioses, linguagem verbal, imagens e cores, sejam relacionadas para a construção de um discurso. Desse modo, os conceitos apresentados por Kress e Van Leeuwen (2006) contribuem para um entendimento profundo acerca de como esses aspectos se relacionam para alcançar determinado público, cumprindo os objetivos da campanha publicitária.

5. METODOLOGIA

O percurso metodológico desta pesquisa se iniciou na plataforma *Facebook Business* que se caracteriza como um suporte às empresas por apresentar um conjunto de ferramentas de negócios e por compartilhar “casos de sucesso”, nomeada pela rede, para inspirar e motivar empreendedores.²⁶ Nesta seção, é possível selecionar

26

A página pode ser acessada através deste *link*: <https://pt-br.facebook.com/business/success>.

as campanhas publicitárias por objetivo, tamanho da empresa, setor, produto e região. Cada uma destas se subdivide conforme o acesso. Devido ao recorte e proposta deste artigo, buscou-se por objetivo, especificamente reconhecimento de marca. Dentre as empresas apresentadas, a *Vigor* se destacou pelo método utilizado para atrair clientes, o qual utilizou todos os setores da página comercial do *Facebook* e suas vertentes, *Instagram* e *Whatsapp*, e sobretudo, focalizou em imagens e vídeos curtos de até quinze segundos, a maioria sem som, o que indica uma mudança de perspectiva no âmbito da publicidade em que o potencial do modo visual é explorado e privilegiado em comparação ao texto verbal. Entende-se esta postura como uma forma de constituir uma recepção visual da marca com a reprodução dos discursos em diferentes segmentos, tanto da própria rede social aqui analisada, quanto das demais. Os segmentos ou setores em análise se referem à foto de capa, às publicações de vídeos e de imagens no mural de notícias, ao *chat* de conversas e aos *stories*, vídeos temporários de até vinte e quatro horas.

Em virtude da extensão deste estudo, fez-se um recorte do material publicitário divulgado nestas redes sociais a fim de utilizar exclusivamente propagandas divulgadas na página comercial da *Vigor* no *Facebook* durante outubro de 2018 e março de 2019. O *corpus* se compõe por três imagens e três excertos de vídeos, dois de quinze segundos e um de sete segundos. A escolha destas postagens deu-se devido ao destaque promovido pela marca, isto é, o modo em que foram organizadas e publicadas, como visto à frente, e ao fato destas produções serem breves e objetivas, confirmando o investimento da empresa no modo visual para promover o interesse dos possíveis leitores. Além disso, no momento da divulgação desta campanha, a *Vigor* adentrava em uma nova trajetória no mercado. Antes especializada em leite em pó e leite pasteurizado, apresentava entre outubro de 2018 e fevereiro de 2019, cento e trinta novos produtos, buscando, através da propaganda, consolidar uma nova identidade e estabelecer novos relacionamentos com os clientes ao passo que os itens inaugurais atingiam um público distinto (Napoli, 2020).

A análise se desenvolve em uma interface entre teorias, conforme explicitado na introdução, pois possibilita ângulos analíticos distintos para exploração crítica dos objetivos da publicidade, os quais visam se conectar com leitores e suscitar emoções a fim de atingir suas metas (Sampaio, 2013). Para tanto, a análise do modo visual se fundamenta, sobretudo, em Kress e Van Leeuwen (2006), que oferecem recursos teóricos para investigar como os significados se constroem em textos multimodais, e em Martin e White (2005), pois exploram o modo em que os sentimentos e avaliações são utilizados na linguagem verbal. Ressalta-se que o texto verbal será explorado apenas em algumas passagens em razão do objetivo deste estudo.

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

“Descubra esse sabor, descubra que é Vigor” é o *slogan* que assinou a identidade da campanha publicitária da *Vigor*, inspirou o tema de cada peça da propaganda e otimizou o seu objetivo inicial, tendo em vista a sonorização e brevidade das orações e, por conseguinte, facilidade de memorização. As estratégias usadas nas imagens também contribuem para esse efeito, pois ao serem utilizadas repetidamente garantem a unificação e o reconhecimento do discurso, ainda que em diferentes formatos. Para contextualizar a campanha, é relevante mencionar que a propaganda estava atrelada a uma promoção que funcionava da seguinte forma: ao comprar três produtos de categorias diferentes da *Vigor*, o cliente poderia cadastrar sua nota fiscal no *site* exclusivo da propaganda para concorrer a dois milhões de reais, quatro casas e a mil vale compras de duzentos reais, ressaltando que foram diversos sorteios em que cada ganhador poderia receber apenas um dos prêmios. Tal promoção representava um incentivo a mais para descobrir a marca. O primeiro material publicitário do *corpus* a ser analisado diz respeito a configuração da página do *Facebook* da *Vigor*.

Imagem 3: Layout da página comercial do Facebook Vigor



Fonte: Disponível em: <<https://tinyurl.com/ycmlndar>>. Acesso em: 12 maio 2020

Seguindo os padrões da rede social, o lado esquerdo, destacado em vermelho, contém a foto de perfil da página, neste caso é a logomarca da *Vigor*, e informações que podem ser acessadas, como história da empresa, fotos, vídeos, notas, publicações, comunidade e anúncios. O lado oposto, destacado em verde, contém dados sobre a comunidade, isto é, o número de curtidas e de seguidores e a possibilidade de convidar amigos para curtirem a página. A logomarca, mencionada anteriormente, se refere a um “conjunto formado pela representação gráfica do nome de determinada marca, em letras de traçado específico, fixo e característico (logotipo) e seu símbolo visual; representação visual da marca” (Houaiss, 2015, p. 597). Em uma visão geral, as demais publicações acompanham o padrão visual da logomarca, composta pelo nome da marca em uma fonte específica, na cor azul escura e com fundo branco.

O destaque da Imagem 3, entretanto, está na foto de capa e na seção de fotos logo abaixo. Nesta, apesar de não estar exibida completamente, apresenta uma imagem composta unicamente pelo *slogan* da promoção. O uso da cor preta no fundo da imagem se distancia da escala de cores utilizada pela *Vigor*, mas isso é feito devido à intenção de adaptar a propaganda para a *Black Friday*, período em que diversos setores do varejo buscam atrair clientes oferecendo vantagens, como

preços baixos, lançamentos e afins. Nota-se que diante dessa resignificação, ainda é possível reconhecer a identidade visual da *Vigor* através da fonte utilizada, tanto na logo original quanto na propaganda, e através das cores, azul, branco e amarelo, esta advinda do material publicitário. Já a foto de capa se configura por uma combinação de elementos e informações (Imagem 4), como um “resumo” da campanha publicitária, pois apresenta os pontos principais.

Imagem 4: Foto de capa da página comercial da *Vigor* no Facebook



Fonte: Disponível em: <<https://tinyurl.com/ycf6xmtc>>. Acesso em: 12 maio. 2020

Através do significado interacional, vê-se que a imagem estabelece uma relação pessoal com o leitor do texto. No centro, há uma figura humana olhando diretamente para o participante interativo, estabelecendo uma relação de demanda, pois o participante representado apresenta os produtos da *Vigor*, como pode ser visto através da indicação da sua mão, e solicita que o leitor direcione o olhar para os itens. É relevante mencionar que a propaganda conta com uma figura pública, o apresentador Fausto Silva, mais conhecido como Faustão, o que contribui para manter o contato pessoal com o leitor. Faustão é exibido em um plano médio, o que permite a observação de maiores detalhes e o apresenta como alguém conhecido devida essa distância social curta. Isto também se confirma através do ângulo, em que a disposição frontal oferece uma relação direta entre participantes, igualando as distinções de poder.

Além dessas questões, a modalidade imagética corrobora para captar a atenção do participante interativo. Os produtos, ainda que não estejam organizados em um modo usual, como em uma geladeira ou em uma mesa, são representados da maneira exata em que são vendidos. O formato, as cores e as embalagens são realistas, o que facilita o reconhecimento destes itens em outros contextos fora da publicidade, como em supermercados. Situação inversa também é possível, um cliente que já tenha visto estes produtos em outros ambientes, ao ver a propaganda virtual, pode relacioná-los à marca *Vigor*, com auxílio da reincidência da logomarca na página, e à figura pública que se interessa nos itens assim como o comprador. Dessa forma, o processo de conhecimento da marca e dos produtos é personificado. O plano de fundo da imagem também exhibe indícios do real, pois se estrutura na cor azul, com gotículas de água. Isto aproxima o PI de uma ambientação “fria”, isto é, essa representação ilustrativa indica um sentimento tranquilo, convencionalmente estabelecido, e características dos produtos da imagem, em que todos devem ser refrigerados, facilitando ainda, onde encontrá-los no mercado. A cor azul neste caso exerce função essencial na comunicação e na construção do sentido, visto que possui sentido afetivo e sensorial, promovendo emoções, caráter e sensações (van Leeuwen, 2011, p. 23). Na composição geral, a cor é utilizada no plano de fundo, no nome da marca, nas roupas do Faustão, em alguns produtos e nas cédulas de dinheiro no lado direito, promovendo a unicidade discursiva.

As cores vibrantes são destinadas para as informações dos prêmios da promoção. Amarelo, laranja e vermelho são cores que podem exprimir vivacidade, energia, alegria e paixão (van Leeuwen, 2011, p. 26), e motivam uma ação mais ativa do que as cores frias, e, neste contexto, impulsionam a participação de compras e cadastros até a aquisição de prêmios. Estes são representados pelo modo visual e verbal. No modo visual, os elementos utilizados são significativos ao passo que ilustram grandes quantidades: no topo, vê-se

diversas cédulas na cor azul claro, possivelmente, notas de cem reais; no meio, há representação de casas sofisticadas; e, por fim, uma cesta repleta de produtos da *Vigor*.

Analisando sob o ponto de vista do texto verbal, este complementa as imagens intensificando a informação, ainda que de maneira generalizada. Por exemplo, a *Vigor* oferecia “1.000 vale compras de R\$ 200,00 reais”, contudo, o número que prevalece é o mil, superior ao valor de premiação individual. Sobre os “dois milhões de reais”, o valor premiado não é integral, mas partilhado entre participantes. Diante desses apontamentos, compreende-se a importância atribuída à imagem ao ser posta como a capa da página, tendo em vista a seleção de elementos que a compõem e o contato direto com o participante interativo. A Imagem 5, a seguir, foi publicada em outro segmento da página, no mural de notícias, em que as publicações podem ser acessadas em uma linha temporal.

Imagem 5: Publicação no mural de notícias do *Facebook*



Fonte: Disponível em: <<https://www.facebook.com/VigorBrasil/posts/1547569972012269>>.

Acesso em: 12 maio 2020

Essa publicação se organiza de maneira distinta, adaptada para o setor publicado. O seu objetivo é oferecer suporte para os leitores que ainda possuem dúvidas quanto à promoção, por isso oferecem o acesso ao *chat* de conversas do *Facebook*, representado através de uma simulação de conversa em um celular, incluindo a

Imagem 4 no bate-papo. Quanto ao significado interacional, o contato entre participantes é de oferta, diferente da Imagem 4, pois Maísa, participante representada, não direciona o olhar para o participante interativo e não solicita uma “ação”, visto que neste caso a proposta é representar um estado pessoal. Contudo, todas as demais nuances do significado interativo propõem uma relação pessoal, próxima. A distância social é média, vê-se a figura humana a partir da cintura; o ângulo é frontal, o que permite a participação do leitor no contexto em que se encontra o PR; a relação de poder é igualitária diante do compartilhando do ângulo e cenário. Maísa, por ser uma figura pública no Brasil, contribui para essa aproximação e, conseqüentemente, para o alcance da publicação e para a interação com o público mais jovem.

A Imagem 5, ainda que coberta por uma cor, apresenta elementos que se distanciam da abstração. Encontra-se ao fundo um supermercado, onde os produtos da *Vigor* podem ser adquiridos, ao lado há um celular, o qual já se caracteriza como um item essencial para a maioria dos usuários das redes e, no centro, a figura popular e ativa no mundo virtual e na mídia brasileira. A cor majoritária é o azul, característica da marca, variável em tonalidades, desde o mais claro, ao mais escuro. A variação tonal não impede que o plano de fundo seja visto, apesar de não ser exposto muitos detalhes, possivelmente relacionado à proposta da publicação, isto é, assim como a Maísa, a imagem reflete o entendimento nublado, incerto. A preferência do uso dos tons azuis indica um sentimento mais “pacífico” do que aquele expresso pelas publicações anteriores através da combinação de cores quentes e fortes que transmitem o sentimento de aventura e animação (Kress; van Leeuwen, 2002). Além disso, a publicação não está em local de destaque como a foto da capa, por isso, a atenção é captada por nível distinto de interação por não se caracterizar pelo primeiro contato com o leitor, supondo que este já seja um consumidor dos conteúdos da página. Ressalta-se que o destaque da imagem é obtido sobretudo pelo uso das cores.

Outro ponto relevante sobre a imagem é que o produtor do texto faz uso de elementos intertextuais, em que “materiais culturais, populares ou eruditos, são utilizados como pontos de partida para a criação das peças de propaganda, aparecendo sob a forma de citação direta ou indireta” (Carrascoza, 2007, p. 4). Tais elementos se referem a um *meme* popular nas redes, constituído por uma figura central reflexiva, também atriz brasileira, envolta de cálculos e símbolos matemáticos a fim de indicar confusão ou dúvida. O uso desse recurso mostra uma postura atual e precisa da *Vigor* quanto ao seu objetivo de utilizar imagens no ambiente virtual, visto que foram produzidas exclusivamente para esse contexto. Assim, o conhecimento já assimilado pelos leitores é ressignificado através da propaganda, uma das características dos discursos na globalização (Fairclough, 2006), o que pode despertar ainda mais o interesse de ler a postagem. Na sequência, analisa-se quatro celebridades que apresentaram a campanha no primeiro vídeo selecionado de quinze segundos (Imagem 6).

Imagem 6: Vídeo comercial 1 - Parte 1



Fonte: Disponível em: <<https://bit.ly/2A2g0IU>>. Acesso em: 12 maio 2020

O vídeo publicitário inicia com duas pessoas diante das mesmas categorizações. Ambas estabelecem contato por oferta, estão escolhendo e observando produtos da *Vigor*. Elas são apresentadas em um plano médio e por um ângulo frontal, em que é possível observar detalhes de suas figuras e acompanhar o processo de suas

ações. Ainda que as imagens não exijam algo do participante interativo, não estão dispostas dessa forma de modo aleatório, especialmente em razão dos olhares oblíquos, direcionados às prateleiras de compras. Com essa organização, o produtor enfatiza e motiva o ato da compra, com colaboração de representantes da mídia brasileira, como Matheus Solano e Fernanda Souza. O áudio que acompanha esse trecho apenas indica que acontecerá a promoção, enquanto ao informar o regulamento, na passagem seguinte, as imagens já se apresentam por um contato de demanda (Imagem 7), os participantes representados se dirigem diretamente aos observadores.

Imagem 7: Vídeo comercial 1 - Parte 2



Fonte: Disponível em: <<https://bit.ly/2A2g0IU>>. Acesso em: 12 maio 2020

A numeração exibida acima é do próprio vídeo, que sugere aos clientes que realizem a compra de três produtos distintos. No último recorte, a nota fiscal é destacada, pois é a comprovação necessária para concorrer aos prêmios. Conforme o significado interacional,

além do olhar direcionado, os PR carregam itens integrantes da promoção próximo ao rosto, em um plano íntimo, em que se conhece os participantes de perto e de frente. As imagens possuem alta modalidade, como apreendido através do cenário, um supermercado, o uso das cores, vívidas em uma escala policromática, e pela representação dos elementos, iogurtes, queijos e bebidas, exatamente como na forma material. Há, portanto, uma coesão visual entre a cor da marca *Vigor* e a cor que os participantes utilizam na publicidade.

Seguindo as mesmas estratégias da Imagem 7, a terceira parte do vídeo expõe os prêmios da promoção em um plano íntimo, em um ângulo frontal e por demanda, nos mesmos aspectos de modalidade. Essa postura indica confiança e pessoalidade, como em um diálogo entre amigos. Além disso, as expressões faciais são todas alegres e enfáticas, transmitindo o entusiasmo que a propaganda almeja. O vídeo se encerra com a Imagem 4, analisada no início desta seção. De modo geral, as imagens se diferem em alguns pontos, mas as tonalidades de azul garantem a unidade do discurso, presente em todos os recortes.

O segundo vídeo, também de quinze segundos, anuncia o período de vigência da campanha e reitera as premiações (Imagem 8). Este é composto apenas por Fernanda Souza. As imagens analisadas correspondem aos fragmentos do vídeo publicitário, editados pela própria marca. No primeiro momento, Fernanda não se dirige ao leitor, contato por oferta, pensa a respeito do anúncio, e logo olha para a frente, contato por demanda, e indaga em uma linguagem informal “tá esperando o que?”. Em seguida, apresenta dois prêmios e exprime satisfação ao participar da promoção, uma vez que exemplifica os benefícios com expressões contentes e gestos enfáticos, como o balançar das cédulas de dinheiro. O uso da linguagem e distância social indicam uma relação próxima e pessoal.

Imagem 8: Vídeo comercial 2



Fonte: Disponível em: <<https://bit.ly/3dl5Kcc>>. Acesso em: 12 maio 2020

Para analisar o conteúdo verbal da Imagem 8, apoia-se no Sistema da Avaliatividade, especificamente na dimensão da graduação. O uso do termo “últimas” intensifica o período desejado em uma escala gradativa positiva, implicando em uma ação urgente em diálogo com o cronômetro na segunda imagem. De acordo com Martin e White (2005), o termo mencionado estaria classificado em foco e em aperfeiçoamento, em razão da intensidade não poder ser ajustada com um meio-termo e, sim, com o oposto ou com itens isolados. Outro ponto que garante a intensidade são os numerais, assim como nas demais imagens referentes à premiação. O uso específico de milhão, mil, ou até o quatro, garantem a ênfase nos elementos que acompanham, “reais”, “vales-compras”, “casas”. Esses termos são intensificados na categoria de força, na ramificação de quantidade e número, pois podem ser graduados. Sem a especificação das

quantidades, o impacto seria atenuado, por exemplo, “prêmios entregues em certificado de ouro”, frase explicativa como nota de rodapé das postagens. Tal situação ocorreria também se a ênfase fosse em “duzentos reais de vales-compras”, o que de fato representa a possibilidade de um prêmio, visto que o “mil” se refere ao dado geral.

No último recorte da Imagem 8, observa-se essa noção de maneira mais clara, pois ainda que o participante se inscreva inúmeras vezes, ele só poderá ganhar uma casa, como mencionado nesta, e não quatro casas, como elucidado a princípio na foto de capa. Reitera-se que não há um desmerecimento dos prêmios em comparação, mas sim, um olhar crítico acerca das estratégias da publicidade, tendo em vista que a “força de comunicação para a propaganda fundamenta-se na sua grande capacidade de cobertura a curto prazo, na sua atratividade e na possibilidade de uso de mensagens com som, imagem, cores e movimentos” (Sampaio, 2013, p. 91).

O último vídeo é breve, possui 7 segundos e 31 mil curtidas, e foi visualizado, até o dia descrito na fonte, 1,3 milhões de vezes, exclusivamente no *Facebook* (Imagem 9). Estrelado por Faustão, não há narrações ou textos verbais, apenas na logo da promoção. Tais informações são relevantes ao passo que reafirmam o potencial do texto visual ao alcançar pessoas e construir significados. Este vídeo é semelhante ao anterior quanto à organização e estruturação da narrativa. A imagem é construída em quadros e sugere um movimento em várias posições do apresentador. A princípio, o participante se posiciona de costas, em um ângulo oblíquo, configurando uma imagem de oferta, depois se vira ao observador, surpreendido, e já se apresenta ingerindo um iogurte, concluindo o vídeo sorrindo para frente, estabelecendo um nível máximo de interação por um contato por demanda ao se posicionar diretamente para o leitor. Enquanto isso, diversos produtos são exibidos em rotatividade. A ação do participante representado simula o ato de comer escondido, hábito corriqueiro na cultura brasileira ao se tratar de um produto muito bom.

A câmera, neste caso, exerce o papel daquele que descobre o quão apreciado é o produto da *Vigor* por Faustão. A rotatividade dos produtos sugere, também, que diversos outros itens poderiam ser apreciados pela figura pública e por possíveis participantes interativos.

Imagem 9: Vídeo comercial 3



Fonte: Disponível em: <<https://tinyurl.com/y7an8ksx>>. Acesso em: 12 maio 2020

Neste contexto, a modalidade, a qual lida com o grau de confiabilidade das imagens e garante credibilidade para a mensagem transmitida para o leitor (Kress; van Leeuwen, 2006), recebe ainda mais destaque diante do intuito do vídeo em potencializar o conhecimento dos produtos *Vigor*. Para isso, a variedade exposta é maior que nos vídeos anteriores e os itens são apresentados em uma escala policromática conforme suas representações concretas. Há profundidade nas imagens, permitindo o conhecimento do fundo, e

o ambiente é bem iluminado. Outro ponto relevante para a propaganda, é a atenção atribuída à logomarca da promoção, acentuada e construída gradativamente no vídeo, tendo em vista que transmite a essência da campanha "Descubra esse sabor, descubra que é Vigor". A logomarca é composta por uma casa, em formato semelhante a uma embalagem de iogurte, item tradicional da marca *Vigor*. A "casa" é preenchida com as informações da promoção e, por fim, é recheada de produtos. Tal organização sugere que através das compras para concorrer aos prêmios, os produtos podem compor o seu lar. A relevância deste discurso se dá conjuntamente com a ação da figura humana se alimentando de um produto da marca, também um iogurte, configurando uma referência positiva na publicidade e na relação modelo entre participantes representados e interativos.

Em suma, as relações estabelecidas através das imagens dos dois gêneros em foco se estruturam por recursos similares. A primeira imagem analisada, por se tratar de um retrato da página da rede social, abarca o conteúdo de todas as demais publicações, e por essa razão é diferente em estrutura, mas a identidade da *Vigor* permanece por meio da logomarca, das cores e fontes utilizadas que se repetem em todas as outras peças do *corpus*. As outras duas publicações, foto de capa e mural de notícias, se diferem em virtude do segmento publicado, tendo como mudanças principais a escala das cores, uma colorida, e outra monocromática; e no nível de contato, a primeira é de demanda, e a segunda de oferta. Os pontos convergentes são a distância social, plano médio; o ângulo, frontal; e o poder, igualitário.

As imagens dos três vídeos seguem um padrão. Nos momentos iniciais o contato é de oferta, e em seguida torna-se de demanda, promovendo contato direto com participantes interativos. A distância social transmite personalidade, variando apenas entre plano médio e íntimo. Os ângulos são também frontais e não há distinção de poder, assim como nas imagens. A modalidade é mais acentuada nos recortes dos vídeos, como visto na exposição dos produtos em todos os recortes, na ambientação do plano de fundo e nas cores

fiéis aos itens materiais. Portanto, a campanha publicitária da *Vigor* investiu na relação pessoal, amigável e direta a fim de que os observadores fizessem parte do contexto.

A rede *Facebook*, ao divulgar a campanha na plataforma *Business* e ao discorrer sobre os pontos positivos desta propaganda, dialoga e sustenta esses tipos de relações entre PR e PI, e motiva os produtores dos textos a criarem em determinados formatos que prezem a rapidez e a vivacidade para alcançar o engajamento. Anne Napoli, diretora de marketing da *Vigor* durante a campanha, no website da rede *Business*, afirma:

A parceria com o *Facebook* foi importante porque nos ajudou conjuntamente com a agência a desenvolver peças criativas e diferenciadas, e ferramentas de engajamento. Com isso, conseguimos aumentar a consideração de compra da marca e aumentar a *performance* de conversão (Napoli, 2020, p. 1).

Assim, vê-se uma relação conjunta entre o *Facebook*, agência publicitária e *Vigor* para comunicar valores da marca, impulsionar vendas e captar clientes. Ademais, identifica-se a relevância atribuída às redes sociais atreladas ao grupo do *Facebook*, tendo em vista a mobilização de todos os programas da rede, seja para o formato *web*, seja para o formato de aplicativo para dispositivos móveis. Compreende-se a postura por considerar que

a internet é uma das grandes fronteiras de expansão da atividade publicitária, por diversas razões: sua interatividade, seu evidente potencial de crescimento, sua característica de facilitar o processo de *cross media* com os demais meios e a própria migração ou complementação de conteúdo de outros meios para o universo virtual (Sampaio, 2013, p. 102).

Os discursos se aproximam de produções pautadas na intencionalidade e no objetivo do ato comunicativo, associando os diversos modos semióticos para estabelecer a comunicação e propagar

determinada identidade (Fairclough, 2006). A *Vigor*, assim como grandes empresas, usufrui da conectividade digital e das diferentes formas de interação ao apresentar a publicidade conforme elucidada, ao associar seus produtos a um sentimento alegre e familiar, e ao destacar seus produtos pelo uso de influenciadores da mídia brasileira.

CONSIDERAÇÕES

Com as inovações desenvolvidas no ambiente digital, sobretudo nas redes sociais, a publicidade exerce papel significativo no processo de estabelecimento de marcas e discursos com a finalidade de atrair clientes e estimular crescimento financeiro. Refletindo acerca das relações que são moldadas através de discursos multimodais por intermédio da propaganda, as categorias analíticas propostas por Kress e Van Leeuwen (2006) contribuem para compreender como os sentidos são estruturados e repassados, ressaltando que, neste contexto de análise, o uso do modo visual se sobressai ao modo verbal.

O objetivo do estudo consistiu na análise de peças publicitárias através do significado interacional, com foco no modo visual, com nuances do modo verbal apenas no quesito de intensidade que de modo recorrente foi reafirmado pelas imagens. No que concerne a investigação, a presente pesquisa constatou que a campanha publicitária “Descubra que esse sabor, descubra que é Vigor” estabelece um padrão em que as relações entre participantes representados e interativos ocorrem de modo direto com os observadores em uma relação próxima, para suprir as necessidades da publicidade em promover sensações, emocionar e induzir à compra (Sampaio, 2013). Ressalta-se que esse processo não apenas indica o posicionamento da marca *Vigor*, mas também da rede social *Facebook* que possibilita a produção e divulgação de discursos, orienta a construção de

significados e se beneficia financeiramente dessa relação, para além da visibilidade destinada à rede. Cabem aos leitores refletirem criticamente sobre o que consomem das propagandas, tendo em vista que “todos os aspectos da vida social são agora afetados pela mídia [...]”; e todas as mensagens midiáticas sobre todos os aspectos da vida são circulados globalmente” (Fairclough, 2006, p. 103, tradução nossa)²⁷.

Destaca-se que existem outros aspectos que corroboram para os resultados encontrados, podendo vir a ser abordados em estudos futuros, como as escolhas dos processos verbais responsáveis por atribuir o tom de proximidade entre participantes em um discurso; o modo utilizado para sugerir ou solicitar informações, muitas vezes de maneira direta e imperativa; os recursos em movimento e sonoros, como trocas de cenário e a repetição de um ritmo musical como plano de fundo nos vídeos que contribui para a identificação da propaganda e memorização; e os demais significados, representacional e composicional, que oferecem um arcabouço teórico-metodológico para a leitura de imagens focalizando identidades e organizações textuais.

REFERÊNCIAS

BACKETT, T. What its brand? *In*: CLIFTON, Rita (Org.). *Brands and Branding*. Londres: Profile Books LTDA, 2009.

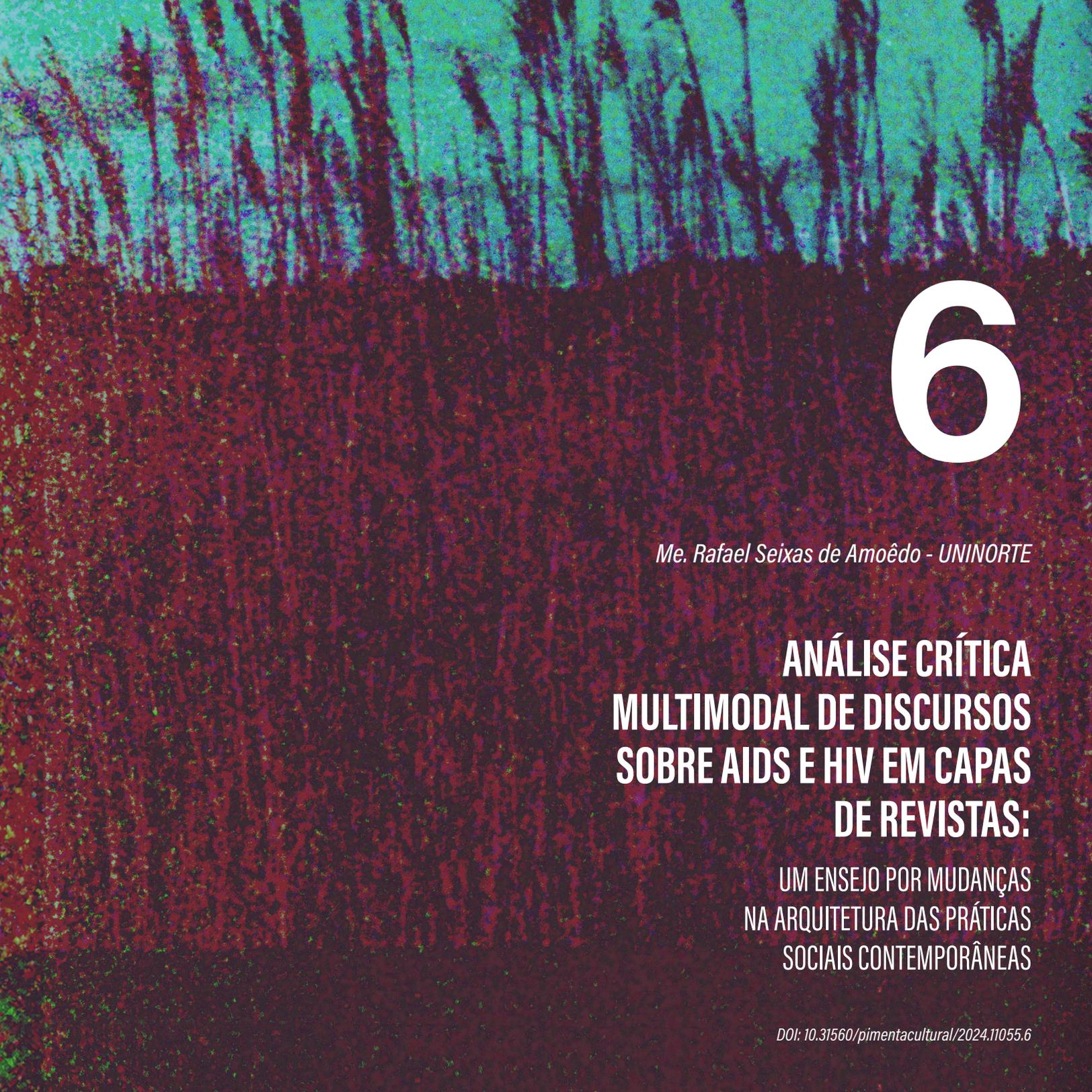
CARRASCOZA, J. Processo criativo em propaganda e intertextualidade. *In*: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007, Santos. *Anais*. Santos: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007.

FAIRCLOUGH, N. *Language and globalization*. Nova Iorque: Routledge, 2006.

27

Do original: “All aspects of social life are now affected by the media [...] and media ‘messages’ about all aspects of life are circulated globally” (Fairclough, 2006, p. 103).

- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.
- GOBÉ, M. *Brandjam* – Humanizing brands through emotional design. Nova lorque: Allworth Press, 2007.
- HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. *Construing experience through meaning* – A language-based approach to cognition. 5. ed. Londres: Continuum, 2006.
- HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. *An Introduction to Functional Grammar*. 3. ed. Londres: Hodder Arnold, 2014.
- HOUAISS, A. *Pequeno dicionário Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Moderna, 2015.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. 2. ed. Nova lorque: Routledge, 2006.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. Nova lorque: Routledge, 1996.
- IRVINE, M. *Media Theory and Technologies of Mediation: An Introduction. Communication, Culture & Technology Program*, 2016.
- MARTIN, J.; WHITE, P. *The language of Evaluation*. Nova lorque: Palgrave Macmillan, 2005.
- NAPOLI, A. In: *Facebook Business*. Brasil, 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/business>> Acesso em: 12 maio 2020.
- ROCHA, E. *Representações do consumo: estudos sobre a narrativa publicitária*. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2006.
- SAMPAIO, R. *Propaganda de A a Z: como usar a propaganda para construir marcas e empresas de sucesso*. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.
- VAN LEEUWEN, T. *The language of colour: an introduction*. Londres: Routledge, 2011.
- WILKIN, P. *The Political Economy of Global Communication: An Introduction*, Londres: Pluto Press, 2001.



6

Me. Rafael Seixas de Amoêdo - UNINORTE

ANÁLISE CRÍTICA MULTIMODAL DE DISCURSOS SOBRE AIDS E HIV EM CAPAS DE REVISTAS:

**UM ENSEJO POR MUDANÇAS
NA ARQUITETURA DAS PRÁTICAS
SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS**

PARA INÍCIO DE DISCUSSÃO

Reconhecer o fato de que as mudanças no uso e na prática linguística e, conseqüentemente, discursiva estão dialeticamente relacionadas a complexos processos sociais e culturais é o ponto inicial de discussão para este trabalho. As mudanças sociais não decorrem apenas na/da linguagem, mas se constituem como parte significativa e relevante para as transformações. Fairclough (2016 [2001/1992]) elenca alguns fatores causais desse fenômeno, por exemplo, os movimentos de extensão de mercado a novas áreas da vida social, que afetam o contexto de produção das atividades, das relações sociais, das identidades individuais e coletivas e configuram novas práticas linguístico-discursivas. Além disso, a grande mídia, as novas tecnologias, as condições políticas, econômicas e sociais, bem como as mudanças nos interesses humanos ao se utilizarem novas formas de comunicação, como as redes sociais digitais, afinam essa relação dialética entre o discurso e as respectivas mudanças socioculturais.

Na sociedade denominada contemporânea ou pós-moderna, os atores sociais estão sempre cercados por “palavras, ideias e imagens que penetram nossos olhos, nossos ouvidos e nossa mente, quer queiramos quer não e que nos atinge, sem que o saibamos” (Moscovici, 2007, p. 33). Entre esses discursos têm-se os enunciados sobre HIV/AIDS, que recentemente acentuaram novos debates na mídia. Uma afirmação do presidente Jair Bolsonaro²⁸ levantou reflexões, durante uma coletiva de imprensa datada em cinco de março de 2020 acerca da campanha governamental de abstinência sexual e gravidez na adolescência, por ter caracterizado os portadores desse vírus de “um problema e despesa para todos no Brasil”. Em seguida,

28

Para maiores informações, sugere-se a leitura da reportagem discriminada, a seguir: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/pessoa-com-hiv-e-uma-despesa-para-todos-no-brasil-diz-bolsonaro.shtml> Acesso em: 12/05/2020.

no dia oito de março, outro discurso do presidente ampliou ainda mais essas questões ao novamente utilizar adjetivos pejorativos como “pena” e “aidético” para se referir à condição dos portadores.

Esses debates inquietaram-me enquanto pesquisador. Inquietações advindas também da disciplina de Discurso e Representação Social, ministrada no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH-UEA), em 2019. Este trabalho se propõe então a evidenciar determinadas mudanças discursivas e sociais no discurso sobre HIV/AIDS no gênero capa de revista. Este capítulo se subdivide em duas partes: Inicialmente, uma abordagem geral sobre a Análise de Discurso Crítica e Multimodal (ADCM), um diálogo de perspectivas adotadas por Fairclough (2016 [2001]) e Kress e Van Leeuwen (2006 [1996]). Já na segunda parte, faz-se a contextualização do fenômeno investigado, bem como a identificação e levantamento exploratório de nove capas de revistas sobre HIV/AIDS. Por fim, o texto culmina em uma proposta de análise discursiva crítica multimodal de duas destas capas selecionadas de modo que sejam contextualmente e historicamente distintas. O presente capítulo visa também colaborar na consolidação desses diálogos teóricos e metodológicos nas abordagens crítico-discursivas e multimodais outrora realizados (Amoêdo; Soares, 2018; 2019; 2020).

1. DISCURSO E MUDANÇA SOCIAL: ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA E MULTIMODALIDADE

Norman Fairclough (2016) em sua obra, *Discurso e Mudança Social* (2001), publicada originalmente, em inglês, em 1992, com título, *Discourse and Social Change* atribui um importante destaque aos pressupostos arqueológicos e genealógicos referendados pelo sociólogo Michel Foucault. A importância se deve ao trabalho

do linguista britânico na busca por uma caracterização de um olhar social mais dialético entre o discurso e as relações com o poder. Além disso, no que se refere ao papel sociodiscursivo na construção dos sujeitos e do conhecimento, e o funcionamento do discurso para mudança social, ou seja, as práticas e as condições dessas transformações estando associadas a uma formação discursiva (FD). Fairclough (2016 [2001]), então, se propõe de forma transdisciplinar a desenvolver uma teoria social da linguagem que rompesse os paradigmas existentes entre as ciências sociais e humanas e as ciências da linguagem, tornando-as limítrofes. Essa perspectiva denominada Análise de Discurso Crítica (ADC) reuniria uma análise de discurso orientada linguisticamente e textualmente em diálogo com o pensamento social e político relevante ao discurso e a linguagem em tese e, com isso, arquitetava-se um quadro teórico considerado produtivo para a pesquisa científica e para o estudo da mudança social.

No processo de formação discursiva, os sujeitos ao tornarem-se atores sociais, passam a produzir enunciados que são permeados, em sua natureza, por suas constituições identitárias, sendo estas parte e função do enunciado, ou seja, os enunciados ou discursos articulam e posicionam os sujeitos tanto como produtores quanto receptores (Fairclough, 2016, p. 70), tornando-os atores sociais, sendo que as articulações dessas modalidades são historicamente específicas e abertas às mudanças históricas e culturais.

A ADC, na verdade, se refere a um conjunto de abordagens científicas inter e transdisciplinares para os estudos críticos da linguagem como forma de prática social (Vieira; Macedo, 2018, p. 49). Entre essas abordagens, privilegia-se, neste trabalho, a proposta dialético-relacional, de Fairclough (2016 [2001]) em diálogo com a Gramática do Design Visual (Kress; Van Leeuwen, 2006 [1996]).

O discurso, em sentido *lato*, é definido como uma atividade social dialética, ou seja, possui natureza constitutiva- ao mesmo tempo em que é moldado pelas práticas, relações e eventos sociais,

também as modifica. Fairclough (2016 [2001/1992]) considera que qualquer evento discursivo é, simultaneamente, um exemplo de texto, de prática discursiva e de prática social.

Não obstante, Fairclough (2016, p. 257) apresenta em sua obra basilar algumas tendências de mudanças discursivas que afetam as ordens do discurso e, dessa forma, aos contextos social e cultural: a democratização, a comoditização e a tecnologização. Por democratização, Fairclough (2016 [2001], p. 258) define-a como a “retirada de desigualdades e assimetrias dos direitos, das obrigações e do prestígio discursivo e linguístico de certos grupos de pessoas”, por exemplo, pela inclusão de dialetos e sotaques em telejornais, a tendência à informalidade, os estudos de linguagem e gênero (relacionado ao sexo); Por comoditização, refere-se ao processo em que instituições sociais diversas que não possuem um propósito marcado para produzir “mercadorias”, inversamente passam a ser organizadas em torno desses processos de produção, distribuição e consumo próprios da esfera econômica. Isso se deve à intensidade da ‘cultura empresarial’ e do capitalismo em contexto contemporâneo que os torna atores sociais, isso inclui instituições, vendedores e clientes. Não poderia deixar de citar, por exemplo, o discurso publicitário, que se utiliza dos textos multimodais para produzir uma reação imediata a um mundo de consumidores potenciais (Fairclough, 2016 [2001], p. 270); Por último, o autor cita a ‘tecnologização’ que se subdivide em duas instâncias: as tecnologias discursivas e a tecnologização do discurso. Na sociedade atual, esse movimento molda-se à busca do controle e acesso sobre a vida das pessoas. O estabelecimento de habilidades voltadas ao treinamento de tecnologias, em que se apropriam da linguagem, discurso e poder para, por exemplo, ampliar o gênero ‘conversa’ da esfera privada à institucional ou o treinamento de professores para o uso de computadores no ensino.

Nessas novas paisagens contemporâneas, torna-se necessário também repensar a importância das mais diversas modalidades semióticas que englobam a arquitetura de um texto: as imagens,

as cores, os sons, os gestos, o olhar, o movimento, a tipografia, o uso de hipertextos, entre outras. Concorde-se com Vieira (2007), que apenas a análise multimodal do texto, ou seja, compreendendo todo o arranjo que o compõe, abarcando todas as suas multissemióticas, poderia então dar conta da complexidade ideológica e das intenções comunicativas produzidas em um dado contexto (multi ou socio) cultural. As práticas discursivas contemporâneas acentuam o uso desses tipos de textos multimodais como formas de comunicação, por exemplo, os discursos em contexto digital, nas mídias, na publicidade, que apresentam uma gama de características como: o hibridismo, a intertextualidade, a interdiscursividade, o dialogismo, a própria multissemiótica, entre outras características que tornam as práticas cada vez mais fluidas ou líquidas, rememorando um termo conceitualmente proposto por Bauman (2001).

Chouliaraki e Fairclough (1999) destacam que é possível utilizar-se da perspectiva discursiva crítica a textos que abrangem multissemióticas, considerando o movimento contemporâneo chamado de “virada icônica”, em que se pressupõe a relação da linguagem e sua produção inter-relacionada a todos os modos semióticos disponíveis ao produtor no contexto sociocultural que se insere. Alinhando-se a isso, Kress e Van Leeuwen (2006 [1996]) propõem a chamada Gramática do Design Visual (GDV), formulada inicialmente em 1996, com segunda edição em 2006, porém, essa não tem o propósito, no sentido estrito do termo, de assemelhar-se com o desenho do atual modelo de gramática linguística e verbal. O objetivo, de fato, é inventariar e propor estruturas que pudessem ser utilizadas nos mais diversos sistemas semióticos como modos de composição, representação e interação. Todos os modos comunicativos utilizados na produção de um texto ou discurso possuem significados e, portanto, não estão ideologicamente deslocados ou acrescentados apenas para adornar ou ilustrar o texto verbal, ainda que hodiernamente se tenha ainda muitos textos com problemas estruturais ao se fazer uso dessas multissemióticas, conforme se apontou em Amoêdo

e Soares (2020). No quadro, abaixo, sintetiza-se as categorias propostas para uma perspectiva de análise discursiva crítica e multimodal, a partir das engenharias teórico-metodológicas propostas por Fairclough (2016 [2001/1992]) e Kress e Van Leeuwen (2006 [1996]). Neste trabalho, os desdobramentos dessas categorias serão utilizados na posterior etapa de análise dos textos.

Quadro 1: Pannel de categorias para uma proposta de análise discursiva crítica multimodal

ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA (ADC)		MULTIMODALIDADE/ GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL (GDV)	
<p>Prática Textual</p> <p><i>Análise linguística do texto em aspectos lexicais, semânticos, sintáticos e em relação dos gêneros.</i></p>	<p>Vocabulário- <i>léxico</i></p> <p>Gramática da frase</p> <p>Coesão entre as sentenças</p> <p>Estrutura genérica dos textos</p>	<p>Significado Composicional</p> <p><i>O modo como está organizado o layout do texto</i></p>	<p>Valores informativos:</p> <p><i>Elementos à esquerda, à direita, ao centro, à margem, acima, abaixo.</i></p> <p>Saliência: <i>elemento mais ou menos saliente</i></p> <p>Moldura: <i>com ou sem enquadre.</i></p>
<p>Prática Discursiva</p> <p><i>Análise das relações de interação e natureza dos contextos de produção, interpretação, consumo, distribuição e elementos macrotextuais.</i></p>	<p>Contexto de produção</p> <p>Contexto de distribuição</p> <p>Contexto de consumo</p> <p>Contexto sociocultural</p> <p>Força enunciativa dos textos</p> <p>Coerência</p> <p>Intertextualidade</p> <p>Interdiscursividade</p>	<p>Significado Interacional</p> <p><i>Estabelecer as relações estabelecidas entre o participante que está representado e aquele que interage com o texto (ao ler, ao observar, reproduzir, analisar)</i></p>	<p>Contato (ou não) <i>pelo olhar entre o representado e aquele que interage ao texto.</i></p> <p>Distância e planos: <i>íntima, social, impessoal, aberto, fechado.</i></p> <p>Ângulo: <i>horizontal, vertical, oblíquo, de costas, linha do olhar.</i></p> <p>Modalidade: <i>naturalista ou abstrata.</i></p>

ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA (ADC)		MULTIMODALIDADE/ GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL (GDV)	
Prática Social <i>Análise das questões relacionadas às implicaturas sociodiscursivas dos textos, como efeitos ideológicos e relações de poder.</i>	Ideologia Hegemonia	Significado Representacional <i>Identificar os elementos participantes e processos que representam a estrutura do texto.</i>	Participantes: <i>representado (PR) e interativo (PI)</i> Estrutura representada: Narrativa: <i>com vetores acionais, gestos, olhares.</i> Conceitual: <i>sem vetores, estática, com conceitos, classificações, grafismos.</i>

Fonte: produção do autor, com base em Fairclough (2016 [2001/1992]) e Kress e Van Leeuwen (2006 [1996]).

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa de abordagem qualitativa utiliza-se da perspectiva de Análise de Discurso Crítica e Multimodal (ADCM), um diálogo proposto entre Fairclough (2016 [2001]) e a Gramática do Design Visual, de Kress e Van Leeuwen (2006 [1996]). A análise se subdivide em dois momentos: Em um primeiro momento, fez-se um levantamento de capas de revista sobre a temática AIDS/HIV disponíveis na internet. Esse levantamento realizado em novembro/2019 resultou em nove capas de revistas, abrangendo períodos desde o final da década de 1980 a 2019, com saltos temporais. Dessas nove, selecionou-se duas para uma fina análise sob a ótica da perspectiva discursiva crítica multimodal, comparando-as quanto aos discursos, contextos, práticas e refletindo sobre possíveis mudanças verificadas. Quanto ao gênero selecionado, parte da escolha refere-se aos

exemplos utilizados na referida disciplina que culminou na produção deste trabalho. Não obstante, considera-se sua realização bastante produtiva para o empreendimento de análises e investigações das práticas sociais. No sentido *lato*, a capa é a responsável pela “primeira impressão do leitor”. Enquanto estrutura, a maioria das revistas opta pela capa de imagem única, mas com vários temas. É multimodal, pois é composta de um arranjo entre imagem e texto verbal, comumente, em formato de manchetes ou legendas.

Importante ressaltar que se concorda com Resende (2017, p. 46) ao afirmar que a escolha das categorias analíticas a partir do painel (Quadro 1) não deve ser *a priori*, mas em consonância com as necessidades apontadas nos dados, pois as pesquisas em ADC partem de um problema de ordem social, sendo a ordem linguística uma ferramenta fundamental para a investigação desses problemas sociais, devido ao papel central do discurso no funcionamento cultural da sociedade. A autora ainda destaca que não se deve impor categorias analíticas aos dados nem tampouco aplicar aos dados todas as categorias analíticas. Por se propor uma abordagem textualmente orientada é o texto quem demandará certos tipos de análises e categorias ou não.

Realizado o panorama teórico e metodológico deste trabalho, é importante, a partir desta seção, apresentar o fenômeno social investigado, a iniciar por uma contextualização acerca da gênese do vírus da HIV e da síndrome AIDS.

3. CONTEXTO, FATOS E CASOS: BREVES RETROSPECTOS

O Departamento de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis, do Ministério da Saúde²⁹ informa que o HIV é uma sigla, em inglês, ao vírus da imunodeficiência humana. É o vírus causador da AIDS, brasileirismo para síndrome da imunodeficiência adquirida³⁰ e que ataca ao sistema imunológico, responsável pela defesa do organismo de doenças. As células mais atingidas são os linfócitos T CD4+. O HIV altera o DNA dessa célula para se multiplicar, rompendo os linfócitos em busca de outros para continuar a infecção. O Ministério da Saúde afirma que ter o HIV não é a mesma coisa que ter AIDS. Há muitos soropositivos que vivem anos sem apresentar sintomas e sem desenvolver a doença, mas podem transmitir o vírus a outras pessoas por relações sexuais sem preservativos, pelo compartilhamento de seringas contaminadas, durante a gestação (de mãe para filho) ou na amamentação. Por isso, orienta-se fazer sempre o teste e se proteger em todas essas situações.

A revista *Super Interessante*³¹ (2020) reconstitui a origem da AIDS. Em um retrospecto aponta-se que a doença se originou a partir de um vírus chamado SIV, encontrado no sistema imunológico dos chimpanzés e do macaco-verde africano. O SIV é um vírus mutante que teria dado origem ao HIV, o vírus da AIDS. Não há um consenso sobre a data das primeiras transmissões, mas a mais provável se dá por volta de 1930. Apenas na década de 1980, a AIDS é reconhecida como doença. Surgem assim, vários relatos de sintomas, inicialmente, em atores sociais que tinham atividades

29 Fonte: <http://www.aids.gov.br/pt-br/publico-geral/o-que-e-hiv> Acesso em: 03/03/2020.

30 Sigla, em português, para *acquired immune deficiency syndrome*, síndrome de imunodeficiência adquirida (sida).

31 Fonte: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-surgiu-a-aids/> Acesso em: 05/05/2020.

sexuais homoafetivas. Em 1983, começam-se os testes para identificar a presença de anticorpos no sangue, mas apenas em 1986 aparece a sigla HIV. O AZT, primeira droga utilizada no tratamento da doença só é criada em 1987. A chegada da TARV (terapia antirretroviral) e sua universalização na França, ao final da década de noventa, fez também com que houvesse mudanças e avanços em relação à doença. Nesse momento, o Brasil também teve um papel importante no desenvolvimento de soluções e isso inclui a Lei nº 9.313/96 que institui que todos os portadores devem receber pelo Sistema Único de Saúde (SUS) as medicações necessárias e de forma gratuita, os comumente chamados coquetéis. Segundo o UNAIDS Brasil³², há cerca de 37,9 milhões de pessoas em todo o mundo (con)vivendo com o HIV (estatísticas de 2018).

Jodelet (1993), ao tratar do evento social “AIDS”, reafirma que, na década de 1980, a mídia se confrontou com algo que até então não havia evidências. Inicialmente, foi descrita de forma trágica ou fatal. Depois, constituíram-se os “contaminados” questionando-se como? ou por quê? Muito disso envolto do senso comum, por exemplo, o discurso de que apenas “drogados, hemofílicos, homossexuais, recebedores de transfusões de sangue” (idem) ou quem tivesse contato com os principais vetores: sangue e esperma, poderiam ser contaminados. Isso fez com que se construíssem representações de cunho moral, social e biológico envolvendo comportamentos, relações sexuais e sociais dos sujeitos portadores da doença.

Ao trazer essa percepção, a autora remonta às primeiras mudanças sociais e discursivas sobre o fenômeno AIDS. Por exemplo, a notícia, a seguir, publicada no jornal- *Notícias Populares*, em 1983, que noticiou o primeiro caso de AIDS no Brasil e a identificação

32

É um Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/ AIDS (UNAIDS) e lidera e inspira o mundo para alcançar uma visão compartilhada de zero nova infecção por HVI, zero discriminação e zero morte relacionada à AIDS. A página apresenta dados parceiros do Ministério da Saúde. Fonte: <https://unaids.org.br/estatisticas/> Acesso: 03/03/2020.

da doença por transfusão sanguínea. Na época, adotou-se inclusive o termo Doença dos 5H, uma referência que englobaria uma série de identidades de forma a sujeitá-las: homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroinômanos - usuários de heroína injetável e hookers - profissionais do sexo, em inglês.

Imagem 1: Manchete publicada no jornal- *Notícias Populares* (1983)



Fonte: <http://www.ioc.fiocruz.br/aids20anos/linhadotempo.html> Acesso em: 03/03/2020.

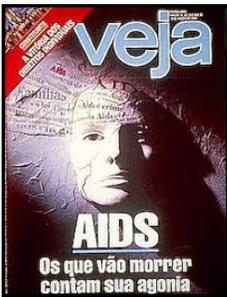
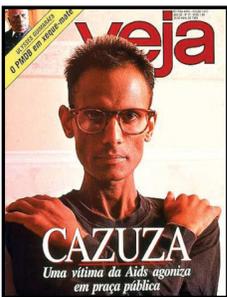
No excerto, acima, observa-se a chamada primeira fase da cadeia discursiva sobre a AIDS, os enunciados a destacam e a relacionam estritamente às práticas homoafetivas. Nessa fase, surgem discursos como “câncer gay” ou GRID (*Gay-Related Immune Deficiency*) (Butturi Júnior; Lara, 2018, p. 397). Discursos sobre identidade sociossexual, racial e morte iminente eram narrados na grande mídia. Acentuou-se, nesse momento, um pedido ao retorno à conjugalidade heterossexual e constituíram-se os chamados “grupos de risco”. Atré-ladas a isso, iniciaram-se campanhas internacionais pelo uso de preservativos, sobretudo, para atores sociais masculinos. Em um segundo momento, buscou-se “democratizar” e ampliaram-se os “tipos possíveis de sujeitos”, o que incluiu tanto práticas sociais

quanto sexuais e pôs em debate esses discursos estigmatizantes, ou seja, para além dos sujeitos não-heteronormativos. Também se expandiu os ativismos, buscando-se “documentar” os portadores da doença. Atualmente, há uma busca por “narrativas positivas” acerca da temática, enfatizando alternativas para a qualidade de vida dos que vivem com HIV e AIDS, integração e assistência, bem como luta contra a discriminação (Butturi Júnior; Lara, 2018). Algumas dessas mudanças podem ser notadas no levantamento e na análise proposta neste trabalho, a seguir.

4. LEVANTAMENTO INICIAL NO GÊNERO CAPAS DE REVISTA SOBRE A TEMÁTICA

A seguir, realizou-se um levantamento de nove capas de quatro instituições acerca do fenômeno investigado. Interessa-se em notar, neste momento, pontos de mudanças discursivas e sociais representadas nessas capas de revistas. Em seguida, duas dessas capas foram selecionadas para análise discursiva crítica e multimodal sob à dialético-relacional de Fairclough (2016 [2001]) e da GDV (KRESS e Van Leeuwen, 2006 [1996]).

Quadro 2: Levantamento exploratório de capas de revista sobre AIDS e HIV

Frame Visual (Capa)	Revista/ Data	Detalhes
	<p><i>Veja</i>, agosto (1988)</p>	<p>Na primeira capa, datada de 1988, a revista traz os relatos de portadores da doença. Apresenta de forma semelhante a abstrata a um rosto de manequim, com algumas fissuras, rachadas, semblante fisicamente de tristeza, na cor branca - como se estivesse pedindo paz - e uma série de palavras grafadas: AIDS, Famílias, lei, crime, entre outras. Em destaque, o título da capa chama bastante atenção e se alinha ao jogo de cores e sombras do texto visual. Em letra capitular, AIDS, aponta para a doença e o subtítulo remete à matéria relatada e atrela a doença à morte iminente e aos discursos dos portadores como um fenômeno de agonia pessoal. A faixa, em vermelho, remete a outra reportagem da revista, portanto, com relação marginal ao centro desta capa.</p>
	<p><i>Veja</i>, abril (1989)</p>	<p>A segunda capa apresenta o cantor Cazuza como uma "vítima da AIDS". A capa destaca um dos primeiros discursos sobre o vírus, amplamente atrelado a figuras públicas com relações homoafetivas. O cantor foi uma das primeiras personalidades a serem diagnosticadas com a doença e passou a ser manchete de diversos jornais e revistas. Essa capa repercutiu negativamente por considerar uma violação à privacidade do cantor, tendo sua doença exposta em uma capa com difusão nacional, após ter, na época, um ataque cardiorrespiratório e necessitar de atendimento hospitalar.</p>

Frame Visual (Capa)	Revista/ Data	Detalhes
	<p><i>Veja</i>, novembro (1991)</p>	<p>A terceira capa apresenta a fotografia de Magic Johnson que, na década de noventa, anunciou que tinha o vírus HIV. Há um destaque, na cor amarela, à fala do esportista "Pensamos que só os gays podem contrair o vírus [...] Pode acontecer com qualquer um". O anúncio surpreendeu e "modificou" o entendimento e desconhecimento que havia da doença, até então, atrelada apenas às relações homoafetivas. O jogador enfrentou pré-conceitos e pelo avançar da doença se aposentou em 2016, tornando-se técnico de times de basquete nos Estados Unidos.</p>
	<p><i>Veja</i>, junho/julho (1992)</p>	<p>A quarta capa apresenta o participante representado de costas (o que já pode revelar uma evolução em relação à exposição das pessoas portadoras), que segundo a legenda é o comerciante José, portador do vírus. Visualmente, apresenta-se na porta de um consultório médico. Abaixo da fotografia, há o título dessa capa "A vida por um fio - dramas e esperanças dos aidsíacos no Hospital Emílio Ribas". Novamente, retoma e relaciona a AIDS à morte iminente, com a metáfora do "fio", como algo ténue, passível de se romper. Há um paradoxo entre os termos dramas e esperanças, possivelmente como as duas facetas de quem convive e realiza o tratamento. Destaca-se um termo proeminentemente tachado hoje como negativo, mas que fora utilizado diversas vezes em outras referências- aidsíacos.</p>

Frame Visual (Capa)	Revista/ Data	Detalhes
	<p><i>Veja</i>, outubro (1998)</p>	<p>A quinta capa dá "voz" a histórias de mulheres que contraíram a doença por se relacionarem com seus maridos que, provavelmente, mantinham casos extraconjugais sem o uso de preservativos. A capa apresenta vários rostos de fotografias femininas, caracterizando-as como aquelas que "confiavam cegamente nos homens". Destaca um discurso de que apenas atores sociais masculinos eram os disseminadores da doença pelo fato da produção corporal do sêmen. O adjetivo "dramático" é utilizado para se referir a como é/será a vida destas mulheres a partir de então, sendo as vítimas dos homens. Importante destacar que a cor vermelha também está associada ao sangue e sua possível contaminação e à vida que também estaria em risco.</p>
	<p><i>Istoé</i>, maio (2000)</p>	<p>A sexta capa da revista <i>Istoé</i> apresenta uma mulher com AIDS, a atriz Sandra Bréa. Destaca, em letras capitulares na cor vermelha a palavra "preconceito", no qual convivem os portadores desse vírus. A capa, novamente, refere-se a um contexto fúnebre, de morte. E acentua que atores sociais que "assumem a doença publicamente" são alvos de preconceitos, abandono e solidão. A atriz é representada em uma fotografia em plano médio, o que sugere intimidade e demanda algo ao leitor/observador. Com semblante neutro, mas de boa aparência, ainda com que olhar triste e abatido, atrelado a características até então difundidas em outras capas.</p>

Frame Visual (Capa)	Revista/ Data	Detalhes
	<p><i>Super Interessante</i>, agosto (2013)</p>	<p>A sétima capa não apresenta participantes humanos e enfatiza o termo AIDS, em um jogo de cores e sombra em tons de vermelho, e a frase "Enfim, a cura". O advérbio <i>enfim</i> é utilizado para representar conclusão, um acontecimento tão esperado e tem como sinônimo "finalmente". Abaixo, descreve-se "Dezesseis pacientes já venceram o HIV. E um remédio capaz de curar todos os outros está sendo testado em humanos, com resultados excelentes. Conheça os bastidores da descoberta médica mais importante das últimas décadas". Pela capa, que metaforicamente apresenta as letras "esvaindo-se no ar", entende-se como se o fim da AIDS tivesse sido alcançado pelos avanços médicos retratados posteriormente. A metáfora da cura é ainda mais alinhada com o uso do verbo "venceram". Para se referir à descoberta sempre são utilizados adjetivos positivos como- "excelente", "mais importante".</p>
	<p><i>Galileu</i>, agosto (2017)</p>	<p>A oitava capa apresenta uma fotografia do <i>youtuber</i> Gabriel Estrela, que retrata que há sete anos vive com HIV. O participante é representado com blazer na cor vermelha e camisa branca em jogo com o plano de fundo e as letras. Abaixo, em letras menores, tem-se a frase "E o preconceito faz parte" que, novamente, retoma a questão do preconceito como algo que está ligado a quem porta o vírus. À direita, uma informação nova, de que testes de farmácia começariam a ser vendidos e um remédio preventivo lançado, mas aponta um paradoxo entre o avanço da ciência e o estigma ainda vivenciado.</p>

Frame Visual (Capa)	Revista/ Data	Detalhes
	<p>Época, março (2019)</p>	<p>A nona capa apresenta o ator social, Timothy Ray Brown, um americano que “se curou/ salvou da AIDS”, nos termos da capa, a partir de um transplante de medula. A foto representa apenas a face do homem, olhando para cima, numa analogia metafórica a ideia de milagre. A revista ainda destaca os termos “mistério e esperança” a partir desse caso, sendo o primeiro doente que se livrou do HIV. A capa está envolta a essa ideia de libertação, de livramento, as letras na cor branca mostram essa ideia de limpeza. Interessante notar a palavra AIDS em letras minúsculas, como algo não tão alarmante como visto anteriormente.</p>

Fonte: Produção do autor, levantamento de capas de revistas sobre a temática da AIDS/HIV, com breve descrição analítica.

Por meio deste levantamento, é possível notar uma manutenção, nas décadas de 1980-90, do discurso sobre AIDS/HIV com a metáfora de morte e ainda muito atrelado a atores sociais e personalidades públicas que mantinham relações homoafetivas ou extra-conjugais. A ideia de vida X morte, a metáfora do “pegar” remetendo-se diretamente ao contágio de alguém para o outro. Nos últimos vinte anos, já é possível notar uma mudança na representação social desses atores, ainda que com um discurso vinculado aos preconceitos (con)vividos, a metáfora de milagre, esperança. Importante destacar também, o uso da cor vermelha seja na tipografia das letras ou como plano de fundo nas capas apresentadas. Conforme já discriminado, a cor (remetendo-se ao sangue ou a metáfora do amor) é inclusive utilizada em campanhas de conscientização promovidas pelo Ministério da Saúde, sobretudo, no mês de dezembro de cada ano. Os participantes destas capas são retratados em sua maioria no nível de intimidade e as faces são ora tristes ora reflexivas, em uma perspectiva de demanda significativa via olhar ao leitor/observador. A seguir, delimitam-se duas destas nove capas para a realização de análise discursiva crítica e multimodal dos textos a fim de evidenciar possíveis mudanças discursivas e sociais.

4.1 POR UMA PERSPECTIVA DE ANÁLISE DISCURSIVA CRÍTICA E MULTIMODAL (ADCM)

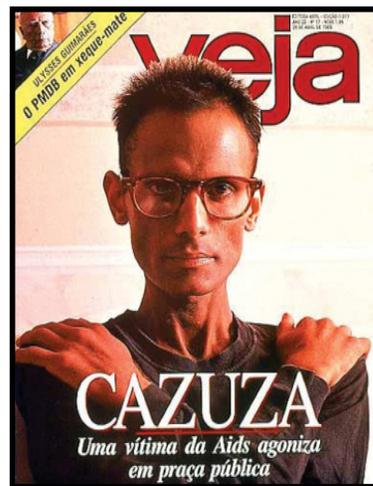
Das nove capas levantadas de forma exploratória, neste recorte analítico, toma-se duas para análise sob a ótica discursiva crítica e multimodal. Por critério de delimitação contextual e estrutural selecionou-se a **segunda** e **oitava** capa, que apresentam os atores sociais, Cazuzu e Gabriel Estrela, respectivamente. A seleção destas se deu por considerá-las produtivas para investigar e ilustrar as possíveis mudanças discursivas e sociais referentes ao evento investigado.

REVISTA *VEJA* (1989): O CASO CAZUZA

No Quadro 1, apresenta-se um painel de categorias analíticas tanto via Análise de Discurso Crítica (ADC) quanto via Gramática do Design Visual (GDV) o que contemplar uma investigação ampla da arquitetura do texto em seus múltiplos modos de sentido. No entanto, neste trabalho, a título de delimitação tomam-se alguns aspectos analíticos dessas abordagens teórico-metodológicas em uma proposta de diálogo, aspectos estes mencionados na análise, a seguir.

A partir disso, inicia-se a análise a partir da GDV quanto aos significados representacionais e composicionais, como o discurso é estruturado semioticamente? E quais são os participantes apresentados? Enfatizando-se, portanto, os elementos que compõem o *layout*, espaço visual do texto: valores de informação, saliência e moldura.

Texto de análise 1: Cazuzo- Uma vítima da Aids agoniza em praça pública



Fonte: Revista Veja, 1989.

Sob uma perspectiva multimodal, o participante (PR), Cazuzo, é representado de modo naturalista em uma fotografia. Reconhece-o não apenas pelo conhecimento de mundo do leitor, mas também pelo título com o nome em tipografia *Times New Roman*, referindo-se ao cantor Cazuzo. O participante protagonista está ao centro e mais saliente, sendo a informação mais importante. Culturalmente, ao centro, o elemento pode também ser caracterizado como mais fraco o que se alinha ao léxico do texto verbal - vítima. De forma acessória, às margens, está a outra manchete em evidência na cor amarela sobre um contexto do campo político. O participante está com os braços sob os ombros, relacionando-se a si próprio, portanto, na estrutura narrativa, não há outro alvo, uma meta a se relacionar, sendo, portanto, não transacional. O PR olha para o leitor-observador, ainda que com uma expressão um pouco vaga e, com isso, estabelece-se um contato por demanda. Encontra-se em maior saliência em relação ao título da revista, situado no plano de fundo, que, contextualmente, é parcialmente encoberta pela cabeça do ator social.

Em primeiro plano, situa-se o título da manchete, à frente do PR. Há uma coesão entre as sentenças e o processo de enquadramento (moldura) conecta todos os elementos, salvo a segunda manchete que destoa, mas essa é uma característica do próprio gênero – capa de revista –, apresentar esse híbrido de informações. O texto verbal utiliza, além do nome do ator social, Cazusa, a frase “uma vítima da AIDS agoniza em praça pública”. Com isso, ocorre um processo de categorização do cantor, identificando-o como vítima, um adjetivo de valor negativo, relacionado à doença. Acentua-se pelo verbo agonizar, que se refere à aflição, angústia de alguém, um processo comportamental, ou seja, orações verbais que representam processos fisiológicos e manifestam estados do indivíduo, remetendo-se ao fato de que publicamente Cazusa sentiu-se mal, situando o vírus como um impulsionador de outros sintomas.

Ao analisar-se sob a ótica da ADC, enquanto prática discursiva, prática esta que se relaciona às práticas social e textual, o contexto de produção da capa se refere ao histórico do incidente do cantor acometido por uma parada cardiorrespiratória em praça pública à época. A capa foi produzida pela revista *Veja* (1989), uma revista de distribuição semanal brasileira agenciada pela Editora Abril. No geral, a revista trata de temas variados de abrangência global e nacional, com maior frequência, a temas envoltos em questões políticas, econômicas e culturais. Segundo dados de 2017³³, é a de maior circulação no país e possui uma tiragem superior a um milhão de cópias. Enquanto consumo, a revista foi lida e obteve uma resposta de forma bastante negativa por acentuar um fato privado da vida do cantor, um dos primeiros a ser amplamente anunciado com AIDS. A intertextualidade do título remete ao evento do próprio contexto histórico, mas retratada de forma implícita, exigindo-se conhecimento de mundo.

33

Fonte: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-a-revista-de-maior-circulacao-no-brasil-e-no-mundo/> Acesso em: 22/05/2020.

O significado interacional entre o participante representado e o participante interativo, nós, leitores e observadores, é estabelecido pela distância íntima com que o ator social é apresentado, situando-se no nível do olhar do leitor, constituindo um sentido de certa intimidade tanto pela distância quanto pelo ângulo, buscando-se cativar o leitor a compadecer-se do PR. Por apresentar uma fotografia, aponta-se para a modalidade naturalista, o que também faz com que se localize coerentemente tanto o aspecto visual quanto verbal no contexto de mundo do participante interativo. O jogo de cores e a composição - claro e escuro - sugerem uma divisão entre aquilo é “bom” e aquilo que é “ruim”, acentuado também pela cor da roupa do ator social representando o sentimento de tristeza, luto e dor.

A análise da prática social recai sobre os significados estabelecidos a partir das ideologias e relações hegemônicas. Observa-se então que há dois participantes representados centrais, a revista *Veja* e o ator social, o cantor Cazuza. O significado representacional, conforme já mencionado, é narrado por uma estrutura não transacional, ou seja, sem a meta, ou ainda, reflexivo pelas mãos sob os ombros do ator. As orientações ideológicas perpassam pelo processo de negatização da doença e também das consequências provocadas por ela, como outros sintomas e até mesmo fazendo com que o participante, agonize. As revistas, no geral, são instrumentos que difundem opiniões e estabelecem relações de poder hegemônicas, portanto, a visão de inserir o cantor como vítima e acentuar um evento clínico particular tende a destacar ora expurgo desse ator social e ora até um compadecimento negativo pelo ocorrido ao colocá-lo com este adjetivo como alguém que necessitaria de ajuda, efeito construído através do significado interacional.

REVISTA *GALILEU* (2017): O CASO GABRIEL ESTRELA

A segunda capa a ser analisada é a da revista Galileu, publicada em 2017 e que apresenta o *youtuber* Gabriel Estrela, portador da HIV, como manchete principal. A capa será analisada com base nas categorias analíticas disponíveis no Quadro (1), sendo o texto quem orienta e demanda a análise a ser realizada.

Texto de análise 2: Eu vivo com HIV



Fonte: Revista Galileu, 2017.

Assim como na análise do Texto 1, inicia-se a análise do Texto 2, a partir da GDV, pelo significado composicional, o discurso investigado enquanto prática textual. O significado composicional da capa é construído a partir dos seguintes valores de informações. Acima, identifica-se a informação ideal: a marca (Galileu) em letra capitular maiúscula, bem como a do slogan “A ciência ajuda você a mudar o mundo”, retratando o foco informativo da produção.

Em um quadro nas cores preto e branco apresenta ainda outras notícias que se encontram em páginas posteriores e que não possuem relações intrínsecas com o PR, abaixo. Ao centro tem-se a informação central, o PR protagonista, o *youtuber* Gabriel Estrela. Ao centro e à esquerda, tem-se um vetor, uma seta, que aponta a um texto verbal “Gabriel Estrela, *youtuber* recebeu o diagnóstico há 7 anos” (no referido ano de publicação - 2017). Ao centro e à direita, tem-se um novo vetor que apresenta uma informação nova ao leitor de modo verbal: “Teste de farmácia começa a ser vendido neste mês e remédio preventivo deve chegar até o fim do ano - a ciência avança para conter a AIDS, mas o estigma continua o mesmo”. Saliente ao PR, em caixa alta, apresenta-se a frase “EU VIVO COM HIV” em tipografia na cor branca e, abaixo, em letras menores “E O PRECONCEITO É A PIOR PARTE”. Apenas com essas informações é possível notar que o enfoque é retratar o estigma, o preconceito de quem é diagnosticado com a síndrome, e mesmo com os avanços científicos ou mudanças culturais, esses atores sociais ainda são estigmatizados por outros.

Ao analisar o texto visual, percebe-se que o PR central está em média saliência em relação ao todo do texto, devido haver uma frase que media a contextualização entre os planos. Essa frase arquiteta-se de modo coeso e coerente tanto verbal quanto visualmente com a roupa e a cor do plano de fundo da capa. Ainda assim, o PR está em uma relação de saliência com o quadro de informações acima, a sua cabeça transpassa os limites do enquadre. Não sendo um desenho abstrato, o participante é representado de modo naturalista por uma fotografia. No que se refere ao significado representacional, a capa apresenta uma arquitetura de significados postos. No aspecto visual, a partir das categorias elencadas pela GDV, é representada via estrutura narrativa acional não transacional, o PR não possui uma meta e de modo reflexivo o frame apresenta o PR (des)abotoando a camisa. Contudo, enquanto estrutura também, em certo grau, pode ser considerada conceitual, simbólica e analítica, pois enfatiza um determinado atributo e característica do portador. E reafirma o que o participante é ou significa ao apresentar uma atmosfera manipulada

por um jogo de cores, iluminação, sombras. É possível notar também a revista Galileu no topo do texto como um dos participantes.

Quanto ao significado interacional, ou seja, a relação que se constrói entre PR e PI, é realizado ao estabelecer-se um contato por demanda, o PR emana imaginariamente algo para o observador pela linha do olhar. A distância é feita em plano médio, o que induz um tipo de relação próxima ao leitor ainda que mediano. Isso se justifica pelo fato de o leitor observá-lo de forma equânime (no olhar), mesmo que se saiba que a revista detém uma relação de poder assimétrica com o PI. A perspectiva é frontal, o que sugere certo poder do participante retratado, alguém que vem a público falar de algo tão pessoal; quanto à modalidade, é naturalística e as cores evidenciam o vermelho tão amplamente difundido como a cor-símbolo mundial da luta contra o vírus e inclusive sendo utilizada em campanhas de conscientização do Ministério da Saúde.

Imagem 2: Laço vermelho, símbolo mundial do vírus do HIV/AIDS³⁴



Fonte: <http://giv.org.br/Ativismo-GIV/La%C3%A7o-Vermelho-S%C3%ADmbolo-da-Luta-Contra-a-AIDS/>
 Consultado em 24/7/2020.

34 Segundo o Portal do Grupo do Incentivo à Vida (GIV) o laço vermelho é retratado como um símbolo de solidariedade e comprometimento na luta contra a AIDS. O projeto do laço foi criado, em 1991, pela Visual AIDS, grupo de profissionais de arte americano, para homenagear amigos que haviam morrido ou estavam morrendo de AIDS. O grupo tem a proposta de conscientização sobre a transmissão e das necessidades de quem convive com a doença, além de angariar fundos e promover a prestação de serviços. O laço vermelho foi escolhido dado à ligação com o sangue e à ideia de amor/ paixão, e inspirado no laço amarelo que honrava os soldados americanos da Guerra do Golfo. A imagem foi utilizada publicamente, pela primeira vez, pelo ator Jeremy Irons, em 1991. Fonte: <http://giv.org.br/Ativismo-GIV/La%C3%A7o-Vermelho-S%C3%ADmbolo-da-Luta-Contra-a-AIDS/> Consultado em 24/7/2020.

A análise via ADC, no que trata a prática textual, evidenciou que as frases em destaque no texto são compostas por orações coordenadas truncadas na composição multimodal, mas que se relacionam pela conjunção aditiva (e), propondo uma ideia de acréscimo à informação anterior. No quadro (3), a seguir, faz-se análise discursiva e linguística dessas frases que compõem o título da manchete em destaque.

Quadro 3: Análise linguística das frases selecionadas em destaque

EU	VIVO	COM HIV
Portador ou Comportante	Processo Relacional Atributivo Intensivo <i>ou</i> Processo Comportamental (a ser explicado como "estou").	Atributo <i>ou</i> Circunstância
E O PRECONCEITO	É	A PIOR PARTE
Identificado	Processo Relacional	Circunstância / Atributo

Fonte: Produção do autor, com base em Fuzer e Cabral (2014).

Fuzer e Cabral (2014) apontam que essas orações relacionais são comumente utilizadas para representar seres no mundo em termo de suas características e identidades como os retratados neste texto. Já as orações relacionais atributivas têm potencial para construir relações abstratas de membros de uma classe, ou seja, atribuem a uma entidade características comuns aos membros dessa classe. Quanto ao léxico, utiliza-se gradação ao referir-se ao preconceito como a pior (parte), destacando-se um adjetivo negativo de quem vive com HIV. Quanto ao enquadramento, por ser uma capa de revista há uma moldura que subdivide a informação ideal e a informação central (em contextualização no plano de fundo em cor vermelha). Esse enquadre é intermediado pelo PR ao centro.

Enquanto prática discursiva, tem-se que o texto é produzido pela Revista Galileu, uma revista de publicação mensal agenciado pela editora Globo desde 1991. Historicamente, foi criada com o nome de Globo Ciência e possui como enfoque assuntos relacionados à ciência, história, tecnologia, religião, saúde, meio ambiente, entre outros.

A distribuição se dá de modo impresso, em uma tiragem em torno de 190 mil exemplares e com circulação nacional, consumidas por um público diverso. Importante destacar que as capas e as notícias que compõem as edições também estão disponíveis no site da revista. Esta edição em tese foi produzida e veiculada no mês de agosto de 2019, após o relatório do Ministério da Saúde que retratou um aumento no número de casos de AIDS entre jovens nas idades de 15 a 24 anos. É um texto que transpõe certa força enunciativa tanto pelo modo de construção verbal quanto pela utilização de um ator social público e referência ao público jovem que diariamente está logado nas redes sociais e assiste a vídeos no *Youtube*. A construção do texto é realizada de forma coerente tanto verbal quanto visual, apesar de apresentar textos verbais, acima, que se referem a outras notícias (uma característica do gênero), mas o elemento central e em destaque refere-se a uma mesma temática. É possível inter-relacionar interdiscursivamente as frases como pertencentes a um mesmo campo semântico.

Enquanto prática social, o texto possui um caráter informativo sobre o fenômeno da HIV. E se utiliza de um importante ator social da vida cotidiana e da internet para dar credibilidade à descrição deste fato retratado, credibilidade esta que também é acentuada pelo traje do ator social. Buscando-se apresentar uma orientação ideológica de que é possível manter-se uma aparência tanto social quanto de saúde saudável mesmo sendo portador desse vírus. Ainda é possível identificar o papel social e ideológico representado pelas cores da capa que, segundo Van Leeuwen (2011), possuem uma natureza que é moldada culturalmente e, por conseguinte, esta orquestração de modalidade também é realizada nesta capa. A cor vermelha foi instituída pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como a cor que representa o HIV, principalmente dada a sua relação com o sangue e o amor. O mês de dezembro é marcado como o mês de prevenção no calendário da instituição. O branco tanto utilizado na camisa do ator social quanto nas letras pode referir-se a um pedido de paz e liberdade em face ao preconceito, estigma de quem vive com o vírus e a síndrome.

CONSIDERAÇÕES

Fairclough (2016) aponta que é dever de um analista crítico do discurso, por exemplo, descortinar elos distorcidos ou implícitos que, porventura, estão presentes nos textos utilizados por grandes agências sociais como forma de propagação e disseminação de determinadas representações de mundo, preferencialmente, em relações (assimétricas) de poder e com atores sociais que costumemente possam ser retratados de forma discriminatória. A partir desse problema social deve-se aplicar a investigação a fim de provocar reflexões e mudanças de caráter efetivo no seio social e cultural.

Com o objetivo de evidenciar determinadas mudanças discursivas e sociais no discurso sobre AIDS e HIV, neste trabalho, entre as capas levantadas e analisadas, percebeu-se que já houve sim certa mudança no que se refere à tessitura de discursos sobre a temática do HIV e AIDS. O senso comum histórico de atrelá-la apenas a atores e pessoas públicas que desempenham atividades sexuais homoafetivas ou da relação promíscua de heteronormativos têm aos poucos se expandido a um maior número de atores sociais, eventos e circunstâncias. Nos dois textos analisados de forma fina, observou-se que já houve mudança na forma de representar visualmente os portadores desse vírus. Se compararmos o olhar, o semelhante, a caracterização de Cazuzu em relação à de Gabriel Estrela é perceptível uma alteração na representação social em busca de uma forma mais positiva e “bem vestida”, distanciando-se dos ideais de magreza, doença, tristeza aos quais eram retratados na gênese de formação do fato médico. Além disso, no Texto de análise 2 já se destaca avanços na ciência médica ao invés de um retrato fúnebre anteriormente acentuado tanto no Texto de análise 1 quanto no levantamento exploratório retratado no Quadro 2.

Parece voltar ao senso comum conclamar por mais investimentos na área da saúde e ciência, pela manutenção da distribuição de medicamentos de forma gratuita aos portadores e uma ampliação nas campanhas de incentivo às medidas de precaução tão amplamente chamadas de conscientização. Contudo, reafirmar esses princípios é também ensinar por mudanças na arquitetura das práticas cotidianas e sociais no contexto contemporâneo. Importante destacar que em 7 de julho de 2020, o jornal EL PAÍS³⁵ retrata algo inédito, um estudo da Unifesp que se tornou o primeiro no mundo a obter êxito com o uso de medicamentos ao realizar um experimento com um paciente deixando-o livre de HIV. Os pesquisadores afirmam ter conseguido, pela primeira vez, eliminar o HIV do organismo de um paciente soropositivo. O paciente é um homem, brasileiro de 34 anos, diagnosticado com o vírus em 2012, sendo o primeiro caso no mundo em que um paciente passa a ter o vírus indetectável, e por um longo prazo, depois de tomar um coquetel intensificado contra a AIDS.

Importante destacar que, contemporaneamente, urgiu-se o então desconhecido discurso acerca do coronavírus (Covid-19, SARS-CoV-2), que ao se comparar ao discurso sobre a AIDS/HIV, resguardado as devidas proporções, também se levantou preconceitos em relação à temática, dividindo-se os sujeitos entre infectados ou não, em grupos “de risco” e pelo medo ao “desconhecido”, algo que já se aplicou e difundiu-se sobre a temática aqui em voga analisada; É possível inclusive remeter à tradição bíblica cristã de “pureza” e “impureza”, na qual se relatam histórias de leprosos, coxos, cegos, surdos, mulheres com fluxo, que eram excluídos do seio social, vivendo muitos em cavernas, escondidos à face daqueles que eram considerados “puros”. E quando estavam próximos destes deveriam identificar-se seja de forma verbal, visual (vestes), gestual

ou sonora (os leprosos, por exemplo, carregavam sinos que demarcavam que as pessoas deveriam manter certa distância). Isso estaria aliado não apenas quanto aos costumes, mas também à primitiva (e necessária) prática sanitária e hospitalar dos primeiros séculos (antes e depois de Cristo).

Enquanto analista crítico do discurso, este sim o lugar de fala que se propõe este trabalho, deve-se orientar a partir da análise dos textos aqui empreendidos, com relação a não manutenção das ideologias de senso comum, estigmatizantes, naturalizadas nos meios: cultural, político, econômico, midiático, familiar, educacional, religioso e clínico. Vive-se em tempos em que a internet, as redes sociais, as novas tecnologias penetram cada vez mais em um processo quase de simbiose com a vida humana. Essas redes estão modificando a forma de agenciar à informação, a opinião, a crítica que até então se detinham sobre o poder das instituições sejam jornalísticas, de imprensa, políticas, entre outras. Na contemporaneidade, rotacionou-se os papéis sociais que desempenham os antes sujeitos e agora atores sociais, sendo estes não apenas leitores, observadores, mas construtores da gama de práticas e da rede de relações que as compõem e que se modificam no decorrer da história. Portanto, deve-se buscar cada vez mais a repensar esses paradigmas e ensejar por mudanças nas práticas que perpassam o seio social e cotidiano. A era atual da informação necessita, de fato, perpassar os conhecimentos que estão na engenharia das famílias, dos campos: médico, educacional, religioso, político e cultural. Não dar margem a senso comum e nem ao uso das chamadas *fake news*, que amplamente difundem informações inverídicas sobre esta e tantas outras temáticas.

REFERÊNCIAS

- AMOÊDO, R. S.; SOARES, N. M. M. O texto visual no livro didático de língua portuguesa: reflexões e desafios em multimodalidade. *HORIZONTES*, USF- Itatiba- SP, 2020.
- AMOÊDO, R. S.; SOARES, N. M. M. Curta-metragem em ação: painel multimodal e discursivo. *Estudos Semióticos*, São Paulo (SP), USP, v. 15, n. 2, p. 240-261, dez. 2019.
- AMOÊDO, R. S.; SOARES, N. M. M. Transformações discursivas no contexto digital: análise multissemiótica do gênero meme. *PERcursos Linguísticos*, Vitória (ES), v. 8, n. 18, p. 130-152, 2018.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. trad. DENTZIEN, P. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed. 2001.
- BUTTURI JUNIOR, A; LARA, C. de A. As narrativas de si e a produção da memória do hiv na campanha O cartaz HIV positivo. *Linguagem em (Dis)curso-LemD*, Tubarão, SC, v. 18, n. 2, p. 393-411, maio/ago. 2018
- CHOUILIARAKY, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. London: Edinburgh University Press, 1999.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. 2. ed. Brasília: Editora da UnB, 2016 [2001].
- FUZER, C; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2014.
- JODELET, D. *Representações sociais: um domínio em expansão*. UFRJ: Faculdade de Educação, dez. 1993.
- KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the Grammar of visual design*. 2. ed. Oxon: Routledge, 2006 [1996].
- MOSCOVICI, S. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. ed. por DUVEEN, G. trad. por GUARESCHI, P. A., 5. ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2007.
- RESENDE, V. M. Análise de discurso crítica: reflexões teóricas e epistemológicas quase excessivas de uma analista obstinada. In: RESENDE, V. M; REGIS, J. F. S. (Orgs.). *Outras perspectivas em análise de discurso crítica*. Campinas-SP: Pontes, 2017, p. 11-52.

REVISTA ÉPOCA. *Este homem se curou da AIDS*. Editora Globo, março. 2019.

REVISTA GALILEU. *EU VIVO COM HIV*. Editora Globo, ago. 2017.

REVISTA ISTOÉ. *AIDS- Preconceito*. Editora Três, maio. 2000.

REVISTA SUPERINTERESSANTE. *Enfim, a cura da AIDS*. Editora Abril, ago. 2013.

REVISTA VEJA. *AIDS: os que vão morrer contam sua agonia*, Editora Abril, ago. 1988.

REVISTA VEJA. *Uma vítima da AIDS agoniza em praça pública*. Editora Abril, abr. 1989.

REVISTA VEJA. *AIDS: O vírus pega o Pelé do basquete*. Editora Abril, nov. 1991.

REVISTA VEJA. *A vida por um fio- dramas e esperanças dos aidéticos no Hospital Emílio Ribas*, Editora Abril, jun-jul, 1992.

REVISTA VEJA. *"Peguei AIDS do meu marido"*. Editora Abril, out. 1998.

VAN LEEUWEN, T. *The language of colors: an introduction*. Oxon: Routledge, 2011.

VIEIRA, J. A. Novas perspectivas para o texto: uma visão multissemiótica. In: VIEIRA, J. A.; ROCHA, H; MAROUN, C. R. G. B; FERRAZ, J. A. *Reflexões sobre a língua portuguesa: uma abordagem multimodal*. Petrópolis- RJ: Vozes, 2007, p. 9-32.

VIEIRA, J. A; MACEDO, D. S. Conceitos-chave em análise de discurso crítica. In: BATISTA, J. R; SATO, D. T; MELO, I. F. *Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola, 2018, p. 48-77.



7

Dra. Eni Abadia Batista - UnB
Dra. Juliana Ferreira Vassolér - UnB

REPRESENTAÇÕES LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS EM TEXTOS MIDIÁTICOS

DOI: [10.31560/pimentacultural/2024.11055.7](https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2024.11055.7)

INTRODUÇÃO

Não há como negar que a globalização impôs mudanças não só nas estruturas sociais, mas também no modo como as pessoas se empreendem em situações de comunicação. O contexto, de fato, é de mudança e a linguagem acompanha de perto e, de forma dinâmica, se reconfigura em formas multissemióticas. As representações discursivas e de comunicação, em meio às transformações sociais e políticas são chamadas multimodais por serem marcadas por elementos tanto visual como escrito, os quais, em colaboração mútua, constroem significados.

Chouliaraki e Fairclough (1999, p. 16) e Kress e van Leeuwen (1996, 2006) apontam que mesmo os textos que são apenas escritos apresentam materiais com componente multimodal, pois trazem na formatação das letras, cores e outros aspectos que constituem o todo significativo. Para os autores, a escrita é uma representação semiótica. Desse modo, enquanto o discurso pode incorporar as informações implícitas com os aspectos sociais e com os estados emocionais, pode também apresentar significados que são linguisticamente codificados. Nessa perspectiva, as formas de comunicação trazem características que imprimem várias semioses³⁶. O texto multimodal, portanto, composto por palavras e imagens e outros recursos semióticos pode ser submetido a uma análise textualmente orientada (Fairclough, 2003), ampliada e interpretada pelas categorias da Gramática de Design Visual de Kress e Van Leeuwen ([1996], 2006, p. 2).

Considerando que o texto multimodal se apoia em diversos recursos semióticos para a elaboração do sentido, este texto busca analisar representações visuais como elemento central de

36

O termo semiose, conforme Fairclough (1996, 2003, 2010), sugere a vantagem de que a análise de discurso está preocupada com várias modalidades semióticas das quais a linguagem é apenas uma. Semiose é entendida, portanto, como um elemento social, uma parte ou um aspecto da vida social. (FAIRCLOUGH, 2010, p. 81).

significados em publicações midiáticas e discute como os discursos são permeados de metáforas e contribuem, de modo expressivo, para a construção de identidades sociais. Para isso, adota os pressupostos teóricos da Análise de Discurso Crítica de Fairclough ([1996] 2001, 2003, 2010), da Gramática Visual de Kress e van Leeuwen (1996, 2006) e de Metáforas da vida cotidiana, conforme Lakoff e Johnson (2002).

Desse modo, o objetivo fundamental neste trabalho é a análise da página inicial do jornal "ACapa". Segue o mesmo enfoque de Batista e Vassolér (2018), quando fizeram a opção de análise de um corpus oriundo desse jornal, seguindo critérios para análise de texto multimodal veiculado, com exclusividade, nas redes sociais de comunicação via web. Os procedimentos metodológicos para o estudo são apropriados a uma pesquisa social e acadêmica de cunho qualitativo, de tradição descritiva/interpretativista a qual é recomendada para o tipo de corpus escolhido e para o desenvolvimento da análise centrada na descrição discursiva dos dados e dos significados dos recursos semióticos disponíveis.

De acordo com Ada M. Matias Brasileiro (2013, p. 49), "[...] análise discursiva é aquela que se ocupa de interpretação dos fenômenos e da atribuição de significados"; portanto, constitui-se adequada para este estudo. Com base nessas diretrizes, optamos por textos de temática com referência a um movimento histórico-político-social para constituir o corpus do estudo.

CONTEXTUALIZAÇÃO

As duas publicações selecionadas consistem em produções do jornal "ACapa" cujo traço marcante é o uso de metáforas visuais em suas representações linguístico-discursivas com o foco em questões políticas.

Em maio de 2016, o contexto político-social brasileiro foi marcado por grande transformação, devido ao afastamento da Presidente da República após votação no Senado Federal pela admissibilidade do parecer favorável ao processo de *impeachment* e, como efeito, o vice-presidente tomou posse em agosto do mesmo ano. O interstício temporal entre a criação dos textos foi marcado politicamente por inúmeros protestos contra o evento político ocorrido, contra as reformas propostas pelo novo governo e pelas evidências divulgadas sobre corrupção na esfera pública do país. Contudo, embora tenha iniciado um processo de recessão econômica, nesse período, as manifestações foram consideradas por alguns grupos específicos como menos representativas. É nesse cenário de recessão econômica, crise e apatia política que as publicações foram escolhidas como *corpus* de análise multimodal para este artigo.

CIRCUITO VISUAL DISCURSIVO: CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

Para empreender a análise, algumas proposições teóricas precisam ser demarcadas como a Teoria Semiótica Social Multimodal, a Gramática do Design Visual, a Análise de Discurso Crítica (ADC), bem como o que diz respeito às metáforas, do cotidiano, conforme estudos realizados por Lakoff e Johnson (2002).

Sob a ótica das pesquisas supracitadas, o analista de dados sociais deve observar que, no processo de comunicação explícito por meio de textos divulgados em mídias, a produção costuma carregar aspectos de tendências do próprio autor ou tomar como foco representações que induzem à interpretação de significados motivadas pelas experiências sociais e políticas em contextos diversos. Assim, as representações são elaboradas com base na relação de colaboração entre um conjunto de signos socialmente compartilhados e os diversos modos semióticos socialmente estabelecidos.

Nesse entendimento, a Semiótica Social, defendida inicialmente por Hodge e Kress (1988) e mais tarde por Kress (2010) que expande para TSSM (Teoria Semiótica Social Multimodal), considerando os significados socialmente construídos por meio de modos semióticos de textos e de práticas semióticas de todos os modos que emergem da sociedade, em contextos diversos e em todos os momentos da história humana. É por essa tendência dos usos sociais de muitos modos para se comunicar que surge a nomenclatura multimodalidade e a pesquisa e análise de textos multimodais.

A perspectiva da Teoria Semiótica Social Multimodal segundo Kress (2010), portanto, indica que os significados são gerados pelo contexto social e organizados em sistemas de representação socialmente instituídos. Assim, todos os textos são multimodais e construídos pelas representações discursivas. Nesse processo circular, encontram-se o nível semiótico da representação que considera o objeto em um dado contexto de situação e de cultura e o nível semiótico da comunicação que examina a expressão dos atores sociais em um determinado encadeamento de ideias dentro de certo contexto.

Kress e van Leeuwen (1996, p. 6) definem representação como um processo no qual o produtor de um signo busca um recurso semiótico que esteja conectado com o seu interesse e com a sua história cultural, social e psicológica, e que esteja focalizado em um contexto específico da produção. (Kress; van Leeuwen, 1996, p. 6, tradução nossa).

Acerca do tema, pode ser esclarecido que a multimodalidade compreende a produção de signos e significados como uma ação social realizada em determinado contexto de uso no qual o interesse do produtor determina a forma de representação. É nessa perspectiva que, o estudo que envolve representações linguística e discursiva deve ser considerado como sistema semiótico multimodal, organizado como produto do contexto social. Isso ocorre porque fazem parte dos modos estabelecidos em um campo histórico social e em determinado contexto político pelas estruturas de poder que revelam aspectos ideológicos.

Assim, a produção de textos vislumbra uma riqueza no fluxo de recursos disponíveis como imagens, sons, cores e outros modos de estruturação dos textos os quais exigem novas regras de análise, e nesse círculo visual, a leitura multimodal transcende a semiótica clássica.

Apoiada em Kress (2010), Batista (2014, p. 10) escreve que a prática de se concentrar a textualidade nas questões sociais e na sua leitura é princípio básico da Semiótica Social Multimodal, bem como da Análise de Discurso Crítica, pois chama a atenção para todas as formas de significação de atividades do meio social, especialmente no campo da política e das estruturas de poder, nas quais há distintos interesses por parte daqueles que produzem textos.

De acordo com tal posicionamento sugerido pela autora, é possível entender que o ponto central da Teoria Semiótica Social Multimodal é o significado implícito nos recursos semióticos utilizados nas produções linguístico-discursivas como processo de construção social, imerso em dinâmicas culturais e ideológicas. Nesse sentido, para o estudo discursivo crítico que envolve análise de textos, é necessário observar todas as formas de representações visuais.

Tal como o pensamento de Kress e van Leeuwen e Kress (2010), para Santaella e Nöth ([1997], 2014 p.15), não há representações visuais que não tenham surgido de imagens na mente daqueles que a produziram, do mesmo modo como não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos artifícios visuais, os quais se constituem como formas de linguagem e de comunicação.

Desse modo, as representações tanto no campo visual como discursivo podem ser vistas como descrição ou como simulação da realidade. A função interpretativa desses aspectos seria a relação do leitor com o contexto, que se configura como sistema social de conceituação, no qual os significados são estabelecidos socialmente, impulsionando a criação de novos ícones e o desenvolvimento de representações que instituem cada vez mais novas metáforas.

Para Lakoff e Johnson (2002, p. 19), o sistema social de conceitualização parte fundamentalmente de recursos utilizados de forma extensa na vida cotidiana e, assim, surgem as metáforas. São construídas por meio de uma imagem mental cujos signos representam o ambiente visual. Os autores explicam que as metáforas não são aleatórias, mas se estabelecem com coerência exteriorizada ao signo e torna-se culturalmente determinada. Assim, a experiência e os valores fundamentais de uma cultura se constituem coerentes com as estruturas dos significados das quais a sociedade utiliza.

As metáforas para Lakoff e Johnson (2002) classificam-se em: (i) ontológicas, (ii) estruturais, (iii) orientacionais. As metáforas ontológicas nos permitem compreender certas experiências e estabelecer relações entre eventos, atividades, emoções, ideias como entidades e substâncias. Permitem uma grande variedade de propósitos, como referir-se; quantificar; identificar aspectos; identificar causas; traçar objetivos e motivar ações, entre tantos outros. Muitas vezes, nem percebemos esses tipos de construções como metáforas, pois elas estão presentes na nossa vida cotidiana.

As metáforas estruturais, segundo os autores, são necessárias para relacionar conceitos que compreendem a experiência humana. São tão naturais que, usualmente, são tomadas como evidência de um fenômeno de descrição direta. São usadas para compreender eventos, ações, atividades e circunstâncias da condição humana.

No que se refere às metáforas orientacionais, os autores indicam que elas se relacionam com orientação espacial como, por exemplo, em cima, embaixo, dentro, fora, frente, profundo, raso, central, periférico entre outros. Essas orientações espaciais são apresentadas, segundo os autores, como não motivadas e transcendentas da experiência física e cultural dos atores sociais a quem se referem. São listadas como uma prática discursiva que se naturaliza na vida cotidiana de uma sociedade como, por exemplo, a expressão “para cima” que significa “feliz”; “para baixo” que pode ser uma metáfora para a situação de “tristeza”.

Nessa perspectiva, muitas expressões assumem significados diferenciados, visto que são estabelecidos pelos discursos que permeiam a sociedade. Por exemplo, a palavra “consciente”, pode estar relacionada a quem está para cima; “inconsciente” a quem está para baixo; cheio de “saúde e vida” pode também significar para cima; “doença e morte” pode significar para baixo; “bom”, para cima; “mau”, para baixo, entre outros. Portanto, as representações visuais e metafóricas, sob o olhar dos aspectos semióticos, são ideologicamente motivadas socialmente.

O estudo da construção de discursos nos quais a imagem se funde com a representação semiótica, por meio do discurso verbal, estabelecendo metáforas e criando identidades nas relações sociais que, por sua vez, são motivados por ideologias e por manifestações de poder em conformidade com os estudos de ADC de Fairclough ([1996] 2001, 2003).

Segundo Fairclough (2003), uma análise com enfoque nos significados representacionais deve considerar três categorias básicas: os processos, que se referem ao modo como os participantes agem nos eventos sociais; os participantes, que podem ser representados pessoal ou impessoalmente, como agentes ou pacientes, ou ainda, podem ser nomeados de acordo com a classe ou categoria a que pertencem; além das circunstâncias de tempo e lugar. Argumenta Fairclough (2003, p. 135-136) que “para analisar os textos, sob a perspectiva representacional, é necessário verificar quais processos, participantes e circunstâncias estão incluídos na representação dos eventos observados, quais elementos foram excluídos, aos quais foi dada maior importância; se o evento social está representado de forma concreta ou abstrata e qual é o nível de generalização da representação” (Tradução das autoras).

Dessa forma, entende-se que a utilização da linguagem na esfera da prática social é determinada por fatores históricos, culturais e das estruturas de poder. É nessa vertente da Análise de Discurso

Crítica que tratamos o tema que envolve estudo da linguagem como prática social e, para tal, considera-se o papel crucial do contexto. Demonstramos assim, o interesse pela relação que há entre a linguagem e o poder e, nessa perspectiva, a linguagem é um meio de dominação e de força social que se dispõe a legitimar as relações de poder estabelecidas institucionalmente. Dessa forma, o discurso seleciona e transforma esses elementos de acordo com os interesses do contexto. Portanto, a transformação do discurso depende do conhecimento dos participantes e é realizada por ações específicas baseadas nas referências intimamente ligadas às experiências e práticas sociais.

O discurso, assim, não só constitui versões de práticas sociais como também legitima ou critica práticas em contextos sociais específicos. Sob essa perspectiva, Kress e van Leeuwen (2006), expandindo ainda mais o conceito de Fairclough (2003), definem o discurso como:

Conhecimentos socialmente construídos sobre alguns aspectos da realidade [...] é desenvolvido em contextos específicos nos quais são sempre apropriados aos interesses sociais dos atores, sejam eles externos (Europa Ocidental) ou não (uma família em particular), contextos explicitamente institucionalizados (jornais) ou não (conversa informal no jantar). (Kress; van Leeuwen, 2006, p. 4, tradução nossa).³⁷

O discurso assim considerado avigora a convicção de que o texto é visto como evento discursivo e concebe significados, advindos das maneiras como ele se configura em práticas sociais e nos modos de representar, de interagir e de ser. As motivações discursivas são constituídas pelas práticas sociais e por meio de elementos

37 "[...] socially constructed knowledges of (some aspects) of reality [...] developed in specific social contexts and in ways which are appropriate to the interest of social actors in these contexts, whether these are very broad contexts ('Western Europe') or not (a particular family), explicitly institutionalized contexts (newspapers) or not (dinner table conversation)" (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 4).

que ao ser representados os legitimam, especificamente no que se refere aos efeitos de lutas hegemônicas.

Com essa leitura e sob o entendimento de que o processo de significação faz parte das práticas discursivas e sociais, o campo dos estudos multimodais explora o trabalho intersemiótico entre as modalidades da linguagem e o diálogo com esses significados. Esse é o ponto central para as análises, propondo levar à reflexão de que o que suscita das estruturas visuais pode estabelecer um diálogo com as estruturas linguísticas.

A perspectiva do estudo, enfim, amoldado nesse circuito visual discursivo busca construir um diálogo entre as formas de representação, a Análise de Discurso Crítica e as metáforas do cotidiano. Procura mostrar como os recursos semióticos são utilizados no texto, desvelando os significados e a intenção das escolhas realizadas, pois, mesmo de forma tácita, as representações podem estar carregadas de aspectos ideológicos. Nesse arranjo de significados e de interpretação, o interesse maior na análise empreendida é ressaltar que os modos semióticos ao serem utilizados no texto estão ligados às escolhas sociais, às marcas políticas, às lutas de poder e, por isso, essa tríade teórico-metodológica constitui-se balizadora para a análise dos textos selecionados.

O CORPUS E O ARRANJO DOS SIGNIFICADOS

O corpus para análise foi constituído por dois textos retirados do jornal "ACapa", sendo que o Texto 1 foi publicado em maio de 2016 e o Texto 2, em maio de 2018, ou seja, dois anos depois. O meio de divulgação de ambos os textos é, portanto, a Internet. O jornal "ACapa" é visto como precursor de conteúdo atual e criativo,

além de trazer temas de grande interesse no meio acadêmico. Como pode ser observado, os textos são curtos e circularam via web, também foram publicados no *Facebook* e em outras redes sociais, visando o alcance de maior número possível de leitores.

A escolha desse tipo de corpus foi realizada em razão da criticidade desenvolvida no percurso dos estudos acadêmicos e do interesse voltado à opção de desenvolver uma análise centrada na Análise de Discurso Crítica que permite o uso de textos como material de pesquisa. Deve-se também à intenção frequente do analista de discurso de ater-se no enfoque voltado ao modo utilizado para a construção de significados nos textos. As produções selecionadas para a constituição do corpus despertaram certo impacto ao primeiro olhar pelas representações que se realizam por meio de recursos semióticos revestidos de metáforas.

São recortes específicos do jornal "ACapa" que publicado nos seguintes espaços: *Facebook*: (www.facebook.com/acapabr); *Instagram*: (www.instagram.com/acapabr); *Twitter*: (www.twitter.com/acapabr); *Tumblr*: (www.acapabr.tumblr.com); *Pinterest*: (www.pinterest.com/acapabr); *Snapchat*: ([acapabr](http://www.snapchat.com/acapabr)); e-mail: (acapabr@gmail.com) e *Site Oficial*: (<http://www.acapabr.tumblr.com>).

O jornal "ACapa" foi fundado em 23 de março de 2016. Apresenta conteúdo pautado nos acontecimentos atuais da sociedade e, a maior parte deles, com enfoque político, sem renunciar à criatividade peculiar da expressão visual e jornalística. Cabe ao leitor inferir conexões entre o conteúdo publicado e a realidade dos noticiários e manchetes de outros jornais. O próprio jornal se descreve como "um jornal sem jornal" e se classifica como "a primeira página que você não vê no jornal que você lê".

A seguir, empreendemos a análise do corpus selecionado, iniciando à luz da Gramática de Design Visual e seguindo sob as orientações das categorias da Análise de Discurso Crítica e, por fim,

apresentamos considerações relacionadas às metáforas da vida cotidiana com enfoque nos significados representacionais, apontados no decorrer da análise.

ANÁLISE DO CORPUS

Para o processo de análise do corpus, organizamos da seguinte forma: iniciamos com o Texto 1 - ACapa, 12 de maio de 2016 (Figura 1), na sequência, o Texto 2 - ACapa, 17 de maio de 2018 (Figura 2), e, em seguida, apresentamos o pato amarelo como símbolo de protestos políticos e a logomarca do jornal, conforme sequência abaixo:

Figura 1: ACapa, 12 de maio de 2016



Fonte: <https://www.facebook.com/acapabr/photos>

O destaque no texto foi dado à sobreposição das imagens de uma frigideira e do mapa do Brasil, bem como a logomarca do jornal que está ilustrada por um pato de borracha amarelo, além do contraste nas cores vermelho e preto com que o nome do jornal foi grafado, enquanto à direita, o destaque é para o texto verbal transcrito a seguir. À direita, no espaço original, encontra-se o pequeno texto escrito:

"A Capa da histórica quinta-feira, 12 de maio de 2016, estouram como foguetes nas mãos da classe média logo após a queda de uma presidente. Hoje o jornal sem jornal, como estabilidade para um presidente da República eleito no Brasil, publica uma galeria de primeiras páginas, cada uma com a leitura de um jornalista visual brasileiro".

A análise transcorre pelo recorte do texto ilustrativo apresentado, o qual foi denominado "circuito visual", com intuito de maior destaque do tópico. O texto em questão apresenta relação de complementariedade entre o texto escrito e a imagem centrada na frigideira. Entendemos que a imagem se refere a uma representação metafórica conceitual de Lakoff & Johnson (2002), no caso, foi usada com a função de fortalecer a ideia de que, com a situação de mudança de governo, denominada pelos mais radicais de "golpe", "o Brasil está frito", significando na linguagem usual do cotidiano como uma situação pior, sem saída.

A denominação aportou-se de uma classe social brasileira que, nesse momento histórico, sentiu-se ultrajada ao ver a queda de poder da presidente eleita que representa uma ideologia política vista como a mais viável para os menos privilegiados do país e que, até então, carregou o discurso da esperança de uma vida melhor, cuja essência do partido político é a promessa do paraíso do consumo de bens e serviços a que chamam de "justiça social".

Além disso, outro elemento visual compõe os significados presentes no texto tais como o pato 'de borracha' amarelo que ilustra a logomarca do jornal. A imagem do pato amarelo tornou-se símbolo dos protestos desde que foi colocado no espelho d'água do

Congresso nacional com os dizeres “não vou pagar o pato”, na função metafórica conceitual e cultural, contra o aumento dos impostos.

À luz da Gramática de Design Visual de Kress; van Leeuwen (2006, p. 73), as representações se realizam dentro de esquemas específicos. Assim, considerando a orientação dos autores, a exemplo da estrutura linguística, os participantes no texto, incluem-se como “abstratos”, em termos de seres, coisas e lugares em interação, envolvidos em processos que trazem significados particulares a serem apreciados como ação, acontecimento e transformação.

A representação dos participantes, portanto, ao lado de outros elementos composicionais e estruturantes como os processos (verbos) e as circunstâncias (complemento), nos textos multimodais, exercem funções léxico-gramaticais com o objetivo de significar o modo de informar e o que se deseja informar a que se propõem.

Com base nessa concepção, Kress e van Leeuwen ([1996] 2006) apontam em termos de estruturas visuais como **narrativas** e **conceituais**. As narrativas caracterizam-se pela dinamicidade, pois se inserem na experiência material de mundo do fazer e acontecer e as conceituais porque carregam significados nas relações sociais.

De acordo com os autores, as estruturas narrativas relacionam-se com as ações dos **participantes** que podem ser coisas ou pessoas e que se caracterizam por estruturas visuais as quais se realizam por meio de processos de ação e de reação, sejam mentais e/ou verbais. Enquanto as estruturas **conceituais** são estáticas, desprovidas de relações espaciais e direcionais, cujos participantes são representados com significações de forma atributivas e a elas podemos atribuir valores. Situam-se na experiência de ser e de existir no mundo, conforme Kress e van Leeuwen (2006, p. 59).

O foco na imagem analisada, dessa forma, se estabelece nos atributos e nas identidades dos participantes e suas características se configuram com base na disposição de sua apresentação em uma

relação de parte ou todo e de detalhamento do pano de fundo, cores e do contexto histórico de criação.

Considerando, então, os conceitos de Kress e van Leeuwen, na Figura 1, o participante representado de destaque é uma frigideira. Essa representação é **conceitual**, pois evoca um processo simbólico de identidade e de pertencimento a determinada classe social, no caso, a classe média, que adotou na época, as panelas para manifestações políticas.

Pode-se inferir que o processo relacional atributivo (fritar) pelo qual os participantes são representados pode sugerir a intenção de atribuir à classe média a responsabilidade pela atual conjuntura política do país, em harmonia com a metáfora visual que apresenta o mapa do Brasil estampado no fundo de uma frigideira. Indica sobremaneira, a evidência de uma situação negativa como consequência do evento do impeachment da presidente em relação à condição social e econômica que a sociedade usufruía antes.

Figura 2: ACapa, 17 de maio de 2018



A PRIMEIRA PÁGINA QUE VOCÊ NÃO VÊ NO JORNAL QUE VOCÊ LÊ

Fonte: <https://www.facebook.com/603989273084051/posts/1016427788506862>

Em ambos os textos a representação da metáfora conceitual ocorre por processo simbólico e uso da imagem da frigideira que faz referência ao movimento político e à manifestação social denominada panelaço.

O panelaço é um tipo de manifestação que foi utilizada pela primeira vez em uma marcha de atores da classe média contra o governo de Salvador Allende, em 1971, no Chile, e na Argentina, em manifestações contra o presidente De La Rúa, em 2001, com o objetivo de mostrar ao governante que devido às medidas empobrecedoras do governo, as panelas ficaram vazias. No Brasil, o significado de bater as panelas, além de fazer alusão às manifestações dos países vizinhos, foi o desejo de interdição da voz da presidente que não mais agradava os manifestantes.

No que se refere aos recursos adotados pelo designer ao produzir esse recorte do corpus, vale ressaltar a correlação com a perspectiva crítica da Análise de Discurso na qual a intenção ideológica manifesta-se como instrumento semiótico de lutas de poder. As manifestações criam forças quando ocorrem de forma efetiva por parte da sociedade, no entanto, percebe-se que os sentidos veiculados, de forma recorrente, enfocam à universalização de interesses particulares projetados no recipiente, "frigideira," em destaque. Acreditamos que esse sentido macro esteja evidente e representado pelo mapa do Brasil.

A tentativa aí, ao referenciar a classe média, parece ser a de estabelecer e de sustentar relações de dominação diferenciadas para diversas classes mesmo que as necessidades e efeitos sejam direcionados à população do país.

Percebe-se, no texto, por um lado, uma dura crítica à classe média brasileira que se sente afetada pela eminente inflação e aumento do dólar e divulgação de ações de improbidade. E, por outro lado, a oposição que se considera menos privilegiada, movida pela

revolta do dito golpe, manifesta por sentir-se afetada pelos cortes adotados pelo novo governo. Com isso, ocorre o que é definido como forma de fragmentação de classes ou grupos sociais, indicando que a representação adotada carrega significados adversos às crenças do autor do texto e de seus seguidores. Isso porque o objeto em si, a frigideira, foi o recurso utilizado para as manifestações a favor do *impeachment*. O manifesto, portanto, ocasionou na culminância da separação de classes e ideologias e, em consequência, veio o enfraquecimento dos movimentos político-sociais que, junto ao sentimento de descrença impediu, por certo período, a constituição de um desafio popular mais efetivo.

O texto como um todo “instancia relações entre produtor, produto e observador, podendo ocorrer na forma escritor, texto, leitor, extensivo às formas alusivas à produção e à recepção de texto”, conforme Kress e van Leeuwen (2006, p. 114), uma vez que o texto foi produzido em circunstância específica e interessa a grupos específicos. Nesse sentido, no desempenho de seu papel, o produtor constrói uma representação que, ao ser interpretada pelo leitor, traduz os possíveis significados apresentados pelas imagens, conforme os contextos sociais em que são utilizadas. Desse modo, as relações de interação significam-se, conforme as realizações visuais, como o contato (oferta ou demanda), a distância social (plano fechado e plano aberto), a perspectiva (frontal, oblíquo e vertical) e valor (natural e sensorial), em acordo com a GDV de Kress e van Leeuwen. (1996, 2006).

Consideramos com as observações que no Texto 1 as relações de significados interacionais podem ser observadas a partir do plano aproximado dos participantes representados e da perspectiva frontal da imagem que induzem a uma aproximação com o leitor. Observa-se também que as categorias composicionais mostram vetores que acompanham a direção do cabo da panela no sentido vertical para baixo, uma vez que a maior porção da imagem está na parte inferior da página. Esse direcionamento dos vetores pode

evidenciar a expectativa do autor e a decadência da esperança e da justiça social em relação ao problema que está em curso e ao futuro político do Brasil.

Da mesma forma, no Texto 2, o destaque da imagem das frigideiras está em sua dimensão proporcionalmente ampliada em relação aos demais elementos visuais da página. A perspectiva frontal da imagem metafórica da frigideira como objeto em questão parece interpelar subjetivamente o leitor para uma inferência da grafia do número quatro, fazendo alusão ao alto preço do dólar em relação à moeda brasileira. Este arranjo pode indicar uma aproximação entre os produtores do texto e o leitor no que se refere ao contexto social de produção do texto, revelando o início de um período de tensão política.

A alusão e a crítica voltam-se, em ambos os textos, aos manifestos da classe média que ocorreram na ocasião do *impeachment* em 2016 e o texto 2, indica que, em 2018, ainda se perpetua consequência do tal evento político, interferindo-se na qualidade de vida no consumo em dólar como viagens à Disney entre outras que acabaram sendo substituídas por viagens nacionais.

QUANTO À COMPOSIÇÃO DO TEXTO

A composição textual, segundo os pressupostos de Kress e van Leeuwen ([1996], 2006), descreve a organização espacial dos elementos, observando valores informacionais que estão representados pelo recurso do enquadramento, moldura; saliência e projeção, com base no posicionamento dos elementos como esquerda ou direita em uma relação de dado ou novo; topo ou base, em relação ao que é real ou ideal; centro ou margem com relação à informação principal e informação complementar; na relação entre os elementos

da imagem como interligadas ou segregadas; nas estratégias para dar maior ou menor destaque a certos elementos como tamanho, cores e posicionamento em primeiro e segundo plano.

No que se refere às categorias composicionais que se apresentam na Figura 1, observa-se que o texto é composto por uma sobreposição das imagens de uma frigideira e do mapa do Brasil, sob um plano de fundo branco. A imagem da frigideira está posicionada no centro da moldura, em primeiro plano, enquanto a imagem do mapa do Brasil aparece sobreposta e reduzida e, por consequência, em segundo plano. A centralidade dessa imagem sugere a metáfora da frigideira como informação nova e a informação dada está contida no pato de borracha amarelo que aparece acompanhando o nome do jornal e faz alusão a um dos símbolos dos protestos pelo *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff.

Figura 3: O Pato amarelo



Fonte: <https://www.facebook.com/acapabr/fotos>

No texto 3, a imagem do pato de borracha amarelo representa a marca dos próprios produtores e introduz uma referência intertextual que de forma ambígua interpela um julgamento e valor subjetivo do leitor por meio da menção ao apoio do empresariado às manifestações *pró-impeachment*. De forma irônica, o jornal parece retratar a força política como um brinquedo ao inserir um pato, muitas vezes visto como símbolo de fragilidade, o amarelo como símbolo de riqueza, em uma pauta sobre reflexão e desdobramentos das mobilizações sociais. Existe uma crença de que o pato, apesar

de ter muitas habilidades, não é capaz de executar nenhuma com perfeição. Sem se preocupar em ser perfeito, ele realiza, cria, expõe suas ideias, sem medo de uma nova jornada.

Quanto à categoria das cores, segundo Kress; e van Leeuwen (2006), no texto da Figura 1, o contraste entre o plano de fundo branco e a cor escura da frigideira e acinzentada do mapa do Brasil sobreposto parece denotar uma expectativa negativa em relação ao evento político situado no texto escrito introdutório. Além disso, o nome do jornal que aparece grafado nas cores vermelha e preta pode sugerir a inclinação política e ideológica da publicação no contexto político, no qual o jornal foi escrito, demonstra que se associa ao partido político de esquerda. Quanto ao texto escrito, alinhado do lado esquerdo da página revela a circunstância de tempo em que foi produzido (em maio de 2016), espaço (Brasil), autoria (André Hippert) e a temática da edição (*impeachment*).

Na figura 2, destaca-se na composição textual com o branco ao fundo, contrastando com a cor escura das frigideiras que formam o número quatro. Inferimos que essa escolha pode ser indício da falta de perspectivas da classe social representada diante do quadro político e econômico do país. O conjunto de frigideiras que formam o número quatro está posicionado no centro da moldura e em primeiro plano, caracterizando-a como informação principal do texto Kress; van Leeuwen, 2006).

A imagem carrega também a informação nova sobre a condição econômica da classe média no país e é complementada pelo texto escrito "Com o dólar a beira dos quatro reais, fica mais distante o sonho de Miami". É o modo adotado pelo autor para atualizar o leitor sobre o valor de câmbio do dólar na data de divulgação do texto. A informação dada aparece no destaque ao trecho "classe média", que se mostra grafada em cor preta com realce em negrito. Isso pode ser compreendido como uma tentativa de responsabilização desta classe social pela atual condição econômica do país.

A capa com esse texto parece que intenciona atingir parte da sociedade brasileira que se iludiu com o bater de panelas. O jornal sem jornal alerta com suas metáforas que, com o dólar nesse preço, a opção é levar as crianças para se divertir, com um menor custo, no parque brasileiro Beto Carrero que é um parque temático localizado no litoral norte de Santa Catarina.

O texto se refere à logomarca do jornal e apresenta-se centralizado no topo da página e contextualiza o leitor nas circunstâncias de tempo (maio de 2018) e espaço (Brasil) da produção do texto e está acompanhado do nome do jornal, ainda escrito com a inicial na cor vermelha, cuja logomarca está representada por uma nota de dólar que parece estar “escapando” do enquadramento. Isso sugere que o dinheiro está escapando das mãos da classe social assinalada no texto escrito como a classe média. Cabe ressaltar que, diferentemente do Texto1, não há assinatura de autoria neste texto, indicando que a inclinação política e ideológica exposta no texto é a de toda a equipe de editoração do jornal.

PLANO METAFÓRICO

Lakoff e Johnson (2002) consideram que as metáforas estão diluídas no pensamento e na vida cotidiana e são materializadas por meio da linguagem. De acordo com os autores, a metáfora reproduz algo presente na consciência, duplica sua representação num contexto diferente do usual e recorre à imaginação para estabelecer a relação semiótica entre o fato apresentado e o contexto de apresentação.

A metáfora consiste, então, em uma imagem mental que envolve processos de assimilação do signo que representa o objeto de referência, em uma relação de significação que ocorre entrelaçada ao contexto e que aciona na mente do leitor concepções da realidade.

Sob essa perspectiva, no Texto 1 em análise, a representação do Brasil estampado no fundo de uma frigideira simula uma relação reflexiva e transitiva da realidade. Os signos em questão remetem a uma imagem mental que direciona a relação metafórica entre a frigideira (panela larga e pouco profunda) e determinada classe social brasileira e reporta às expectativas do desenrolar político do Brasil.

O jornal se identifica com o movimento social articulado pela imagem do pato de borracha amarelo. A apresentação das imagens da frigideira com a estampa do Brasil e do pato amarelo não pode servir como meio de reflexão sobre elas mesmas, mas amparam-se no texto verbal para a construção do significado metafórico. Ambos, imagem e texto, estão intrinsecamente ligados numa relação de complementariedade.

Segundo as categorias das metáforas orientacionais listadas por Lakoff e Johnson (2002), a que se relaciona ao Texto 1 analisado é "ter controle ou força é para cima; estar sujeito a controle ou força é para baixo". A metáfora estabelecida na imagem sugere que o controle da situação está concentrado na figura da frigideira enquanto a força política encerra-se na representação metafórica do pato de borracha. À figura acinzentada da estampa do mapa do Brasil no fundo da panela cabe a resignação.

A opção, portanto, de utilizar as panelas para fazer barulho como forma de protesto e por meio dessa ação exercer algum controle sobre o contexto político do Brasil é certo, é positivo, é para cima, é a reação que se espera da classe média brasileira. Por outro lado, acionar o pato amarelo da Fiesp como símbolo de protesto representa o potencial de mobilização e a força política do setor empresariado. Isso é para cima, significa atitude positiva, ao passo que conformar-se com a disposição de controle da panela é para baixo, significa uma atitude negativa.

Já no Texto 2, a classe média está para a representação do conjunto de frigideiras como uma simulação da realidade, pois remete a uma relação metafórica entre as frigideiras e a classe média brasileira, reportando também ao “panelaço”, manifestação articulada por este estrato social.³⁸ É possível perceber esta mesma tendência no Texto 1.

As imagens amparam-se no texto verbal para a construção do significado da metáfora e relacionam simultaneamente a classe média, o valor de câmbio de mercado do dólar à figura central do texto. Essa mesma relação de complementariedade entre imagem e texto nos permite perceber que tanto o jornal quanto a classe média inserem-se no contexto de recessão econômica, pois ambos estão relacionados ao dólar. O jornal caracterizado pela figura de uma nota de dólar voando e o sonho da classe média inferido no texto escrito “o sonho de Miami”.

No caso do Texto 2, os significados são estabelecidos por duas metáforas. A metáfora orientacional surge no texto imagético, orientada pela relação “estar isento é para cima e estar incumbido é para baixo”³⁹. Assim, a metáfora estabelecida na imagem sugere que a classe média não está isenta da participação no contexto socioeconômico do país, pois foi incumbida de mobilizar, por meio do panelaço, manifestações políticas que, por sua vez, tiveram consequências econômicas.

Por outro lado, o texto escrito complementar à imagem propõe uma metáfora cultural que, segundo Lakoff e Johnson (2002), prioriza o sistema de valores de uma cultura dominante. Esses valores orientam diferentes prioridades de acordo com as subculturas em que se vive. Tal sistema de valores está sempre em harmonia com os

38 Conferir Batista e Vassolér (2018).

39 A relação metafórica orientacional “estar isento é para cima e estar incumbido é para baixo” não consta da lista sugerida por Lakoff e Johnson. Trata-se de uma elaboração original das autoras.

conceitos metafóricos que orientam a vida cotidiana. Assim, o texto “o sonho de Miami” está associado ao sucesso da classe média e ao prestígio e ao progresso econômico do país, afinal, gastar dinheiro tem prioridade sobre poupar.

Em suma, as metáforas escolhidas pelos produtores do texto põem em xeque a conscientização política da classe média brasileira, evidenciando a superficialidade de seus valores culturais.

CONSIDERAÇÕES

As publicações midiáticas fazem frequente uso de textos multimodais e para compreendê-las é preciso articular e interpretar a conjunção dos diversos modos semióticos que o texto apresenta com as condições de produção e situá-las no contexto social, histórico e político em que se realizam.

O modo como essas representações se constituem no plano verbal e visual costuma ser permeado de recursos semióticos carregados de metáforas advindas de ideologias as quais contribuem para a construção e para a identificação de identidades sociais a eles relacionados. Dessa forma, os recursos utilizados no corpus analisado induzem aos processos ideológicos de poder, evidenciando um contexto de manifestação política, tanto dos produtores do texto quanto dos receptores. Este poder foi observado na articulação das metáforas com as representações imagéticas e linguístico-discursivas em um contexto social durante e pós o evento político do *impeachment*, envolvendo uma relação de complementariedade crítica de significados.

O contexto de significação, tanto de metáfora visual eminente quanto de informações implícitas no texto escrito, evoca o movimento de manifestação na conjuntura histórica de saída da presidente e,

a conseqüente posse do novo governo. Como em um turbilhão de manifestos sociais, foi possível observar uma ambigüidade de significação, pois, no Texto 1, a evocação do panelaço e das manifestações populares por meio da frigideira e do pato de borracha coloca o país, ilustrado pelo mapa, em uma circunstância de conformação. Enquanto no Texto 2, os recursos semióticos articulados levam o leitor à ideia de responsabilização de determinada classe social pela condição econômica do país, afinal, nos termos do próprio jornal, “é um tapa na cara da classe média brasileira”, quer dizer, “agora vocês estão pagando o pato”, a forma metafórica de uso de linguagem cotidiana quando se refere ao pagamento de um preço alto como uma forma de atribuir responsabilidade ao outro por determinada falha.

Com as análises, foi possível entender, portanto, que os textos querem reforçar a ideia de que uma parcela da população brasileira, caracterizada pelo seu poder econômico como classe média é colocada em evidência, em detrimento das classes sociais menos favorecidas. A classe média nesse texto foi apontada, de forma dissimulada, como participativa no processo de *impeachment* e como conseqüência, ela também sofre com a necessidade de redução de despesas e de cortes, devido à atual crise que assola o país.

A produção do jornal “ACapa” pode ser interpretada também como um modo de exclusão do outro, ou seja, a população do país se divide em uma parte formada pelos que compõem a classe média, os manifestantes a favor do *impeachment*; e a outra parte formada por aqueles que apoiaram a presidente e, em forma de protesto, imputam à primeira certa responsabilidade pela decadência do poder econômico, uma vez que incitou o movimento panelaço, contribuindo para a concretização do *impeachment*.

Enfim, de acordo com a análise realizada, os textos expõem representações conceituais por meio de metáforas evidenciadas nos recursos semióticos utilizados. No primeiro texto, a figura do mapa do Brasil ao fundo de uma frigideira, faz alusão à expressão

“estamos fritos” trazendo um sentido negativo e, no segundo texto, a atenção dada à situação econômica do país indica que a contínua valorização do dólar ocorrida no mercado financeiro tem afetado a vida das famílias de classe média que torceram e se manifestaram a favor do *impeachment*. Ambos os textos podem contribuir para indícios de uma sociedade marcada pelo contexto sociopolítico e econômico do país e com a ideia de que as manifestações populares contribuiram para alargar divisões entre classes sociais da população brasileira.

REFERÊNCIAS

ACAPABR. Disponível em < <http://www.facebook.com.br/acapabr>>. Acesso em 16 de julho de 2018.

BATISTA, E. A. *Identidades de docentes brasileiros e suas representações discursivas em charges*. 191 páginas. Tese de Doutorado em Linguística, Universidade de Brasília (UnB), Brasília. 2014.

BATISTA, E. & VASSOLÉR, J. (1). O que cabe na panela? Representações linguístico-discursivas em contexto político. *Discursos Contemporâneos em Estudo*, 3(1), 91-112. Recuperação de <http://periodicos.unb.br/ojs311/index.php/discursos/article/view/8640>.

FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. London, New York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília- UnB, [1992], 2001.

HALLIDAY, M. *Language as Social Semiotic: the social interpretation of language and meaning*. London: Arnold, 1994.

HODGE, R; KRESS, G. *Social Semiotics*. London: Polity Press, 1988.

KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, [1996] 2006.

KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. *Multimodal Discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnold, 2001.

KRESS, G. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. New York: Routledge, 2010.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

MACHIN, D.; van LEEUWEN, T. Global genres. In: MACHIN, D.; van LEEUWEN, T. *Global Media Discourse: a critical introduction*. London and New York: Routledge, 2007.

RAMALHO, V.; RESENDE V. M. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. São Paulo: Campinas, 2011.

SANTAELLA, L.; NOTH, W. Imagem como representação visual e mental. In: Santaella, L.; Noth, W. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2014.

van LEEUWEN, T. A representação dos atores sociais. In: PEDRO, E. R. *Análise Crítica do Discurso: uma perspectiva sociopolítica funcional*. Lisboa: Caminho, 1997.

VIEIRA, J. A. Novas perspectivas para o texto: uma visão multissemiótica. In: *Reflexões Sobre a Língua Portuguesa: uma abordagem multimodal*. Petrópolis: Vozes, 2007.

8

Isabelle de Souza - UEA
Dra. Vanúbia Araújo Laulate Moncayo - UEA

**PROJEÇÕES
DO GOVERNO BOLSONARO
EM TEXTOS JORNALÍSTICOS
INTERNACIONAIS:
UMA ANÁLISE DISCURSIVA**

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Enquanto veículo de comunicação, o jornal observa uma série de procedimentos, desde a redação até sua publicação em meios físicos/digitais. Para Escudero (2013), os gêneros jornalísticos constituem um conjunto de regras e padrões que tem por objetivo sistematizar o ofício do jornalista, abarcando diferentes tipos de texto sob a organização do jornal. O objetivo do gênero, para Kovach e Resenstiel (2007), "é proporcionar aos cidadãos as informações que precisam para serem livres e autônomos, além de ser um meio de fornecer conhecimento e conexão social, contribuindo para uma sociedade mais democrática"⁴⁰

Usualmente, a estruturação da notícia jornalística repousa na configuração *manchete – lead – corpo da notícia* (Rojo, 2015), onde *manchete/lead* carregam os dados mais importantes, de forma que o nível de interesse das informações dispostas diminua até chegar ao fim do corpo da notícia. Com isso em mente, o estudo explora os discursos presentes nos textos apresentados em manchetes e *leads* internacionais em língua inglesa. O discurso, enquanto forma de prática social, é uma forma de construção e significação do mundo, um modo de agir e de navegar socialmente.

Em cenários que apresentem algum nível de tensão política, é esperado que determinados discursos provoquem reverberações internacionais em variadas línguas, principalmente em veículos jornalísticos. Destarte, este artigo se propõe a analisar os discursos e posicionamentos ideológicos em língua inglesa apresentados pelos veículos jornalísticos *Deutsche Welle*, *Al Jazeera* e *Merco Press*, e em língua portuguesa apresentados pelos jornais brasileiros *O Globo* e *A Crítica*, a fim de estabelecer os diferentes discursos sobre os quais os eventos relacionados ao governo Bolsonaro são transmitidos na mídia jornalística nacional e internacional.

Na ocasião da coleta, período entre abril e maio de 2021, os materiais selecionados versavam sobre o mesmo acontecimento, a instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) a investigar supostos desvios de recursos destinados ao combate da pandemia do Sars-Cov-2 (COVID 19) no Brasil.

Observando a divulgação de discursos tendenciosos em veículos midiáticos em um cenário sociopolítico complexo, a pesquisa é motivada pela verificação a respeito da construção de significados ideologicamente orientados por parte de jornalistas em seus discursos, bem como a forma que as informações se apresentam e circulam em meios jornalísticos.

1. CAMINHOS DA PESQUISA

1.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO METODOLÓGICA

Sob a luz da teoria do discurso social de Fairclough (2019) e a partir das análises sustentadas por ferramentas linguístico-sistêmico funcionais, a pesquisa propõe analisar a existência de diferentes discursos e comportamentos ideológicos a partir de diferentes veículos midiáticos, refletindo tanto o posicionamento pessoal do jornalista que o redige quanto do veículo que ampara sua redação.

Para isso, trabalhamos sob o conceito de ideologia segundo Van Dijk (2000), e para melhor explorar as nuances das escolhas lexicais presentes nos textos, o artigo conta com o aporte teórico da transitividade (Halliday e Mathiessen, 2004), em conjunto com o Sistema de Avaliatividade (SA) segundo Martin e White (2005).

1.2 CORPUS DA PESQUISA

O corpus desse estudo é formado por 5 matérias jornalísticas acerca do mesmo evento, a instauração de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (doravante CPI) para apuração de uso indevido dos recursos destinados ao combate da pandemia do novo Coronavírus no Brasil. O evento é usualmente referido em língua portuguesa como “CPI da COVID”.

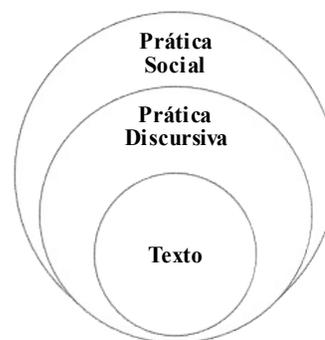
Todos os materiais jornalísticos selecionados (com exceção do depoimento veiculado pela TV Senado apresentado ao fim do item 5) foram publicados entre 14/04/21 e 04/05/21, período em que o requerimento de criação da comissão parlamentar veio à público através de órgãos oficiais do governo brasileiro. Todos os materiais foram coletados *online*, nos sites próprios dos veículos de mídia apresentados. Para compor o corpus de maneira a contemplar as projeções do governo em diferentes escalas, foram selecionados 3 veículos internacionais de circulação expressiva em língua inglesa: a organização catari internacional de notícias *Al Jazeera*, a empresa pública alemã de radiodifusão *Deutsche Welle* e a agência independente de notícias do atlântico sul *Merco Press*. Para abarcar também projeções em língua portuguesa, foram selecionados 1 jornal de circulação nacional (*O Globo*) e 1 jornal de circulação regional no estado do Amazonas (*A Crítica*).

Considerando a extensão dos materiais, delimitamos as análises principais nas manchetes e nos leads (quando presentes na notícia). Foram priorizados alguns trechos do corpo de matérias em detrimento de outros nos itens 1.2 e 4, de forma que o corpus pudesse ser mais bem aproveitado para ilustrar a ação dos recursos metodológicos propostos na pesquisa. Contudo, todos os textos jornalísticos selecionados encontram-se dispostos no Anexo I para consulta.

2. FUNDAMENTOS DA ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA (ADC)

Através das dimensões *texto*, *prática social* e *prática discursiva* como aspectos de análise, Norman Fairclough (2016) propõe uma visão tridimensional do discurso.

Imagem 1: Modelo tridimensional do discurso



Fonte: Fairclough (2016, p. 105)

A dimensão *Texto* explora a forma como o texto é organizado, seus elementos e modos de estruturação, abrangendo léxico, gramática, coesão e estrutura textual. A *prática discursiva* ocupa-se da produção, distribuição e consumo de um dado texto, levando em consideração os contextos e rotinas específicos sob os quais os textos são elaborados, seus modos de produção e a diversificação contida em seus processos de distribuição e consumo.

A *prática social* consiste na “interação mútua entre estruturas sociais, práticas e eventos” (Lira e Alves, 2018, p.107), segundo dois conceitos propostos por Fairclough (2016), *ideologia* e *hegemonia*. O primeiro trata das representações da realidade (o mundo físico, relações sociais, identidades sociais) construídas nas práticas discursivas e que contribuem para a produção, reprodução ou transformação

das relações de poder e dominação. O segundo trata do poder exercido sobre uma sociedade através do estabelecimento de alianças e integrações em variados domínios sociais.

A fim de abarcar um método de análise multifuncional, Fairclough (2016) ampara-se na Linguística Sistêmico Funcional (LSF) proposta por Halliday e Mathiessen (2004), onde a linguagem apresenta orientação multifuncional, considerando que “os textos simultaneamente representam a realidade, ordenam as relações sociais e estabelecem identidades”.

A perspectiva de discurso contemplada na ADC considera o uso da linguagem como forma de prática social, um modo de ação sobre o mundo e sobre os outros.

O autor argumenta que há uma relação dialética entre a prática social e as estruturas sociais, ao passo de que as estruturas são tanto o efeito quanto a causa dessa prática. Dessa forma, “o discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. [...] É uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (Fairclough, 2016, p. 94-95).

2.1 O SISTEMA DE TRANSITIVIDADE

Diferentemente das abordagens comumente encontradas nas gramáticas normativas, a LSF encara a transitividade enquanto um sistema de descrição da oração como um todo, caracterizada pela presença de processos, participantes e, eventualmente, circunstâncias.

Sob a perspectiva Hallidayana, a transitividade é um sistema de relações localizado na metafunção ideacional, observando a organização do sintagma em componentes específicos: processo, participante e circunstância. Tais componentes formam uma *figura*. Tal *figura* pode ser caracterizada por “acontecimentos, feitos, sentimentos, dizeres, o ato de ser ou ter” (Halliday, 2004, p. 170) Todas as *figuras* são sustentadas por um processo que se desenvolve no tempo e por participantes envolvidos nesse processo (alguém que faz algo), apresentando eventuais circunstâncias associadas ao processo (onde, quando, por que, como etc.).

O ST propõe três principais tipos de processos, materiais, mentais e relacionais, e mais três tipos complementares, verbais, existenciais e comportamentais. Cada processo expressa diferentes ideias e exige participantes específicos, conforme observa-se no quadro 1.

Quadro 1: Tipos de processo, significados, participantes e exemplos verbais

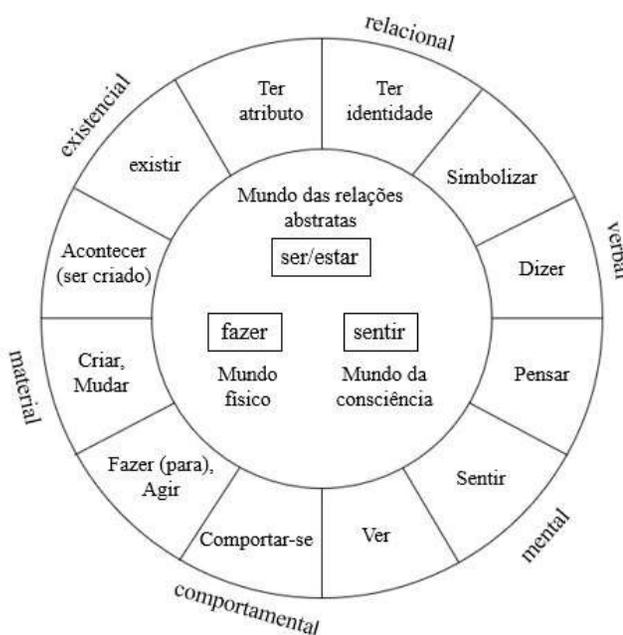
Tipo de Processo	Significado da categoria	Participantes Principais	Exemplos de verbos
Material	Fazer, acontecer	Ator, meta	<i>Comprar, vender, construir, quebrar, bater</i>
Mental	Perceber, pensar, sentir	Experienciador, Fenômeno	<i>Ver, ouvir, pensar, desejar, esquecer, odiar, amar</i>
Relacional	Caracterizar, identificar	Portador, atributo, identificado, identificador	<i>Ser, estar, ter</i>
Comportamental	Comportar-se	Comportante, comportamento	<i>Rir, chorar, dormir, bocejar, cantar</i>
Verbal	Dizer	Dizente, verbiagem, receptor, alvo	<i>Dizer, perguntar, responder, relatar, explicar, contar</i>
Existencial	Existir	Existente	<i>Haver, existir, acontecer</i>

Fonte: adaptado de Fuzer e Cabral (2014, p.81) a partir de Halliday e Mathiessen (2004, p. 260), adaptação nossa.

Para Halliday (2004), o processo é o elemento central do Sistema de Transitividade (ST), considerando que os participantes estão próximos do centro e diretamente envolvidos no processo, fazendo com que ele aconteça ou sendo afetado por ele de alguma forma. A partir disso, o teórico considera a configuração *processo + participante* a representação do centro experiencial da oração. Através do quadro 1, estabelecem-se os tipos de processo, os significados principais neles contidos, participantes envolvidos na estrutura da cláusula e a relação estabelecida entre esses componentes. Os participantes principais são inerentes ao cenário, mas são diretamente afetados pelo contexto situacional e intencionalidade apresentada por um enunciador, possibilitando que outros participantes e circunstâncias também estejam envolvidos.

Os componentes circunstanciais são quase sempre extensões opcionais da cláusula, não componentes obrigatórios. Podem se referir à modo, extensão, tempo, localização, causa, papel, assunto e outros. São geralmente estabelecidos através de grupos adverbiais ou preposicionais e podem ocorrer livremente em todos os tipos de processo (Fuzer e Cabral, 2014). Isto posto, consideramos a transitividade um sistema de construção de um mundo através de experiências organizadas sob os tipos de processo mencionados. A gramática do ST é contínua, interdependente, não funciona sob componentes de maneira isolada. A imagem 2 representa os tipos de processo enquanto espaço semiótico, diferentes regiões significando diferentes processos.

Imagem 2: Gramática experiencial do Sistema de Transitividade



Fonte: Halliday e Mathiessen (2004, p.172), tradução e adaptação nossa.

As orações materiais são caracterizadas por processos que constroem um ponto de mudança num fluxo de eventos, são cláusulas da ordem do “fazer e acontecer” e ocupam-se das nossas experiências no mundo material (Halliday e Mathiessen, 2004, nossa tradução).

Quadro 2: Processo material Fonte: O Globo, adaptação nossa (2021)

“Bolsonaro	errou	na pandemia”
<i>Ator</i>	<i>Processo material</i>	<i>Circunstância</i>

Os processos mentais abarcam todo e qualquer processo de experiência do mundo que ocorra no interior de nossas consciências, apresentando ordem sentimental, emotiva, desiderativa ou cognitiva.

Esses processos usualmente têm seres humanos como participantes, individual ou coletivamente.

Quadro 3: Processo mental

"Eles	não	conseguem entender	que essa política de fechar tudo, de lockdown, é errada?"
<i>Experienciador</i>	<i>Elemento interpessoal</i>	<i>Processo mental</i>	<i>Oração projetada</i>

Fonte: Al Jazeera, adaptação e tradução nossa (2021)

O propósito maior dos processos relacionais é caracterizar e identificar. Eles estabelecem relação entre duas entidades participantes. Eventualmente, um dos participantes pode apresentar caráter circunstancial.

Quadro 4: Processo relacional

O general Eduardo Pazuello	é	o terceiro convocado
<i>Identificado</i>	<i>Processo relacional</i>	<i>Identificador</i>

Fonte: A Crítica, adaptação nossa (2021)

Acontecimentos de ordem tipicamente psicológica ou fisiológica (como respirar, sorrir, tossir) são abordados pelos processos comportamentais:

Quadro 5: Processo comportamental – “Os brasileiros deveriam parar de choramingar”

Brazilians	should	stop whining
<i>Comportante</i>	<i>Elemento interpretativo</i>	<i>Processo comportamental</i>

Fonte: Deutsche Welle, adaptação nossa (2021)

Conforme Halliday e Mathiessen (2014), as orações verbais têm como centro o processo verbal, “processos do dizer”, apoiando a criação de narrativas e construção de diálogos.

Quadro 6: Processo verbal

“Recomendamos expressamente que a presidência revise a sua postura, pois poderia gerar colapso do sistema de saúde”	afirmou	Mandetta.
<i>Citação</i>	<i>Processo verbal</i>	<i>Dizente</i>

Fonte: A Crítica, adaptação nossa (2021)

As orações existenciais indicam existência ou acontecimento através dos processos existenciais. Comumente apresenta verbos como *haver, existir e ocorrer*.

Quadro 7: Processo existencial

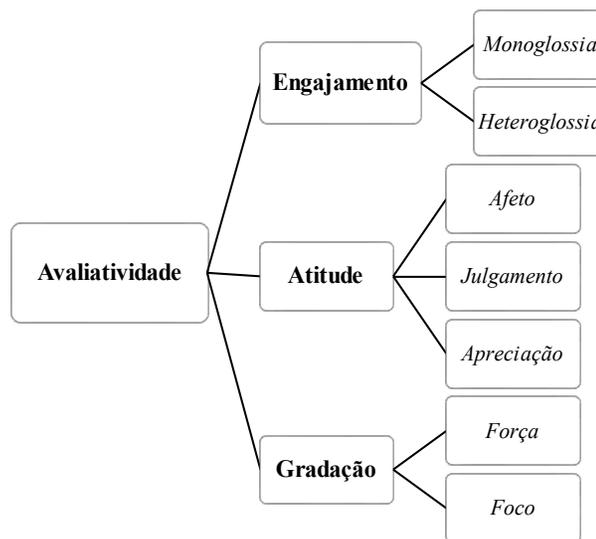
No final do ano,	havia	mais de 194 mil mortos	no Brasil
<i>Circunstância</i>	<i>Processo existencial</i>	<i>Existente</i>	<i>Circunstância</i>

Fonte: A Crítica, adaptação nossa (2021)

3. SISTEMA DE AVALIATIVIDADE (SA)

O Sistema de Avaliatividade (doravante SA) de Martin e White (2005) foi pensado e desenvolvido dentro da Linguística Sistemico Funcional (LSF), arcabouço teórico concebido por Halliday (2004), e “está relacionado à criação de significados interpessoais, que são recursos semânticos usados para negociar relações sociais” (Sobhie, 2008). O SA consiste em uma estrutura sustentada por três diferentes dimensões: *Atitude, Engajamento e Gradação*. A primeira e a última dimensão são exploradas mais a fundo nesta pesquisa.

Imagem 3: Estruturação do Sistema de Avaliatividade



Fonte: adaptado de Moncayo (2014, p.76) a partir de Martin e White (2005, p. 38), adaptação nossa.

A dimensão *Engajamento* explora “recursos linguísticos adotados por falantes/escritores relativos à postura por eles mantida em relação aos valores expressos num texto e a respeito daqueles a quem eles se dirigem nele” (Martin e White, 2005, p.92, tradução e adaptação nossa), subdividindo-se em *monoglossia* (quando um discurso não evoca/reconhece outras vozes) e *heteroglossia* (quando outras vozes são referidas/reconhecidas no discurso).

A dimensão *Atitude* refere-se ao mapeamento de sentimentos enquanto sistema de significados, contemplando esferas semânticas tradicionalmente referidas como emoção, ética e estética, abarcadas sob as subcategorias *Afeto*, *Julgamento* e *Apreciação*.

A dimensão *Gradação* está diretamente relacionada ao grau de avaliação, ocupando-se da escalabilidade contida em um material, em baixa ou alta escala de acordo com a intensidade ou o

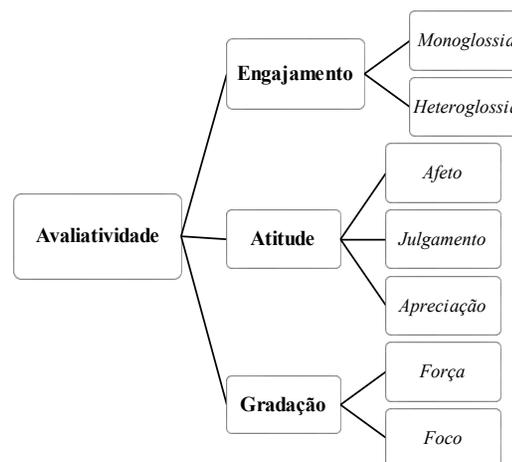
grau que o falante/escritor pretende empregar no enunciado. Cada dimensão divide-se em categorias e subcategorias de forma a amparar as demais. Trataremos com maior profundidade das nuances de *Atitude* e *Gradação* nos itens 3.1 e 3.2.

3.1 ATITUDE

Para Martin e White (2005, p. 42), a dimensão Atitude delimita e mapeia as formas como construímos nossos sentimentos numa língua. Enquanto sistema, a dimensão abarca três subcategorias: Afeto, Julgamento e Apreciação.

A primeira explora nossas emoções em relação ao mundo, “traduz os sentimentos do coração” (Moncayo, 2014, nossa tradução). A segunda abarca nossas atitudes relacionadas à comportamentos e a maneira como os condenamos, criticamos ou admiramos. A terceira e última ocupa-se da construção de significados através da avaliação de fenômenos naturais e coisas, especialmente coisas feitas ou desempenhadas por nós (Martin e White, 2005).

Imagem 4: Estruturação e subcategorização da dimensão *Atitude*



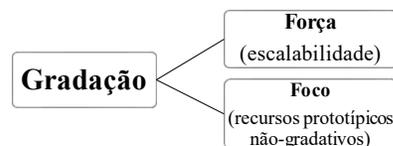
Fonte: adaptado de Moncayo (2014, p.76) a partir de Martin e White (2005, p. 38), adaptação nossa.

3.2 GRADAÇÃO

A dimensão Gradação trata de graus de escalabilidade possíveis existentes num dado material, podendo apresentar maior escalabilidade (*upscaling*) ou menor escalabilidade (*downscaling*), representando uma propriedade fundamental de gradabilidade na dimensão Atitude, possibilitando o registro de graus maiores ou menores de positividade ou negatividade nessa estrutura, funcionando em conjunto.

A Gradação se divide em duas principais categorias denominadas Força e Foco. A primeira abarca termos que permitem escalabilidade, como na sequência de significados atitudinais "jogador *competente*/ jogador *bom*/ jogador *excelente*". Quando a escalabilidade não é possível, a categoria Foco ocupa-se desses termos não-gradativos, prototípicos. Os autores os exemplificam como "*Either/ Or*" (Ou isso ou aquilo). Como acontece, por exemplo, com os pares "*verdadeiro/falso* e *genuíno/não-genuíno*"

Imagem 5: Estruturação e subcategorização da dimensão *Gradação*



Fonte: adaptado de Martin e White (2005, p.138) e Moncayo (2014, p.119), elaboração nossa.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A fim de melhor conduzir a análise, consideramos o propósito do gênero jornalístico segundo Kovach e Resenstiel (2007, p. 28, nossa tradução), de que a motivação primária do jornal "é proporcionar ao

cidadão a informação da qual ele precisa para ser livre e governar a si próprio em seus moldes [...] a notícia nos ajuda a definir nossas comunidades, criar uma língua comum e um conhecimento comum baseado na realidade". Consideramos também o conceito de ideologia proposto por Van Dijk (2000, p. 4, tradução e adaptação nossa), enquanto sistema de crenças e ideias de um grupo particular, manifesto através de aspectos sociais, discursivos e cognitivos. O autor considera que o discurso desempenha papel fundamental na reprodução de valores ideológicos em vários níveis de estruturas discursivas, desde a entonação, topicalização, metáforas, coerência, argumentação, entre outros⁴¹.

O discurso apresentado em meios jornalísticos é diretamente influenciado pelas motivações externas a ele, passando por processos mais ou menos sofisticados de seleção em matéria de prática discursiva, conforme proposto por Fairclough (2016) com os conceitos de produção, distribuição e consumo. Quando mediado por um jornalista/redator, esse discurso apresenta diferentes nuances de reverberações culturais e ideológicas, perceptíveis a partir das escolhas lexicais empregadas.

A partir da instauração da CPI, diferentes discursos são gerados e publicados nos veículos jornalísticos selecionados. Primeiramente, debruçamo-nos sobre os quadros 8 e 9, manchetes veiculadas pelos jornais Merco Press e Al Jazeera em abril de 2021, poucos dias após o anúncio público acerca da Comissão:

Quadro 8: "Brasil: Senado vai investigar como Bolsonaro está lidando com a pandemia"

Brazil:	Senate	To investigate	Bolsonaro's handling of the pandemic
<i>Circunstância</i>	<i>Ator</i>	<i>Processo material</i>	<i>Meta</i>

Fonte: Jornal Merco Press (2021)

41 "Discourse plays a fundamental role in the daily expression and reproduction of ideologies. This book therefore pays special attention to the ways ideologies influence the various levels of discourse structures, from intonation, syntax, and images to the many aspects of meaning, such as topics, coherence, presuppositions, metaphors, and argumentation, among many more."

Quadro 9: "Senado brasileiro investiga como Bolsonaro está lidando com o COVID-19"

Brazil Senate	Investigating	Bolsonaro's handling of COVID-19
Ator	Processo material	Meta

Fonte: Al-Jazeera (2021)

Em ambas as manchetes, há a presença de processos materiais expressos pelos verbos *to investigate* e *investigating*, tendo como *meta* a forma como Bolsonaro lida com a pandemia. Como propõe Halliday e Mathiessen (2004), os processos materiais constroem uma sequência de mudanças concretas em um fluxo de eventos, podem ser caracterizados como verbos da ordem do "fazer" e do "acontecer". Através do uso expressivo de processos materiais, as manchetes atentam para o começo das investigações acerca das ações de Bolsonaro quanto ao Coronavírus, trazendo à tona no corpo das matérias os acontecimentos que precederam e motivaram a instauração da CPI. Os diferentes discursos adotados pelos veículos serão abordados adiante.

Os textos apresentam o mesmo ponto no tempo, a decisão de se começar uma investigação. Apesar de conservar teor semelhante nas manchetes, o discurso dos veículos muda a partir do *lead* e do corpo das matérias. Enquanto o jornal Merco Press apresenta algum grau de "isenção política" em relação ao presidente, tanto na manchete quanto no corpo da matéria, o jornal Al Jazeera explicita sua localização no espectro político diretamente no lead abaixo da manchete, conforme o quadro 10:

Quadro 10: "O presidente de extrema direita Jair Bolsonaro continua minimizando o Coronavírus apesar das crescentes contaminações e mortes"

Far-right President Jair Bolsonaro	continues to downplay	the coronavirus,	despite still surging infections and deaths.
<i>Experienciador</i>	<i>Processo Mental</i>	<i>Fenômeno</i>	<i>Circunstância</i>

Fonte: Al-Jazeera (2021)

Para Halliday e Mathiessen (2004, p. 203), “o participante experienciador é aquele que engaja no processo mental, quase sempre um ser humano.” Sua principal característica é se ‘dotado de consciência’. O veículo Al-Jazeera, ao identificar e alocar o participante experienciador enquanto um “presidente de extrema direita” contribui na construção da imagem pública de que Jair Bolsonaro representa valores ideológicos “conservadores” para um grupo específico (usualmente, sua base governista).

Tais valores podem ser considerados positivos por sua base de apoio, mas negativos e retrógrados pela sua oposição, sendo costumeiramente referidos como “reacionários” pelos que não pertencem à sua base política, conferindo-lhe conotações negativas contrárias às sustentadas pelos seus apoiadores.

Tornar clara a posição do jornalista ao abordar a conduta política apresentada pelo presidente, caracteriza uma atitude que pode ser percebida como manifestação de oposição governista. O processo mental, enquanto processo da ordem do “sentir”, ocupa-se das experiências que temos no mundo e a partir dele através de nossas consciências, como o apresentado na oração no quadro 10 (*continues to downplay/continua minimizando*). Nessa disposição transitiva, o jornalista traz responsabilidade para a figura de chefe de Estado sustentada por Bolsonaro, complementada pela circunstância “*despite still surging infections and deaths/apesar das crescentes contaminações e mortes*”. Representando um discurso contrário aos jornais de cunho reacionário, a Al-Jazeera se coloca contra a postura do presidente. Para Kovach e Resenstiel (2007), o jornalismo trabalha para ajudar a identificar os objetivos de uma comunidade, assim como os seus possíveis heróis e vilões⁴².

42

“The news helps us define our communities. It also helps us create a common language and common knowledge rooted in reality. Journalism also helps identify a community’s goals, heroes, and villains.”

Em contraste com o discurso de caráter mais direto sustentado pelo jornal Al-Jazeera, os discursos apresentados no corpo da matéria do jornal Merco Press repousam constantemente sobre processos verbais diretamente emitidos pelo Presidente, ilustrando-os através de citações. Essa configuração transitiva (*citação/processo verbal/dizente*) também se mostra comum nas manchetes e corpos das matérias selecionadas em língua portuguesa. Vemos essa confluência nos quadros 11, 12 e 13.

Quadro 11: Processo verbal e discurso direto em manchete A.

"Bolsonaro errou e se omitiu na pandemia"	diz	Renan Calheiros,	escolhido como relator da CPI
<i>Citação</i>	<i>Processo verbal</i>	<i>Dizente</i>	<i>Circunstância</i>

Fonte: O Globo (2021).

Quadro 12: "Não foi eu quem fechou as lojas. Não foi eu quem fez você ficar em casa também. Eu faço minha parte", Bolsonaro enfatizou.

"I was not the one who closed the shops. I wasn't the one who made you stay at home, either. I do my part"	Bolsonaro	stressed.
<i>Citação</i>	<i>Dizente</i>	<i>Processo Verbal</i>

Fonte: Merco Press (2021), adaptação nossa.

Quadro 13: Processo verbal e discurso direto em manchete B

"Sempre que explicávamos, o Presidente compreendia. Ele dizia para darmos seguimento. Passados dois dias, ele voltava para a situação de quem não havia compreendido"	afirmou.	[Luiz Henrique Mandetta]
<i>Citação</i>	<i>Processo Verbal</i>	<i>Dizente</i>

Fonte: A Crítica (2021).

O discurso direto é constantemente utilizado pelos enunciadorees através das menções integrais de falas. Para Cunha e Cintra (2013, p. 651), essa prática torna o narrador "um mero indicador

de falas” num episódio. Nesse caso, apenas citar os dizentes pode suscitar algum grau de isenção em relação ao que é dito por eles, de forma que o veículo de mídia envolvido na matéria diminua seu grau de comprometimento direto com o que é dito ou descrito nela, apenas reproduzindo discursos de terceiros.

Há a presença de processos materiais em quase todas as manchetes e leads selecionados. Esses processos, como abordamos anteriormente, contribuem para a indicação e construção de alterações fluxo de eventos no tempo, um ato ou um acontecimento, sendo largamente utilizado para marcar “pontos de virada” no cenário político abordado pelo jornal.

Como trazido à tona no item 2.1 (Sistema de Transitividade), as circunstâncias não estão sempre presentes nas configurações transitivas. Por se tratar de textos jornalísticos, esse componente pode proporcionar materiais de análise discursiva sob a ótica do Sistema de Avaliatividade (Martin; White, 2005), considerando que elementos circunstanciais podem apresentar uma forte construção de significados por parte do jornalista quanto à notícia relatada. A partir do lead abaixo, coletado no jornal Deutsche Welle, é possível realizar a escalabilidade da gradação lexical apresentada pelo jornalista ao textualizar o termo *worst*:

Quadro 14: “No Brasil, uma comissão está investigando qual papel foi desempenhado pelo governo Bolsonaro em um dos piores surtos de Coronavirus no mundo”

In Brazil,	a commission	is investigating	what role President Jair Bolsonaro's government played	in one of the worst coronavirus outbreaks in the world.
<i>Circunstância</i>	<i>Ator</i>	<i>Processo material</i>	<i>Meta</i>	<i>Circunstância</i>

Fonte: Deutsche Welle (2021).

Quadro 15: Escalabilidade no termo *Worst* (pior)

<i>Gradação (Força)</i>
Worst
Bad

Fonte: elaboração nossa (2021)

Outra relexicalização possível (considerando a magnitude da pandemia) poderia ser *largest* (*maior*), termo que também poderia ser classificado como *foco*, em vez de *worst* (*pior*). Ao optar pela segunda opção (*worst*), jornalista reflete seus valores e crenças pessoais em relação às dimensões da pandemia e suas consequências no Brasil. Conforme Fairclough (1995), o jornalista textualiza a informação, moldando suas próprias crenças e valores e essas são entregues ao consumidor final/leitor através do jornal.

Através da dimensão Atitude, registra-se a construção de significados da avaliação do jornalista a respeito dos acontecimentos a serem investigados na CPI e seus desdobramentos.

O conceito de construção de significados proposto por Martin e White (2005) reverbera diretamente sobre a construção do discurso enquanto texto. Observamos a categorização do léxico no quadro abaixo:

Quadro 16: gradabilidade em significados atitudinais no lead "*Delayed Vaccines, Ineffective COVID treatments, Oxygen shortages*" - (*Vacinas atrasadas, tratamentos inefetivos para COVID, escassez de oxigênio*)

Menor escalabilidade		Maior escalabilidade
Julgamento		
Afeto		
Apreciação	<i>Delayed Vaccines</i> <i>Oxygen Shortages</i>	<i>Ineffective Covid Treatments</i>

Fonte: Deutsche Welle (2021).

A partir da análise do corpus à luz do Sistema de Avaliatividade, ficam claras as diferentes escolhas lexicais apresentadas pelos jornalistas. Em matérias de caráter mais “isento”, onde há distanciamento dos jornalistas em relação aos acontecimentos expressos, há mais citações e menos construção de significados. Em matérias onde o posicionamento em relação ao governo é mais claro, há maior presença de significados atitudinais (através dos quais construímos avaliações do mundo e expressamos sentimentos sob a dimensão *Atitude*) e recursos gradativos (abarcados na dimensão *Gradação*), utilizados expressivamente como ferramenta discursiva na emissão de opiniões mais ou menos atenuadas a respeito de participantes do governo.

A título de exemplo, constata-se a recorrência do uso de discursos indiretos na construção do corpo da matéria veiculada pelo jornal Merco Press.

O veículo parece se embasar completamente na descrição “neutra/isenta” dos acontecimentos, apenas deixando claro quem disse o quê sobre quem (direcionando as opiniões dos enunciadores uns aos outros), sem se posicionar claramente sobre os fatos. Não apresenta opiniões emitidas por quem redigiu a notícia.

Quadro 17: Bolsonaro insistiu que ele “não era um ditador”

Bolsonaro	Insisted	he was “not a dictator”
<i>Dizente</i>	<i>Processo verbal</i>	<i>Citação</i>

Fonte: Merco Press (2021)

Quadro 18: Gleisi Hoffman do partido de oposição (PT) disse na terça-feira que “os crimes de responsabilidade” que Bolsonaro teria perpetrado justificam “um impeachment”

Gleisi Hoffman of the opposition Workers' Party (PT)	Said	on Tuesday	that the “crimes of responsibility” that Bolsonaro would have perpetrated justify “an impeachment”
<i>Dizente</i>	<i>Processo verbal</i>	<i>Circunstância</i>	<i>Verbiagem</i>

Fonte: Merco Press (2021)

Em ambas as amostras, o jornal se limita à utilização de aspas para citar o discurso dos enunciadores através de ilhas textuais, procedimento comum na imprensa. Tal forma híbrida de citação também poderia ser analisada sob a ótica de uma possível isenção acerca das opiniões contidas na fala de Gleisi Hoffman, por exemplo. As marcas tipográficas (aspas) no discurso deixam claro em ambos os quadros que o jornal não se responsabiliza pelo que é dito nem assume a informação como opinião própria a respeito dos acontecimentos, apenas a reproduz e a atribui à Hoffman.

No corpo da matéria coletada na análise a seguir, veiculada pela *Deutsche Welle* em abril de 2021, observa-se a textualização discursiva de uma fala originalmente proferida pelo presidente Jair Bolsonaro em um discurso na cidade de São Simão, Goiás, no dia 4 de março de 2021, um dia após o Brasil contabilizar, pela segunda vez, o maior número de mortes diárias em decorrência da pandemia do Sars-Cov-2⁴³.

Ao comentar a forma como a população estava lidando com as consequências da pandemia, ele diz: *"Nós temos que enfrentar nossos problemas. Chega de frescura e de 'mimimi'. Não ficar chorando até quando?"*. O jornalista responsável pela matéria da DW evoca uma outra fala simbólica e usual do ex-Presidente sobre a COVID-19 (de que é *apenas uma gripezinha*⁴⁴). Nos quadros 19 e 20, organiza-se os processos transitivos envolvidos e o termo "whining" sob a ótica da gradação.

43 HOMERO, Valquíria; PLIGHER, Pedro. "Brasil confirma 1.910 mortes por covid-19 em apenas 24h, em 2º pico seguido". Poder 360. 3 mar. 2021. Disponível em <https://www.poder360.com.br/coronavirus/brasil-confirma-1-910-mortes-por-covid-19-em-24h-em-2o-pico-seguido/>.

44 Há um ano, Bolsonaro chamava COVID de gripezinha em rede nacional; relembre. O Estado de Minas. 24 mar. 2021. https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/03/24/interna_politica,1250005/ha-um-ano-bolsonaro-chamava-covid-de-gripezinha-em-rede-nacional-relembre.shtml

Quadro 19: Transitividade no *lead* e nuances de gradação no processo comportamental *to whine*

COVID-19	is	nothing more than a "little flu"	and	Brazilians	Should stop "whining"
<i>portador</i>	<i>processo relacional</i>	<i>atributo</i>	<i>Elemento textual</i>	<i>comportante</i>	<i>Processo comportamental</i>

Fonte: Deutsche Welle (2021)

Quadro 20: escalabilidade do termo whining e correlatos⁴⁵

Whining (to whine)	
<small>whining</small> 1 (reclamar de forma irritante)	complaint/complain ² (reclamar)
<small>whimper</small> 1 (lamuriar)	<small>grouse</small> 2 (UK – angry complaint/queixa)
<small>cry</small> 1 (chorar)	<small>grumble</small> 2 (queixar, resmungar)

Fonte: Elaborado pela autora

Através do SA, é possível registrar recursos discursivos de modalização da linguagem. A seletividade a partir da gradação é um artifício retórico recorrente em discursos que reforçam, atenuam ou negam avaliações/construções de significados envolvendo Bolsonaro e seu governo.

No quadro 19, o jornalista optou por textualizar a sequência lexical *frescura-mimimi-choro* através do verbo *whining* (to whine) em vez do verbo *to cry* (usualmente utilizado para "chorar"). A ocorrência do verbo é mais usual em contextos de lamentação e lamúria na língua inglesa, especialmente direcionado às crianças. Está relacionado ao comportamento infantil, à "*temper tantrums*" (birras). Dessa forma, podemos enxergar as relações de poder que se mostram nesse discurso através da lexicalização do texto (*wording*) conforme observa Fairclough no modelo tridimensional do discurso (2014). Tanto na fala em seu contexto original, no discurso dirigido ao

45

Termos consultados em Oxford American Writer's Thesaurus (2012) e Cambridge Dictionary (2021)

povo brasileiro (participante *comportante* no quadro transitivo 19), quanto em sua colocação numa manchete em língua estrangeira, conserva-se a imagem do Presidente como alguém que fala de uma posição superior de forma a disciplinar alguém numa posição inferior. Na dualidade Presidente/Povo, apresentam-se nuances hierárquicas similares às de pai/filho (o pai que disciplina; o filho que é disciplinado) e chefe/subordinado (o chefe que repreende; o subordinado que é repreendido).

Esse artifício também é usual durante as rotinas da própria CPI transmitida pelo canal TV Senado. Para Richardson (2007, nossa tradução), o viés ideológico presente num discurso apresenta efeitos sobre os níveis conceituais sob os quais ele é produzido, consumido e compreendido. A título de exemplo, observamos um trecho do depoimento de Emanuela Medrades, depoente da CPI da COVID, em depoimento colhido no dia 14 de julho de 2021.

Medrades diz: “Sobre eles [Luiz e William Miranda] terem recebido a *invoice* no Dropbox no dia 18 [...] não corresponde à verdade”. Ao tratar das alegações feitas por Ônix Lorenzoni (ministro-chefe da Secretaria Geral) e Élcio Franco (coronel da reserva do exército envolvido nas investigações), Medrades diz que “[eles] apresentam ‘dados imprecisos’, estão ‘equivocados’”. Os desvios lexicais apresentados por Medrades no mesmo discurso parecem ser motivados pelos posicionamentos políticos dos envolvidos nas falas, apesar do teor das informações fornecidas pelos dois lados ser o mesmo. Os irmãos Luiz e William Miranda delatam a responsabilidade direta do governo num suposto esquema de corrupção envolvendo uma compra superfaturada de vacinas e tornam-se opositores, enquanto Lorenzoni e Franco integravam a base governista do ex-presidente.

O senador Randolfe Rodrigues, abertamente opositor da base governista à época, pontua a gradação de termos em uso no discurso de Medrades, enfatizando que ao tratar dos demais investigados pela CPI, a linguagem da depoente é propositalmente

atenuada de forma a proporcionar o “apagamento” da responsabilidade de Lorenzoni e Franco e realçar um ataque moral direcionado aos irmãos Miranda. Rodrigues diz “Há uma classificação seletiva [por parte da depoente] [...] William e Luiz Ricardo Miranda são mentirosos, Ônix e Élcio Franco se equivocaram, sendo que todos eles forneceram as mesmas informações”(sic).

Vejamos abaixo um quadro de gradação de significados atitudinais nos termos usados pela depoente e apontados por Rodrigues:

Quadro 21: gradabilidade em significados atitudinais no depoimento de Medrades

Menor escalabilidade	←————→	Maior escalabilidade
Julgamento	<i>Equivocados</i>	<i>Não corresponde à verdade; Mentirosos</i>
Afeto		
Apreciação	<i>apresentam dados imprecisos</i>	

Fonte: Elaborado pela autora (2021).

Os significados atitudinais acima dispostos, sob a ótica da Avaliatividade em sua dimensão *Atitude* (caracterizada por possibilitar nosso mapeamento de sentimentos), demonstram o grau de *juízo* e *apreciação* construído na fala de Emanuela Medrades a respeito de falas emitidas num primeiro momento por Luiz e William Miranda, e posteriormente, por Ônix Lorenzoni e Élcio Franco.

Julgamento, conforme Martin e White (2005), abarca a forma como nos manifestamos acerca de comportamentos e condutas. Observa-se que, ao dirigir-se às falas de Lorenzoni e Franco, a depoente constrói significados de menor escalabilidade dentro da subcategoria ao dizer que ambos *estão equivocados*, diminuindo o grau de responsabilização da dupla no discurso adotado em seu depoimento. Ao tratar das afirmações emitidas pelos irmãos Miranda, Medrades constrói significados de grande escalabilidade e maior comprometimento, colocando

a credibilidade da fala dos dois em risco ao dizer que o que dizem “*não corresponde à verdade*”, uma das lexicalizações possíveis para atribuir aos dois a conduta de mentirosos diante da tribuna.

Ainda é possível argumentar a respeito da colocação *dados imprecisos*, tendo em vista que é uma significação que recai na subcategoria *Apreciação*, compreendendo fenômenos de avaliação do mundo que são ou não valorizados num dado campo (Martin e White, 2005). Por se tratar de uma construção de significado *apreciativa*, podemos supor que a depoente, ao utilizar dessa construção discursiva, esquiva-se o máximo possível de julgamentos de conduta a respeito de Lorenzoni e Franco, em contraste com a menor escalabilidade atitudinal de *juízo* apresentada em relação aos irmãos Miranda.

Isto posto, através do SA, podemos obter um panorama de como os jornalistas se colocam em relação aos fatos veiculados tanto em língua portuguesa quanto em língua inglesa, seu maior ou menor grau de envolvimento com os eventos relatados. No exemplo abordado, ilustrado sob o depoimento de Medrades, obtemos um maior envolvimento com os eventos em relação à defesa/isenção de responsabilidade de Lorenzoni e Franco. Em contrapartida, observamos maior envolvimento no julgamento e condenação moral de Luiz e William Miranda, tendo em vista que as duas duplas forneceram as mesmas informações à tribuna.

É importante atentar para como isso reforça o possível posicionamento ideológico da depoente. Para Van Dijk (2000, p. 88, tradução e adaptação nossa), a função social da ideologia é controlar e coordenar as práticas sociais de um grupo ou entre grupos, e o discurso é a prática social mais crucial de todas, a única que é capaz de expressar diretamente ideologias. Logo, uma teoria sobre ideologia sem uma teoria do discurso está fundamentalmente incompleta⁴⁶.

46

“The social function of ideologies is to control and coordinate the social practices of a group and between groups. Discourse is the most crucial of these social practices, and the only one that can directly express and hence convey ideologies. A theory of ideology without a theory of discourse is therefore fundamentally incomplete.”

CONSIDERAÇÕES

O discurso é uma ferramenta de poder. Enquanto recurso de dominação política e ideológica, mostra-se fortemente reiterado pelos meios de comunicação em massa, como jornais, e há não muito tempo, pela televisão e rádio.

O discurso e a ideologia são indissociáveis, considerando que as ideologias existem e permeiam todos os grupos e entidades numa sociedade, e que a sociedade, ao mesmo tempo que molda o discurso, é moldada por ele (Fairclough, 2016). Nossas formas de construção e significação do mundo estão conectadas às nossas ideologias particulares, traduzindo-se em nossas práticas sociais e discursivas, no dia a dia.

É importante lembrar que tais conceitos ideológicos não emanam de nossas mentes arbitrariamente, mas são construídos através dos discursos, como propõe Fairclough. Levando em consideração o alcance quase instantâneo das mídias de comunicação em massa através da internet, qual papel é desempenhado pelos jornais nas construções ideológicas?

Para Van Dijk (2000, nossa tradução), a dimensão ideológica do discurso público, como os ofertados através dos jornais, são moldadas e moldam práticas que não são necessariamente verbais, como estruturas organizacionais de instituições ou empresas. O discurso jornalístico, repousando em uma variedade de atividades (desde a redação até a publicação) pode ser ideologicamente orientado e influenciado por atores sociais que são membros de vários grupos que integram a sociedade.

O jornalista internacional, ao textualizar em sua própria língua acontecimentos originalmente ocorridos em Língua Portuguesa, agrega não apenas seus valores culturais e léxico gramaticais no texto

jornalístico, mas também seus valores ideológicos e por consequência, políticos, construindo e mapeando o mundo em significado, conforme Martin e White propõem no Sistema de Avaliatividade (2005).

Através dos recursos proporcionados pelo SA e pela ótica da LSF, é possível reiterar o papel do jornalista enquanto agente que viabiliza a organização dos discursos jornalísticos a partir tanto do envolvimento ideológico de seus partícipes, quanto de quem os redige/enuncia. Dessa forma, foi possível mapear os textos jornalísticos que apresentam maior predominância de apagamento do envolvimento do jornal no discurso da notícia, através de artifícios como o uso de processos verbais a partir do discurso direto, em contraste com os textos que apresentam mais discursos indiretos e construções de significação do mundo mais evidentes por parte dos enunciadores.

Nessa perspectiva, concluímos que os jornais Deutsche Welle e Al-Jazeera se posicionam mais abertamente em seu discurso, rotina não adotada com tanta clareza pelos demais jornais (O Globo, A Crítica e Merco Press). Esses últimos buscam evitar maiores graus de envolvimento no discurso da notícia através de uma suposta "isenção". Contudo, é importante reforçar que a "neutralidade" também pode ser tomada como um posicionamento ideológico. Os jornais que se colocam mais claramente e emitem discursos de caráter mais opinativo parecem manter esferas de circulação e rotinas de produção diferentes de jornais que buscam níveis de "neutralidade" quanto ao assunto abordado. Temos diferentes representações de mundo expressas através de diferentes discursos.

Conforme Resende e Ramalho (2006, p. 71-72), tais representações não estão ligadas apenas ao mundo "concreto", tangível, mas também "projetam diferentes possibilidades de realidade, ou seja, relacionam-se a projetos de mudança do mundo de acordo com perspectivas particulares". A partir da pesquisa, exploramos o papel do jornalista enquanto mediador da informação, obedecendo rotinas diferentes de distribuição em relação à gêneros textuais.

Registramos também a forma que os discursos jornalísticos são moldados a partir das escolhas lexicais feitas ao tratar dos fatos narrados nas notícias.

Concluímos que o discurso político reproduzido está diretamente associado à forma como as informações são produzidas, por quem são produzidas, como circulam, quem as consome e a quais interesses elas atendem (Fairclough, 1995).

REFERÊNCIAS

- BATISTA JR, J.; SATO, D.; MELO, I. (orgs.). 2018. *Análise do Discurso Crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola.
- BOLSONARO errou e se omitiu na pandemia. *O Globo*, Brasília, 16 abr. 2021. Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-errou-se-omitiu-na-pandemia-diz-renan-calheiros-escolhido-como-relator-da-cpi-24974566>. Acesso em 15 jul. 2021.
- BRAZIL: Senate to investigate Bolsonaro's handling of the pandemic. *MercoPress*. 14 abr. 2021. Disponível em: <https://en.mercopress.com/2021/04/14/brazil-senate-to-investigate-bolsonaro-s-handling-of-the-pandemic>. Acesso em 29 jun. 2021.
- CAMBRIDGE Dictionaries Online. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/>. Acesso em 20 jul. 2021.
- CAPELLI, P. *Bolsonaro errou se omitiu na pandemia diz Renan Calheiros escolhido como Relator da CPI*. *O Globo*. 16 abr. de 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-errou-se-omitiu-na-pandemia-diz-renan-calheiros-escolhido-como-relator-da-cpi-24974566>. Acesso em 29 jun. 2021.
- COWIE, S. *Brazil Senate investigating Bolsonaro's handling of COVID-19*. *Al Jazeera*. 14 abr. 2021. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2021/4/14/brazil-senate-investigating-bolsonaro-handling-of-covid-19>. Acesso em 29 jun. 2021.

CHRISTOFARO, B.; LUPION, B. *Explained: Why Brazil's Bolsonaro is being investigated over COVID response*. Deutsch Welle. 4 mai. 2021. Disponível em: <https://p.dw.com/p/3sv6F>. Acesso em 29 jun. 2021.

ESCUADERO, C. *A construção dos gêneros jornalísticos a partir das sequências e marcas textuais*. In: Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, XVIII. 2013. Bauru, SP.

EX-MINISTRO Mandetta diz que atitude de Bolsonaro agravou a pandemia. *A Crítica*, Manaus, 4 mai. 2021. Disponível em: <https://www.acritica.com/channels/coronavirus/news/ex-ministro-mandetta-diz-que-atitude-de-bolsonaro-agravou-a-pandemia>

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.

FAIRCLOUGH, N. *Media Discourse*. Londres: Arnold, 1995.

FUZER, C.; SCOTTA CABRAL, S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em Língua Portuguesa*. Campinas: Mercado das Letras, 2014.

GOMES, V. *Uma análise do discurso das eleições presidenciais de 2018 no contexto jornalístico do Amazonas*. Trabalho de Conclusão de Curso. Manaus, Amazonas. 20 p. 2019.

HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN, C. (orgs.). *An introduction to functional grammar*. 4 ed. Londres: Hodder Education, 2004.

HEBERLE, V. M. *Texto, discurso, gêneros textuais e práticas sociais na sociedade contemporânea: tributo a José Luiz Meurer*. Cadernos de Linguagem e Sociedade, [S. l.], v. 12, n.1, p. 155–168, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/10551>. Acesso em: 26 jul. 2021.

MARTIN, J.R.; WHITE, P.R.R. *Language of Evaluation*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2005.

MONCAYO, V. *A sustainability cosmology: an analysis of a "green" company's sustainability report*. 2014. 311 f. Tese (Doutorado em Língua Inglesa) - Programa de Pós-graduação em Língua Inglesa, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

Oxford American Writer's Thesaurus. 3 ed. Nova York: Oxford University Press, 2012.

RAMALHO, V.; RESENDE, V. *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

RICHARDSON, J. *Analysing Newspapers: an approach from critical discourse analysis*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2007.

ROJO, R.; BARBOSA, J. *Hipermodernidade, multiletramentos, e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SOBHIE, M. T. *Análise comparativa de avaliação em press releases e notícias*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem), Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

TV Brasil. *Inauguração da Ferrovia Norte-Sul, trecho São Simão/GO – Estrela D'Oeste/SP*.

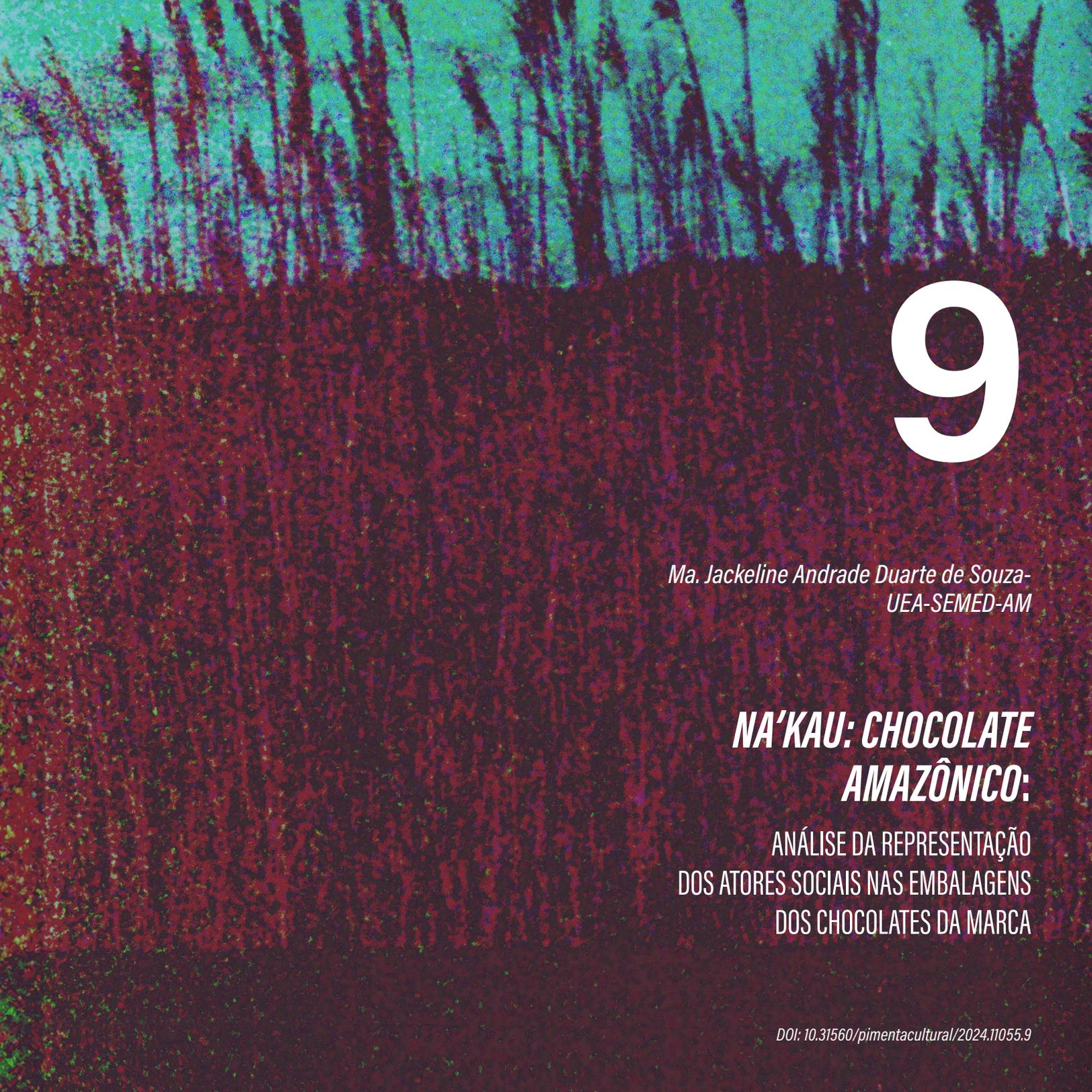
Youtube, 4 mar. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NyN98Gn74js>. Acesso em 19 jul. 2021.

TV Senado. *CPI da pandemia ouve Emanuela Medrades, diretora técnica da Precisa Medicamentos*. Youtube, 14 jul. 2021.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pzYlKW3-sQY>. Acesso em 19 jul. 2021.

VAN DIJK, T. *Ideology and Discourse: a multidisciplinary introduction*. [s.l]: [s.n.], 2000.

VASCONCELLOS, M. 2009. *Systemic functional translation studies (sfts): the theory travelling in brazilian environments*. DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo. n.25: ESPECIAL, p. 585-607, out. 2009.



9

*Ma. Jackeline Andrade Duarte de Souza-
UEA-SEMED-AM*

***NA'KAU: CHOCOLATE
AMAZÔNICO:***

ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO
DOS ATORES SOCIAIS NAS EMBALAGENS
DOS CHOCOLATES DA MARCA

APRESENTAÇÃO

Este artigo resulta do trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, que teve por objetivo analisar a representação dos atores sociais adotando os pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso Crítica, Linguística Sistêmico - Funcional e da Multimodalidade como alicerce investigativo.

Considerando a embalagem publicitária um importante instrumento de investigação pela condução de informações que dialogam com o consumidor que, geralmente, não possui o hábito de ler rótulos, selecionamos o gênero embalagem publicitária da marca *Na'kau: chocolate amazônico* como objeto de pesquisa. Os gêneros textuais cumprem uma importante função social quando o assunto é comunicação, pois embora sejam variados, apresentam peculiaridades que nos permitem identificá-los. Para as inúmeras situações existentes, fazemos uso de um determinado gênero que pode se apresentar pelos múltiplos formatos semióticos que estão presentes nas práticas sociais.

Segundo Lima (2009)⁴⁷, o gênero embalagem publicitária consiste em ir além da função informativa, ou seja, a função de apresentar informações importantes do produto, como prazo de validade, composição, peso etc., o rótulo tem, também, a função de persuadir o consumidor de que aquele produto é o que melhor irá atender às suas necessidades, principalmente em uma sociedade capitalista em que existe concorrência. Por conta disso, as indústrias investem cada vez mais no *design* das embalagens e dos rótulos. O rótulo e a embalagem são veículos de comunicação que podem conduzir mensagens, chamar atenção do consumidor e mostrar a qualidade superior de tal produto, sendo considerado uma das formas mais eficientes

47

Página virtual Recanto das Letras. Texto: A Função Persuasiva Dos Rótulos De Embalagens: (2009) A Modificação De Um Gênero, de Anderson Lima. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/artigos/1705391>>. Acesso em: 03/07/2020.

de mídia que existem. Neste contexto, tanto o rótulo quanto a embalagem devem causar algum impacto para que possam ser vistos e diferenciados dos demais.

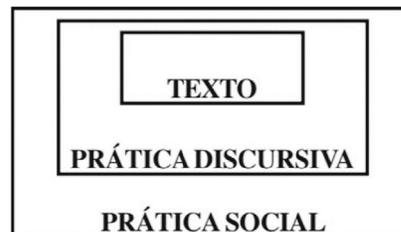
1. DISCUSSÃO TEÓRICA

Para esta análise foram utilizadas as teorias da Análise de Discurso Crítica, de Norman Fairclough (1992; 2003), da Linguística Sistêmico-Funcional, de Halliday (1994) e a teoria da Semiótica Social de van Leeuwen (2008).

1.1 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA - ADC

Este trabalho toma como referência teórica a Análise de Discurso Crítica que é uma área de pesquisa e análise transdisciplinar e tem Norman Fairclough como um dos principais representantes. Na obra *Discourse and social change* (1992) desenvolve um modelo tridimensional que se constitui de texto, prática discursiva e prática sociocultural.

Figura 1: Concepção tridimensional do discurso.



Fonte: Fairclough, 2001, p. 101.

Para análise do texto, a linguagem é estudada a partir de seu vocabulário, semântica das palavras e elementos linguísticos que auxiliam na textualidade. Para análise das práticas discursivas são investigadas as atividades cognitivas de produção, distribuição e consumo do texto, assim como também, os atos de fala, coerência, conexões/inferências ideológicas, intertextualidade e interdiscursividade. Na prática sociocultural são analisados os fatores contextuais que determinam o discurso como aspectos ideológicos (metáforas, pressuposição, semântica das palavras) e hegemônicos (econômicos, culturais, políticos) que podem ser observados no texto como produto discursivo. Essa teoria se alinha à análise porque para conhecer as práticas vivenciadas pela marca em questão, a pesquisa recai também em suas manifestações linguísticas, pelo texto e discurso. Para o autor, todas essas práticas ocorrem de modo simultâneo no discurso (Fairclough, 2001, p. 101-130).

Fairclough (2001) trata o discurso como objeto de estudo e envolve as relações sociais e suas práticas por entender que os textos têm efeitos e consequências sociais, políticas, cognitivas, morais e materiais dentro dessa sociedade.

Ao usar o termo 'discurso', proponho considerar o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. Isso tem várias implicações. Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação (Fairclough, 2001, p. 90-91).

O discurso compreende diversas ações que se realizam por meio da linguagem e das interações entre as pessoas. A linguagem, nesse sentido, é uma ação social que sofre mudanças ao mesmo tempo em que recebe.

1.2 LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL - LSF

Para Halliday (1994), o uso da linguagem é funcional para satisfazer as necessidades humanas nos diversos contextos de uso, sendo que essa utilização se dá devido a inúmeras escolhas para concretizar propósitos comunicacionais. No uso da linguagem escrita podemos encontrar a realidade a partir das representações realizadas pelos processos, pois é por meio deles que os participantes se organizam. Na Gramática Sistemico-Funcional, Halliday (1994) descreve as orações compostas de Processo, Participante e Circunstância.

Os eventos discursivos, pelos processos, são constituintes das experiências e atividades humanas representados por aspectos do mundo físico, mental e social, que são realizados caracteristicamente por verbos. Os processos demonstram as experiências e participam do grupo dos verbos. Os participantes são seres responsáveis por ocasionar os processos, esse grupo é composto de nomes. As circunstâncias indicam lugar, tempo, modo, causa em que o processo acontece, esse grupo é composto de advérbios (Halliday, 2004, apud Soares, 2013).

Quadro 1: Processos, participantes e circunstâncias.

Tipos de processo	Participantes	Circunstâncias
Material: transformativo e criativo.	Ator, meta, escopo, beneficiário, atributo.	Extensão, localização, modo, causa, assunto.
Mental: perceptivo, cognitivo, emotivo, desiderativo.	Experienciador (<i>senser</i>) fenômeno.	...
Relacional: intensiva, possessiva e circunstancial. Modo: atributiva, identificadora	Portador, atributo, Possuidor, possuído, Identificado, identificador.	Circunstância, lugar, modo, causa, assunto.

Tipos de processo	Participantes	Circunstâncias
Verbal: <i>atividade</i> (alvo, fala); <i>semiose</i> (neutro, indicação e comando).	Dizente, verbiagem, receptor, alvo.	Causa, tempo, modo, circunstância.
Existencial: neutro, circunstancial e abstrato.	Existente	Modo, tempo, lugar, circunstância.
Comportamental: processo fisiológico e psicológico.	Comportante	Lugar, assunto, tempo, modo, circunstância.

Fonte: Soares, 2013.

A representação da experiência externa, assim como suas ações e eventos, é realizada por processos materiais pelo fazer, construir, acontecer. A representação da experiência interna, as lembranças, reações, reflexão e estado de espírito, é realizada por processos mentais, como lembrar, pensar, imaginar, gostar, querer. A representação das relações, do mundo da identificação e caracterização, é realizada por processos relacionais, como ser, estar, parecer, ter (Fuzer; Cabral, 2014).

Os processos materiais apresentam-se como transformativos ou criativos e seus participantes são compostos de ator, meta, escopo, beneficiário e atributo. Os processos mentais se apresentam como perceptivo, cognitivo, emotivo, desiderativo e seus participantes são experienciadores. Os processos relacionais estão associados à avaliação, visto que as orações são utilizadas para representar os seres em termos de características e identidades, esses ajudam na descrição de personagens e cenários e definição de conceitos.

O processo relacional não envolve ações do mundo externo, nem eventos no mundo da consciência, mas sim a relação entre duas entidades. Nesse tipo de processo, uma coisa é dita 'ser', no sentido de significar alguma coisa (Gualberto; Pimenta, 2019).

Os processos verbais contribuem para variados tipos de discurso, por sua característica de fala. Ajudam na criação do texto narrativo, a fim de tornar possível a existência de passagens dialógicas. Os participantes das orações verbais são, tipicamente, dizente, verbiagem, receptor e alvo. Os processos existenciais representam algo que existe ou acontece, o verbo típico da oração existencial é *haver*, no sentido de existir. O participante desse processo é o existente que pode ser uma pessoa, um objeto, uma instituição ou uma abstração, ação ou evento. Os processos comportamentais são os “comportamentos tipicamente humanos, fisiológico e psicológico, como respirar, tossir, sorrir, sonhar e olhar” (Halliday; Matthiessen, 2004, apud Fuzer; Cabral, 2014). O participante desse processo é o comportante, um ser consciente assim como os demais nos processos citados anteriormente.

As relações interpessoais podem ser estabelecidas pelas modalizações e modulações. As chamadas modalizações são escalas de probabilidade e usabilidade, como nas expressões: certamente, provavelmente, possivelmente, deve ser, será, pode ser, usualmente e às vezes. As modulações são escalas de obrigação e inclinação, como nas expressões: é necessário, previsto, permitido, deve fazer, fará, pode fazer, determinado, lamentado, desejado. De acordo com Halliday e Matthiessen (2004) essa escala de valor se refere ao julgamento que está sendo emitido que pode ser alto, médio ou baixo, visto que estão associadas à maior ou à menor certeza que o autor manifesta sobre o conteúdo proposicional, determinando, assim, maior ou menor grau de assertividade de uma proposição (Soares; Silva, 2016).

1.3 TEORIA DOS ATORES SOCIAIS

A obra *Discourse and practice: new tools for critical discourse analysis* (2008), de van Leeuwen trata dos inúmeros modos semióticos de representar, podendo realizar-se por meio de diferentes

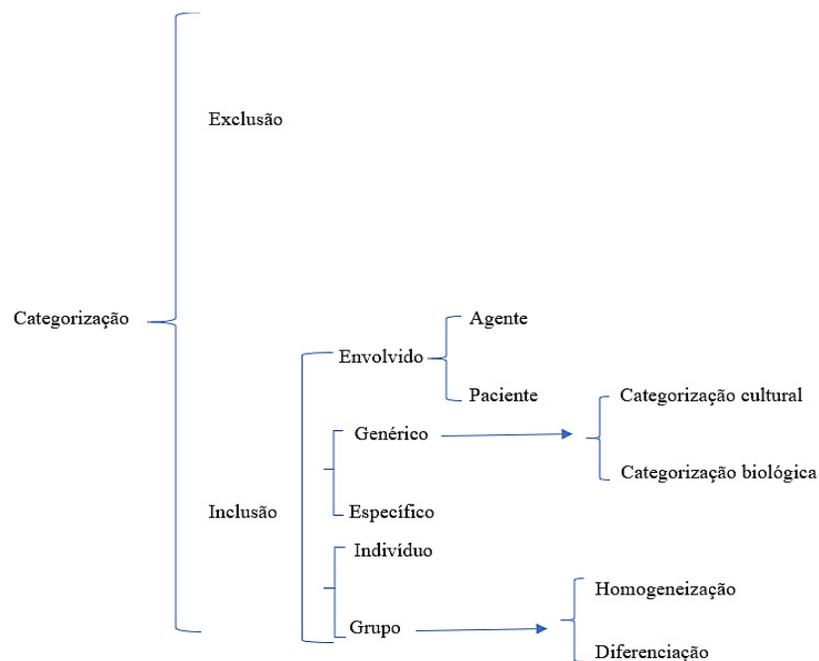
modos: palavras, imagens, gestos, cores, texturas, expressões, dentre outros, para investigação da organização multissemiótica do texto, interpretação das cores, composição e a representação que é feita dos atores sociais no discurso.

Van Leeuwen parte do questionamento: Como os atores sociais podem ser representados em inglês? Contudo, diferentemente de muitas outras formas de análise crítica do discurso, com orientação linguística, essa não parte de operações linguísticas, como nominalização e exclusão de agentes passivos, ou de categorias linguísticas, como as categorias de transitividade, mas, em vez disso, elabora uma abordagem sociossemântica, um inventário das maneiras pelas quais os atores sociais podem ser representados (van Leeuwen, 2008, p. 23, tradução nossa).⁴⁸

As categorias mais gerais apontadas por van Leeuwen (2008) são as de exclusão e inclusão. Algumas exclusões são radicais, apagando definitivamente do texto tanto os atores sociais, quanto suas atividades, que o autor chama de supressão. Em outros casos, a exclusão pode deixar pistas, como quando menciona a atividade, mas não um ou todos os atores sociais a ela relacionados, ou quando estes são apresentados em um outro lugar no texto, configurando-se que o autor denomina de representação em segundo plano (Pinheiro; Magalhães, 2016).

48 Tradução livre de: My question, "How can social actors be represented in English?" is a grammatical question if, with Halliday, we take a grammar to be a "meaning potential" ("what can be said") rather than a set of rules ("what must be said"). Yet, unlike many other linguistically oriented forms of critical discourse analysis, I will not start out from linguistic operations, such as nominalization and passive agent deletion, or from linguistic categories, such as the categories of transitivity, but instead will draw up a sociosemantic inventory of the ways in which social actors can be represented and establish the sociological and critical relevance of my categories before I turn to the question of how they are realized linguistically (Van Leeuwen, 2008, p. 23).

Quadro 2: Categorização dos Atores Sociais.



Fonte: Van Leeuwen, 2008, tradução nossa.

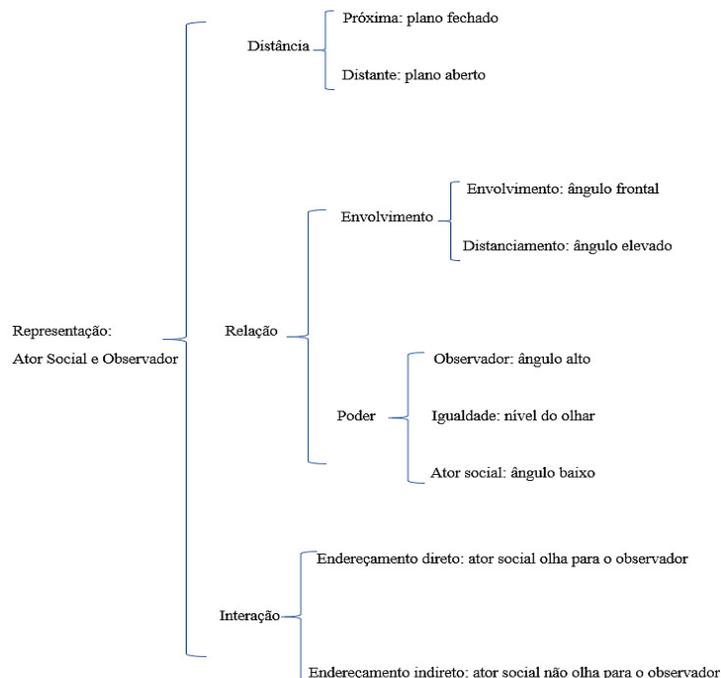
As representações incluem ou excluem atores sociais para se adequarem aos seus interesses e propósitos em relação aos leitores a quem eles se destinam. Algumas das exclusões podem ser “inocentes”, detalhes que se supõe que os leitores já conhecem ou que são considerados irrelevantes para eles; outros estão intimamente ligados às estratégias de propaganda de criar medo e estabelecer imigrantes como inimigos dos “nossos” interesses. A exclusão tem sido, com razão, um aspecto importante da análise crítica do discurso (Van Leeuwen, 2008, p. 28, tradução nossa)⁴⁹.

49

Tradução livre de: Representations include or exclude social actors to suit their interests and purposes in relation to the readers for whom they are intended. Some of the exclusions may be “innocent,” details which readers are assumed to know already, or which are deemed irrelevant to them; others tie in closely to the propaganda strategies of creating fear and of setting up immigrants as enemies of “our” interests. Exclusion has rightly been an important aspect of critical discourse analysis. (Van Leeuwen, 2008, p. 28)

Quando se tem a inclusão, devem ser analisados os papéis atribuídos aos atores sociais incluídos. Em um âmbito geral, estes podem ser ativados ou passivos. A ativação ocorre quando os atores sociais são representados como ativos em relação à determinada atividade, e a passivação se dá quando são representados como submetidos a uma atividade, como um objeto de troca, por exemplo, com seus receptores. Tanto a ativação quanto a passivação podem ser realizadas por meio da participação, da circunstancialização, circunstâncias preposicionadas, ou da possessivação, ativação por meio do uso de pronomes possessivos. Além disso, nesse primeiro nível, os atores sociais podem ser também personalizados, isto é, representados como seres humanos, ou impersonalizados, caso em que estejam referidos por meio de substantivos abstratos ou concretos que não implicam o traço semântico humano (Pinheiro; Magalhães, 2016, p. 500).

Quadro 3: Representação do Ator Social e Observador



Fonte: Van Leeuwen, 2008, tradução nossa.

Como aparato teórico e metodológico para análise de textos visuais e escritos, as ferramentas oferecidas por van Leeuwen (2008) possibilitam a reconstituição dos discursos e a demonstração de como reforçam e representam as práticas existentes na sociedade. Com a análise dos textos é possível verificar também como esses se valem e se transformam em práticas sociais ao reproduzirem o que ocorre em muitos contextos sociais (Soares, Vieira, 2013, p. 246).

Essas teorias servem como arcabouço teórico e metodológico para a análise das embalagens da marca.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é de caráter qualitativo, pois visa fazer uma análise investigativa de como os eventos discursivos e os atores sociais são representados no discurso da *Na'kau*: chocolate amazônico. A marca foi selecionada por ser regionalmente amazônica, e por concordarmos, que haja uma necessidade de investigação e valorização de marcas locais. Serão utilizadas duas embalagens publicitárias da marca em questão que contém fotos de diferentes fornecedores de cacau estampados nas caixas.

Os atores sociais foram analisados de acordo com a representação que pode aparecer com diferentes enfoques: incluídos ou excluídos, agentes ou pacientes, personificados ou não-personificados, genéricos ou específicos. Na representação do ator social em relação ao observador foram analisadas a distância, relação e interação entre eles, que pode ser próxima ou distante, com atribuição de poder para o observador, ator social representado ou de igualdade, e de endereçamento direto ou indireto.

Essas categorias auxiliam na verificação de como a marca constrói relações com o público, como os atores sociais são representados, e qual a importância atribuída ou não aos diferentes atores do discurso (Soares; Vieira, 2013).

Sob o ponto de vista da ADC, por delimitação, a análise incidirá apenas na prática textual em relação às questões lexicais presentes na embalagem no que se refere principalmente aos elementos avaliativos da marca. Para o estudo das percepções de mundo detemo-nos nos processos e nos participantes. Para investigação dos atores sociais utilizamos as categorias sociossemânticas de van Leeuwen (2008), evidenciadas nos quadros 2 e 3, nas quais foram selecionadas para verificação de como são representados: incluídos ou excluídos, personalizados ou impersonalizados, determinados ou indeterminados, conforme apresentado no quadro 2. Além da utilização das categorias de representação do ator em relação ao observador, no que diz respeito à distância, relação e interação, apresentado no quadro 3. Apresentaremos em seguida, no Quadro 4, o percurso teórico e metodológico utilizados de pesquisa a fim de esclarecer os passos da análise.

Quadro 4: Percurso da pesquisa tendo como base Fairclough (1992), Halliday (1994) E Van Leeuwen (2008)

Análise de Discurso Crítica, de Fairclough (1992)	Linguística Sistêmico-Funcional, de Halliday (1994)	Semiótica-Social, de van Leeuwen (2008)
Prática Textual	Processos e Participantes	Atores Sociais
Itens lexicais: vocabulário, semântica das palavras, elementos linguísticos que auxiliam na textualidade.	Processos: materiais, mentais, relacionais, verbais, existenciais e comportamentais. Participantes: Atores, Experienciadores, Identificados, Dizente, Existente, Comportante.	Categorização dos atores sociais. Representação da imagem e do observador.

Fonte: Elaboração da autora baseada nas teorias dos autores citados.

Em síntese, esta investigação se mostrou necessária porque além das marcas gráficas contidas no texto, há outros modos semi-óticos que conduziram o discurso, as práticas e interpretações evidenciados na pesquisa. A seguir partiremos para a análise dos dados que contém a contextualização da marca, descrição e interpretação do objeto de pesquisa.

3. ANÁLISES

A marca quando analisada do ponto de vista comercial serve para distinguir um produto do outro por meio da utilização de um símbolo identificador e distintivo. A empresa utiliza-se de meios como um nome e uma logomarca com a qual expressa o compromisso que seus produtos possuem, com um diferencial dos concorrentes, o que o torna única. O conceito de marca refere-se ao nome, termo, expressão, desenho ou símbolo ou combinação desses elementos que serve para identificar a propriedade, a categoria e origem de mercadorias ou serviços de uma empresa e para diferenciá-los dos concorrentes; identificador da empresa ou do fabricante. (Dicionário Online Michaelis, 2020)

Para esta análise foram utilizadas as categorias analíticas da representação dos atores sociais no discurso da marca Na'kau chocolate amazônico para investigar de que modo eles aparecem e com qual função dentro do texto e, conseqüentemente, na marca.

Segundo informações obtidas na página virtual da empresa Na Floresta Alimentos Amazônicos⁵⁰, a marca *Na'kau* utiliza o cacau regional como matéria prima, o chocolate recebeu esse nome devido

50

Na floresta: fábrica de chocolates amazônicos desenvolvidos por empresa incubada na ayty – incubadora do IFAM. Disponível em: <<http://200.129.168.193:16000/ayty/2017/01/30/na-floresta-fabrica-de-chocolates-amazonicos-desenvolvidos-por-empresa-incubada-na-ayty-incubadora-do-ifam/>>. Acesso em: 20/06/2017.

a parceria do Instituto Federal do Amazonas (IFAM), desde 2015, que derivou por processo de aglutinação da primeira sílaba do nome da empresa, Na Floresta Alimentos Amazônicos, com a última sílaba da palavra cacau, em Tupi Guarani, que é Kakau, formando *NA'KAU*. O empresário Artur Bicelli Coimbra lançou no mercado chocolates amazônicos, tendo como diferencial a ausência de glúten, lactose, gorduras trans e aromatizantes, contendo apenas cacau e açúcar na sua composição.

Com a proposta de colaborar com o desenvolvimento da Amazônia, a empresa⁵¹ alega acreditar que uma das únicas, rápidas e independentes formas de levar o desenvolvimento e a qualidade de vida para extrativistas e agricultores amazônidas é empreendendo como empresa social, pagando valores justos e repassando para um mercado exigente e consciente produtos de alta qualidade.

Figura 2: As raízes amparadoras da marca *Na'kau: chocolate amazônico*.



Fonte: Página Online Oficial da Marca. Disponível em: <https://www.nakau.com.br/sobre-nos>. Acesso em 10/05/2020

51

Página Online Oficial da Marca *Na'kau: chocolate amazônico*. Disponível em: <<https://www.nakau.com.br/sobre-nos>>. Acesso em 10/05/2020.

A empresa afirma possuir um dos chocolates mais puros do mundo, utilizando recursos naturais e valorizando o homem e a mulher da floresta, ao pagar um valor justo pelos seus produtos, visto que a conservação da floresta se faz por meio da valorização dos produtos naturais e de seus produtores. Portanto, segundo a empresa, ao adquirir esses produtos o consumidor contribuirá para a conservação da floresta e para a melhoria de vida dos amazônidas.

3.1 REPRESENTAÇÃO DOS ATORES SOCIAIS

Tendo como escopo a representação dos eventos discursivos, por meio dos processos, pelo seu sistema de transitividade da Gramática-Sistêmico-Funcional que descreve os participantes e os processos que compõem o discurso da marca *Na'kau*, os atores sociais podem aparecer com diferentes enfoques: incluídos ou excluídos, agentes ou pacientes, personificados ou não-personificados, genéricos ou específicos. A seguir, partiremos para a análise de dois atores sociais representados pela marca de chocolate *Na'kau*, nos modos escrito e visual.

Texto 1: Representação discursiva do Sr. Orange

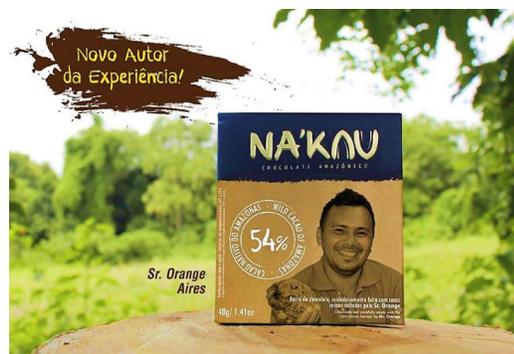
Sr. Orange (identificado) é (processo relacional) o mais novo "**Autor da experiência**", (identificador) junto com seus **amigos e familiares** (atores) **produzem** (processo material) um **fantástico cacau** (meta) nas proximidades do município de Borba - Amazonas, **juntos eles** (atores) **coletam** (processo material) e com as **mãos jeitosas** (atributo) de **Orange** (portador) o **cacau** (meta) é (processo relacional) **posto** (processo material) para **fermentar** e **secar** (processo material). **Orange** (ator) **demonstrou** (processo mental) um **grande potencial de liderança** (atributo) para **organizar** (processo material) 10 famílias **produtoras** (processo material) de **cacau** (meta), todas no mesmo laço familiar que o seu.

Fonte: Embalagem do chocolate 54% Na'kau: chocolate amazônico.

O texto acima revela a presença de processos materiais, no total de sete, por evidenciar ações relativas à produção e seus estágios de trabalho braçal, como 'produzir, coletar, fermentar, secar a amêndoa do cacau' e de 'organizar' das famílias para realização do trabalho. Há, também, processos relacionais nesse texto, no total de dois, que servem para interligar o identificado às atribuições que são referidas a ele. Nesse caso do Texto 1 são atribuições positivas ao trabalho desempenhado por Orange e sua família quando profere as frases 'novo autor da experiência', 'mãos jeitosas' e 'grande potencial de liderança'. Houve apenas um processo mental utilizado pela marca na representação de Orange quando se refere que ele demonstrou possuir um grande potencial de liderança, fato que agrega e traz informações adicionais e diferenciadas ao participante experienciador do fenômeno.

Quanto à análise textual via ADC, os termos novo 'Autor da experiência', 'fantástico cacau', 'mãos jeitosas' e 'grande potencial de liderança' são utilizados exercendo a função de adjetivos avaliativos/valorativos, já que estes são utilizados para atribuir determinados juízo de valor, além de funcionar também como opinião que se caracteriza pela subjetividade no texto que evidenciam um teor valorativo na marca, que deseja realçar o seu diferencial como produto e processo de produção.

Imagem 1: Representação visual do Sr. Orange Aires



Fonte: Facebook Na Floresta <<https://www.facebook.com/nafloresta>> Acesso em: 20/06/2017

Sob a perspectiva visual dos atores sociais, o Sr. Orange é incluso no texto como agente, pois tem participação no processo de produção do chocolate como o mais novo 'autor da experiência.' De acordo com o quadro de categorização, Quadro 2, o ator social Orange está classificado de maneira específica e personalizado, determinando sua função na produção de cacau, é um ator diferenciado quanto ao papel de líder que exerce na comunidade, por participar juntamente com seus familiares e produzir um fantástico cacau no município de Borba no Amazonas. A categorização, portanto, ocorre por identificação individual do agente pelo primeiro nome, ao aparecer três vezes no discurso da marca, especificando sobre sua família, que ajuda na produção do cacau, e localidade de Borba onde mora.

Sr. Orange Aires é identificado ainda como o 'Novo autor da experiência', por ser produtor rural, dono de cacoal, que se interessou em participar da empresa. No aspecto imagético, na embalagem, o participante representado, sr. Orange, está em um local que nos remete à floresta amazônica por trás da embalagem do chocolate, que está em cima de um tronco de árvore, representando um ideário de uso sustentável da floresta e consumo de chocolate orgânico que a empresa defende. Na extremidade inferior direita da embalagem e ao lado, como um logo, é mostrado o potencial do chocolate, 54%, com as informações 'cacau nativo do Amazonas', logo abaixo da foto está escrito: 'Barra de chocolate cuidadosamente feita com raros cacaos colhidos pelo Sr. Orange'. Evidencia-se, nesse trecho escrito, o ator social e novamente o seu ato de 'fazer', via processo material, e o resultado com o produto da marca – o chocolate.

De acordo com o quadro da representação dos atores sociais de van Leeuwen (2008), o Sr. Orange pode ser identificado como incluso, agente envolvido na ação, de modo específico e individualizado, sorrindo, com um cacau nas mãos, a matéria-prima do chocolate.

Quanto à imagem segundo o quadro da representação do Orange em relação ao observador, Quadro 3, aparece em plano

fechado, próximo e individualizado, trazendo uma familiaridade. A relação é de envolvimento com o observador pelo ângulo frontal do nível do olhar que demonstra um poder igualitário entre quem olha e quem é representado. Ocorre uma interação, resultado do endereçamento direto do olhar para o observador da imagem.

A seguir, a análise recai sobre outro ator social, nesse caso, Arilson que também é representado nas formas visual e escrita pela marca *Na'kau: chocolate amazônico*.

Texto 2: Representação discursiva do Arilson

Arilson (ator) **possui** (processo material) **3 filhos** (meta) e **herdou** (processo material) de seu pai um **raro cacaoal encravado** (meta) no meio do **melhor solo** (atributo) que a Amazônia **pode ter**, (modalidade epistêmica) **conhecido** (processo mental) como terra preta de índio – **esses solos antropogênicos** (identificado) se **tornaram** (processo relacional) **pretos** (identificador) pelo acúmulo de resíduos orgânicos **depositados** (nominalização) por **tribos indígenas** (experenciadores) que **viveram** (processo mental) no **local**. (circunstância de lugar)

Fonte: Embalagem do chocolate 63% Na'kau: chocolate amazônico.

Quanto à análise sob a ótica da Linguística Sistêmico-Funcional, os processos utilizados no texto da marca são os materiais, no total de dois: 'possuir e herdar'. Os processos mentais, no total de dois, aparecem com as palavras 'conhecer' e 'viver', e o processo relacional aparece apenas em 'tornaram'.

Conforme o quadro 2 da representação dos atores sociais, de van Leeuwen (2008), Arilson é incluso no texto como ator por herdar as terras e identificado individualmente por nome, quantidade de filhos. Porém, apesar de identificado, o ator social fica em segundo plano por ser determinado por associação com sua terra, que ganha um papel principal e função social diferenciada na fábrica por ser categorizada e identificada por uma classificação positiva de melhor solo que a Amazônia pode ter.

Quanto à análise do texto, conforme a Análise de Discurso Crítica de Fairclough (2001), há atribuições positivas ao seu cacoal classificado como 'raro e o melhor solo que a Amazônia pode ter', ocorre ainda na frase o aparecimento da modalidade epistêmica na expressão pode ter, que possui grau intermediário de possibilidade.

Texto 3: Representação discursiva do Sr. Arilson

Esse (identificador) é (processo relacional) o **Sr. Arilson Grana "Doca"**, (identificado) **o primeiro amigo** (fenômeno) que a **Na Floresta** (experienciadora) **conquistou**, (processo mental) hoje o **Doca** (ator) **faz** (processo material) um dos **melhores cacaus do Amazonas**. (meta)

Fonte: Facebook Na Floresta <<https://www.facebook.com/nafloresta>> Acesso em: 20/06/2017

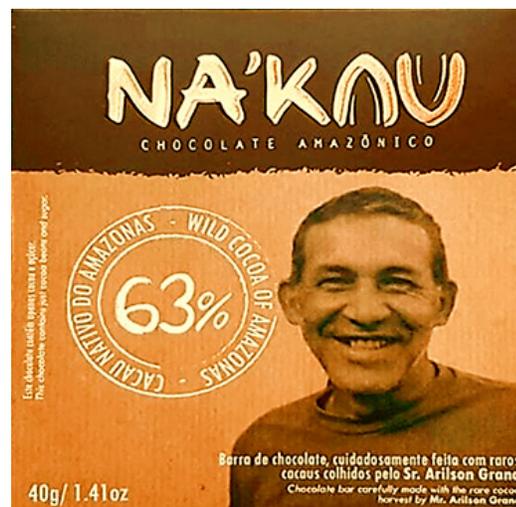
Ainda se tratando do ator social Arilson, de acordo com a Linguística Sistêmico-Funcional, no que se refere aos processos, há processos material e mental aparecem na mesma frase, causando uma dualidade entre fazer e conquistar. O processo relacional utilizado no texto tem a função de interligar o pronome demonstrativo com o participante da oração, o identificado Sr. Arilson Grana 'Doca'. A sentença inicia com o identificado, no caso o ator social, isso apresenta ele em destaque no discurso. Interessante observar que isso pode ser construído neste diálogo entre o texto verbal e visual, porque isolado talvez não surtisse o mesmo significado.

Conforme o quadro 2 da representação dos atores sociais, neste texto da empresa, Arilson, dessa vez, é categorizado como agente incluso no processo produção do chocolate, por 'fazer um dos melhores cacaus,' com participação ativa, sendo personalizado e determinado individualmente com nominalização formal por pronome de tratamento, nome, sobrenome e apelido.

De acordo com a análise textual ADC, os itens lexicais 'primeiro amigo' e 'faz um dos melhores cacaus do Amazonas' evidenciam que há uma associação de informações sobre sua parceria

diferenciada com a empresa por possuir atribuições positivas, distinta das demais empresas e valorativa positiva ao cacau e ao seu desempenho na empresa.

Imagem 2: Representação visual do Sr. Arilson Grana



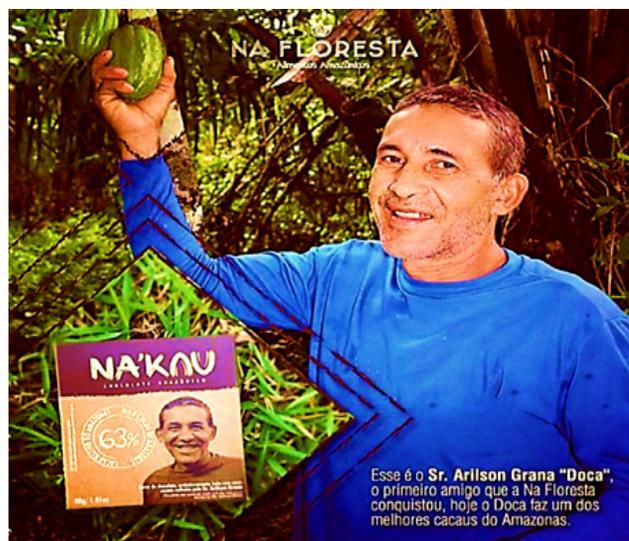
Fonte: Embalagem do chocolate 63% Na'kau: chocolate amazônico

Quanto à análise do texto visual, Sr. Arilson é identificado como produtor rural, dono de cacau, que se interessou em participar da empresa. Na imagem em que aparece tem o texto escrito na extremidade inferior direita da embalagem e ao seu lado o potencial do seu chocolate, 63%, com os dizeres 'cacau nativo do amazonas'; logo abaixo de sua foto está escrito: 'Barra de chocolate cuidadosamente feita com raros cacaos colhidos pelo Sr. Arilson Grana.'

De acordo com o quadro 2 da representação dos atores sociais, Arilson Grana é representado visualmente na embalagem do chocolate de modo incluso como agente envolvido na ação, de forma específica e individual e sorridente.

Quanto à imagem que representa Arilson em relação com o observador, Quadro 3, sua distância ocorre em plano fechado, próximo e individualizado, trazendo uma familiaridade. A relação é de envolvimento com o observador pelo ângulo frontal do nível do olhar que demonstra um poder igualitário entre quem olha e quem é representado. Há uma interação, resultado do endereçamento direto do olhar para o observador, resultando em uma dinâmica entre eles.

Imagem 3: Representação visual do Sr. Arilson Grana



Fonte: Facebook Na Floresta <<https://www.facebook.com/nafloresta>> Acesso em: 20/06/2017

Nessa segunda imagem de Arilson, de acordo com o quadro 2 da representação dos atores sociais, é incluso como agente envolvido na ação, de modo específico e individual, sorridente, com um cacau nas mãos, a matéria-prima do chocolate. Quanto ao quadro 3 da representação do ator social em relação ao observador, a distância ocorre em plano aberto. A embalagem do chocolate surge visualmente em primeiro plano, em segundo plano Arilson Grana aparece sorrindo com um cacau na mão e blusa de mangas compridas para proteger-se do sol em meio à floresta.

O ator social representado Arilson possui desta vez uma superioridade em relação ao expectador, pois o endereçamento do olhar ocorre de modo oblíquo, um pouco acima do nível do olhar. Há uma interação com o observador por endereçamento direto, ao diretamente para a câmera. Em um terceiro plano há a representação da floresta Amazônica, onde os cacaus do agricultor estão plantados e onde, alegoricamente, esses ribeirinhos dessas comunidades amazonenses residem.

Portanto, percebe-se com essas análises que da mesma forma que Orange, Arilson foi representado como agente por participar ativamente da empresa como agricultor, coletor, fornecedor de cacau. Ambos, de acordo com a marca, estão satisfeitos por essa parceria com a empresa, pois é uma forma de subsistência, de visibilização desses agricultores dentro do processo de produção do chocolate e de utilização dos recursos naturais de modo sustentável, que é a proposta da empresa. Porém, ressalta-se que esse discurso é produzido e veiculado pela própria marca, colocando-se como agente transformadora de vidas dessas comunidades.

CONSIDERAÇÕES

Tendo como objetivo realizar uma Análise Crítica do Discurso da marca *Na'kau*: chocolate amazônico na representação dos eventos discursivos e dos atores sociais, a análise demonstrou que a marca *Na'kau*: chocolate amazônico aparece como agente principal na contribuição da conservação da Amazônia e pesquisa para o desenvolvimento dos seus produtos na busca pela valorização dos produtores regionais, considerada pela marca um pagamento justo aos agricultores, acima do valor pago no mercado local. A *Na'kau*: chocolate amazônico se apresenta como transformadora das comunidades em que está trabalhando.

Pela observação dos aspectos analisados, na representação dos atores sociais observamos que os processos materiais e mentais são mais recorrentes. Tendo em vista que, os processos materiais focalizam na realização produtiva do cacau e os mentais remetem, na maioria das vezes, aos processos sensoriais e afetivos, que a empresa também almeja destacar no seu discurso. A inclusão dos participantes ocorre de forma específica ao citar o nome de cada agricultor. A empresa também os identifica com sua localidade, informações pessoais e funções na empresa. Na representação visual, os atores sociais aparecem sorrindo, individualizados e interagindo com o observador, por meio do olhar que se dirige diretamente para o observador (viewer) ao olhar diretamente para ele.

Portanto, a marca representa, diante desses atores, os agricultores e moradores das comunidades do Amazonas que sempre ficaram excluídos da vista do consumidor como parte do processo de produção. Com a inclusão dos agricultores com nomes, localidades, características e fotos divulgadas houve uma visibilização de seus papéis sociais. Por possuir todos esses valores agregados à marca o chocolate ainda é vendido em lugares específicos e com um preço considerado alto. Isso ressalta o fato de que produzir de forma diferenciada ainda é oneroso para as empresas, tornando o produto acessível a poucas pessoas.

REFERÊNCIAS

- FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. London/New York: Routledge, 1992.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing discourse: textual analysis for social research*. Londres: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Coord. de trad.: I. Magalhães. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. *Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa*. Campinas, SP: Mercado de letras, 2014.

GUALBERTO, C. PIMENTA, S. (orgs.) *Semiótica social, multimodalidade, análises, discursos*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2019.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. 2. ed. Londres: Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. *An introduction to functional grammar*. 3. ed. London: HodderEducation, 2004.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading Images*. The Grammar visual design. London; New York: Routledge, 1996/2006.

KREUTZ, E. de A. O discurso multimodal das marcas mutantes. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Disciplinares da Comunicação XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011*.

LIMA, Anderson. Texto: A Função Persuasiva Dos Rótulos De Embalagens: A Modificação De Um Gênero. (2009) In: *Página virtual Recanto das Letras*. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/artigos/1705391>>. Acesso em: 03/07/2020.

PINHEIRO, V. S.; MAGALHÃES, C. A representação de atores sociais em capas da revista "raça brasil". In: *Proceedings of the 33rd International Systemic Functional Congress, 2006*.

SAMPAIO, R. *Propaganda de A Z: como usar a propaganda para construir marcas e empresas de sucesso*. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

SOARES, N. M. M. *Discurso verde: reposicionamento discursivo das marcas*. Tese Doutorado – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SOARES, N. M. M.; VIEIRA, J. A. Representação multimodal dos atores sociais no discurso de marcas. In: *Signum: Estudos Linguísticos, Londrina*, n. 16/1, p. 233-258, jun. 2013.

SOARES, N. M. M.; SILVA, E. C. M. Relações interpessoais: modalidade no discurso institucional. In: *RevLet: Revista Virtual de Letras*, v. 8, n. 01, jan-jul, 2016.

van LEEUWEN, T. *Discourse and practice: new tools for critical discourse analysis*. New York: Oxford University Press, 2008.

SITES CONSULTADOS

Na floresta: fábrica de chocolates amazônicos desenvolvidos por empresa incubada na ayty - incubadora do IFAM. Disponível em: <<http://200.129.168.193:16000/ayty/2017/01/30/na-floresta-fabrica-de-chocolates-amazonicos-desenvolvidos-por-empresa-incubada-na-ayty-incubadora-do-ifam/>>. Acesso em: 20/06/2017.

Página Online Oficial da Marca *Na'kau*: chocolate amazônico. Disponível em: <<https://www.nakau.com.br/sobre-nos>>. Acesso em 10/05/2020.

MARCA. (conceito) DICIONÁRIO MICHAELIS. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/marca/>>. Acesso em 12 de maio de 2020.

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS

Josenia Antunes Vieira

Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística, do Doutorado e do Mestrado de Linguística, Português e Línguas Clássicas, na Universidade de Brasília. Professora titular e pertence ao corpo docente do Instituto de Letras. Orientou entre teses e dissertações mais de cinquenta pesquisas. Autora de livros, capítulos e artigos na área de Análise de Discurso Crítica, Multimodalidade e Multiletramento. Atua em Linguística Aplicada, na área de Linguagem e Sociedade, na linha de pesquisa – Discurso, Representações Sociais e Textos.

Neiva Maria Machado Soares

Professora Associada da Universidade do Estado do Amazonas, atua no curso de Letras e no Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas. Líder do Grupo de Pesquisa SDisCon. Desenvolve estudos em áreas como Análise de Discurso Crítica, Multimodalidade, Gêneros textuais. Autora de livro, capítulos e artigos em Multimodalidade e ADC. Possui doutorado em linguística pela Universidade de Brasília, mestrado pela Universidade Federal de Santa Maria (RS) e Pós-doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Vanúbia Araújo Laulate Moncayo

Docente adjunta da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Doutora em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários na Universidade Federal de Santa Catarina, com estágio doutoral na Universidade de Sidney, Austrália. Graduada em Licenciatura Plena em Letras – Língua e Literatura Inglesa pela Universidade Federal do Amazonas (1995). Líder do Grupo de Pesquisa Neplan – Núcleo de Educação Bilíngue e Pesquisa em Literatura e Linguística Aplicada da Região Norte (UEA-CNPq).

Vivian Gomes Monteiro Souza

Mestra em Linguística Aplicada na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), na vertente de Linguagem e Tecnologias. Graduada em Letras Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Os seus interesses de pesquisa concernem Linguística Aplicada, Linguística Sistêmico-Funcional, Educação, Migração e refúgio. Pesquisadora no Grupo Pesquisa Neplan.

Elisabeth Britto Da Costa

Docente da Universidade do Estado do Amazonas. Mestra em Linguística Aplicada pela Universidade de Brasília (2003) e Ensino Médio pela Rushville Consolidated High School, Indiana – EUA. Possui Licenciatura Plena em Letras – Língua e Literatura Inglesa pela Universidade Federal do Amazonas (1999). É pesquisadora do GP Neplan (UEA-CNPq).

Adelson Florêncio de Barros

Professor Adjunto da Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Coordenador do Curso de Letras Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola desde 2021 no Instituto de Natureza e Cultura INC-UFAM. Pós-doutor em Língua Portuguesa com ênfase em Análise Crítica do Discurso pela PUC-SP. Pós-doutorando em Ensino de Língua e Literatura na linha de Pesquisa Teoria, análise linguística e diversidade cultural em contexto de formação pela UFNT. Doutor em Língua Portuguesa nas modalidades Oral e Escrita com ênfase em Análise Crítica do Discurso pela PUC-SP. Mestre em Educação com ênfase em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. MBA em Gestão de IES pela Laureate University. Graduado em Letras Língua Portuguesa e Língua Inglesa e suas respectivas Literaturas pela Universidade de Pernambuco - UPE. Membro do grupo de Pesquisa SDisCon (UEA); NEL- AMAZÔNIA - Núcleo de Estudos de Linguagens da Amazônia. (UFAM) e Práticas de Pesquisas com povos indígenas; perspectivas etnolinguísticas, interdisciplinares e intercultural (UFNT) e Membro do programa de Pós-graduação em Educomunicação e Linguagens na Amazônia (PPGEL) da Universidade Federal do Amazonas - UFAM.

Rafael Seixas de Amoêdo

Licenciado em Letras - Língua Portuguesa e Mestre em Ciências Humanas, ambas formações pela Universidade do Estado do Amazonas. Membro do Grupo de Pesquisa SDisCon. Professor de ensino superior nos Centros Universitários, Uninorte e CIESA.

Eni Abadia Batista

Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília-UnB, mestre em Educação; especialista em Ensino da Língua Portuguesa; professora assistente substituta do LIP- UnB de 2015 a julho de 2016; professora e tutora do Curso de Letras-EaD-UnB; pesquisadora do CEPADIC; membro e pesquisadora da ALED e do GP "Múltiplas Linguagens, Semiótica e Discurso na Contemporaneidade - SDiscon.

Juliana Ferreira Vassolér

Doutora em Linguística pelo PPGI na Universidade de Brasília, especialista em Práticas de Letramento e Práticas Interdisciplinares pela Universidade de Brasília; especialista em Língua e Literatura pela UEG, em 2005, desenvolve pesquisas acadêmicas em linguagem discurso e práticas identitárias, raça e colonialidade, representações sociais e textos e pós humanistas na educação linguística.

Isabelle de Souza

Graduada no curso Letras - Língua Portuguesa e suas Literaturas na Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Membro do Grupo de Pesquisa Neplan - Núcleo de Educação Bilíngue e Pesquisa em Literatura e Linguística Aplicada da Região Norte. Manaus-AM.

Jackeline Andrade Duarte de Souza

Professora de Língua Portuguesa na SEMED/MANAUS, desde 2022. Mestre em Ciências Humanas pelo PPGICH-UEA (2022). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela UCAM/RJ (2019). Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa pela UEA (2017). É membro do GP - SDISCON. Realiza pesquisas na área de Estudos Linguísticos no campo das Marcas Branding, Representações Sociais e Sustentabilidade na Amazônia; e Estudos Literários com ênfase nas Representações sociais, Relações de Poder, Estudos sobre o Gênero e História.

ÍNDICE REMISSIVO

A

AIDS 12, 148, 149, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 167, 170, 171, 173, 174, 175, 178

Amazônia 250, 254, 255, 258, 263

Análise de Discurso 17, 19, 22, 23, 35, 74, 149, 150, 154, 165, 181, 182, 184, 186, 188, 189, 194, 235, 238, 239, 248, 255, 262

aprendizagem 77, 80, 85, 87, 89, 90, 91, 102

arte 30, 31, 32, 36, 55, 72, 171

atores sociais 12, 13, 16, 53, 54, 69, 148, 150, 151, 156, 158, 162, 164, 165, 170, 174, 176, 183, 185, 205, 232, 237, 238, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 251, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260

B

Base Nacional Comum Curricular do Brasil 63

bílingue 92, 102, 262, 263

BNCC 63, 64

C

cidadania 10, 37, 38, 47, 49

comodificação 34

comportamento 121, 212, 228

composição 11, 15, 18, 31, 34, 61, 75, 77, 82, 101, 102, 106, 110, 114, 133, 152, 168, 172, 196, 198, 238, 244, 250

comunicação 12, 18, 24, 26, 27, 42, 44, 46, 49, 50, 51, 52, 61, 63, 65, 66, 76, 83, 85, 88, 89, 99, 100, 109, 120, 121, 124, 133, 140, 143, 148, 152, 180, 181, 182, 183, 184, 207, 232, 238

conhecimento 35, 49, 65, 67, 70, 71, 76, 81, 83, 84, 86, 87, 90, 94, 98, 100, 113, 115, 133, 136, 141, 150, 166, 167, 187, 207, 220

consciência 11, 13, 15, 75, 77, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 99, 100, 101, 102, 103, 199, 222, 242

consciência intercultural 11, 15, 75, 77, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 99, 100, 101, 102

contextos sociais 20, 36, 48, 59, 79, 187, 195, 247

cultura 22, 32, 35, 39, 50, 65, 66, 72, 78, 87, 88, 89, 90, 104, 109, 116, 140, 151, 183, 185, 201

culturas 22, 32, 76, 87, 88, 89, 90, 93, 94, 97

D

delocação 24, 25

desenvolvimento 11, 13, 14, 15, 26, 37, 65, 75, 76, 82, 85, 88, 89, 90, 91, 95, 96, 97, 99, 102, 157, 181, 184, 250, 258

dialética 29, 108, 109, 148, 150, 211

digital 10, 27, 37, 38, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 72, 120, 121, 122, 144, 152, 177

discurso 10, 11, 12, 13, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 33, 36, 37, 38, 41, 42, 45, 50, 51, 54, 58, 74, 105, 106, 108, 109, 111, 112, 115, 118, 119, 120, 123, 124, 128, 130, 138, 142, 145, 148, 149, 150, 151, 152, 155, 157, 162, 164, 165, 169, 174, 175, 176, 177, 178, 180, 186, 187, 189, 191, 205, 207, 208, 210, 211, 217, 220, 221, 222, 223, 225, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 239, 240, 243, 244, 245, 247, 248, 249, 251, 253, 255, 258, 259, 260, 263

distância social 57

E

educação 62, 63, 73, 91, 92, 102, 103, 104, 177, 262, 263

ensino 11, 13, 15, 37, 44, 45, 46, 48, 50, 54, 63, 64, 65, 68, 72, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 89, 90, 91, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 151, 263

escrita 25, 28, 29, 34, 36, 47, 48, 50, 53, 54, 65, 66, 74, 77, 92, 94, 180, 241, 254

experiência 21, 22, 49, 71, 81, 86, 96, 185, 192, 214, 242, 251, 252, 253

expressões idiomáticas 98, 99

G

gay 158

GDV 53, 55, 56, 68, 72, 82, 90, 91, 93, 96, 101, 102, 119, 152, 153, 159, 165, 169, 170, 195

gêneros 9, 18, 21, 24, 25, 26, 29, 37, 38, 45, 46, 47, 48, 54, 70, 92, 115, 123, 142, 153, 207, 233, 235, 236, 238

globalização 10, 15, 17, 18, 19, 37

globalizados 80, 81

gradação 124, 125, 216, 217, 218, 219, 225, 226

gramática 20, 21, 22, 34, 45, 46, 51, 95, 104, 108, 124, 152, 177, 210, 213, 235, 260

Gramática do Design Visual 10, 53, 72, 82, 119, 150, 152, 154, 165, 182

H

HIV/AIDS 148, 149, 171

homoespacialidade 64

I

identidade 27, 28, 49, 67, 82, 85, 98, 118, 119, 129, 130, 132, 142, 144, 158, 193

imagens 11, 16, 20, 28, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 48, 51, 52, 54, 55, 57, 59, 60, 61, 66, 67, 68, 72, 74, 78, 79, 82, 83, 89, 91, 94, 95, 96, 98, 101, 106, 108, 110, 113, 114, 117, 118, 119, 120, 122, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 134, 136, 137, 138, 139, 141, 142, 144, 145, 148, 151, 180, 184, 191, 195, 197, 200, 201, 244

informação 13, 14, 18, 26, 27, 35, 38, 42, 57, 58, 63, 64, 65, 66, 69, 113, 118, 125, 134, 163, 165, 166, 169, 170, 172, 176, 196, 197, 198, 220, 225, 227, 233

interação 11, 16, 19, 22, 49, 56, 59, 66, 79, 82, 90, 94, 99, 107, 115, 117, 121, 127, 135, 140, 144, 152, 153, 192, 195, 210, 247, 248, 254, 257, 258

intercultural 11, 15, 75, 77, 84, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 96, 99, 100, 101, 102, 263

J

jornalístico 106, 112, 219, 232, 233, 235

L

L-Alvo 78, 79, 94, 95

leitor 12, 56, 94, 111, 112, 113, 114, 125, 126, 127, 132, 135, 138, 140, 141, 155, 162, 164, 166, 168, 170, 171, 184, 189, 195, 196, 197, 198, 199, 203, 225

leitura 22, 34, 35, 47, 48, 50, 53, 54, 55, 68, 69, 74, 77, 80, 83, 86, 92, 94, 97, 100, 145, 148, 184, 188, 191

letramento 37, 42, 46, 47, 48, 50, 55, 67, 68, 69, 70, 71, 74, 106

letramentos digitais 67, 68

linguagem 10, 11, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 34, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 51, 53, 54, 62, 63, 64, 71, 72, 73, 74, 79, 81, 82, 84, 86, 92, 94, 96, 97, 100, 102, 107, 108, 119, 120, 124, 128, 130, 138, 148, 150, 151, 152, 180, 184, 186, 187, 188, 191, 199, 203, 211, 228, 229, 240, 241, 263

linguística 20, 28, 45, 69, 76, 84, 86, 92, 95, 99, 108, 148, 152, 153, 155, 172, 183, 192, 244, 262, 263

Literatura 92, 262, 263

livros didáticos 46, 64, 65, 74

M

materiais didáticos 11, 78, 80, 100, 102, 103

metáfora 12, 161, 163, 164, 185, 193, 194, 197, 199, 200, 201, 202

metafunção 11, 53, 90, 102, 119, 124, 212

modalidade 29, 53, 57, 60, 83, 109, 126, 127, 133, 138, 141, 142, 168, 171, 173, 254, 255, 260

monomodal 37, 45

mudanças sociais 12, 23, 38, 148, 157

multidigital 65, 66

multimodais 10, 11, 15, 18, 22, 23, 28, 30, 35, 37, 38, 51, 52, 55, 64, 69, 73, 74, 75, 76, 77, 81, 82, 83, 84, 87, 90, 93, 95, 101, 102, 104, 106, 108, 115, 120, 121, 128, 130, 144, 149, 151, 152, 180, 183, 188, 192, 202

multimodal 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 28, 34, 35, 37, 42, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 58, 59, 63, 66, 68, 72, 73, 74, 76, 82, 83, 84, 89, 90, 97, 100, 101, 102, 104, 106, 110, 112, 119, 120, 147, 149, 152, 153, 154, 155, 159, 164, 165, 166, 172, 177, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 205, 260

multimodalidade 10, 11, 15, 17, 21, 25, 28, 30, 35, 38, 47, 49, 51, 52, 53, 55, 58, 59, 66, 68, 72, 73, 74, 82, 91, 93, 101, 105, 106, 109, 112, 149, 177, 183, 260

mundos digitais 26

museus 36, 55

N

Neplan 92, 262, 263

Núcleo de Educação Bilíngue e Pesquisa em Literatura e Linguística Aplicada da Região Norte 92, 262, 263

P

poder 9, 12, 13, 18, 23, 24, 27, 29, 30, 38, 57, 61, 67, 68, 70, 109, 111, 114, 121, 126, 127, 132, 135, 139, 142, 150, 151, 154, 168, 171, 174, 176, 183, 184, 186, 187, 188, 191, 194, 202, 203, 211, 228, 232, 247, 254, 257

práticas de leitura 53, 74

práticas sociais 16, 18, 23, 24, 28, 29, 46, 47, 107, 108, 115, 120, 147, 155, 158, 187, 231, 232, 235, 238, 247

produção 13, 23, 25, 28, 29, 35, 36, 54, 55, 56, 59, 77, 78, 80, 83, 91, 92, 96, 101, 103, 106, 108, 118, 120, 122, 144, 148, 151, 152, 153, 154, 155, 162, 167, 169, 177, 182, 183, 184, 195, 196, 199, 202, 203, 210, 220, 233, 240, 252, 253, 255, 258, 259

produtor 56, 83, 106, 110, 111, 112, 115, 125, 126, 136, 137, 152, 183, 195, 253, 256

publicidade 25, 54, 64, 118, 122, 123, 124, 128, 129, 130, 133, 138, 140, 142, 144, 152

R

rede social 11, 16, 117, 118, 119, 129, 131, 142, 144

relações sociais 26, 27, 29, 30, 48, 126, 148, 186, 192, 210, 211, 216, 240

S

sala de aula 46, 66, 76, 77, 78, 79, 83, 84, 85, 97, 98, 104

semiótica 20, 22, 28, 35, 36, 45, 55, 58, 59, 74, 82, 108, 180, 184, 186, 199, 205

significado 18, 19, 20, 22, 29, 32, 49, 50, 52, 53, 54, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 118, 119, 123, 124, 126, 132, 135, 137, 144, 168, 169, 170, 171, 184, 194, 200, 201, 211, 231, 233, 255

sociedade 14, 18, 26, 34, 35, 37, 38, 39, 55, 68, 87, 92, 102, 107, 108, 109, 118, 120, 124, 148, 151, 155, 183, 185, 186, 189, 193, 194, 199, 204, 207, 211, 232, 235, 238, 240, 247

T

tecnologias 10, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 25, 26, 28, 30, 37, 38, 42, 48, 50, 54, 63, 65, 66, 68, 100, 148, 151, 176

tecnológico 25, 54, 63, 64, 65, 76

texto 20, 28, 32, 33, 34, 35, 46, 52, 53, 54, 55, 60, 64, 66, 69, 72, 94, 97, 106, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 124, 125, 127, 129, 130, 132, 134, 136, 140, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 160, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 173, 177, 178, 180, 181, 187, 188, 191, 192, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 210, 217, 225, 228, 233, 239, 240, 243, 244, 249, 252, 253, 254, 255, 256

texto verbal 64, 106, 110, 114, 124, 129, 130, 134, 152, 155, 166, 167, 170, 191, 200, 201, 255

transcultural 88, 89, 101, 102

transitividade 13, 113, 114, 208, 211, 212, 213, 244, 251

U

UFAM 263

universidade 39, 91, 146, 204, 235, 236, 259, 260, 262, 263

Universidade Federal do Amazonas 262, 263

uso linguístico 76, 100

V

visual 10, 41, 53, 72, 82, 103, 119, 150, 152, 154, 160, 165, 171, 180, 181, 182, 189, 192

WWW.PIMENTACULTURAL.COM

MULTIMODALIDADE, **GÊNEROS**

E PRÁTICAS DISCURSIVAS

UMA PERSPECTIVA ANALÍTICA